

CONTINUAÇÃO (CONTOS)

FLAVIO GOULART

Continuação	Fantasia sobre o conto “João Porém, o criador de perus”, de Joao Guimarães Rosa (in Tutaméia) ...	A
Crime e Castigo	Muito estranhos aqueles acontecimentos. - <i>Você é culpado</i> - uma voz me dizia. Ou melhor, quase gritava...	A
Do balcão de minha venda	Olá, meu nome é Bertoldo e sou comerciante na Vila Feliz, bem no fundo do interior mais fundo das Minas Gerais, longe de tudo...	B
Filosofia e Pipocas	Eu vendo pipoca na rua, em portas de colégio, de preferência. Não nasci fazendo isso, pelo contrário...	C
Um garoto	O garoto sai em viagem, para visitar tios e primos no interior. Os primeiros, gentis e acolhedores...	B
Jerusa	- <i>Você já a viu? Será que ela continua linda e gostosa como sempre? Quando penso no que eu perdi...</i>	A
Menina de tranças	Ele acordou cedo naquele dia. Melhor dizendo nem dormira direito toda a noite, tal era sua expectativa...	A
Conversa de mulheres	<i>Não se nasce mulher: torna-se mulher.</i> Nossa! Esta frase de Simone me inspira...	A
Segredos de família	Eu fazia aquela viagem a cada quinze dias. Obrigação que a firma me impunha...	C
Ti'totó	Teotônio de Albuquerque e Possas. Um personagem de minha infância. Para todos em minha casa simplesmente Ti'totó...	B
Um tiro de cartucheira	Eu estava de volta àquele lugar, passados muitos anos. Não me lembrava de muita coisa dali. Mas aquela porteira...	B
A luta mais vã	Hoje ganho a vida fazendo tal trabalho... Tenho até certa vergonha em dizer isso. Me anuncio até em <i>outdoors</i> ...	A
Uma mala misteriosa	Eu tentava, de maneira muito desajeitada, consertar um pedaço de cerca de arame farpado, junto com meu filho...	A
Um Santo Homem	Dom Luiz Soares de Azevedo, grande homem, grande sacerdote. Chegou nomeado Bispo em minha cidade e só não foi a Arcebispo ou Cardeal...	A
Afinidades eletivas	Gustavo chegou da escola chorando, inconsolável. Não era costume seu. A mãe, preocupada...	A
O Apocalipse segundo JB	Caminhar pelas ruas da cidade era antigo costume de João Batista, JB para os mais íntimos. Desempregado, então, fazia daquilo quase um ofício...	A/B

Esperando Bardot	Mulher é comigo mesmo. Já tive muitas – e pra falar a verdade ainda estou no caminho para conhecer mais...	A
Miniscelânea	Ela queria. Ele não, nem tinha pensado naquilo. Deixaram para depois. Ela mudou de ideia. Foram fazer outra coisa...	C
Ordem e trabalho	Não foi nada não, lhe asseguro. Os pipocos que o senhor ouviu não foram de briga de homem. É coisa minha, mesmo...	C
Os trabalhos de Éricles	Este nome esquisito é o meu. Ouvi dizer que foi um erro do escrevente no cartório, ignorante que só ele mesmo...	B
Apenas uma mulher	Nasceu e cresceu na pequena cidade, ainda uma vila, que só ganharia estatuto municipal bem mais tarde...	B
Eu sou assim...	<i>Quem quiser gostar de mim, eu sou assim.</i> Ouvi isso no rádio outro dia. Gostei...	A
O Jardineiro	O jardineiro desta história não sou eu. Sou livreiro, dono de uma pequena livraria, quase falida...	A
Procrastinação	Desde que me aposentei, e lá se vão quase seis meses, deixei minha vida rolar de forma meio solta e até mesmo irresponsável	A
Promised Land now	Com as bênçãos do Senhor, aquele parecia ser um dia igual a qualquer outro. Não fazia frio nem calor, passarinhos cantavam...	A
O Rio do Esquecimento	Meu Tio e amigo. Hoje me dei conta que a minha vida tinha que mudar. Saí de casa sem saber para onde ir...	A
Toninho	Quando entrei naquele ônibus, voltando do trabalho para casa como fazia diariamente, não prestei muita atenção na pessoa ao lado de quem tomei assento...	A
Uma vida	O pai não era pobre, pertencente que era, de nascença, à vasta categoria dos remediados, como de resto toda a sua família...	A
Conversa no botequim	Meu amigo José Vespasiano de Mattos Alencastro, que em nossa roda de final de tarde, no Bar Alecrim, é conhecido como Matusalém...	A
Infância	Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sítio...	A
Um moço de fora	Naqueles tempos, tudo começava a ser diferente de antes, no país e no mundo. Havia na Europa aquela guerra monumental...	C

Matéria médica	A verdade, acreditava ele, é que se formara em medicina sem ter certeza de ser esta sua vocação real...	B
Pereira procura	Tinha verdadeira mania em procurar e rever amigos antigos e parentes em geral. Quando viajava, então, este traço se exacerbava.	A
Vista Alegre	Lembro-me sempre de uma cena que bem representa uma parte luminosa de minha infância e adolescência...	B
Uns Alves, da Beira do Mato	Antônio Alves, conhecido também como Tonhalves, muito prazer. Sim, somos daqui da Beira do Mato, lugarzinho pobre, porém honesto...	A
Anjo Valente	Éramos todos jovens, é a primeira coisa a ser dita. Como disse alguém, nossa cesta de jabuticabas estava cheia até as bordas...	A
Amarcord de sabores	Deitado nesta cama de hospital, esperando uma alta que não sei quando virá, só me resta botar a cabeça a viajar...	A
A história de Jacó	Jacó, o vaqueiro desta história. Sim, ele, Jacó da Vereda Alta, filho de Isaque e neto de Abrão Borges. Jacó gostava de Raquel, filha de Lesbão... fazendeiro assentado no Buriti Seco. Jacó não era de enxada e foice, tinha orgulho de seu trato com o gado bravo, peão corajoso, segundo todos que o conheciam	
O que foi feito de Graça?	Histórias estranhas? Tenho uma pra contar. Escutem. Naquela rodoviária, meia noite chegando, eu enfrentava o tédio e me preparava para horas aborrecidas até o meu ônibus passar, lá pelas duas da madrugada...	
Viagem inventada no feliz	Naquele dia ele viajou sem seus pais pela primeira vez e se afastou da cidade onde moravam por muitos e muitos quilômetros, trazendo com isso uma sequência de acontecimentos inesquecíveis, que ainda o marcavam, entre surpresas e alegrias, muitos anos depois...	
Boi de carro	Seu José? Não! Sou o Doutor José Adamastor da Fonseca. Médico! Sim, chefe deste Centro de Saúde. O que desejam de mim. Como? Entrevista para escola? Voltem outra hora, estou muito ocupado neste momento. Agora é assim, toda hora vem um pirralho me entrevistar...	
Senhorinha da Sanfona	Eu gostava de andar pelas ruas do bairro, não raro me afastando por até por alguns quilômetros de meu canto de rua. Aposentado e sentindo o corpo meio travado, fazia isso principalmente para desenferrujar as juntas e dar força aos músculos, mas gostava também de fazer algo que tinha aprendido com meu avô...	

Crer para ver	Jonas Barcelos dos Santos, meu colega de ginásio. Durante anos fomos grandes amigos, até que o perdi de vista por um tempo. Entre as suas bizarrices estava a crença em objetos voadores misteriosos...
Sete vezes Seth	Seth, Job, Isac: três irmãos. Era evidente a referência nominativa da família em monossílabos de origem hebraica – ou egípcia – sei lá. Mas o jeitão do pai definitivamente não expunha pistas sobre a origem de tais designativos...
Um dia na vida de Filomena Dias	- <i>Último dia para entrega do relatório, Filomena! É comigo, infelizmente...</i> Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em serviço de saúde...
O barbeiro Valdemar	- <i>O doutor não tem medo de que um bichinho desses suba pelo canudo deste microscópio e lhe contamine os olhos?</i> - <i>Não se preocupe, as lentes protegem.</i> Depois de uma risada monumental, volta à carga...
As calças do Judas	Há anos atrás, resultado de viagens por regiões insalubres deste país, contraí uma hepatite. Até que me curei logo; em duas ou três semanas já não tinha mais sintomas. O problema foi, para meu azar, que naquela época, na falta de medida mais resolutivas a tomar, os médicos colocavam os doentes hepáticos em longas quarentenas de repouso absoluto. E para piorar...
A janela indiscreta	Eu bem vi que o porteiro tentava me avisar de alguma coisa. Não dei muita atenção, pensei que ele falava dos pivetes que andam por ali. Com estes já estou acostumado, não levam a melhor comigo. Mas dessa vez o perigo era outro, uma calçada escorregadia...
Quadrilha moderna	João amava Teresa. Desde criancinha, no Jardim de Infância, ele já tinha se declarado a ela, quando dançaram a quadrilha junina juntos. Os pais de João e Teresa eram amigos. Ou melhor, o pai de Teresa e a mãe de João, porque a mãe de Teresa tinha morrido e a mãe de João era separada do marido...

Continuação...

(Fantasia sobre o conto “João Porém, o criador de perus”, de Joao Guimarães Rosa (in Tutaméia))

Não, Lindalice era a outra. Eu sou Gerismina.

Foi assim: João vivia para seus perus. Mangavam dele os amigos, dizendo que havia, nas redondezas, uma moça loura que o olhava e queria conhecer, Lindalice. Esta, de verdade, não existia. Mas João, dito Porém, que só sabia de perus, milho e terreiro, transtornava-se. Queria porque queria. Os amigos, maldosos, não lhe diziam a verdade. Pelo contrário, traziam recados, propunham respostas, ofereciam para escrever cartas de amor. João deu de gastar, perfumes, terno de brim, botinas - coisas que nunca tinha usado na vida. E queria tertúlias com a amada que não via - e nem podia ver.

Os amigos, apoiavam. Marcaram encontro, para dizer, à última hora, que Lindalice, adoecida, tivera que viajar para a cidade, atrás de doutor. João penava, queria saber quando, e se, e onde. Descuidava da criação. Uma ninhada inteira de peruzinhos, solta no terreiro em altas horas, por puro descuido do dono, sumira, atacada por algum bicho da noite. O milho para as aves, antes negociado escrupulosamente com vizinhos, já mal se via nos improvisados cochos espalhados pelo terreiro. Os perus davam de invadir os quintais dos outros, onde se fartavam das abóboras ainda não colhidas ou maduras. João Porém, na porta da venda provava de bebidas que até então desconhecia. E não poucas vezes foi visto cambalear pelas ruas da corrutela.

Um dia, jogou pedras na janela da casa das professoras, julgando estar sua amada ali escondida. O cabo meteu-o no xadrez, o sujo banheiro da delegacia do vilarejo. Dalí, humilhado, foi solto ao romper do dia. Na rua, chusma de garotos gritava "João Porém, João Pooorém..." Ele, atormentado, ainda pálido e amarrotado pela carraspana, mais zarolho que nunca, corria atrás. E o escárnio se recolhia, para reaparecer adiante, atrás do muro da Igreja, de dentro das salas da Escola.

Foi aí que vieram os amigos me buscar. Que eu fosse e passasse por ser aquela Lindalice de troça, mesmo sendo Gerismina. Que Porém não me conhecia e tinha, da outra, apenas imaginada, a visão de loura cabeleira, em tranças composta. Eu, bem sarará e de bexigas, além do mais ganhando a vida do jeito que todo mundo no arraial sabia, nunca que ia enganar ninguém, mesmo um peruzeiro caolho que nem João. E eles insistiam, propondo até me pagar, que eu aceitei, por que não? Sou pobre e honesta, mas um qualquer dinheirinho que entra faz bem, não é?

Então fui. Era de tardinha e João, sentado num toco à porta de casa, olhava para o chão. Em volta, a peruzada ciscava e gorgolejava. Mesmo

dentro da cafua era uma barafunda de penas e titica. Parei ali e fiquei olhando o pobre. Ele de repente me viu, o sol me pegando por detrás. A cara triste e amarela, de repente se iluminou. Ficou de pé e me olhava, olhava. No princípio, achei que não era comigo aquilo, mas logo percebi que era um olho apenas. O outro, me fitava sério, úmido, amoroso, como o de um cachorrinho no pé do dono. João me estendeu a mão, grossa, suada, fria. Me puxou para dentro de casa. Fez café, ofereceu cadeira. Pediu licença pra fumar, me ofereceu o pito. Quase não falava, só olhava com o olho são, o outro revirava a conferir o mundo em volta.

João, num fio de voz, disse: "a gente ficamos aqui, de romances...". Já escurecia. Um daqueles perus, ali perto, gluglulejou e João nem acabou o que ia dizendo. Minha suava junto com a dele. Daí, ele encostou a cabeça no meu ombro e uma peninha de peru me fez cócegas no nariz. Fiz força para não espirrar. Gostava daquilo. Assim vimos o dia nascer...

Semana passada ele se foi. Finou. Deu de inchar, ficou mais amarelo que o costume. O doutor, na cidade dizem, tirou dez litros de água da barriga dele. Voltou para ser enterrado, numa rede encharcada. A saudade aperta, mas não chega a maltratar de verdade quem tem ofício de herança. João Porém quis que eu continuasse sua lida, e eu me entendo com ele por meio de todos esses perus, aqui em roda, precisando de mim. Carecia dar essa ajuda a ele.

Crime e Castigo

Muito estranhos aqueles acontecimentos.

- *Você é culpado* - uma voz me dizia. Ou melhor, quase gritava. Mas eu não sabia de onde ela vinha e nem mesmo quem era que assim me falava. Era para mim mesmo? Nem sei, aquilo era tudo realmente estranho.

Muito fora do normal mesmo. Eu morava em um quartinho alugado, em uma travessa de um bairro que eu não conhecia, onde havia cúpulas de igreja coloridas, em forma de sorvete, além de estátuas por todo lado. Havia um grande edifício, também, não sei se um museu, uma prisão ou um quartel. Mas aquele cubículo que me abrigava era distante de qualquer luxo, aliás, mais parecia um armário de que uma habitação.

Eu saíra dali para tomar um ar e ia devagar, pois me doíam os calos, coisa agravada pelas botas novas que eu usava. Havia no caminho uma ponte e ao atravessá-la dei de cara com a mulher de quem eu era inquilino. Evitei encará-la, pois lhe devia pelos menos uns três ou quatro meses de aluguel. Me senti um covarde? Ou apenas um tímido? Ou coisa pior, um indivíduo fracassado.

Eu me via em estado de excitação e enervamento, tudo a ver com a minha habitual hipocondria, além do mais aprisionado naquele armário imundo onde eu vivia, isolado de todos. Mas o pior é que havia mais uma criatura com quem eu também temia encontrar, mais ainda do que à própria locatária. Era a mulher infame que vinha me emprestando uns trocados para que eu me mantivesse na cidade grande, longe de minha família, que me mandava algum dinheiro também, mas que nunca me bastava. Maldita! Por conta dela fui penhorando tudo o que eu tinha, minhas roupas, meus livros, minha bicicleta e até mesmo alguma roupa mais social que eu possuía. E não via a mínima chance de regatar os bens a ela entregues, pois o dinheiro me faltava cada vez mais e a minha dependência dela só aumentava.

Foi por isso que resolvi matá-la... Sim, acabar com ela de vez! E passei do pensamento ao gesto.

Mas na minha penúria eu não dispunha instrumento para dar cabo daquela megera. Por sorte encontrei uma machadinha, abandonada em um lote vago. E fui cumprir minha decisão, com aquilo bem disfarçado dentro de uma velha bolsa, incômoda em excesso, não apenas por seu estado lamentável, também pelo peso da ferramenta, que ameaçava cair ao chão, devido ao tecido roto daquele traste.

Foi assim que subi ao apartamento da velha agiota e quando ela abriu a porta já fui lhe dando uma bela machadada. Que coisa estranha, eu nunca havia matado ninguém, nem mesmo uma simples galinha! E foi tão fácil ela morrer... Recuei, célere, temendo me sujar com a mancha de sangue que de forma rápida se estendia pelo assoalho. Saí de novo à rua e foi então que ouvi, pela primeira vez, aquele grito, que com certeza era dirigido a mim: *você é culpado!* E que parecia reverberar: *culpado, culpado, culpado!*

Saí andando sem olhar para trás. Quando passei pela delegacia que ficava próxima, me veio um arrepio de medo, sei lá, mas logo minha mente trabalhou para me acalmar – não havia motivo para tanto. Afinal, ninguém me havia visto subir ao apartamento da velha – e nem descer de lá. Estava salvo, pensava. Dei mais umas voltas pelas redondezas, comi um cachorro-quente na esquina e finalmente me recolhi ao meu armário. Mas o sono não vinha. Relembrava de cada passo meu durante aquele dia, preocupado em saber se havia deixado alguma pista daquilo que eu cometera. Mas tudo me parecia bem encaixado. Até que de repente, me lembrei da machadinha. Onde eu a deixara, afinal? Depois de um minuto de angústia me lembrei que ela devia estar em minha bolsa ainda. Por sorte confirmei: ela lá estava. Cabia atirá-la fora, mas onde? Àquela hora da noite...

Enquanto isso, longe, vindo não sei de onde), eu continuava a ouvir aquela ladainha dos infernos: *culpado, culpado, culpado!*

Acabei me levantando e saí pela noite, para me desfazer da terrível ferramenta. Optei por abandoná-la no mesmo lote vago onde a encontrara. Só não sei se foi no mesmo lugar; no escuro não me foi possível certificar.

Como se não bastasse meu estado de confusão, esbarrei com dois sujeitos conhecidos na rua. Um deles, meu amigo no passado, de quem eu andava afastado há tempos, o outro um sujeito que eu detestava, eterno e insistente pretendente a namorar minha irmã. Tive vontade de matá-lo, também, mas pensei que minha cota de assassinatos estava completa para o dia. Para aquele dia, pelo menos.

Culpado, eu? Eu pensava em crimes de que ouvira falar pela imprensa. Aquele homem que matou o bandido que lhe estuprou a filha nunca foi condenado, para não falar do outro que desviou uma grana do banco onde trabalhava. E mais aquele outro que fuzilou e estuprou uns 10 mil, lá nas estranhas? Mas quem rouba e mata outros criminosos com certeza merece perdão – por que não eu? E aquela velha era o diabo em pessoa. Se não fosse eu, certamente algum outro daria um jeito nela. E além do mais eu já havia poupado da morte o pretendente de minha irmã – e isso me redimia.

Assim, depois de muitas voltas no escuro, ouvindo aquelas acusações de culpa que eu não sabia de onde vinham, retornei para minha cama. Dormi muito mal, acordando a cada meia hora ou até com mais frequência.

Logo que a manhã chegou eu procurei sair para comer alguma coisa. É claro que em meu armário-quarto isso era sem chance. Na cozinha da megera, nem pensar – eu estava proibido de entrar lá. Aliás, esta mulher deveria entrar para a minha lista, ou para a lista de alguém, pensei. Na padaria da esquina, pedida a média de café com leite e o pão na chapa habituais, percebi que um indivíduo me olhava de modo um tanto esquisito, de uma mesa nos fundos. Aquele ali, com quem eu havia me desentendido há tempos numa partida de bilhar, era um conhecido desocupado do bairro, com fama de ser alcaguete da polícia. Caramba, pronto, me lasquei, pensei: será que este estrupício estaria me aprontado alguma?

Por sorte minha o tal sujeito ficou pouco tempo por ali e eu relaxei, disposto a deixar de ser tão pessimista. Afinal – pensava eu – o que eu tinha feito não tinha chance de ter deixado qualquer rastro.

Voltei para casa para ver se descansava um pouco mais. A sensação que eu tinha era de uma noite passada em claro. Ao entrar no quarto, vi que a velha bolsa em que eu abrigara a machadinha, curiosamente, não estava pendurada onde eu pensava que a tivesse deixado, depois de meu passeio noturno, no gancho atrás da porta. Achei estranho, mas deixei ficar assim mesmo, para pensar nisso melhor, e depois. Ao deitar,

percebi que havia uma coisa volumosa debaixo de meu travesseiro. Eu passara a noite inteira ali e nem tinha notado isso – achei curioso também. Eu bem sabia o que era aquilo, um livro maçudo que eu andara lendo nos dias anteriores, emprestado por um colega de trabalho, antes de ser despedido. Ficou sem ser devolvido. O título daquilo era *Crime e Castigo* e seu autor um sujeito de nome complicado, acho que era russo. O personagem principal, um assassino, também, como eu.

Comecei a relembrar aquela história do sujeito que tinha matado uma mulher a machadadas e depois ficou alucinado. Pelo amor de Deus! Será que tudo aquilo que eu achava estar vivendo tinha sido uma história em mim induzida pelo livro? Ou eu estive sonhando? Tentei me convencer que tudo não era realidade e me tranquilizei. Mas não durou muito.

A manhã já ia alta e me chamaram à porta. A filha da senhoria me disse que havia um sujeito na portaria, com um envelope para me entregar, mas que eu tinha que descer para assinar. Que coisa chata, o que seria?

Na entrada vi um sujeito seboso, de paletó e gravata, pose de quem manda, que se apresentou como investigador e me entregou um papel que dizia que eu deveria ir a uma delegacia dali a sete dias. Mas não soube – ou não quis – me dizer por quê. Gelei por dentro. Não consegui pensar nada de positivo. De alguma forma, imaginei, meu segredo tinha sido descoberto.

Voltei ao quarto angustiado, curioso para descobrir no tal livro o que acontecera ao assassino da velha, pois já me identificava com ele. Mas o livro já não estava onde eu o deixara, minutos antes.

E fiquei ali com aquele papelucho nas mãos, com as armas da República estampadas, sem saber o que fazer. A claridade da manhã entrando pela janela, longe de me aliviar, me revelou manchas de sangue em minha calça e nas minhas botas, das quais eu me julgava livres. Céus, o que era aquilo que me perseguia?

Na rua um autofalante móvel, habitual por ali, sempre anunciando pamonhas fresquinhas, agora ecoava: *culpado, culpado, culpado!*

Era para mim, eu bem o sabia.

Eu precisava escapar. Procurei trocar sapato e roupas, para me livrar daquelas manchas denunciadoras, mas não sei como, eu agora me via descalço e vestido com outra roupa, um macacão cáqui, duas vezes maior que o meu tamanho, com um número na frente. Na minha porta, assim como na janela do cubículo, o que havia agora eram grades grossas. Gelei, mais uma vez.

Eu precisava escapar, mas a porta estava trancada por fora. Havia a janela, mas saltar por ela, daquele terceiro andar seria morte certa. Eu ouvia passos pelo corredor, tive certeza serem pessoas com botas pesadas, pelo ruído que faziam no piso. Em uma dessas passadas por ali, tentaram abrir a porta do quarto, mas por sorte minha a fechadura parecia travada. Gritaram por alguém, que imaginei ser um chaveiro especializado em abrir portas emperradas.

Como ninguém atendeu ao chamado, começaram a forçar a porta e percebi que não era um apenas, mas dois ou até três homens que faziam isso. O que me restava mesmo era a janela. Sempre me considerei covarde para um gesto extremo como aquele, mas saltei. A última coisa que me lembro foi da gravação do carro da pamonha – e ali se insistia: *culpado, culpado, culpado*.

Mas tive sorte, o que me esperava na rua não era o carro da pamonha, mas sim uma espécie de carruagem, com belos cavalos brancos e um cocheiro muito bem-vestido. Lá dentro da boleia havia dois lindos anjos vestidos de brancos e rosa, que me confortaram e disseram que eu podia relaxar, que minha vida mudaria depois do resgate que me traziam.

Do balcão de minha venda

Olá, meu nome é Bertoldo e sou comerciante na Vila Feliz, bem no fundo dos cafundós das Minas Gerais, longe de tudo. Na verdade, eu queria ser é escritor e não dono de armazém. Bem que venho tentando me aproximar da *escrivinhatura* – se é que posso chamar assim – mandando causos, charadas e até uns versinhos para os jornais de cidades maiores aqui perto. O problema é que a maioria deles nem responde e alguns até mesmo já deixaram de circular.

Gosto de frequentar livrarias também, mas a única que havia aqui na minha região, já há muito se transformou em loja de um e noventa e nove.

Estou feliz agora, porque abriram na cidade uma faculdade de letras, ou coisa parecida, e fiquei sabendo que vão promover por lá um concurso de contos e poesias escritos por pessoas daqui da região. É claro que vou concorrer, mas tenho medo de não ter competência para tanto. Até reconheço que sei contar umas histórias, uns causos; pelo menos é o que as pessoas daqui dizem que faço direitinho. Mas contar é uma coisa, inventar é outra; escrever é ainda mais complicado. Não sei se darei conta do recado.

Tem também a questão de que este trabalho de dono de venda me cansa muito, quase não me sobrando tempo para nada. E mais uma

família grande para cuidar, que depende de mim: mãe idosa, irmão paralítico, três filhos. Mulher, não tenho. Ou melhor, tive, mas ela se engraçou com o motorista do caminhão da Prefeitura – ou foi o contrário, sei lá – e se mandou para a cidade. Ficou tudo por minha conta. Acordo cedo, levo as crianças à escola e corro para abrir esta espelunca, que bem ou mal me ajuda a passar o tempo. Herdei o ponto de meu pai, tentei ganhar a vida fora daqui e acabei voltando. Na crise em que estamos, vou ficando por aqui mesmo até ver como ficam as coisas.

Mas o que eu queria mesmo era escrever.

Acho que quem me botou isso na cabeça foi dona Clarinha, minha professora no primário, que dizia que minha cabeça era boa para isso, pois sempre eu ganhava nota máxima nas redações. Aí, tomei gosto pela coisa, primeiro no Grêmio da Escola, depois na associação de moradores daqui da Vila, onde eu sempre era escolhido para fazer as atas das assembleias. Mas isso é bem pouco para um projeto de escritor, eu sei.

Acho que um bom escritor tem que ser, em primeiro lugar, um bom observador das coisas que acontecem a seu redor. Ouvi dizer, acho que foi dona Clarinha que me disse isso, que um escritor famoso, certa vez falou que a melhor maneira de escrever sobre o mundo é tomar como ponto de partida sua própria vilazinha. Ou alguma coisa assim. Gostei de saber disso, porque por aqui não faço outra coisa a não ser observar as coisas que acontecem – quando acontecem – em volta de mim. Mas até nisso este lugar vagabundo me decepciona, vou ser sincero: não existe no mundo canto mais parado do que este aqui, onde até um cachorro morto na rua vira novidade...

Às vezes até parece que vai acontecer algo diferente, como foi o caso daquele Mané Simplicio, sujeito meio esquisito, que deu de conversar com as vacas e cavalos e depois se disse enviado do Espírito Santo, tentando na sequência expulsar o pastor da igreja dos crentes, botando nele um monte de nomes ruins. Mané acabou expulso daqui da Vila, ou melhor, recolhido pela ambulância da Prefeitura. Parece que foi parar no hospício – nem isso a gente soube direito. E assim, um assunto como este, que parecia dar pano pra manga, simplesmente secou.

Teve também o caso da professorinha nova da escola, figurinha das mais sirigaitas, que andava confiada demais nas conversinhas de uns sujeitinhos daqui. Resultado, logo foi afastada, já barriguda, mal falada, coitada. Teve pai que até queria tirar os filhos da escola. O povo daqui não perdoa... Eita lugarzinho safado!

Acho que o personagem mais interessante daqui, capaz de despertar a criatividade de um candidato a escritor, é o tio Pedro. Na verdade, ele não é meu tio e nem de ninguém aqui, mas todo mundo trata ele assim,

talvez pela sua idade, que deve ser de uns 90 anos. Ele trata todo mundo como *compadre* e *comadre*. Vai se saber por quê.

Tio Pedro vem sempre aqui na venda e gosta de um dedo de prosa. Às vezes um dedo e mais a mão inteira. Se brincar, até os pés também. Se molhar a boca com uma cachacinha então, não há quem o faça parar. Ele vive sozinho num sítio a meia légua daqui. Ele já me contou passagens de sua vida, mas acho que se eu lhe espremer a ideia, ele conta mais, pois tem umas coisas meio misteriosas na história dele. Veio a trabalhar com seu Couto, um grande fazendeiro das redondezas, já falecido. Depois foi ficando. Quando o homem morreu, a família começou a brigar feito louca pela herança, teve até morte entre os sobrinhos – seu Couto não tinha filhos. Tio Pedro que morava num ranchinho dentro da fazenda foi ficando por lá, fingindo de morto, e lá está até hoje. Os herdeiros já se acalmaram, aliás, nem são donos mais do lugar e o velho agregado não foi mais incomodado, porém sabe-se lá até quando. Mas ele não parece se preocupar com isso. Neste ponto, eu queria ser como ele – levar uma vida desligada e sem grandes preocupações. Mas não é para todo mundo, claro.

- *Tio Pedro, como é que um homem vive assim, sozinho, sem mulher, sem família?*

- *A gente se ajeita, compadre.*

- *Sem ter direito a um cafunezinho...*

- *Eita, meu tempo já passou! Eu agora só tenho as lembranças, mas essas são só minhas, ninguém me tira.*

- *Conta um pouco de sua história, meu velho.*

- *E pobre lá tem história pra contar, meu filho? Levantar todo dia ainda com o escuro, garrar no guatambu, passar o dia no eito, de noite desacordar numa cama de varas. Isso é lá coisa que alguém quer ouvir?*

- *Uai, ti'Pedro, eu, por exemplo, quero. E gosto de saber. Toma aqui uma pura, pra soltar a língua. É por conta da casa. Cê já foi casado, meu tio?*

- *Bem, meio que já fui, meio que não fui, meu compadre. Mas mulher, sabe como é. Elas parecem mariposas em volta de um lampião. Um dia, o querosene acaba e elas batem asas. Tem umas que tentam pousar no pavio e ficam por ali mesmo, chamuscadas – mas as mais espertas, quase todas, sempre escapam. De maneiras que me cansei, meu filho.*

- *Mas tem umas que se apaixonam – e vão ficando...*

-Lá isso tem, deveras, mas ainda não aconteceu comigo. E acredito que nem vai acontecer mais. Meu parafuso já perdeu a rosca, minha cerveja ficou sem gás, meu café esfriou. Faz tempo. Ai, meus tempos...

- Fala mais desses tempos, tio Pedro, fala mais.

- Não vale a pena compadre, melhor deixar pra lá...

No meio dessa conversa me entra na venda o Tibúrcio. Deixa que eu o apresento. Ele se intitula “consultor de vendas”, mas o que ele é mesmo é um mascate, daqueles antigos. Anda pelas estradas do sertão em sua lata-velha, levando mercadorias para vender, pegando encomendas para sua próxima passagem, daí a quinze dias. E mexe com tudo: tecidos, perfumes, agulhas, linhas, sabonetes, alguma roupa, peças de carro e trator, macarrão, biscoitos. Tudo de qualidade mequetrefe, mas é o que o povinho desses lugares pode comprar.

Tibúrcio não é má pessoa. Seu único problema é que ele é muito insistente, principalmente quando quer vender alguma coisa. Ou seja, sempre.... É meio ingênuo, também, apesar de seu convencimento. Além disso, como ele tem, mais do que todos aqui, contato com a cidade grande, pois mora em uma dessas, ele se considera mais sabido do que todo mundo. Só vendo a cara que ele faz quando se sente divulgador de uma novidade que ele imagina que ninguém conhece ainda. Aí, seus olhinhos de tiú rebrilham.

- E aí moçada, já sabem da grande novidade?

- Será que é mesmo novidade – e grande, seu Tibu?

- Com certeza! Esta é de primeira!

- Então desembucha, porque se vier com coisa dormida para contar aqui, deixo você na mão; não lhe compro nadinha desta vez.

- Melhor você se sentar, então, pois desta vez vai cair pra trás.

- Será?

- Calma, você vai ver... Não é que lá na cidade houve o casamento de duas mulheres?

- Tibúrcio, pelamordedeus! Isso é o que você considera novidade? Já tem até lei!

- Lei? Mas então vai ser obrigatório?

- *Tibu, caramba, vá se informar melhor... Aliás, quer saber de uma grande novidade, mesmo?*

- *Só quero, Bertoldo!*

- *Recebi uma carta da distribuidora lá da cidade, aquela enorme que tem filiais em toda parte. Aceitam agora pedidos de mercadorias por simples telefonema e mandam entregar em três a cinco dias. Acredita?*

- *Bertoldinho, você não vai me deixar na mão, vai?*

O infeliz já estava ali com aquela conversa fiada há meia hora e nem havia percebido que tio Pedro o observava de um canto, e ainda por cima sem ter lhe dirigido uma *boa tarde* regulamentar.

- *Compadre, eese negócio de casamento de muié é de papel passado?*

- *Boa tarde, Ti'Pedro. Acho que sim.*

- *Pois pra mim não é novidade nenhuma. Lá onde eu nasci isso é comum. Eu mesmo conheci uma meia dúzia em situação assim. Acho que o governo devia deixar casar quem quisesse correr o risco, até mais de duas pessoas de uma vez. Por mim podia até ter casal de três. Ou de quatro. Gente com bicho também.*

- *Avançadinho este Tio Pedro, hein?*

- *Ele tá mangando de você, seu bocó. Não percebe?*

E o bocó foi espichando aquela conversa descosturada, com Tio Pedro a cada vez o provocando e enredando, sem que ele desse por isso. A esta altura, mas um personagem entre na venda e se incorpora à cena. O Nozito de Sebastiana, um rapazola meio metido a besta, filho da zeladora da igreja. Dito “da Sebastiana” por lhe faltar um pai conhecido. Um mandrião, como se diz por aqui. Daqueles que se por acaso pensar em trabalho logo procura uma rede para deitar, para ver se esquece tal ideia.

- *‘Tarde pessoal, como vão?*

- *Meu filho, não era hora de você estar caçando alguma coisa pra fazer?*

- *Fazer o quê, Bertô, aqui nesta praga de lugar não há nada pra alguém se ocupar...*

- *Ainda ontem o Tonho Carapina estava procurando alguém para limpar um terreno.*
- *Praquele ali eu não trabalho. Ruim pra pagar que só...*
- *Depois me conta pra quem tu topa trabalhar aqui na Vila que eu vou espalhar a notícia, pra ver se tu arruma serviço.*
- *Além do mais estou conseguindo um baita serviço lá na cidade. E é pra ganhar muito dinheiro.*
- *Bem que queria saber o tipo de serviço que te ofereceram lá, com toda essa disposição que você tem...*
- *É no ramo do dinheiro, das finanças. Coisa de responsa. Mas nem devia estar falando isso com vocês. Podem ficar com inveja e botar algum mau olhado...*
- *Vamos botar um bom olhado em você, pra ver se começa a trabalhar de verdade, pode ficar tranquilo.*
- *Ah, tá bom, vou contar. Que seja pra fazer inveja em vocês mesmo. A coisa chama pirâmide. As pessoas compram uma espécie de ingresso para entrar no projeto, trazem outros sócios para investir com elas e depois de três meses recebem o dinheiro multiplicado dez vezes!*

Aí entra Ti'Pedro:

- *E vai me dizer que você acredita nisso, compadre?*
- *Acredito sim, Tio Pedro. Um primo do meu cunhado já está quase rico com este negócio.*
- *É mesmo?*
- *Já está comprando até um carro!*
- *É... Na cidade tem coisa boa mesmo, mas só para quem acredita em saci e curupira... Ouvi dizer que lá comprar gente pelo preço que ela vale e vender pelo preço que ela acredita valer é negócio dos melhores, também.*
- *?*
- *E terreno na lua também dá um lucro danado. Um primo do sobrinho do meu concunhado disse que ficou quase rico assim. Pena que a polícia prendeu ele antes...*

Minha gente, mil desculpas, aqui é o Bertoldo, de novo. Acabo de receber o edital do concurso de contos. Preciso me concentrar nas ideias. Acho que minha vez vai chegar. Vocês ainda ouvirão falar de mim. Desculpem ter feito vocês perderem tempo, com essas histórias bestas do povinho daqui desta Vila que de *Feliz*, pensando bem, não tem nada.

Com licença, até logo.

Filosofia e Pipocas

Eu vendo pipoca na rua, em portas de colégio, de preferência. Não nasci fazendo isso. Eu até estudei, cheguei até o curso médio, fiz concurso para banco e trabalhei lá alguns anos. Depois os donos, trambiqueiros como eles só, deram um tombo no mercado e eu fiquei desempregado. Eu e mais uns dois mil. Tentei vender bilhetes de loteria, réstias de alho e até mesmo livros, de porta em porta. Aí resolvi trabalhar por conta própria, comprei este carrinho de pipoca quase novo, reformei e me pus no mercado. Assim vou sustentando minha família, mulher e dois filhos pequenos. A patroa faz faxina e a vida é apertada para nós, mas, mesmo assim, vamos levando.

Qual o problema de ser pipoqueiro? Já ouvi dizer que fizeram uma pesquisa, não sei onde, e esta foi uma das profissões que conta com mais simpatia das pessoas, ao lado dos carteiros e dos professores. Bem diferente da polícia e dos agentes funerários, do outro lado.

Como trabalho na rua, me considero um privilegiado, pois posso observar o movimento das pessoas, conversar e trocar ideias com quem passa – e assim vou me ilustrando. Gosto também de ler, de preferência romances ou poesia, mas coisas mais técnicas ou eruditas, como Filosofia e Sociologia, não me pegam muito, pois tenho dificuldade com a linguagem e as frases empoladas dos que sobre isso escrevem. Deve ser por ignorância minha, claro.

Aqui na porta do Colégio Pequeno Príncipe, onde passo todas as tardes, tenho uma vitrine do que é o mundo – eu, pelo menos acho isso. É que mais à frente tem comércio e oficinas mecânicas, aqui é mais residencial, mas na rua de baixo, que parece bem família durante o dia, na verdade funcionam várias boates, que alguns chamam de *inferninhos*, onde ficam as garotas de programa. Não bastasse isso, não muito longe daqui tem a mal falada cracolândia, com um monte de gente drogada, no último furo da degradação, se arrastando pela vida. Fico triste só de ver...

De toda forma, penso que esta esquina onde vendo minhas pipocas seria, sem dúvida, uma imagem do nosso país, ou talvez do mundo,

com todas as suas alegrias, tristezas, misérias, sujeiras e mais o que houver. Sempre tem muita coisa para se aprender também. Eu, pelo menos, aprendo, só de olhar a vida passar.

Aliás, esta turma do crack, por exemplo, me faz dar giros nas ideias. O que os faz assim? Vejo por ali até uns engravatados, mas a maioria é pobre, pobre de doer, gente que nem pode ter perdido tudo na vida porque, na verdade, nunca teve nada para perder. As pessoas falam: *é o sistema*. Também acho, mas não sei se aquilo a que dão este nome – *sistema* – confere com que eu penso.

Para mim, este tal de *sistema* tem a ver com o que chama de capitalismo, este negócio do lucro de algumas pessoas, que vem da exploração de outros. Também vem da grande diferença entre aquilo que gera riqueza para uns, os patrões, e o que é pago aos trabalhadores, que é uma miséria. Não é que aqueles caras que estão se drogando lá sejam diretamente explorados por algum patrão sacana, mas no começo de tudo, acho que sempre pode ter acontecido coisa assim. Difícil aceitar esta diferença toda entre uns e outros. Este lance da propriedade que é de uns poucos apenas – e não de outros, da maioria – é coisa que me deixa tonto. É assim também a tal *liberdade*, como o povo rico gosta de dizer, de boca cheia, mas todo mundo sabe que ela não é pra todo mundo. Na base de tudo isso, o resultado de se ter dinheiro e saber onde colocar ele: é isso que comanda o mundo, de verdade. Pensando bem, em um “sistema” assim, ao trabalhador não cabe outra coisa a não ser obedecer e vender seu *muque* – e assim o *bem-bom* fica somente pra quem tem o *dim-dim*.

Já ouvi gente dizendo, até algum de meus fregueses de pipoca mesmo, que é tudo uma questão de ajeitar as coisas para o tal *sistema* funcionar, ajustando os interesses entre quem tem e quem não tem. Ou seja, aqueles que lucram com o trabalho dos outros e os outros, propriamente ditos, que vendem seu esforço à custa de muito suor. Ajustar? Acho que não é bem assim. São grupos diferentes em tudo e ao longo dos tempos sempre um grupo dominou outro, através da violência, das guerras, da busca de mão de obra barata ou mal paga. Uma coisa assim, tipo *trabalha ou morre* – sabem? Isso vale para qualquer quitanda de esquina, mas também para a Shell, a General Motors, o Unibanco e sei lá o que mais. Fico vendo essas crianças aqui do Pequeno Príncipe, e percebo nelas e em seus pais uma grande demonstração do que é a luta pela vida, que alguns sempre ganham, enquanto outros sempre perdem. É por isso que eu acho que não tem “ajuste” possível.

Entretanto sou um sujeito realista, pois tenho certeza que mudanças não vão surgir de alguém como um simples pipoqueiro, mas certamente de gente mais ilustrada e com capacidade de mandar – mas que no fundo tenha ideias semelhantes às minhas, rejeitando alguma “conciliação” entre gente tão desigual.

Mas como eu dizia, o pedaço aqui é movimentado. Todas as desgraças – e também algumas das graças – do mundo parecem passar nessas ruas. Se eu fosse um escritor de verdade, ia escrever um livro só com o que vejo por aqui. Com ele acho que estaria contando a verdadeira história da raça humana. Quem sabe um dia chego lá?

Outro dia, por exemplo, a polícia resolveu dar uma batida na zona do crack e foi um *barata-voa* dos diabos. Mas os craqueiros – e mais gente que apareceu – logo se juntaram, mais adiante e vieram pelas ruas botando pra quebrar. Não sobrou vitrine inteira. Por pouco perco meu ganha pão. Ai de mim se não guardasse o meu pobre carrinho de pipoca na área interna aqui da escola. Ainda bem, que eles deixam, não fazem questão.

Mas esses craqueiros também me fizeram girar a manivela das ideias... Meu Deus, será de onde eles tiram essa força toda? Cada um por si só, não valem nada, mas quando se juntam como aconteceu na semana passada, o mundo vem abaixo. Essa força parece vir de alguma camada profunda das ideias deles, sei lá – e só aparece de verdade na multidão, na massa. Será que tem coisa aí que é herdada, dos pais, por exemplo? Acho que não... Tem muita gente ali que vem de famílias ordeiras, submissas, lá do interior. Seriam então coisas comuns a todos os seres humanos? Essa força da massa, da gente ajuntada, pega o que cada um tem na cabeça, levando junto ideias as mais estranhas e variadas, adquiridas ao longo da vida, sabe Deus como. É claro que cada um tem na mente suas ideias próprias, mas que de repente quando se juntam e, desculpem o trocadilho, *pipocam* em alguma ocasião especial, como foi o bota-pra-quebrar dessa gente, na semana passada.

Outro dia estava conversando com um freguês meu, pai da Aninha, aluna da escola, que adora as minhas pipocas. Falei dessas coisas para ele, especialmente desse lance da força das pessoas quando se ajuntam. Ele é legal, ficou meu amigo, apesar de ser um intelectual, professor na Universidade, gente fina. De repente me perguntou se eu já tinha lido uns caras, sei lá, parece que de nome *Marques*, *Gramice* e *Iung*. Eu disse que nunca tinha ouvido falar dessa gente e ele duvidou, disse que eu estava fazendo hora com a cara dele. Mas era verdade, jurei. Falei que se tiver tempo vou até correr atrás dessas leituras, mas o professor parece que não quis acreditar em mim. Ainda bem que Aninha faz questão de minhas pipocas e assim o pai mantém o contato e a amizade comigo. Mas não perde oportunidade de me perguntar se eu conheço um tal de *Froid*, ou coisa assim, depois que eu comentei com ele umas tretas dos caras que vão atrás das garotas de programa da rua de baixo. Que coisa, parece que esse cidadão pensa que ideias são só aquelas que a gente tira dos outros! Comigo não, eu tenho as minhas...

Mas aproveitei para perguntar o que ele afinal de contas via de tão interessante no meu modo pensar. Por que será que ele presta tanta atenção nas coisas que este pipoqueiro aqui diz?

Ele achou graça e começou a me explicar. Disse que algumas pessoas, talvez a maior parte delas, tem uma maneira *idealista* de pensar. Ou seja, como princípio e finalidade de tudo haveria as *ideias*, nada mais. Achei que era o meu caso, mas ele negou: – *Espere que vou lhe explicar direitinho!* Ele me disse que esta era a maneira de pensar de um tal de Platão, e também de seus seguidores, muitos anos antes de Cristo, na antiga Grécia. Para este grupo, disse ele, o mundo seria algo capaz de ser capturado pela inteligência dos homens, e só uma visão assim seria a mais verdadeira e confiável. Mas do outro lado havia um outro mundo feito de ilusão, percebido mal e mal, que na verdade mais confundiria do que esclareceria as pessoas. Me falou também da caverna, como um símbolo da dificuldade dos homens se aproximarem da verdade, pois dali de dentro só poderiam perceber o mundo de forma distorcida.

Nossa! Aquilo mais me confundia do que esclarecia... Então indaguei dele: *e eu, meus pensamentos, como ficamos nisso?*

Assim ele me explicou uma tal de *dialética*, que era a maneira dele pensar – e minha também, segundo ele. Mas que havia mais de uma *dialética*, sendo a minha e a dele chamada de *materialista*. Protestei, disse para ele que eu era seguidor de Kardek, acreditava na reencarnação, essas coisas, mas ele explicou que isso não tinha nada a ver com o uso de tal palavra, que aqui fazia parte do campo da filosofia, não da religião. Que eu ficasse tranquilo com o meu materialismo, que não seria nenhum pecado.

E avançou sua explicação, com variadas palavras novas para mim, tais como *tese*, *antítese*, *síntese*, *contradição*, *superação*, *aparência*, *essência*, *lógica* e outras, ditas até mesmo em alemão. Mas isso eu não sei reproduzir por escrito. Me deu alguns exemplos sobre a transformação da água em vapor e depois em chuva, das estações do ano com suas marcas características, falou do jogo da política atual e outras coisas. Disse que um verdadeiro resumo dessas ideias era uma frase de um outro grego antigo, este chamado Heráclito, se não me engano. E que este *gregário* disse um dia algo como *tudo passa, nada permanece*, o que eu achei até meio banal.

Nisso Aninha sai da escola para comer sua pipoca, eu tive uma ideia e indaguei do pai: – *Será que a tal dialética seria assim como esta menina que agora chega aqui não ser mais a mesma que entrou na escola de manhãzinha, porque ela já mudou, aprendeu coisas; a escola já não é a mesma, porque ficou mais velha; a natureza também, porque começou a chover e o vento varreu a calçada? Seria alguma coisa assim que o tal do grego queria dizer?*

O pai de Aninha botou dois olhos *a r r e g a l a d í s s i m o s* em mim, me deu um abraço forte e me convidou para tomar uma cerveja com ele logo que deixasse a filha em casa. Fiquei pensando no que teria feito de tão certo, aparentemente. Ou de errado... O que significava aquele

convite, assim, de supetão? Quem sabe o pai de Aninha queria me corrigir de algumas ideias tortas que eu havia deixado escapar?

Mas se é para aprender mais, não recusarei tal convite. Vou lá.

Garoto em viagem

O garoto sai em viagem, para visitar tios e primos no interior. Os primeiros, gentis e acolhedores, os outros muito mais novos do que ele, sempre a lhe crivar de perguntas e a acompanhar, xeretando tudo o que fazia. Mas cabia ali cumprir deveres familiares, nada mais.

Mas do outro lado da rua havia algo diferente, que às vezes dava ao garoto a impressão de que estariam escondidas ali coisas que lhe traziam, embora de forma bem secreta e inconfessável, certo sabor de fruto proibido. Na casa em frente moravam as primas dos primos, três moças um pouco mais velhas do que ele, sendo duas delas gêmeas. E aquelas, logo que lhe foram apresentadas se desmancharam em sorrisos nos quais ele via, ao mesmo tempo, tanto boa acolhida como brincadeiras maldosas.

Mas para quem estudava em colégio masculino, não tinha vizinhas ou amigas de sua idade e mesmo entre os primos, ele, o mais velho de todos, não tinha companhias femininas de idade igual, com quem pudesse se dar, aquilo era uma espécie de prêmio, que ao mesmo tempo lhe atraía e amedrontava.

Naquele momento a atração nadava de braçadas à frente do medo.

Assim aconteceu que nas tardes vadias das férias escolares, nas quais o frescor das varandas das casas das famílias eram territórios de longas tertúlias juvenis, ele se viu rodeado de mulheres, com as quais queria, ardente, se congregar. Elas lhe retribuía os chistes e as observações mais sérias, mas quase sempre caíam em risadas intermináveis, que ele continuava a não perceber se de acolhida ou escárnio. Aquele mundo o encantava, pelo choque de sentidos frente às gírias e expressões locais, mas também pelo sentimento de intimidade com o sexo oposto, o qual agora podia desfrutar de forma inédita em sua vida.

Pôde conhecer então o fascínio das noites no interior, com os passeios rotatórios na praça, a troca de olhares, a apresentação a cada dia de novos conhecidos. *Meu primo, que mora na capital* – era o estatuto que lhe conferiam agora, mais uma vez o deixando confuso a respeito do verdadeiro significado da frase, dado que aquelas moças o viam com certo ar de estranheza, senão de ridículo. E ele nem era primo de verdade...

Mesmo assim tudo ali lhe corria no melhor dos mundos, mesmo os segredinhos constantemente trocados pelas moças, sempre acompanhados de risadas sem explicação. Às vezes ele percebia que falavam dele; outras tantas de terceiros, em falas das quais ele pôde captar algumas palavras, tipo *ela deu pra ele; atrás daquele muro, só Deus sabe; Sim! No banheiro da escola*. Aquilo o enchia de curiosidade e excitação, nem precisava perguntar de que se tratava exatamente, isso se lia nos olhos delas, com um ar de maldade e de concupiscência, o que lhe fascinava e lhe bastava.

Momento especial foi o das horas dançantes dos domingos no final da tarde, que ali na cidadezinha eram chamadas de *brincadeiras*. O comparecimento à primeira delas lhe foi altamente significativo, já que não foi propriamente convidado, mas sim *empurrado*, de última hora, a ir até lá. Mas isso, longe de lhe provocar desgaste, acabou por deixá-lo orgulhoso, interpretando a impulsividade do convite das garotas a um desejo real de que ele lá estivesse com elas. E no salão do clube as coisas lhe saíram bem melhor do que qualquer encomenda que pudesse ter feito. Simplesmente bailou, ou melhor, rodou, de mão em mão, compartilhando passos não só com as primas dos primos, mas também com suas amigas e amigas de amigas. Até ficar tonto! E mais alterado ainda se viu, com a oportunidade de colar sua cara em tantos rostos diferentes, impregnar-se com perfumes variados, encontrar coxas calorosas e, principalmente, em ouvir palavras – nem todas devidamente compreendidas por ele – pronunciadas a mínimos centímetros de seus ouvidos. E com vozes femininas! Era o céu que lhe ofereciam ali!

Aquilo lhe encheu de vontade, principalmente a de encontrar ali um colóquio especial. Quem sabe uma daquelas garotas, próximas ou adventícias, não toparia levar com ele um namoro, mesmo que fosse com prazo de duração marcado? Ele até sabia com quem poderia tentar, uma das gêmeas, que lhe parecia dar atenção mais especial do que as irmãs ou as demais companheiras. É bem verdade que ela era dois anos mais velha, mas pelo menos tinha estatura menor, o que lhe parecia ser um ponto de vantagem para si.

Tendo tomado a decisão, pôs-se a pensar na estratégia mais adequada, embora qualquer experiência anterior no assunto lhe faltasse inteiramente. Achou que seria adequado lhe escrever um bilhete, se declarando – e assim o fez: *você não sabe quem eu sou de verdade, mas quero lhe dizer que eu lhe observo muito e acho que tem tudo a ver comigo, acho que posso lhe fazer bem feliz*. O mais eram cumprimentos e banalidades, totalmente supérfluas.

Mas não criou coragem para entregar pessoalmente o bilhete a sua musa. Deixou-o na caixa de correio daquela casa da frente, onde viviam as sílfides e particularmente aquela de seus sonhos. Depois que o envelope foi tragado pela tampa móvel do recipiente, lembrou-se que

havia esquecido de colocar o nome da destinatária. Aliás, nem o seu nome estava ali, já que sua decisão era de fazer um contato anônimo.

Poucos dias depois as férias terminaram e ele voltou para a Capital. Nos últimos dias, as sílfides foram passar os dias finais de folga escolar na fazenda da família. E ele não obteve resultado algum de sua tentativa de querer ser e fazer alguém bem feliz.

Sentiu-se bastante infeliz, mas isso durou apenas uma semana. A vida lhe traria outras surpresas, mas aquela temporada lhe mostrou que a vida era coisa sempre variada e até mesmo *educativa*, era preciso ser um expectador atento dela.

Não lhe faltaram oportunidades. Nas férias seguintes, o garoto saiu de sua cidade, tão recolhida a si mesma e às suas montanhas, e foi fazer sua primeira viagem para um lugar mais distante. Ele ainda não sabia, mas depois disso seus horizontes não seriam os mesmos.

São Paulo era o destino e alguma coisa acontecia ali, de fato, para ele – e não era só andar pela esquina da Ipiranga com a São João. A canção ainda não tinha sido escrita ou, pelo menos, não era conhecida. Um Cometa, não interestelar, mas movido a diesel, pego em sua cidade, com o detalhe importante de fazer isso sozinho pela primeira vez na vida, nas regulamentares nove horas o levou a Pauliceia. Na velha estação rodoviária da cidade, lugar onde hoje ninguém, muito menos um menor, poderia andar sem estar prevenido contra “fel, moléstia ou crime”, desceu do Cometa e entrou no ônibus para buscar a periferia da cidade, onde moravam os tios que o abrigariam. Chegou de noite, depois de algum temor de se perder, mas foi muito bem recebido, impado de orgulho pela autonomia recém conquistada.

O tio era um sujeito especial, mesmo com a idade que tinha o garoto, já o tratava com honras de adulto – era tudo o que ele queria. Com poucos dias na casa deles, já familiarizado com o ambiente um tanto tosco do remoto bairro da Zona Leste, resolveu ampliar seus limites. Como o casal já tinha três filhos, uma escadinha, todos pequenos e portadores de previsíveis querelas infantis, as demandas ao primo que veio de longe eram incessantes. O garoto, naturalmente, queria respirar uma atmosfera mais descomprometida e assim, depois de estudar com profundidade um mapa do centro da cidade, tomou o trem que o levaria à Estação D. Pedro. A pé, alcançou o Anhagabaú e foi ainda mais além.

Começou pelo reconhecimento do terreno. Da Estação, explorou o grande parque e rumou ao Vale, registrando cuidadosamente o trajeto daquelas ruas estreitas que acabaram por conduzi-lo a Santa Ifigênia e ao Viaduto do Chá. Atravessou o soterrado riacho para conhecer o Teatro Municipal, o Largo do Arouche e a famosa esquina depois cantada por Caetano. Seguiu São João, subiu Consolação e São Luiz, virou a Paulista. Achou que valia a pena voltar e o fez também em outros dias, mudando seu

objeto, da geografia urbana paulistana para a exploração dos cinemas da capital, enormes e numerosos.

Um dia descobriu estar em uma zona de prostituição. O temor frente aos possíveis riscos do lugar logo foi substituído por fatal curiosidade. E por ali perambulou por algumas horas, recebendo os olhares de reprovação ou de sedução, dependendo do caso, daquelas mulheres que nem em seus sonhos mais atrevidos poderia encontrar. Coroou sua tarde com refrigerante e pastel, numa espelunca de esquina, na qual um homem matava sua solidão ou quem sabe sua dor de cotovelo, escutando, numa máquina de se colocar fichas e tocar discos, o bolerão *El Reloj*, vezes e vezes sem conta.

Nos dias seguintes, juntou parques trocados e assistiu a uma maratona de filmes. Aquilo era encher a alma de cultura e informação. Um dos filmes que assistiu então, um *western*, de repente lhe provocou a fúria de ser do contra, pois era elogiadíssimo como comédia e como transposição do ambiente western para a África. John Wayne em um de seus papéis magistrais. Ao voltar à Província, dias depois, expôs sua crítica a um amigo cinéfilo. O céu, simplesmente, ruiu sobre sua cabeça, pois para o tal projeto de Godard, *Hatari*, o tal filme, era obra prima. Para garoto, apenas porcaria. Não houve acordo possível, por pouco se rompeu uma forte amizade.

Ele retornou à Província mais culto e mais sabido, mas não menos repleto de dúvidas. Não chegou a fazer uma retrospectiva do que representara sua evolução como ser humano e como homem no último ano, desde suas férias no interior, mas no íntimo percebia que muitas coisas haviam mudado para ele.

E assim partiu, aos 17 anos – impressionante como um ano faz diferença nessa época da vida – para conhecer, agora, o Rio de Janeiro. Obrigação de provinciano que se prezasse, claro. Do Rio, a primeira vez, ninguém esquece! Achou a cidade pouco convidativa em matéria de odores e temperatura, mas o resto lhe encantou profundamente, embora em estado permanente de estranhamento. Ficou hospedado no apartamento dos tios, na Zona Sul. Ali ele foi apresentado a mordomias diversas, com especial destaque para a coleção de long-plays clássicos que o tio possuía e que foram logo colocados à disposição dele. De quebra, ainda tinha o proprietário dos discos como interlocutor qualificado a comentar com ele as obras que escutara antes do tio chegar. Como todo bom iniciante, amarrou-se em Vivaldi, não só nas Quatro Estações, mas também nos *Concerti Grossi*, que ele logo trauteava com gosto e ardor de um velho conhecido.

Ele já não estava tão ligado em cinema como no ano anterior. É bem verdade que agora tinha certa variedade de filmes à sua disposição – e sem sair de casa! Televisão? Não – algo muito melhor! É que os tios moravam em uma rua estreita do bairro das Laranjeiras e apartamento

deles, em andar elevado, se situava numa muralha de edifícios que por sua vez ficava de frente (e de costas) para outras muralhas. Se alguém chegasse a uma janela qualquer, tinha visão imediata de algumas centenas de outras janelas, a partir de todos os ângulos do imóvel. E o tio, militar reformado da FAB, era proprietário de um extraordinário binóculo. Assim...

Resumo da ópera, ou melhor, do filme: o garoto, que nunca havia visto sequer uma dama de roupa íntima ao vivo, tinha agora à disposição dezenas delas, a qualquer hora do dia, algumas sem qualquer vestimenta, em total intimidade...

Se o Rio foi tão significativo para aquele garoto, agora quase um rapaz, já nessa primeira visita, as cenas paradisíacas que ele assistiu a partir daquela *Janela Indiscreta*, o marcaram mais ainda. Pela vida a fora.

O tempo não volta atrás, por certo. Mas as boas lembranças ninguém rouba de alguém. Isso tinha sido o bastante para ele, que encontrou, nessas e em outras viagens, nem todas bem-sucedidas, novos caminhos no amor e na cultura. De nunca mais se esquecer.

Jerusa

- *Você já a viu? Será que ela continua linda e gostosa como sempre? Quando penso no que eu perdi...*

O assunto era recorrente em nossas conversas. Esporádicas, na verdade, mas quando aconteciam, era tiro e queda: Antônio fazia questão de perguntar pela antiga namorada, que não via há dez anos. E perguntas sempre vinham a galope.

Ele estudou no Rio e a conheceu nos tempos da faculdade. Segundo ele, uma morena estonteante. Um pouco baixinha na estatura, não mais do que um metro e sessenta, mas o resto tinha de sobra...

- *Que bunda, meu Deus!*

Como eu agora vivia no Rio e frequentava, supostamente, os mesmos ambientes que a moça, Antônio queria ardentemente saber se eu a via. Eu apenas vagamente poderia saber quem ela era. Também como esquecer de um nome como aquele: Jerusa. Mas pessoalmente nunca a tinha visto.

Já nome que me intrigava... Seria com “G” ou com “J”? Nome verdadeiro ou apenas apelido? Será que era originado de Jerusalém? Eu tinha ouvido falar do gentilício erudito: *hierosolimitano*. Mas por este caminho

não dava para atinar qual a fonte de que teria jorrado um nome assim. E me intrigava mais ainda a insistência quase doentia do meu amigo:

- Veja se a encontra e me traz notícias dela, da próxima vez que vier aqui...

Mas eu tinha outras coisas para fazer, e não eram poucas. Médico residente em hospital público, dois ou três plantões por semana, empreguinho extra na Zona Norte. Não era brincadeira minha vida no Rio. Mas em todo caso, o nome me ficou, como se dizia antigamente, na algibeira.

Mas uma vez, contudo, em uma reunião para discutir o que fazer para um paciente especialmente complicado, alguém se lembrou:

- Quem tem experiência com casos, assim é a Dra. Jerusa, pena que ela está longe agora.

- Longe, onde? Resolvi perguntar...

- Na Inglaterra, fazendo um estágio de hematologia molecular. Como se ela já não soubesse tudo nesta área...

Voltei à minha cidade para uma breve temporada daí a poucos dias e, como sempre fazia nas férias, logo me anunciei aos amigos. Aquele que buscava Jerusa, perdida musa, foi o primeiro a me ligar, ansioso como nunca:

- E então, alguma notícia?

- Desta vez, sim! E ele imediatamente se animou:

- Então vamos nos encontrar para você me contar, pessoalmente...

Caramba, pensei, que notícia mais besta é esta que trago, apenas dizer que a moça está fora do Brasil. Mas Antônio era um amigo que eu prezava, com quem sempre gostei de bebericar um vinhozinho, de que ele era também grande apreciador, além de dono de uma adega invejável, e além do mais, poder usufruir de uma conversa agradável e variada. Aquela insistência em saber de uma ex-namorada era antiga, mas só tinha adquirido este teor de verdadeira aflição nos últimos tempos. Marquei com ele no dia seguinte e ele se prontificou em me buscar na casa de meus pais.

- Antônio, porra, conte esta história direito! Que fixação, meu caro... Você casado com Soninha, pessoa tão bacana, com dois filhos, vida arrumada. Por que esta mania de querer fuçar o passado desse jeito?

Ele me olhou de um jeito estranho, olhos perdidos no espaço, quase marejados, bem longe dos gestos que me eram familiares nele.

- Eita, cara, é uma longa história...

Conhecera Jerusa nos primeiros dias de aula na faculdade, na doação compulsória de sangue que os calouros faziam. Ela, acompanhada de outro aluno mais velho, que logo se confirmou namorado. Calhou de que fizessem parte do mesmo grupo nas aulas de anatomia. Ele começou a jogar charme pra cima dela, convidando para um café no meio da tarde, comentando o último filme que vira, estudando na mesma mesa na biblioteca, deixando os cotovelos se roçarem, buscando um café na cantina, essas coisas pequenas, mas que acabam aproximando as pessoas. Ela, recatada, educadamente o afastava de contatos mais íntimos, pois afinal tinha um namorado. Com a insistência do colega, acabou confessando que achava aquele relacionamento meio estranho, não tinha lá muita afinidade com o outro, mas que detestaria fazer qualquer coisa que parecesse traição a ele, que apesar de tudo era um sujeito legal. Antônio apenas lhe assegurou que esperaria, mas que – não podia negar – estava realmente muito interessado nela.

Algum olhar ou gesto de Jerusa deu a Antônio a sensação que ela acabaria nos braços dele. E assim foi, depois de alguns meses.

O tempo de espera se revelou compensador, com eles se percebendo como bons amigos cada vez mais, e assim teciam ampla teia de sentimentos comuns. Mas Antônio, especialmente, queria mais, passando a desejá-la não só como amiga, mas também como mulher. Eis que debaixo das roupinhas modestas que ela vestia, ele detectou um corpo que falava por si só, como belas curvas, coxas grossas, bicos de seios que insistiam em fazer volume debaixo do jaleco. A pouca altura só adicionava valor aquilo tudo, me disse ele.

Ela mesmo tomou a iniciativa de inquiri-lo, certo dia:

- Não vai mais me fazer aquela proposta? Desistiu?

Nem bem isso posto, aceitou o convite dele para um cinema, mas nem viram o filme, já perdidos em beijos, olhares e toques ardorosos de coxas e braços. Havia também, naquele mesmo dia, a festa de aniversário de um amigo comum e lá foram oficializando, no ato, o namoro perante os colegas de turma.

Alguém que lá estava augurou:

- Eu bem que desconfiava – isso vai dar casamento!

Era a primeira namorada dele. Ela, além daquele que acabava de perder o posto, já tinha namorado um ou dois, mas nada muito sério. Com poucos dias de convivência, confessou a ele que ainda era virgem, mas que preferia se manter assim até se casar, pois esta era a regra que sua família estabelecia para a questão do sexo, com o que ela concordava sem restrições.

Antônio vinha de ambiente menos conservador e se ainda não tinha namorado de verdade, já era bem iniciado em termos sexuais, sem maiores tabus a respeito. Assim, ele que pensava diferente de Jerusa, em nome do entusiasmo que sentia com a conquista recente da moça, achou que este era um preço razoável a pagar para tê-la ao seu lado. E não sofreu com isso.

- Você não imagina a bela vida que levamos naquela época... Eram festas, passeios, amizades comuns. Sintonia total, em gênero, número e grau, com uma química formidável. Todos louvavam o par que fazíamos. E não era pouca a inveja que muitos tinham de nós.

- Tinha tudo para dar certo... E não deu?

- A vida tem esquinas perigosas... E numa dessas eu me perdi.

- Conte como foi.

Ele contou, com a voz um tanto embargada. Era impressionante aquilo, acontecimentos de dez anos passados ainda afetarem tanto uma pessoa, ainda mais um tipo que eu considerava durão, como meu amigo.

Foi assim: estavam já prestes a formar quando lhe apareceu uma tentação irresistível, sob a forma de uma colega de turma – esta do tipo liberal – que esteve com ele em uma festa, estando Jerusa fora da cidade, em visita aos pais. Começou com uma conversa macia, sem compromisso, mas logo olhares, assuntos sutis e certos toques de pele começaram a despertar sensações fortes em ambos, e com tal moça não houve recusa ou pedido de adiamento: na mesma noite estavam na cama, ou melhor, no banco de trás do carro que Antônio às vezes tomava emprestado do pai.

Mas a tal moça liberal era amiga de Jerusa... Além disso, aquilo ficou escancarado e parte da ação foi vista por muita gente que convivia com o casal. Antônio achou que a melhor saída era abrir o jogo com a namorada. Na volta de Jerusa, ele ainda estava na fase dos rodeios, procurando o melhor momento para tocar no assunto, quando ela própria lhe comunicou que já sabia de tudo e que aquilo para ela era o fim. E não quis mais conversar sobre o assunto. No dia seguinte mandou devolver, por um colega, os livros e alguns outros objetos que o namorado tinha deixado em sua casa.

Antônio tentou demovê-la, mas dada a fraqueza da carne, reforçada pela força da decisão da tal moça que sabia o que queria, não foi difícil para ele aceitar a perda de Jerusa, embora tenha feito algumas tentativas ao longo dos meses seguintes. Sem sucesso... Até que chegada a formatura, poucos meses depois, Jerusa foi fazer residência em São Paulo e ele próprio tomou outro rumo. E não se viram mais. A colega liberal foi apenas um sonho de verão, tendo todo aquele namoro tão ardente esfriado pouco depois, não durando nem um semestre letivo.

Quando veio para minha cidade, no interior, terminada sua formação, arranjou colocação em uma clínica que precisava de um especialista como ele e em pouco tempo virou também professor na Faculdade de Medicina recém-aberta. E foi assim que conheceu Sonia, sua aluna, por quem teve uma queda imediata, logo correspondida, situação que evoluiu para gravidez e casamento em poucos meses. Por trás de tudo, uma moça casadoira e uma família que fazia questão de papel passado. E ele que andava gostado da liberdade que a vida de solteiro lhe dera depois rompimento com Jerusa e da passagem da moça liberal em sua vida, se viu novamente preso no laço amoroso. E ao primeiro filho sucedeu um segundo, com diferença de apenas um ano entre os dois rebentos.

Dito isso, mergulhamos em boa garrafa de um Valpolicella, seguido de um português, outro italiano, além de um chileno meia-boca, para arrematar. Bêbados, ambos, eu vi então um homem chorar de verdade, de saudade do passado e de arrependimento, coisas para as quais é impossível qualquer consolo.

Voltei ao Rio com pena dele, mas com a sensação de que não havia nada a fazer pelo meu amigo. Até que um dia...

Era uma sessão de congresso médico, daquelas que os corredores costumam ficar mais apinhados do que os auditórios, propriamente. Lendo o programa eu vi que havia uma palestra sobre algo complexo, ligado à tipagem genética das células brancas do sangue, tema que não me interessava quase nada. Mas pude ver que o nome da palestrante era Jerusa Soares de Alencar, a musa de Antônio, em pessoa! Era hora de conhecê-la, finalmente.

Cheguei atrasado e a sessão já tinha se iniciado. Na mesa pude ver apenas o rosto da musa, de longe. Parecia simpática, de fato, mas não exatamente a maravilhosa mulher de quem eu ouvira tantas histórias. De onde eu estava, pude pressentir que o tempo tinha feito alguns estragos naquela escultura. Quando finalmente a vênus desceu da mesa, findada a palestra e o debate, me deparei com uma figura totalmente diferente de qualquer dos devaneios do pobre apaixonado. Um rosto que talvez já tivesse sido bonito, mas encimando um corpo disforme, marcado certamente por muitas gravidezes, para dizer pouco.

Perímetro glúteo de um metro inteiro, se duvidar, embora ancorado por altura pequena, que talvez não passasse dos oito palmos de que havia me falado Antônio. Um abdome proeminente. Roupas meio balofas, que haviam substituído a decantada simplicidade no vestir por descuido e mesmo cafonice.

Que decepção...

Na minha próxima volta à cidade, para onde vim procurar minha vaga no mercado de trabalho local, já tendo deixado o Rio para trás, até que tentei evitar o encontro, mas ele acabou acontecendo, já que fazia parte da minha rotina ali. Antônio me veio com a pergunta de sempre.

- *E aí você conseguiu vê-la?*

- *Não. Não consegui, foi pena...*

Melhor assim.

Nada a favor da cultura do corpo, que assola tantas mulheres e homens por aí. Mas a história de Jerusa representava um descompasso descomunal entre o sonho de uma pessoa e a realidade que a vida trazia.

Menina de tranças

Ele acordou cedo naquele dia. Aliás, nem dormira direito toda a noite, tal era sua expectativa. Afinal, iria sair para uma viagem com o pai, só os dois e mais ninguém, como ainda não acontecera em sua vida. Era uma viagem de ‘negócios’, assim a designava o pai, até então desempregado, que iria tentar uma carreira de representante e vendedor de produtos alimentícios pelo interior do estado.

O garoto estava particularmente feliz, e mesmo surpreso, porque acabara de sair de um período tumultuado de convivência em casa. Uns dias antes, fora separar uma briga de dois irmãos mais novos e acabou sendo ele próprio punido pelo pai, de forma violenta, responsabilizado como o agente e não o moderador da confusão, sem que fosse defendido pelos contendores ou pela mãe. Em outro momento, como trouxera da escola um boletim com notas sofríveis, a própria mãe, que nos casos mais graves recorria ao pai, desta vez o reprimou diretamente, punindo-o com a suspensão do Chica-Bom semanal por todo o mês.

Tudo isso era rotina em sua vida, em particular as surras aplicadas pelo pai, por motivos que muitas vezes lhe pareciam fúteis, mas o último mês lhe fora especialmente ingrato. E a última daquelas surras, com um cinturão sempre pendurado atrás de uma porta para tal

finalidade, lhe havia deixado uma marca da fivela na coxa, ainda roxa e um tanto dolorosa na véspera da prometida viagem.

Mas aquela manhã era promissora e estava bem começada, com o pai encarregando-o de colocar as malas no carro e ligar o motor, para que esquentasse enquanto tomavam o café da manhã, conforme costume da época. Ao cuidar de tais afazeres, ajeitou no banco traseiro, com especial atenção, o embrulho feito com pano de prato, com algumas guloseimas que a mãe preparara para a viagem. Nada poderia ser melhor do que aquilo.

E seguiram pelas estradas, inicialmente já conhecidas, mas logo em seguida adentrando mais e mais em territórios ignotos. O pai, ordinariamente taciturno lhe parecia, desta vez, especialmente atencioso, embora não desse resposta à totalidade de suas perguntas e observações surgidas durante a viagem. Mas para ele aquilo era, ainda assim, o melhor dos mundos.

Pela hora do almoço já estavam em outra cidade, diferente de todas as outras que ele conhecera, com suas ruas empoeiradas, casario antigo e uma enorme estação de trem. A natureza, para se chegar até ali, era uma vastidão plana, totalmente diversa do ambiente montanhoso ao qual ele estava acostumado, e ali cresciam árvores esquisitas, tortas e cascudas. Aqui e ali pessoas vendiam os frutos típicos daquela paisagem, de uma tonalidade amarela e de um odor penetrante, como ele nunca havia visto ou sentido antes. Aprendeu, logo de saída, o nome de tais coisas novas que aquela viagem, tão augurada, lhe trazia: o mato era *cerrado* e o fruto *pequi*.

A hora do almoço, em restaurante próximo à estação, ainda lhe trouxe mais coisas novas, como a comida fortemente temperada, a carne de bom sabor, mas especialmente salgada, as garrafas de pimenta, imensas e arrolhadas com sabugos de milho. Em uma mesa próxima, um homem retirava desses frascos quantidades enormes de pimenta, colheradas e mais colheradas, que uma vez amassadas com um garfo no prato, ele comia em forma de pasta no pão, demonstrando grande prazer com isso, embora seu rosto se transfigurasse em tons de vermelho ao roxo e o suor lhe corresse pela testa e bochechas como se estivesse debaixo de um chuveiro.

E as surpresas se acumulavam, a cada momento mais interessantes. Agora, era o trem de ferro, que o garoto iria experimentar pela primeira vez na vida. Deixariam o carro naquela cidade para ir até outra mais adiante, na qual se iniciariam, finalmente, os 'negócios' que haviam motivado aquela excursão de filho e pai pelos sertões do estado. Era tudo emoção.

O trem lhe provocava especial sensação, mas ele o achou lento, barulhento e, principalmente, muito malcheiroso, dada a proximidade

do assento que tomaram em relação ao banheiro, em uma ponta do vagão. Mas ver a paisagem pela janela, depois de algum tempo recompondo sua familiaridade com as montanhas, lhe era prazeroso, de forma especial. Em dado momento, ele pôde ver um grupo de pessoas junto a um pontilhão, em atitude de quem usufruía de um banho de rio. Eram mulheres, estavam em trajes sumários e uma delas, ele mal e mal percebeu, se escondeu de forma apressada atrás de uma moita, por estar, ao que parecia, nua. Ele mais tarde chegou a duvidar se vira de fato os seios ou mesmo a mancha negra do púbis, tão de relance aquilo ocorrera, mas a sensação proibida, por si só, já lhe bastava. Só não viu mais porque, numa curva, a chuva de fagulhas e fuligem lançadas pela velha locomotiva, lhe turvou por completo a visão. Ver uma mulher nua: aquilo era a melhor novidade, em um dia tão cheio delas. Anos mais tarde ele se lembraria disso ao ler um poeta que tratara algo semelhante como *meu primeiro alumbramento*.

Lamentou que a cidade de destino lhes chegasse antes do esperado, pois mesmo com os percalços do desconforto e dos maus odores, estava apreciando, de verdade, aquela inédita jornada em trem de ferro. Ainda mais a nova cidade, a segunda em um único dia, lhe pareceu curiosa e digna de ser apreciada. Cercada por uma natureza de pedras muito claras e portentosas, com a vista alcançando largos horizontes, mesmo com tudo isso o que mais lhe chamava atenção eram as ruas estreitas, calçadas por enormes placas de pedra e o casario antigo, com paredes brancas, janelas e portas muito coloridas. E uma profusão de igrejas. Ali fazia frio, bem mais do que na parada anterior e o pai lhe explicou que isso era devido à altitude.

Tomaram hotel, num casarão da rua principal e ele ficou feliz pela situação do quarto, que projetava uma graciosa varanda em direção à rua de frente. Saíram para jantar e mais uma vez lhe tocou a feliz sensação de estar agora a fazer certas coisas que eram totalmente raras em sua vida com a família. Lembrou então dos irmãos, não com saudades, mas pensando na inveja deles se soubessem de suas aventuras naquele dia. Não conseguiu aproveitar bem o jantar, porque lhe pareceu ter gosto estranho aquela sopa, no que o pai, em raro gesto de afinidade, concordou com ele. Mas ficou feliz por ter tido o direito de completar a refeição com um refrigerante.

Depois do jantar andaram por momentos pelas ruas centrais, com ele encantado com as fachadas dos casarões, tão diferentes e muito mais bonitos do que os prédios que ele conhecia em sua cidade. Em uma esquina, homens e mulheres se agitavam, mesas na calçada e casais abraçados, com música e luzes abundantes, em torno do que parecia ser uma festa. Ficou curioso com o fato que aquilo acontecia em várias das casas daquela rua, algumas das quais mostrando uma luz vermelha na porta. O que seria aquilo?

Quando ele achou que o passeio noturno estava apenas começando, o pai o surpreendeu com uma mudança de planos, dizendo que seria melhor eles retomarem ao hotel. Eles? Os dois? Qual seria o motivo? Logo viu que a determinação alcançava apenas a ele. O pai apenas o conduziu ao quarto, recomendou-lhe que não trancasse a porta e saiu de novo, deixando-lhe ali um tanto frustrado. Mas, pensando bem, gratificado pelos acontecimentos do dia. Mais do que ele merecia, pensou, modestamente.

Com tantas emoções o sono não lhe tardou. Só deu por si no dia seguinte, já com o sol alto, o pai na cama ao lado. Não percebeu a hora que ele havia chegado, mas achou estranho que àquela hora, com o sol batendo de chapa no cômodo, ele ainda estivesse na cama, contrariando seu costume, o que o fez pensar que ele devia ter chegado bem tarde.

O dia agora, era para os tais ‘negócios’. O pai determinou que ele lhe acompanhasse, não perguntando se ele gostaria de ficar no hotel ou fosse fazer outra coisa, vagar por aquelas ruas que lhe agradavam tanto, por exemplo. Mas aquilo era apenas costume, nada mais, e segundo o que já lhe havia dito o pai, era assim que ele fora criado também. E acrescentava, enfático e com o dedo em riste: *e olha que eu tenho o maior respeito pelo seu avô, que foi um excelente pai para mim.*

Para que discutir? Vai ver que a lei do mundo sempre foi esta... Além do mais, nas raras ocasiões que ousava contestar o pai o assunto era encerrado com opressivo silêncio, quando não com gritos e ameaças.

Pela hora do almoço, mais novidades. Sem que ele soubesse o motivo o pai lhe avisou: *-você vai voltar para casa hoje.* Ele esboçou querer saber o porquê. – *Vai voltar e não discuta, rapazinho, eu estou mandando.* E completou: *se quer saber mesmo, vou lhe dizer: como é que você viaja sem trazer um agasalho?* O garoto: *- mas foi a mãe que arrumou a mala...* O pai: *calado! Antes que eu me enfureça de vez...*

Bobagem querer discutir com alguém assim, mais uma vez ele se resignou...

E assim, 24 horas depois das emoções de viajar de trem, de ver aquela moça nuazinha no banho, do contato com uma cidade tão diferente de bonita, e da aprazível caminhada noturna com o pai, viu-se o garoto embarcado num ônibus, de volta à companhia da mãe e dos irmãos. Calado, frustrado, sem saber o real porquê dos novos acontecimentos e o que é pior, depois de ter experimentado, por momentos fugazes, a sensação agradável de que o pai finalmente lhe fazia justiça.

E naquele ônibus velho e moroso, não menos desagradável nos ruídos e odores que o trem da véspera, embarcou, com a mente turvada por pensamentos sombrios e sentindo muita pena de si mesmo. Na primeira parada, quis esvaziar a bexiga e não conseguiu, por ter ao seu lado um

brutamontes que fazia questão, bem a seu lado, de balançar seu instrumento vigorosamente e ainda liberar ruídos intestinais com grande estrépito. Tornou a embarcar no calhambeque não menos chateado, mas agora premido por uma bexiga incomodamente cheia.

Poucos quilômetros adiante, aconteceu. O ônibus para bruscamente e depois de alguns minutos de espera o motorista anuncia que havia um defeito grave no radiador e que tinham que aguardar um contato com a empresa, para ver a solução que seria dada. Havia um estabelecimento nas proximidades, coisa de um ou dois quilômetros, e os passageiros poderiam esperar lá.

Logo uma fila se fez, puxada pelo auxiliar do motorista, e os passageiros foram encaminhados a seu destino intermediário, na verdade um misto de lanchonete, armazém, hospedaria e borracharia, algo bem comum nos interiores do país. O atraso da viagem, embora tenha preocupado o garoto logo que anunciado, acabou por deixá-lo relaxado, não só por lhe retardar a volta ao lar, de onde ele preferia estar distante, mas também por lhe augurar possibilidades, quem sabe, de aventuras que poderia contar aos irmãos posteriormente, tirando de tal coisa não poucas vantagens. Além disso, também por acarretar possíveis preocupações à mãe, que certamente fora avisada e lhe esperava ainda na noite daquele dia. Com isso ele, intimamente, se regozijava. Assim, a sombra inicial logo se transformou em serenidade e até certa alegria.

Com os trocadinhos que tinha no bolso, dados pelo pai à hora do embarque, viu que pelo menos poderia comer um pastel com caldo de cana, o que lhe pareceu de bom tamanho, Como a empresa logo conseguiu um local para que os passageiros guardassem seus pertences e ele na verdade só portasse uma pequena sacola, viu-se logo liberado a explorar os arredores do estabelecimento, enquanto ainda havia luz do dia.

Andando por ali viu nos fundos uma casa, que parecia – e depois se confirmou – ser a residência dos proprietários do estabelecimento. Foi recebido de maneira festiva pelos cães e logo passou a brincar com eles, em total compartilhamento de afeição. A criação do terreiro, representada por perus, patos e galinhas, também logo lhe chamou atenção e ele até mesmo julgou ter atraído a atenção especial de algumas dessas últimas, que vieram cacarejar em torno dele, fazendo-o sentir bem recebido e mesmo festejado. Isso tudo antes de perceber algo realmente novo no cenário, uma aparição que verdadeiramente celestial.

Sim, acabava de chegar uma menina mais ou menos de sua idade, loura, com um jeito de anjo, como aqueles que havia aos pés de uma Nossa Senhora que a mãe guardava no quarto, numa espécie de altar e a quem às vezes orava para que a vida da família melhorasse. Ela sorriu para ele e logo foi lhe perguntando o que fazia ali. A cena da moça no banho lhe voltava agora, mas carregada de outros sentimentos, que

misturavam ternura e encantamento. E melhor ainda, uma presença física e consumada, vestida, sem qualquer fuligem ou turvação.

Ele falou do ônibus e ela se mostrou preocupada com o fato de que alguém de sua idade viajassem sozinho. Ele não perdeu a oportunidade de lhe pregar umas mentirinhas, que aquilo era comum para ele, que auxiliava o pai em seus negócios e que agora voltava ao escritório da firma, na capital, para tomar algumas providências. Ela não pareceu acreditar muito naquilo, e se manifestou sobre o quanto achava pouco adequado aquilo, dada a idade dele, que ela logo constatou ser de apenas um ano a mais do que ela. Aproveitou para contar a ele que ainda não havia ido à cidade grande, a capital, onde ele morava, o que mais uma vez abriu ao herói a oportunidade de contar algumas mentirinhas e vantagens, sobre a altura dos edifícios, as sessões semanais de cinema assistidas por ele, a recente compra pela família de um aparelho de TV, as idas habituais dele e dos irmãos a uma sorveteria, onde podiam consumir quantos picolés de Chica-Bom quisessem.

E ela cada vez mais interessada o colocava em um pedestal no qual ele jamais imaginaria estar. Falou da vida dela também, da escola que tinha que andar mais de uma hora para alcançar, da amiga principal que só podia ver em dias de aula, da tristeza que era ser filha única e não ter irmãos, da perda recente da mãe, dos sentimentos do pai recém enviuvado e tendo que cuidar do múltiplo estabelecimento ali ao lado, e mais da chácara onde viviam. De sua própria vida de trabalhos diversos, que incluíam cuidar da casa, tratar dos bichos e até mesmo lavar a roupa da família, na verdade restrita a ela e ao pai.

Ele encantado e ao mesmo tempo penalizado com aquilo a escutava, deixando de lado, aos poucos, as lorotas que vinha inventando. Já escurecia e a conversa prosperava, de maneira surpreendente para ele. Ela concentrada na conversa e ele não menos, feliz por perceber agora que aqueles últimos contratempos, que incluíam a devolução forçada a sua casa e o enguiço do calhambeque, vinham de fato para o bem

Ela o chamou para conhecer a casa, mostrou-lhe a sala, a cozinha, o quarto do pai e – suprema glória! – o próprio quartinho dela, com sua pequena coleção de bonecas, sua Nossa Senhora, seus dois ou três pares de sapatos, arrumadinhos debaixo da cama coberta por uma manta xadrez. Aquilo tocava fundo a alma do garoto, ele não sabia bem o motivo, mas exultava de íntimo prazer, por ter encontrado o que ele já considerava uma alma irmã.

Como já anunciavam a chegada de um novo ônibus, ele teve que se despedir. E então veio o prêmio do qual ele jamais se julgaria merecedor: ela se aproximou, tocou-lhe o peito com a mão e lhe pespegou um beijo na bochecha, tímido, fugaz, um pouco seco, mas sempre um beijo.

Ele voltou para casa feliz. A injustiça e a violência do pai, as discórdias com os irmãos, os eternos queixumes da mãe, o ambiente sombrio e infeliz da escola, as dificuldades com a aritmética e sua professora antipática, nada disso era agora problema insolúvel para ele. Com aquela despedida que lhe oferecera o anjo de tranças loiras, a vida realmente ganhava sentido. E ele, de repente, se via feliz. Como nunca. O resto não importava.

Conversa de mulheres

Não se nasce mulher: torna-se mulher. Nossa! Esta frase da Simone me inspira. Vejo aqui neste consultório que ela é demonstrada e justificada a cada dia que passo aqui dentro, pois cem por cento das frequentadoras são mulheres. Vale diretamente para mim também, que *me torno mulher* a cada dia que passa. Homem aqui só os eventuais maridos e namorados, além da maioria dos médicos, claro. São bem-vindos, mas não deixam de ser minoria – e como tal devem se comportar.

Não. Não sou nenhuma intelectual. Longe de mim. Sou apenas uma secretária – ou recepcionista, se quiserem – em uma clínica *para* mulheres, com ginecologistas, esteticistas, dermatologistas, nutrólogos e outros menos votados. Como se só as mulheres precisassem disso...

Se tivesse tempo e dinheiro eu realmente teria feito faculdade, de preferência em alguma das faladas ciências humanas, quem sabe Sociologia. Mas a questão é tempo e grana, carecendo eu de uma coisa e outra. Em compensação me sobra vontade de compreender o que se passa na cuca desta fauna de parceiras portadoras de úteros e ovários que circula por aqui. Aquelas que Simone dizia pertencerem ao célebre *Segundo Sexo*. À noite, antes de dormir, sempre dou uma lida em quem entende do assunto, outras mulheres de preferência. Ela, Mme. du Beauvoir, por exemplo, é uma das minhas preferidas.

Gente, posso ser apenas uma secretária, e pobre, morar longe e tal; mas não sou burra.

É cada tirada que esta francesa querida tem... *Me gusta* sua coragem, exercida em tempos pré-históricos, quando acho que nem havia feministas de verdade, e aquelas que ousavam dizer alguma coisa sobre as fantasias projetadas pelos machos nos corpos das mulheres, além da desimportância delas na sociedade, quase iam para alguma fogueira. *Vergonha e autoculpa*, duas das palavras fortes da obra dela, frequentam com assiduidade esta sala de espera. Quando ela diz que as mulheres acabam como corpos sujeitos a tabus e moldagens inventados pelos machões de plantão, servindo isso de desculpa para mais ainda discriminá-las, eu estremeço por dentro, de tanta razão que vejo nisso. É uma verdadeira *gênia* esta mulher – eu amo ela, de montão!

- *Bom dia...*

Preciso me concentrar nas minhas atividades de secretária. Dá licença...

Esta que acabou de chegar é garota de programa. É uma pessoa superconsciente de seu status, vem aqui duas vezes por ano para fazer revisão ginecológica, prevenção de câncer, essas coisas. Quando veio pela primeira vez, ao lhe perguntar pela profissão, para preenchimento do prontuário, ela foi direto ao assunto: *puta*. Percebendo certo espanto na minha cara arrematou: *não acredita? Pois então acredite. Eu não tenho nenhuma vergonha em dizer.*

Realmente, esta companheira confunde todas as visões padronizadas. Quando vem aqui, seria fácil julgá-la, pela aparência, como uma bancária, estudante universitária, professora, ou algo assim, bem convencional mesmo, cem por cento família. Nas noites – e eu já a vi em ação, numa calçada – ela se transforma de fato, Cinderela ao contrário. Sinceramente? O charme que ela carrega, com sua minissaia, seu casaquinho decotado, seus saltos de doze centímetros e suas meias escuras– céus! – é de fazer inveja a muita mulher. Aliás, ela é uma figuraça. Adoro ela.

- *Bom dia minha filha... Eu tenho consulta marcada com o Dr. Fulano...*

Esta é novata aqui... Parece gente fina. Tailleur bem arranjado, cabelos bem pintados, joias faiscantes, bolsa de grife, motorista na porta. Abro-lhe logo o prontuário e deixo-a na sala de espera, fazendo companhia a minha amiga desinibida. Vamos ver no que dá...

- *Bom dia...*

- *É cliente do Dr. Fulano?*

- *Costumo ser, quando ele pode atender. Mas tem os outros também, são todos bons...*

- *Pois eu só vou naqueles em quem adquiro confiança. Aliás, nessas questões prefiro médicos homens. Meu marido fica contrariado, mas sei lá, as mulheres nem sempre acertam com o corpo da gente.*

- *Pois para mim tanto faz... Acho que o exame feito por mulher dói menos, afinal de contas, né, é um pedaço da gente que ela tem obrigação de conhecer melhor. Mas para mim é indiferente.*

- *Você é casada ou solteira?*

- Solteiríssima... Na verdade, mais ou menos.
- ?
- Ah, solteira, pra todos os efeitos.
- Não tem vontade de casar?
- Já experimentei e não gostei.
- Um bom homem faz falta na vida de uma mulher...
- Homem bom? Concordo, mas tá difícil de encontrar. Mantendo mais de um ao alcance das mãos as chances aumentam.
- Nossa, minha filha, você tem cada uma!
- Mas deixa estar, um dia, quem sabe, arranjo um só pra mim. Não tenho pressa.
- De minha parte, eu aprecio-ser casada. Mas tem hora que realmente a vontade de ser livre fala mais alto. E eu fui uma menina tão solta...
- A gente não nasce mulher; a gente se torna mulher...
- Como?
- Nada... Acho que a vida da gente é ajeitada a cada dia. Ninguém é predestinado a coisa nenhuma. O que tem mesmo é muito machão, pais, padres, professores por aí querendo impor regras às mulheres. Mas eu tô fora.
- Você deve ser feminista...
- Claro que sou! Mas do tipo que não enxerga os homens como inimigos. Aliás, adoro eles, desde que não queiram mandar em mim ou me dominar... Neste aspecto, sempre falo com eles: deixa que EU domino! Uns não gostam, outros – a maioria aliás – adora.
- Você acha mesmo?
- Tenho certeza. Mas o que chamo de dominar não é ficar mandando os homens fazer ou não fazer coisas bestas, do tipo: ‘não olhe para outra mulher’, ‘hoje você não vai tomar cerveja com seus amigos’, ‘futebol, de novo!?’ , ‘hoje não, meu bem, estou com dor de cabeça’ – essas bobagens que muitas abestalhadas vivem aprontando.

- *Mas este negócio de dominar... complicado, né? Eu fui criada numa família de mulheres, meu pai faleceu quando eu era pequena. Minha mãe e minhas tias sempre tiveram como valor a capacidade da mulher agradar o homem. Mesmo sem homem na família, como era o nosso caso. E eu acredito nisso...*
- *Pois eu fui criada no meio de um monte de macho e assim tive que aprender a me virar. Ali na família, o que chamo de dominar era mandar mesmo, sem apelação. Com os 'outros', homens que a gente pode escolher, a situação é diferente...*
- *Nossa! Escolher homens, nem me passa pela cabeça uma coisa assim. A gente é escolhida, acho. Mas conta como é!*
- *É mais ou menos assim: logo que a senhora conhece alguém...*
- *Por favor, me chame de você...*
- *Pois é, logo que você vê alguém interessante no pedaço, tem que ficar esperta e já chegar marcando posição, sem dar moleza. É pão-pão, queijo-queijo! Tem que botar as regras do jogo. Eu sempre faço isso. Depois, pode ir ajeitando aos poucos. Até que um dia você vai dominar um desses machos apenas estalando os dedos ou piscando os olhos. E ele ainda vai pensar que não é você que domina de fato, mas sim ele.*
- *E como você consegue uma coisa dessa? Isso me parece tão complicado... Acho que obriga a mulher deixar de ser feminina.*
- *Fácil não é... Tem que treinar. Aliás, para mim, isso é que significa ser feminina de verdade. Ou fêmea, se você quiser. Mas depois de uma boa dúzia de caras passar pelas suas mãos, você pega a manha e não falha mais.*
- *Ai, que horror...*
- *Que nada, você não sabe como isso é bom. Nos dois lados da mesa, ou melhor, da cama. Nada como uma mulher poderosa ao lado de um homem submisso a ela, mas pensando que ele é que tem o poder nas mãos. Homem é um bicho meio besta.*
- *Onde você aprendeu isso, cruzes!?*
- *Criada numa família com um monte de machão no meu pé, meu bem. Tem que dar conta. Simples assim. Mas hoje eles me respeitam de verdade. Tanto que nenhum deles me enche a paciência pela profissão que tenho...*
- *Mas qual a sua profissão, minha filha?*

- *A senhora quer saber mesmo?*

Neste exato momento, Doutor Fulano assoma à porta e a potestade feminina é chamada para atendimento. Já de entrada, troca um rápido e fraterno beijinho com o médico, que graceja com ela alguma coisa relativa à sua ausência desde a última revisão.

Madame oxigenada recorre a mim:

- *Que moça interessante, né? Queria continuar conversando com ela. O que ela faz na vida.*

- *Acho que é pedagoga, terapeuta, algo assim...*

É o que consigo explicar a Madame, depois de alguns segundos de suspeitoso silêncio.

Aí ela desabafou.

- *Sabe, entendi direitinho o que ela é. Ganha dinheiro e presentes para dar amor. Infelizmente é o que acontece comigo também, não nas ruas, mas dentro de uma casa cheia de luxos. Tenho até vergonha de dizer. A diferença é que faço isso com um único homem, que na verdade detesto. Mas ela, pelo menos, **parece** feliz com a sua vida. E eu carrego isso como um peso, uma fieira de pecados. E ela com essa leveza, essa segurança e essa alegria toda. Que inveja...*

Ah, Simone, Mme. Du Beauvoir: você disse tudo! Fico vendo essas louras oxigenadas aqui e me vem à cabeça como a nossa condição – ou falta dela – é uma questão de política, de poder. Um monte de temas esquecidos e tabus, as pessoas encontrando palavrinhas doces para falar disso e daquilo, igual essa dona aí. Depois querem compreender, na verdade para negar, a desigualdade e subordinação das mulheres. Não tem essa de ‘pessoal’ ou ‘político’; para mim é tudo assunto para reflexão, discussão e expressão. Não sei como, mas é preciso botar pra quebrar, abrir mais e mais espaço para que mulheres *causem*, sejam elas mães de família ou garotas de programa – ou as duas coisas, se for o caso. Liberdade, igualdade e libertinagem!

E nada de deixar para nós, mulheres, apenas aquela infame gaiola de ouro do *lar* como único possível para nós, este jeitinho seguro de nos deixar mais infelizes e até mesmo invisíveis. E temos que fazer a boa política, com um “P” bem maiúsculo, o mesmo de Poder, de Pública, de Plenitude, de Putaria e de Pênis. Que se danem os machos com sua *cidadania*, feita à imagem e semelhança deles, deixando para nós, mulheres, apenas o ‘governo’ daquele mundinho privado, feito de necessidades, afetos, desejos e fraldas para lavar. Que se danem!

Já ouviram falar da tal de Penélope? Acho que é uma daquelas famosas mulheres de Atenas. Ser uma dessas aí, nem de longe, Deus me livre. Passo! Gente como esta Madame Oxigenada que pela vida a fora faz apenas o papel de *esposinha* que espera e espera, para depois servir e se entregar a um sujeito mais forte. Será que passa pela cabeça de alguém assim ser forte também? Madame, pelo visto, sonha com um lado *puta* que ela não conhece direito. E mal consegue imaginar o que é liberdade, igualdade, insubordinação, libertinagem, autenticidade – essas coisas aí.

E eu? O que quero da vida? Acho que ainda não sei, ainda não cheguei aos trinta anos e tenho tempo para pensar nisso. Mas tenho muitas certezas sobre o que não quero. Acho que me seria de bom tamanho encontrar um homem legal para ficar ao meu lado, carinhoso, educado, culto. Deve existir algum por aí. Mas pensando bem, nem precisa ser homem...

Agora volto ao trabalho. Garota já se foi e Madame me traz um monte de resultados de exame que eu preciso organizar, antes de encaminhá-la à sessão de abre-pernas com o ginecologista. Qualquer hora faço essas duas se encontrarem de novo. Ora se faço... E quero assistir a conversa. Vai sair fagulha! A Puta vai parir outra Mulher.

Segredos de família

Eu fazia aquela viagem a cada quinze dias. Obrigação que a firma me impunha. Isso foi antes da era da internet, quando tudo dependia da presença das pessoas. Gosto muito mais das coisas como são hoje, mas naquele tempo era se submeter ou perder o emprego. E eu precisava do salário pingando na conta no final do mês.

No começo ia de carro mesmo. Mas a firma, distribuidora de adubos e venenos do interior de São Paulo, começou a negacear com as notas de gasolina. Assim me restou o ônibus, noite a dentro, quinta feira sim, quinta feira não. E eu já ia me acostumando com aquilo. Nada como um homem que precisa de dinheiro para se acostumar com as agruras da vida – e do agronegócio.

O pior é que eu precisava também de um mínimo de sono, pelo menos que durasse a metade daquela viagem de seis horas. No dia seguinte tinha que enfrentar uma carreira de reuniões que não raro entravam pelas noites de sextas e sábados. Minto: nos sábados íamos todos beber cerveja – pelo menos até a hora de pegar o maldito ônibus de novo, para voltar para casa.

Nessas viagens noturnas, o que eu mais queria era sossego, que nem sempre tinha, por exemplo, quando me surgiam por companhia, nas

poltronas próximas, ou ao meu lado, algum daqueles proseadores incorrigíveis. Foi o que me aconteceu certa vez, e que me deixou marcas. Explico.

Eram duas mulheres nas poltronas logo atrás de mim. Pareciam bem íntimas, mas aparentemente estavam se revendo depois de algum tempo sem terem notícias uma da outra, como logo pude perceber pela conversa. Como o veículo estivesse com lugares vagos facilmente se ajeitaram para botar a conversa em dia – e bem atrás de mim, que tudo que precisava era dar uma boa dormida. Não seria daquela vez, portanto.

Longa era a prosa delas, repleta de futilidades despertadas pelo reencontro. Eu não conseguia me desligar daquilo, elas falavam alto. Mas de repente, um personagem curioso foi adicionado ao papo e havia tintas de tragédia na história dele. Eu só queria dormir, depois de mais de duas horas de imersão nas histórias banais que até então ouvira, mas aí, fui capturado, de vez.

- Renato? Então você não soube? Faleceu...

- Nossa! Como foi isso?

- Um acidente, terrível. E o pior é que não foi só ele...

- Como assim?

- Morreu ele e um garoto, filho de um amigo. Uma fatalidade!

- Conta...

- Foi na praia. Saíram para caminhar, um grupo de gente que tinha alugado casa por lá. O garoto, de uns sete ou oito anos estava junto. E o passeio incluía uma escalada pelas pedras, para se chegar a uma praia mais afastada.

- Os pais do menino estavam junto?

- Espera que eu te conto. Renato, na falta dos pais, era o responsável mais próximo, embora, formalmente, não tivesse recebido tal incumbência. Aliás, eles nem eram muito próximos, mas no tal grupo, o adulto de verdade era ele. Os outros eram no máximo adolescentes.

- Nossa...

- Em certo momento aconteceu. No trecho mais perigoso o garoto escorregou ribanceira abaixo. E Renato se precipitou atrás dele. O garoto resvalou nas pedras e caiu no mar, lá embaixo. Renato

atrás. As pessoas ainda viram o moço dando braçadas infrutíferas por ali, até que ele desapareceu também, no que parecia ser um redemoinho provocado pelas ondas.

- E então?

- O resto foi triste, você pode imaginar. Os bombeiros só encontraram os corpos no dia seguinte.

- Que horror!

Eu já estava arrepiado com aquilo. Mas felizmente havia chegado um ponto de parada e resolvi descer para ir ao banheiro. Percebi que uma das duas amigas, não sei bem se a ouvinte ou a narradora desceu também. Aproveitei para comer alguma coisa, quase ao lado da vizinha de poltrona e então pude vê-la melhor: uns quarenta anos de idade, relativamente bem-vestida, loura oxigenada. Mas qual o motivo de eu estar citando tantos detalhes, meu Deus! Deve ser a proximidade que herdei da família de minha mãe. Não tem nada a ver. De toda forma imaginei que agora poderia tentar uma cochilada, nas quase quatro horas que ainda restavam da viagem.

Mal sabia, entretanto, que a coisa ainda iria se prolongar...

- Que coisa horrorosa essa história... E logo o Renato, moço tão bonito, um partidão... Faz quanto tempo aconteceu?

- Uns quatro ou cinco anos. Mas você ainda não sabe de tudo, teve mais.

- Como? Morreu mais gente?

- Não. Não chegou a tanto. Mas houve desdobramentos.

- Como assim?

- Vou contar. Todos nós, da família, encaramos a perda do Renato como a de um herói, que entregou sua vida para salvar a de outra pessoa, mas apareceram informações novas. Imagina?

- Nem consigo imaginar o que possa ter acontecido depois!

- Os pais do garoto resolveram levantar mais informações sobre o caso. Natural, né? E foram atrás das testemunhas disponíveis, aquela meia dúzia de adolescentes que faziam a tal caminhada fatídica. Conversam daqui, conversam dali, alguém lhes disse que o menino na verdade relutava em ir, mas que Renato o havia estimulado, com o argumento que era preciso ser homem, perder o

medo, essas coisas. E assim, nosso herói teve sua estátua dinamitada...

- Mas podia ser uma informação falsa, ou mal-intencionada. Sei lá.

- Infelizmente era verdade. Houve a confirmação de vários participantes. Ao que parece, num primeiro momento, se fez uma espécie de pacto de silêncio, depois desfeito pelas circunstâncias.

- E aí?

- Aí mais nada. Nada mesmo. Só dor, tristeza, e uma segunda morte para Renato, que passou de mito a um quase assassino...

Neste ponto, quem estava totalmente abalado era eu. Não somente por aquela tragédia, capaz de balançar os alicerces de qualquer família normal. Pobre Renato, que não poderia ter informação sobre o que viria pela frente e incentivou a macheza daquele garoto com a melhor das intenções. Eu o compreenderia, mas havia em mim outra questão, a me lancinar com intensidade.

É que havia uma história parecida em minha família...

Não era coisa ligada a caminhadas junto ao mar ou escarpas pedregosas, mas sim um afogamento em que morrera uma criança, meu irmão mais novo, sob a guarda de outro mais velho, nosso primo. Os dois estavam em um barco, num açude da fazenda onde morávamos e ali se deu o afogamento de um, com o outro também perdendo a vida na tentativa vã de o salvar. Tudo parecia, ao longo dos anos, apenas uma fatalidade, algo inevitável. Era a história de um pobre menino mártir, que tivera junto a si um jovem malsucedido em seu provável heroísmo.

Mas nossa mãe, minha e também do pobre afogado, alguns anos depois, em seu leito de morte, tentou colocar para fora algo que lhe corroía o peito por dentro. Para uma parente que a acudia, falou de forma confusa e um tanto perturbada pela agonia, sobre o acidente que lhe roubara o filho e o sobrinho. A mulher ouviu a palavra *desobediência*, sem que ela explicitasse se isso afetava os dois protagonistas ou apenas um deles. E mais não disse, ou balbuciou algo que ela não entendeu por completo, dada a fala da outra já embargada pela morte. A família guardou aquilo como um segredo que ninguém ousava perscrutar.

Agora, tanto tempo depois, aquela história ouvida em uma viagem de ônibus parecia trazer uma luz sobre os acontecimentos do açude, que deixaram uma marca de horror em minha família, ainda pulsante décadas depois. Me indaguei: será que a história daquele desconhecido

Renato reproduzia o que de fato teria acontecido com meu irmão, tantos anos antes?

Em outras palavras, surgiria ali também uma dolorosa mutação, de um herói que se transformava em vilão? Com a diferença que no nosso caso não houve inquérito, investigação, nada. Apenas a dor de uma mãe em sua expressão mais pura, feita, ao que parece, de silêncio e de revolta, por muitos anos a fio.

Minha noite de sono, mesmo precário, sobre rodas estava perdida. Agora era encarar as reuniões do dia seguinte. E suportar as brincadeiras dos colegas que viam em mim um dorminhoco contumaz. Mas, afinal, o que sabiam eles dos efeitos daquilo que não era apenas uma noite mal dormida, mas de uma fieira de dores e traumas carregados durante toda uma vida, não apenas por mim, mas por toda a família?

Ti'totó

Teotônio de Albuquerque e Possas. Um personagem de minha infância. Para todos em minha casa simplesmente Ti'totó, pois que era, de fato, tio de meu pai, irmão do meu avô Teófilo. Sujeito popular, sem dúvida, não só na família, mas também na vizinhança. Mas desde cedo comecei a desconfiar que talvez não fosse aquela maravilha de pessoa que todos acreditavam ver nele.

Lembro-me, por exemplo, de certas brincadeiras sem graça que ele nos aprontava quando crianças, de nos dar pequenas pancadas na cabeça, acompanhadas da pergunta: - *eu te coquei?* Só para nos ver responder com a forma cacófona *cocou*. E ele assim se deliciava. Mas convenhamos, teria sua graça na primeira ou na segunda vez que aquilo nos fosse impingido, mas lá pela décima ou décima quinta, quem é que ainda se divertiria com aquilo? E o pior era a força das pancadas, aumentada a cada vez que viesse aquela pergunta idiota. No final, para nós, a solução era sair de perto de tal *cocador*, o que não resolvia por inteiro a situação, pois ele costumava nos perseguir por onde andássemos.

Teotônio era de poucos afazeres e responsabilidades, pelo menos no tempo que ele conviveu conosco, em regime de parede e meia. Ele era o dono da casa, dividida em duas moradias independentes, alugando uma delas para meu pai. Ao que parece, tinha ganhado algum dinheiro no comércio, negociando com cereais e porcos. Imagino que daí tenha surgido o real espírito que nos atormentava, através daqueles coques terríveis. A lembrança marcante que guardo dele é de sua figura vestida de pijama, às vezes por todo o dia, até mesmo para sair à porta de casa e mesmo ir além, para um dedo de prosa no armazém da rua de baixo,

por exemplo. Com efeito, era um absenteísta completo em matéria de trabalho. Consta que tinha ganhado algum dinheiro com seus negócios suínos, mas logo depois que formou um pé de meia resolveu se aposentar, para usufruir daquele pijama, do ócio total e absoluto, de conversas fiadas aqui e ali e também daquelas brincadeiras abestalhadas com as crianças da família.

Ele tinha uma multidão de filhos, meus primos, ao todo dez, de todas as idades, desde adultos, alguns já casados, até os mais novos, quase da minha idade. Formávamos ali naquele canto de bairro um núcleo familiar relativamente harmônico aos olhos dos vizinhos, não totalmente separado por aquela parede-e-meia. Ao contrário, entrávamos e saíamos entre uma casa e outra, pela calçada ou pelo vão aberto no quintal, da mesma forma que de nossas galinhas e as deles, que comungavam ali milho e pasto. Sem maiores contratempos, diga-se de passagem. Salvo pela presença constante do patriarca em seu pijama e suas habituais e detestáveis pancadinhas em nossos crâneos. Aquilo era de amargar...

Porque não era apenas por aqueles piparotes que detestávamos aquele parente, havia mais coisas no cenário. Entre os próprios filhos, aliás, ele não era unanimidade. Os mais velhos rendiam-lhe homenagens respeitadas, enquanto os mais novos pareciam demonstrar certo espírito crítico, sem perder o temor, porém imitando seu modo de caminhar, sempre a roçar a mão pelas paredes ou estar sempre a assobiar desconexa melodia o entredentes.

Minha mãe o detestava, acusando-o de insensibilidade face aos problemas dela, como aconteceu quando fomos morar ali e ele proibiu meu pai de construir uma cobertura sobre o tanque onde ela se via obrigada a enfrentar chuva e sol para lavar a roupa da família. E ela sempre recorria a uma história antiga, quando a filha mais velha de Ti'totó foi obrigada por este a se casar com um sujeito que já havia mostrado suas garras de pessoa violenta e de maus bofes. O homem que ele escolhera para a pobre filha, sem apelação, vinha de vago conhecimento em seu mundo de barganhas agrícolas, transformando a vida da coitada em um calvário que durou muitos anos.

De minha parte, não posso negar, além das pancadas na cuca, outra lembrança desagradável que tenho dele foram algumas vezes em que ele era encarregado de levar meu irmão e eu às aulas, no grupo escolar e no jardim de infância. O local não era próximo de casa e havia várias travessias de ruas movimentadas a fazer. Mesmo naqueles tempos de pouco trânsito já havia perigo naquilo. Mas ele simplesmente navegava impávido pelas calçadas, com seu pijama, sua mão corrediça pelas paredes e seu assobio, sem se dignar sequer a verificar se o estávamos acompanhando, seja de perto ou de longe. Na beira de alguma via mais perigosa ele simplesmente estendia o braço para o lado, com a mão aberta, num sinal que nos cabia interpretar como *pare*. Nada de

palavras, ele não conversava com crianças, ao que parece. Eu, já com meus nove ou dez anos não me sentia tão desconfortável, mas sem dúvida me via como responsável pela segurança do irmão caçula, que tinha quase três anos a menos. Escapamos vivos daquilo, mas sinceramente carreguei pelos anos seguintes um certo trauma de tal descuido. Minha mãe se solidarizava com a gente, mas meu pai, admirador confesso do tio, desprezava nossos cuidados: – *é o jeito dele, não reclamem, está nos ajudando levando vocês para a escola; e nem é obrigado a tanto.*

Aliás, meu pai tinha o mesmo tipo de reação face a algumas atitudes esquisitas do pai dele e irmão de Ti'totó, o avô Teófilo, que castigava os filhos por qualquer incidente desprezível e que meu pai justificava – *é uma maneira de educar, todos precisam ser educados.* Acho que ele só não usava tal método com seus próprios filhos porque felizmente tínhamos uma mãe relativamente vigilante quanto a isso, além de mais bondosa.

Teve também a cena do barco. Foi assim: fomos visitar um parente que morava em um sítio, onde havia um pequeno açude. Dentro dele, um barco pequeno e tosco, daqueles de madeira, estreitos, com o fundo meio cheio de água. Eu e meu irmão, movidos pela curiosidade natural da infância, logo entramos ali, nos divertindo com o balanço que o tal barquinho fazia, por estar apenas com uma ponta do casco em terra firme. De repente, com pavor, nos vimos em pleno estado de navegação, com o barco já avançando por alguns metros pelo açude. E nós não sabíamos nadar. Logo nos demos conta do acontecido: lá no solo firme, Ti'totó, diante do nosso susto nos brindava com largas risadas. Ele simplesmente empurrara o barco com os pés e agora se divertia com o nosso pavor. Para tal sujeito aquilo parecia ser bem melhor do que uma boa dúzia de coques bem aplicados no crânio de alguém. Desta vez fomos salvos por meu pai, que assistia a cena de longe e resolveu intervir. Mas nem assim recriminou o tio pelo absurdo que ele acabava de perpetrar.

Ainda havia coisa pior do que tudo isso. Ti'totó era uma das pessoas mais preconceituosas que passaram pela nossa vida, mesmo naquele mundo em que reações de incorreção ética e política eram frequentes, por parte de grande parte das pessoas. Do primo que havia perdido um filho por assassinato ele chegou a dizer que a tristeza dele não se devia a isso, mas sim ao fato de ter uma das suas filhas se engravidado na mesma época, sem ser casada e sem se conhecer o pai da criança. Em relação a outro parente, viu nele, sem maiores evidências, uma depressão profunda, por ter uma filha namorando “um preto”, que na verdade, viu-se depois, era apenas um rapaz moreno, além de ser um sujeito bom sob qualquer critério.

Aqui e ali era possível perceber outros traços de seu modo de vida. Era uma pessoa sovina, minha mãe sempre notara este aspecto nele,

lembrando que em situações em que cabia dividir despesas, por exemplo, em restaurantes, por ocasião de almoços de família, sua mão penetrava nos profundos bolsos das calças – sempre de linho – e de lá não saía, a não ser quando a conta já estivesse paga. Isso se não estivesse em pijamas, claro.

A movimentação de pessoas fugidias e um tanto dissimuladas em sua porta, ao longo dos seus anos de aposentado precoce, já denunciava um outro aspecto de sua vida, a agiotagem. O sujeito mal-encarado, com que frequência andava ao lado dele, viu-se depois, era uma espécie de capanga, encarregado dos contatos mais penosos com credores renitentes.

E assim aquele homem ia levando sua vida, visto por muitas pessoas em seu entorno, meu pai na primeira linha, como real “homem de bem”, embora conhecê-lo de perto, como uma parte da família e mesmo eu e outras pessoas próximas o faziam, não confirmasse tal impressão.

Viveu muitos anos, acumulou valores e propriedades, impôs a todos uma imagem de homem correto, só um pouco excêntrico. Morreu, já na casa dos oitenta anos de idade. Enterro concorrido, não só pelas dimensões de nossa família, com um tanto de primos em graus variados presentes. Mas também porque o sujeito, surpreendentemente, podia exibir uma vistosa rede de pessoas que talvez o admirassem. Haveria também o cortejo dos explorados pela agiotagem do Ti'totó, mas estes, naturalmente, não compareceram ao funeral.

Não é que uma espécie de mestre cerimônias que apareceu no velório, um parente remoto dos Albuquerque e Possas, depois de narrar uma breve biografia do falecido, resolveu convidar algum dos presentes a prestar uma homenagem a ele? Só faltava essa... Mas felizmente não apareceram interessados. Em algumas ocasiões, pelo menos, a vida parece mostrar alguma espécie de lógica.

Que Teotônio de Albuquerque e Possas possa descansar em paz. A humanidade, sua legião de devedores, além de diversos crâneos infantis, muito agradeceriam.

Um tiro de cartucheira

Eu estava de volta àquele lugar, passados muitos anos. Não me lembrava de muita coisa dali. Mas aquela porteira, que de fato poderia ser a mesma de décadas atrás, me pareceu conhecida, assim meio bamba e desgastada pelo tempo. Também me pareceu familiar a vista daquele alto de estrada, com um largo horizonte alcançado.

Eu voltava ali depois de tantos anos por circunstâncias especiais: ia fazer uma palestra na região e devido a uma interrupção acidental na via principal, me via forçado a passar por aquela estradinha secundária. Aliás, ao trafegar por ali me lembrei, no início, apenas vagamente de ter estado lá, em circunstâncias que, logo em seguida percebi, se dependesse apenas de mim, seriam esquecidas. Mas o fato é que, se pudesse ou avisado fosse, eu certamente procuraria evitar tal trecho.

No automóvel, tentando concatenar ideias para o meu palavrório da noite, os acontecimentos antigos foram se arranjando na minha cabeça. Puxei da memória aquela semana de recesso escolar de trinta anos antes, que fomos passar, eu e três colegas de faculdade, no sítio da família de um deles. Ali nos divertimos à tripa forra, como é comum a quem tem duas décadas de vida e uma longa sucessão de anos pela frente. Noites de bebedeira, conversas intermináveis, incursões literárias e filosóficas, caçadas de tatu, andanças pelos matos em plena noite. E um permanente desejo de fazermos troça uns dos outros, por exemplo, com latas de água colocadas na porta do banheiro, que eram despejadas ao serem puxadas por cordões quando um infeliz saía do banho, naquelas noites serranas frias de se bater queixo. Ninguém se importava com aquilo, ao contrário, com mais entusiasmo se articulavam novos planos de tormentos ao próximo, tão logo fosse possível e favorável para tanto.

Zé Maria, o nosso anfitrião, filho do doutor José Maria de Benevides e Silva, o verdadeiro proprietário, era o campeão de tais brincadeiras noturnas, ao mesmo tempo que era imbatível nas discussões filosóficas, citando Kierkegaard e Schopenhauer com a intimidade de quem fala de algum Tônico da esquina. Os outros éramos eu, Dalton e Celso. Zé Maria liderava uma outra atividade, para ele um folguedo extraordinário, que era o de sair a caçadas noturnas ou mesmo diurnas, armado com uma cartucheira de calibre grosso, que acabava sendo disparada contra algum cupinzeiro, por falta de caça real. A única vez que atirou para valer em algo vivo foi no que lhe pareceu ser um ouriço-cacheiro mal divisado na noite, agarrado a um tronco de laranjeira, mas que em seguida se mostrou como morada de terríveis marimbondos, que atacaram impiedosamente o incauto caçador. Por sorte, só o agente da façanha foi atingindo pelos ditos, que esvoaçaram furiosamente ao redor do ninho semidestruído pela chuva de esferas de chumbo. Nós outros, o restante da malta, em distância cautelosa, fomos poupados, felizmente. Geralmente não fazíamos companhia a Zé Maria nessas empreitadas armadas, salvo eu ocasionalmente, que por nunca ter atirado na vida, resolvi experimentar o gosto daquilo.

Algumas vezes, por pura diversão, carregávamos a tal cartucheira com borra de café no lugar do chumbo e, com a pólvora restante nos divertíamos de dar tiros de festim uns nos outros, de efeitos curados por um bom banho, em uma guerra imaginária, que antecipava o esporte que iria se tornar popular muitos anos depois.

E assim corriam nossos dias, despreocupadamente, alterando banhos de bica, excursões de infrutífera caça, noitadas que intercalavam tertúlias intelectuais e filosóficas e peças maldosas pregadas nos desavisados. Havia um vilarejo próximo, ao qual fomos apenas uma vez, por carecermos de condução e de maiores alternativas de afazeres por lá. Como era época de festa junina, ou comemoração de Santo, estivemos em uma quermesse, onde nos fartamos de comer pamonhas e beber quentão. Mas acabamos saindo quase corridos dali, pois um dos nossos resolveu se engraçar com uma donzela local, o que fez que quase fôssemos linchados pelos parentes da moça. Já quase bêbados, saímos em louca carreira, tropeçando pela estrada esburacada e escura, e apesar do susto, nos sentimos recompensados pela pândega. Afinal, não custa lembrar, ninguém ali tinha mais de vinte anos e um estado de festa era permanente em nós.

Um dia, resolvemos ampliar nossos horizontes. Zé Maria, que por força de ser frequentador antigo daquelas paragens, tinha maior conhecimento da região, propôs a ida a uma mata relativamente fechada, que ficava a 15 ou 20 km dali. A pé, claro. E pôs naquilo grande empenho, como um grande estrategista a cuidar de cada detalhe da marcha, como se fosse uma empreitada quase militar, calculando hora de saída e volta, tempos de caminhada, flancos de abordagem do terreno, reservas de água e comidas, pontos notáveis no percurso, agasalhos etc. E mais o que não poderia faltar: a famosa cartucheira, devidamente municiada com munição de chumbo real, não mais de borra de café. Afinal de contas, segundo ele, aquela floresta prometia alguma caça, quem sabe até anta ou capivara. E para ele, a palavra de ordem era *matar*, sem apelação. Naquele tempo isso era quase banal e nisso o sujeito fazia profissão de fé.

E então, às seis da manhã, num frio siberiano, fomos despertados por Zé Maria, aos gritos, para que iniciássemos a jornada, que mais parecia a expedição para livrar da força um pai ou algum parente.

E como a coisa havia tomado ares reais de expedição de conquista, começamos a brincar de guerra, de guerrilha, melhor dizendo, porque na época andávamos influenciados pela morte de Che Guevara e pelos escritos de Régis Debray. Tudo era festa. A ilustre cartucheira passou a ser agora uma espécie de galardão, cuja posse nos revezávamos a assumir, com muita honra. E andávamos com aquilo em riste, não a tiracolo, como se procurássemos inimigos nas moitas. Nos turnos de Zé Maria, a procura da caça, que mais uma vez se revelaria infrutífera, ganhava ares de missão, ou pelo menos de verdadeira atividade profissional. Em tal jornada, verdade seja dita, não se disparou nenhum tiro, até porque já não havia muita munição em nosso paiol. E muito menos caça nos territórios então palmilhados.

E foi aí que aconteceu o fato que quase mudaria duas vidas. Uma, por fuzilamento, outra por remorso eterno. A arma estava em minhas mãos

e, de repente, teve um dos gatilhos acionado, sem que eu aparentemente o tocasse. Eu não a tinha armado para tanto e nem sei quem o fizera, talvez fosse aquele que a portava antes de mim, ou seja, o próprio Zé Maria. Mas por um milagre o cão batera sobre a espoleta do cartucho e não a deflagrou, embora chegasse a produzir uma marca pontual no metal. Eu conferi tal coisa, pessoalmente, em seguida.

Um arrepio me percorreu a espinha, ou mais, da planta dos pés à raiz dos cabelos. O próprio dono da cartucheira estava justo à minha frente e a arma apontava para seus rins. Os outros nem perceberam. Eu fui a única testemunha por um momento, mas como não consegui disfarçar o impacto moral que aquilo me provocou, tive que compartilhar com os demais o anúncio daquele desastre quase acontecido. Tivemos alguns minutos de comoção compartilhada, descarregamos e travamos a cartucheira, com um silêncio fúnebre a dominar o ambiente. Àquela altura, diante do acontecido, talvez porque as duas ou três léguas anunciadas por Zé Maria pareciam invencíveis, também por uma chuva que se anunciava no horizonte, resolvemos desistir da expedição e voltar para o conforto do sítio do Doutor Benevides e Silva.

Completamente sem graça ou ânimo, nós mal e mal tomamos uma sopinha de batatas e fomos direto para a cama, sem discussões literárias ou filosóficas, sem troças noturnas de qualquer espécie. De minha parte, tive uma noite de sobressaltos, com pesadelos com pessoas agonizantes, afogadas num mar de sangue e vísceras expostas.

Tudo teria ficado por isso mesmo se não fosse a sequela que me apareceu tardiamente.

Foi assim: coisa de quatro a seis anos depois, eu estava num jantar de família e de repente um parente mais velho, com o qual, aliás, eu não simpatizava muito, me indaga à queima roupa: *conta pra todo mundo aquela história da carabina que quase disparou em suas mãos*. Eu me fiz de desentendido, mas ele insistiu, citando o local, os personagens e até a data aproximada do ocorrido.

De novo uma onda de frio e mal-estar me percorreu o corpo. Como podia ser aquilo? É bem verdade que nós, os diretamente envolvidos, não havíamos feito nenhum pacto de silêncio explícito na ocasião, embora isso parecesse óbvio. Mas como aquele intrigante ficara sabendo do que acontecera naquele dia fatídico?

Não. Nenhum dos quatro participantes da excursão, com certeza o conhecia. Não pude confirmar isso diretamente com eles, pois nossa convivência já havia terminado após a formatura na faculdade, mas as probabilidades eram praticamente zero. Talvez ele soubesse por uma terceira – ou quinta – pessoa, por sua vez informada por alguma das testemunhas diretas.

Como saber? Indagar diretamente ao parente seria correr o risco de fazer com que a situação se agravasse ainda mais, porque ele era conhecido pela indiscrição e falta de noção nas coisas que dizia e fazia. Frequentava nossa casa por obra e graça de meu pai, que o respeitava, dados os laços familiares. Para ele, gente de seu sangue era sagrada. Mas não era, de alguma forma, querido por nós, seja por minha mãe ou meus irmãos. Um tanto grosseiro, eternamente desempregado, buscando e monopolizando a atenção nos grupos onde estivesse presente. E de uma escassez de repertório verdadeiramente chocante para se manifestar ou alimentar conversas.

Naquele momento fui salvo pela chegada de mais um parente, que logo atraiu as atenções da mesa – com a vantagem de ser este, pelo menos, uma pessoa tratável e querida por todos.

Mas não parou por aí o meu temor. Na visita anual que o tal primo fazia a meu pai, por ocasião do aniversário deste ele fazia questão de retomar o assunto ao me ver, e o que é pior, geralmente na presença de outras pessoas, embora já da segunda vez que ele o fizera eu lhe disse, com bastante energia na voz, não saber do que se tratava. Ele, no seu modo habitual, chegou a me ironizar, dizendo qualquer coisa como *ora você está perdendo a memória muito cedo...*

Suportei isso por anos a fio, até que um dia chegou a notícia que não deixou de me alegrar: o sem-noção morrera por um infarto agudo do coração.

Fim do meu pesadelo, pensei.

Descansei disso por vários anos, mas um dia, ao visitar um outro parente do meu pai a quem não via há muitos anos, que vivia na cidade natal da família, também primo do detestado novidadeiro, eis que aquele me brinda com uma acolhida inesperada: *é você o moço que quase matou um colega com um tiro de cartucheira?*

Calei-me dessa vez, resignando-me ao fato de ter sido condenado por um crime que não cometi; aliás, que nem aconteceu. Achei que seria de bom tom rezar uma missa pela alma do meu indesejado parente. Quem sabe assim eu obteria o descanso que julgava merecer!?

A luta mais vã

Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos /
mal rompe a manhã. / São muitas, eu pouco.
CDA – O Lutador

Hoje ganho a vida fazendo tal trabalho... Tenho uma certa vergonha em dizer isso. Me anuncio até em *outdoors*, em ruas próximas às faculdades:

melhoro sua monografia. Já mandei fazer faixas e folhetos. Para ser mais fiel à verdade eu poderia ter dito *escrevo*, ou *faço*, ao invés de *melhoro*. Mas algum pudor ainda me resta.

Não me considero um falso intelectual ou coisa assim. Se alguém quiser usar palavras feias contra mim, que o faça para esses, digamos assim, *clientes*. Eu tentei ganhar a vida por vias mais usuais do que essa. Sou formado em letras e literatura. Comecei minha vida dando aula na rede pública, mas depois de quase apanhar na sala de aula mais de uma vez, resolvi mudar para algo menos arriscado. Fui fazer mestrado em literatura, tentando fazer a decodificação, para o mundo atual, da poesia portuguesa do século quinze. Sá de Miranda, foco de meu estudo, é o meu poeta predileto, desde sempre. Dissertação defendida, emprego, que era bom, nada de aparecer. Tentei redação de publicidade, mas a agência onde eu trabalhava fechou por causa da pandemia. Peguei aulas em um colégio de freiras, mas colocaram tantas restrições em relação aos livros que eu recomendava aos alunos, que no final do ano nem renovei o contrato com elas.

E foi aí que vi um desses cartazes anunciando aperfeiçoamentos nas monografias universitárias e pensei comigo: *eu com certeza faço isso melhor do que eles*. E não tive dúvidas, entrei de sola neste campo. E vou ser sincero: dá para ganhar um dinheirinho. Com alguma diversão ocasional também, principalmente se você não se levar muito a sério, bem como a tal tarefa em si, sem falar dos demandantes.

Imaginem vocês o primeiro desses intelectuais de araque que me procurou, um verdadeiro iluminado. Estudante de História, à falta de outro assunto, resolveu procurar algo de impacto, optando assim por fazer sua monografia sobre a Inconfidência Mineira. Trouxe algumas anotações, que li a duras penas – e de cara me arrependi de não cobrar também pelo sofrimento que tive em decifrar aquelas garatujas mal-arranjadas. Naquele rascunho não havia nenhuma referência à Revolução Francesa, ao Iluminismo, à Arcádia, a personagens como Voltaire, Diderot, Thomas Jefferson, Tocqueville, Claudio Manuel, Benjamin Franklin e outros. Suas ideias se atinham apenas às peripécias de um dentista prático pelas estradas das Minas, como se ele fosse o único personagem do levante anticolonial. Ele queria, enfim, como me disse, se “concentrar” apenas nas façanhas de Tiradentes, achando que o resto apenas “complicaria” demais o tema que ele escolheu. Sabe aquela história do *crioulo doido*? Pois é: era mais ou menos isso que me era apresentado pelo cliente.

Topei a parada, cobrando um pouquinho mais caro do que estava inclinado a fazer. O grande historiador nem reclamou, o que já me ajudou a definir melhor o que eu poderia chamar de uma “política de preços” de meus serviços daí em diante. Mas não posso negar que ele me foi grato, ao me encaminhar alguns colegas, seja da História ou de outras áreas, que padeciam do mesmo problema, ou seja, falta absoluta de inspiração

e conhecimento para fazer uma monografia universitária que justificasse tal nome.

Ah sim, resolvi o problema do tal sujeito com duas ou três leituras, que acessei pela internet, sem maiores “complicações”, diga-se de passagem.

Na esteira deste aí me veio outro, estudante de veterinária, que queria demonstrar a inocuidade das vacinas. *Quais vacinas?* Indaguei. E ele, sem titubear: *todas!* Perguntei se ele já tinha lido alguma coisa sobre isso e me respondeu que sim, tinha lido, de passagem, uma entrevista de uma doutora “japonesa” de São Paulo sobre o assunto, mas que acumulara “ao longo de sua vida” uma série de evidências sobre tal tema. Fiquei pensando qual seria o significado, para ele, das palavras “ao longo da vida”, considerando que ele talvez mal tivesse ultrapassado a barreira dos vinte anos. Este aí eu dispensei, alegando excesso de trabalho.

Mas não posso negar que com essa nova “profissão” (digamos assim) minha vida mudou. Não que venha ganhando muito dinheiro desde então, mas bem que me divirto com as ousadias intelectuais da moçada.

Há também os que aparecem absolutamente sem uma ideia ou um tema a desenvolver. Nada... Com estes aí a tarefa é árdua. Tenho carregado na pasta um exemplar de uma antiga enciclopédia juvenil chamada *O Tesouro da Juventude*, para ver se ao folheá-la estes indecisos encontrem, finalmente, uma motivação. Mas nem sempre dá certo.

Não posso me queixar. Chegam às minhas mãos, além das inquestionáveis verdades sobre a ineficácia das vacinas, coisas tão extraordinárias como um estudo sobre a catacrese em Camões; a influência de Frei Caneca no desenvolvimento do Frevo pernambucano; a possibilidade da fotossíntese em animais; a refutabilidade da teoria da esfericidade dos astros; a ontologia das anedotas lusitanas no Brasil; as relações entre o hábito de mascar talos de capim e a cárie dentária; a pesquisa do gene da felicidade; a relação entre a gramatura do papel higiênico e as hemorroidas; a regularidade dos ciclos menstruais e as fases da lua; a numerologia e o destino das pessoas; a incidência familiar da produção de gases intestinais; as propriedades afrodisíacas do talo de mamoeiro; o extrato de baratas como indutor da imunidade em ratos; os anacolutos na obra de Augusto dos Anjos; a cueca samba-canção e a fertilidade masculina; a salubridade do uso (ou não) de calcinhas pelas mulheres; a comparação entre linguagem denotativa e plurissignificativa no modernismo brasileiro; a semântica da pornografia sexista; o uso das metáforas, hipérboles e elipses na música brega; o racismo em Castro Alves; o preconceito *indiofóbico* em José de Alencar; o sexismo e o etarismo no Sítio do Picapau Amarelo; o erotismo em Machado de Assis; a dissimulação em Guimarães Rosa; o bolsonarismo à luz do Ptalopep; a relação entre a primeira relação sexual em meninas e seu mês de nascimento; a cor da pelagem e a incidência de carrapatos em caprinos; o uso de produtos lácteos e a intensidade de odor dos flatos; as práticas

sexuais heterodoxas entre evangélicos neopentecostais; os fatores culturais da crença em objetos voadores não identificados; as narrativas de quase-morte e de regressão a vidas passadas entre moradores de rua; a intolerância ao coentro e a violência contra as mulheres que cozinham... e assim por diante. Isso para citar apenas alguns exemplos mais marcantes.

Depois de tantos anos neste ofício, nem sei mais em que acreditar ou pensar. Às vezes me pego observando um caminho de formigas e imaginando qual a relação entre a direção de suas fileiras e a viabilidade das florestas de permacultura. Nossa! Acho que estou de fato com o juízo mole. Afinal de contas eu preciso ganhar a vida. Ao fim e ao cabo, pena que eles sejam tantos, enquanto eu, lamentavelmente, muito pouco, como disse o poeta.

Agora me vem essa coisa de ChatGPT... Só me faltava essa: não bastassem aqueles adolescentes agressivos, as freiras repressoras e os universitários prenhes de imaginação descabelada, parece que meu trabalho vai acabar sendo engolido pelas máquinas!

Uma mala misteriosa

Eu tentava, de maneira muito desajeitada, consertar um pedaço de cerca de arame farpado, junto com meu filho, então adolescente, quase ou mais desajeitado do que o pai, mas carregado de boa vontade. Eu comprara recentemente aquela terra, buscando apenas um bom lugar para descanso. O estado era de desmazelo geral, com uma casa de construção interrompida, onde habitavam algumas galinhas e outros bichos. Havia cerca, mas aquilo na verdade nem merecia este nome, sendo em muitas partes formada por um ou dois fios de arame, se arrastando pelo chão, entre paus carcomidos pelo cupim ou pela podridão da madeira velha.

Eis que ele se aproxima, dando vista de quem queria ajudar. Pequeno, mulato claro, magrinho como ele só, idade indefinida, mas certamente passando dos setenta, bem sertanejo, foi logo dizendo aquele *‘tarde moço*, típico dos roceiros.

– *Boa tarde, tudo bem? Acho que estamos levando uma surra dessa cerca...*

- *Mas ‘cês não estão fazendo a coisa direito... Não tenho nada com isso, mas posso ensinar...*

Foi em sua casa e veio armado com um simples martelo e alguns pregos. Com uma pequena acha de pau, firme, jogada pelo chão, improvisou uma alavanca. E agora munido de tal ferramenta, esticou os fios bambos do arame, dando-lhes logo a tensão de cordas de viola, com cuidado para não romperem, pois estavam também marcados pelo tempo, com ferrugem evidente. Com os fios esticados, no jeito, ficou fácil utilizar

aquele martelo e alguns grampos, para fixá-los nos postes remanescentes.

Pegamos de papo, agradecidos e ali mesmo nos apresentamos (e fomos apresentados) a uma figura marcante: José Osmânio, dito *Zé Lapicho*, ou *Seu Zé*, meu vizinho, meu amigo, com quem convivi e aprendi muitas coisas, durante mais de 20 anos de convivência afetuosa e respeitosa. Prova disso é que, um dia, sabendo do meu interesse pela cultura sertaneja e também devido a acolhida que eu lhe dedicava, me disse que preparara uma surpresa para mim. E assim fui apresentado ao *artificio*, uma ferramenta produtora de fogo, um verdadeiro isqueiro caipira, formado por um tipo especial de pedra, o *figado de galinha*; uma pequena barra de aço de facão, devidamente temperada no fogo; um recipiente feito de chifre, que ele denominou *cornimboque*. E assim, ao se bater na pedra com o aço, saltavam pequenas fagulhas que iam incendiar, depois de algumas assopradas, o algodão que estava inserido no tal cornimboque. Simples assim.

Faleceu anos depois, com idade ignorada, mas certamente passando bem dos noventa. Não pude levá-lo ao pequeno e tosco cemitério da Vila e lamentei por isso. Mas Zé Lapicho, mesmo depois de morto, continuou presente: não posso me esquecer da cena, um mês depois de sua morte, em que eu e seu filho nos abraçamos e choramos, juntos, copiosamente aquela perda tão sentida.

Compartilhamos, por um tempo, uma história singular.

Na casinhola onde ele morava, defronte ao meu terreno havia uma espécie de anexo. Para falar a verdade nem sei como aquilo ainda estava de pé, com paredes em que sobravam apenas restos de reboco, telhado em que havia telhas inteiras e buracos em quase igual proporção, janelas e portas totalmente devassáveis, deixando entrever um interior escuro e tosco, onde mal se via um catre e uma cadeira capenga. Supus que meu amigo deixasse aquela tapera ali apenas para esperar a hora de demolí-la. Um dia lhe indaguei, meio de brincadeira, se não tinha medo de aquilo lhe desabar na cabeça. Ele coçou a testa, dando a entender que realmente tinha preocupações com tal possibilidade, mas respondeu que não podia, por enquanto, fazer isso. Então resolveu me contar o porquê, numa história curiosa.

Alguns anos antes tinha cedido a casinha para um recém-chegado à vila morar. Ele não o conhecia, apenas lhe fora recomendado por alguém dali – e ele nem se lembrava mais quem era este – mas acedeu.

O novo morador veio com armas e bagagens, mas isso é apenas modo de dizer, pois não tinha mais do que uma mala e algumas sacolas. Roupas, aparentemente, só as do corpo. No mais, um cobertor, duas ou três panelas e pratos de folha. Combinou com ele um valor de aluguel, de pequena monta e ficou morando ali. Muito discreto, jamais deu ao meu amigo qualquer indicação a respeito do lugar de onde viera e de qual seria seu propósito de estar ali. Passava a maior parte do tempo dentro de casa, aparentemente preso a leituras, talvez, também, a alguma escrita. Em

algumas madrugadas, saía para um giro pelas redondezas, para logo em seguida se recolher à tapera, que, aliás, à época de sua chegada, talvez ainda apresentasse melhores condições de conservação.

O pouco que Seu Zé conseguiu saber dele era de que esperava alguém que viria de fora, para lhe trazer um objeto ou valor muito esperado, que o tal inquilino especificava muito bem o que seria. Poderia ser algo que lhe deviam, segundo a interpretação de meu amigo.

Foi ficando por ali. Pagou o primeiro aluguel adiantado e a partir do segundo mostrava ao Zé Lapicho um caderno de anotações, com supostos registros da dívida, garantindo, porém, que quitaria tudo quando lhe chegasse de fora o que esperava. Isso, entretanto, nunca aconteceu e o senhorio também não se ocupou de cobrar, pois tinha o estranho como um bom vizinho, que ocasionalmente até lhe ajudava na capina do quintal, em algum reparo urgente no casebre e no cuidado com as galinhas.

Qual era o nome do tal homem? Meu amigo disse que uma vez perguntou, mas, por ser diferente do comum, logo se esqueceu do mesmo. Lá uma vez ou outra o homem saía dali para ir à cidade, deixava a porta trancada com um cadeado que trouxera, mas voltava sempre ao cabo de dois ou três dias, carregando previsíveis embrulhos, que pareciam ser apenas as compras do mês. Nunca demonstrou qualquer aumento de seu modesto patrimônio, feito por cobertor, roupas velhas e esgarçadas, além do deplorável vasilhame de cozinha. Com aquilo chegara ali, com aquilo vivia.

E assim foram se passando os anos. Um dia, o estranho avisou ao Zé que precisaria fazer uma viagem de maior duração, talvez demorasse fora algumas semanas, ou meses. Mas que pedia a seu bom amigo que lhe deixasse guardar as coisas no casebre, até que voltasse, pois era sua intenção continuar morando ali. Na saída dele, Zé observou que o inquilino levava apenas uma sacolinha, deixando para trás a mala e demais pertences.

Eu insistia: mas isso foi há quantos anos? Ele ficava em dúvida para responder, então me disse que foi antes de seu último neto nascer – e o tal garoto já falava grosso e até tinha bigode. Ou seja, deveria ter pelo menos uns quinze anos que aquele homem havia partido. Melhor dizendo, desaparecido. Mas abandonara ali uma mala...

Queira-se ou não, malas abandonadas sempre despertam suspeitas. Nesses tempos de terrorismo internacional, então, nem se fala. Mas evidentemente tal não era o caso daquela mala tosca deixada num casebre nos sertões goianos. Um escritor de mistério certamente se lembraria de colocar ali os restos esquartejados de alguém, ou pelo menos um esqueleto. Não devia ser o caso presente; ou quem sabe? O fato é que aquela mala *misteriosa* – digamos assim, à falta de outra palavra – começou a despertar minha vontade em descobrir o segredo que ali se escondia.

Um dia revelei, com alguma cautela, minha curiosidade ao Zé. Para minha surpresa, ela me disse que já estava pensando nisso há algum tempo, pois realmente se dera conta que aquela viagem “de algumas semanas ou meses” havia esgotado seu tempo de espera. Além do mais, chegara à conclusão que já passava da hora de se demolir a tal tapera, que a cada dia se deteriorava mais, arriscando-lhe a própria segurança. Combinei com ele, assim, que em próxima oportunidade faríamos a abertura da mala, eu gostaria de assistir aquilo.

Voltei ao Sítio algumas semanas depois, ansioso com a perspectiva da revelação do segredo, porém realmente sem muita expectativa de que ali se escondesse algum mistério polpudo. Assim fomos Seu Zé e eu, finalmente, ao grande desfecho. Abrimos a tapera, com uma nuvem de poeira desabada sobre nós pela porta há muito travada. Uma nuvem de morcegos nos saldou, augurando, aparentemente, que aquilo ali prometia alguma coisa fora do normal. A mala estava jogada a um canto. Eu nunca a havia visto antes, era uma daquelas feitas de papelão, ou material parecido, com alças e fechadura, como se usava antigamente, e estava derreada a um canto, meio encostada na parede, bastante deformada pelo tempo e pela umidade. Aliás, se parecia com tudo, menos com uma mala, para dizer a verdade. Ao trazê-la para um lugar mais claro, me pareceu que iria se desmanchar no caminho, mas resistiu, não sem antes nos dar um banho de poeira, detritos de cupim e provocar em mim espirros sem conta.

Hora de abri-la, finalmente.

Zé Lapicho se antecipou com seu proverbial canivete e forçou a fechadura, já bastante enferrujada, que cedeu sem opor maior obstáculo. E lá dentro havia... nada mais que livros. Livros sem conta! Mas nada de filosofia, literatura ou mistérios em geral. Apenas uma profusão de antigos almanaques de farmácia, singelas publicações que não se usam mais, contendo curiosidades, piadas, informações sobre moléstias e, principalmente, propaganda abundante de remédios, geralmente do tipo popular. Isso e nada mais, a não ser muita poeira e muito mofo, com histórico de anos. Uma peça, por assim dizer, arqueológica. Além de um material com mostras de manuseio intensivo, sem dúvida.

Então aquele homem passava seus dias, semanas, meses e anos a ler aquilo! Ausência total de mistério... Ou melhor, o mistério era exatamente este: que proveito ele tirava daquilo? E para completar, que homem era aquele, vindo não se sabe de onde, de identidade desconhecida, sempre a esperar algo que nunca chegou, que se entretinha com charadas e propaganda de remédios, e que da mesma forma que apareceu, desapareceu um dia? Pensando bem, havia muita coisa misteriosa naquilo. Interpretar é que seriam outros quinhentos.

Mas pensei: na vida sempre há mistérios, principalmente para quem sabe procurar. E de onde menos se espera, de almanaques de farmácia a propagandas de remédios, podem surgir grandes revelações. Tudo não seria muito diferente do que parece ser à primeira vista? De nada sei,

mas penso que é melhor procurar uma resposta mesmo diante de mínimas evidências, como na história desta mala abandonada.

De toda forma, quando voltei à minha casa, dei uma limpada geral nos armários, entregando aos cuidados dos lixeiros uma caixa contendo velhas roupas e sapatos, livros, revistas, além de utensílios diversos. Sem nenhum mistério associado. Preferi assim, antes que algo fosse criado a partir de tais objetos.

Um Santo Homem

Dom Luiz Soares de Azevedo, grande homem, virtuoso sacerdote. Chegou nomeado Bispo em minha cidade e só não foi a Arcebispo ou Cardeal por ser, por assim dizer, um exagerado, mas na modéstia que lhe era peculiar.

Sei da história dele o bastante para reconhecer e propagar suas virtudes e, principalmente, a boa bizarrice de suas atitudes com a vida e a batina.

Nasceu de família pobre e acabou no seminário ainda adolescente, pelas graças de um parente cônego. A vida eclesiástica era uma constante na família, alcançando tios e primos em diversos graus. Mas de uma longa série de irmãos ele foi o único a seguir tal caminho. Ordenado padre foi enviado a paróquias remotas, onde primou pelo zelo religioso e pelo exercício de uma liderança social sempre reconhecida. Deixou marcas por onde passou, seja pelos sermões inspirados ou por obras materiais visíveis, como orfanato, casa de idosos, abrigos e outras. Nunca se empenhou em construir novas igrejas, todavia, alegando que não era isso o que de fato interessava ao Todo-Poderoso. Montado em um velho Chevrolet percorria cada biboca de sua alçada, pregando, aconselhando, confessando, casando ou batizando quantos lhe aparecessem pela frente.

O primo cônego dizem, recomendou ao Arcebispo que se lembrasse dele em futuras promoções. E assim ele foi subindo de paróquia em paróquia até que um dia, para surpresa de ninguém, a não ser de si mesmo, fui nomeado Bispo na minha cidade, a principal de nossa região, onde pude conviver com ele por alguns anos.

Um sujeito especial. Baixinho, rosto inclinado para o chão, tímido, voz quase sussurrante (a não ser em seus sermões), sempre vestido com batinas que lhe excediam no talhe, já que as ganhava das beatas, que por sua vez as mandavam fazer não se sabe em que tipo de alfaiate. Dom Luiz era, por assim dizer, uma pessoa quase invisível, dada sua enorme discrição, mas por onde andou era um gigante, deixando sempre rastros que o fizeram querido e admirado. E em torno dele se

criou um verdadeiro folclore, com as narrativas de suas intervenções, casos, frases, ações surpreendentes – e até algum humor.

De tudo que se conta, quando ainda era apenas pároco no interior, história bizarra é a do dia que salvou o farmacêutico da cidade de um suicídio. O homem tinha sido enganado pela mulher com seu melhor amigo e mesmo disposto a perdoar o casal adúltero, desesperou-se com a notícia que os dois fugiram da cidade para levar uma vida longe de qualquer escândalo. Tentou se suicidar, primeiro com uma mistura tenebrosa de drogas de sua própria farmácia, mas não obteve seu intento. As más línguas logo se fizeram presentes, dizendo que o homem era tão incompetente em seu ofício que nem nisso lograva sucesso.

Passada a ressaca da carraspana farmacológica, o pobre boticário sobe ao telhado do sobrado do estabelecimento, onde já nem conseguia dar expediente e ali passa a caminhar em visível desorientação, com evidentes sinais de que ia dar prosseguimento à sua falhada tentativa anterior.

Nisso alguém vai atrás de Dom Luiz, amigo do casal, que acorre pressuroso e chega sem ao menos tentar dialogar com o homem a partir do piso onde estava. Ao contrário, ele pede uma escada, sobe ao telhado, ajeita-se ali ao lado do quase suicida, que a esta altura aceita parar de se mover nas alturas, e dá início a uma conversa ao pé do ouvido por longos minutos. Finalmente descem, com o Bispo a conduzir o homem discretamente à casa paroquial, onde passam o resto do dia em confabulações secretas.

O resumo da ópera foi o fechamento da farmácia por algumas semanas, até que o boticário retornou de onde estava, ninguém sabendo em que lugar, com a reabertura do estabelecimento, sem outras explicações. Como se não bastasse, em poucos meses passou a morar junto com a vistosa mulata que desde muito lhe fazia a faxina na farmácia. Dizem que Dom Luiz lhes abençoou a união e que só não os casou porque a adúltera sumira no mundo e não havia como, canonicamente, anular aquele casamento malsucedido.

De outra feita o chamaram para exorcizar um roceiro que sem mais nem menos chegara em casa, no meio de seu expediente no milharal, e começara a quebrar móveis, louças, aparelho de rádio, e ainda a perseguir mulher e filhos com um porrete nas mãos. Não sem antes fazer diversas tentativas de colocar fogo na casa. Luiz, apenas um pároco na ocasião, estava em visita pastoral pela região e foi chamado a dar uma solução ao caso, que a todos parecia uma possessão demoníaca.

Antes de se munir de um crucifixo e rosário, entretanto, ele preferiu conversar com o homem, com a mulher e outros familiares, a respeito

de seus hábitos anteriores. O provável endemoninhado havia se recolhido aos matos vizinhos e para lá o padre Luiz dirigiu, chamando-o pelo nome e convidando-o a conversarem. Determinou que ninguém o acompanhasse de perto. Teve sucesso em sua estratégia, porque passada uma meia hora, quando os circunstantes á pensavam em intervir, ele foi visto saindo da capoeira de braço dado com o infeliz, logo o levando até sua casa e em seguida até a cidade, onde o deixou aos cuidados do doutor. E este, aliás, já conhecia bem o caso e inclusive avaliou que o problema estava acontecendo por conta de que o paciente havia abandonado, fazia algumas semanas, o tratamento com antipsicóticos que lhe fora prescrito. Caso resolvido, portanto.

Para concluir, o vigário fez correr uma rifa na cidade e praticamente remobiliou, quase por completo, a casa do infeliz casal, que já era pobre o suficiente para ainda ter que arcar com os custos de um acontecimento desastroso como aquele.

De outra vez um marido relapso com seus deveres conjugais, inclusive distribuindo afetos por toda a vizinhança, foi chamado às falas por ele e a partir daí ninguém mais o viu em botequins e bordéis. É o que dizem...

Mas no meio de tanta virtude tinha também umas fagulhas de mundanidade. Não, não era caso de rabo de saia, isso não. Nesse quesito, Luiz era rigoroso ao extremo. Era cercado de mulheres sim, mas apenas de beatas de má catadura, que o vigiavam, cozinhavam para ele, lhe lavavam as roupas e cerziam suas meias e cuecas com o zelo de corujas com seus borrachos. A vida mundana de Dom Luiz tinha um só nome: *Truco*! Ah, ele se pelava por uma boa mão de carteador! E tinha até sua própria roda, onde era tratado com as honras merecidas, formada pelo gerente do Banco, pelo Promotor, pelo Tabelião, pelo vice Prefeito, por mim, que era na ocasião advogado e Procurador da Prefeitura, além de um ou outro convidado ou agregado ocasional.

Ali Dom Luiz dominava o cenário, sempre com sua voz de sussurro e sua postura cabisbaixa: *é truco pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, meu filho! É seis e você chega pra lá! Olha que eu convoco o Arcanjo Gabriel para lhe expulsar daqui...* Todos achavam graça naqueles modos e mais ainda o respeitavam – e não era para menos. Com Dom Luiz não tinha jeito de se fazer diferente. No arremate, lá pelas dez da noite, porque o Bispo era precoce em seu sono, servia-se um licorzinho de jenipapo e os trabalhos eram dados por encerrados.

Um dia apareceu na roda um jogador novo. Era sobrinho ou primo do Tabelião e ao contrário dos demais membros, todos passados dos sessenta anos, este tinha no máximo trinta. Chegara ali por convite do seu parente, também dono na casa, que avisou que o rapaz era gente de bem – um requisito fundamental para alguém se assentar naquela mesa

– e que além do mais se pelava por um bom joguinho de truco, sendo também um bom jogador (outro requisito).

Feitas as apresentações foram distribuídas as cartas e a mão começou. De saída notou-se que o recém-ingressado era um tanto inquieto, mexendo-se muito na cadeira e fazendo suas trucagens com certo espalhafato, o que era excepcional ali. Neste dia, Dom Luiz estava com sorte excepcional, as mãos sempre lhe saíam *cheias*. E o jovem, ao contrário, tinha o total azar de seu lado. Lá pelas tantas, depois de o Bispo ter ganhado três ou quatro rodadas sucessivas, a sorte finalmente pareceu sorrir ao recém-chegado. Ele se impou todo, como um pavão ou um peru e tonitruou aos quatro pontos cardeais: *é truco, safados!* Botinas pressurosas rapidamente lhe pisaram os pés em sinal de advertência. Ninguém, até então, ousara proferir algo assim na frente do Bispo. Mas dessa vez o Promotor tinha a *manilha*, fazendo o estouvado adventício recolher o rabo entre as pernas.

Mas o pior ainda estava para acontecer. A onda de sorte do novato ainda não passara de todo e logo depois ele achou que a sua vez de trucar havia chegado de fato. E o fez com o modo intempestivo de sempre. Lá de seu cantinho Dom Luiz sussurrou: *é seis, meu filho, pela graça de Nosso Senhor e da Virgem Maria...* O novo sortudo agora estava com tudo e mais alguma coisa e sabia que o Bispo não poderia levar a melhor naquela rodada. E já irritado com aquela parcimônia verbal, resolveu botar pra quebrar no recinto, no velho modo a que estava acostumado nas rodas de jogo entre seus pares em outras mesas mais profanas. E aos gritos fuzilou: *pois é doze, seu bispinho filho da puta...*

Constrangimento geral, desculpas em salvas repetidas. Só Dom Luiz não se abalou com aquilo. Foi até o mancebo, agora exangue num canto da sala e colocou as mãos em sua cabeça, a abençoá-lo: *pois é meu filho, coisas da vida, né? Jesus Cristo te abençoe. Volta na semana que vem para a gente jogar mais.*

Assim era Dom Luiz.

Ele foi capaz de atravessar incólume todas as mudanças que a Igreja Católica experimentou a partir dos anos sessenta. Passou, por exemplo, a rezar a missa em língua pátria e de frente para o público, sem maiores contratempos ou dissensos, da mesma forma que abandonou o púlpito para fazer seus famosos sermões, passando a discorrer com mais proximidade a seu rebanho, andando para lá e para cá na nave da igreja. Adotou também o costume de colocar vários dos fiéis em posição de destaque nas missas, às vezes até o substituindo nas homilias.

Passou a fazer batismos e casamentos de forma mais esporádica, pelas suas atividades burocráticas na Diocese, mas adotou novos hábitos criativos em tais celebrações, pedindo salvas de palmas para os noivos ou pagãozinhos incorporados ao rebanho de Deus. Quando achava que

o “sim” de um dos noivos não tinha ênfase suficiente obrigava-o a repetir a palavra até que esta fosse quase gritada, debaixo de risadas gerais. E a admiração dos fiéis por ele só crescia.

No final da vida fez o que ninguém esperava. Passou a andar de roupas esportivas pela cidade, reservando a batina apenas para as celebrações e encontros importantes. Cansado de benzer instalações e placas comemorativas, bem ao gosto dos políticos, mandou avisar que não mais faria isso, não tendo abandonado, porém, o atendimento aos variados convites para aniversários, chazinhos e outras comemorações de paroquianos comuns.

Nos seus anos finais podia ser encontrado de pijama, na varanda da casa paroquial, cumprimentando indiscriminadamente quem passasse pela rua. E não foram poucos os convidados, mesmo desconhecidos, para entrar e tomar um café e comer um bolinho com ele, para horror das corujas beatas.

Morreu como viveu: discretamente. Um dia, simplesmente, a beata de plantão, estranhando sua mudança de hábito madrugador, deu com ele no leito em plenas oito horas da manhã. Morto, mas com uma serenidade especial, quase um sorriso nos lábios lívidos.

A esta altura eu já não morava na cidade e o acompanhava apenas de longe. Quando estive lá, alguns meses depois de sua passagem, resolvi visitá-lo no cemitério. Lá estava ele em sua habitual modéstia. Na cova singela, quase rasa, a pequena cruz de madeira crua se ornava com um ninho de pássaro. Seu construtor e morador me pareceu se espelhar no vizinho que habitava mais abaixo no local: pequeno, frágil, com a penugem clara, piando de forma discreta, pulando para lá e para cá, sempre atento a tudo que lhe rodeava.

Afinidades eletivas

Gustavo chegou da escola chorando, inconsolável. Não era costume seu. A mãe, preocupada:

- *Por que você está assim, Gugu? Conta pra mamãe o que aconteceu.*
- *Ele falou que eu tenho um nome de cobra.*
- *Nome de cobra? Que história é essa, quem lhe disse isto?*
- *Aquele menino lá.*
- *Como é o nome dele?*

- *Acho que é Renato. Vou bater nele com uma pedra.*
- *Filho, não faça isso!*
- *Não posso fazer nem isso nem nada, Mamãe? Mas eu preciso muito fazer alguma coisa...*
- *Então você faz o seguinte: diz para ele que Renato é nome de pato. E vai ficar tudo resolvido.*

Volta no dia seguinte, ainda choroso e aborrecido com a vida.

- *O que foi meu filho, agora?*
- *Ele não se chama Renato...*
- *Qual é o nome dele, então?*
- *Esqueci de perguntar...*
- *Amanhã então você pergunta.*

Volta para casa finalmente alegre, no modo *Gustavo* habitual de convivência. A mãe nem lhe pergunta nada; ele próprio se prontifica a esclarecer.

- *Sabe o Pablo, Mamãe?*
- *Quem é Pablo? Será que eu conheço?*
- *Aquele coleguinha que eu pensei que era Renato.*
- *Sim, claro, a Mamãe se lembra. O que aconteceu?*
- *Não aconteceu nada. Ele agora é meu amigo.*

Um dia depois.

- *Sabe a Manuela, Mamãe?*
- *Sim Gugu, a filhinha de minha amiga Neide, da sua idade.*
- *Ela mesmo, irmã do Joaquim...*
- *E o que tem a Manuela?*
- *Você sabia que ela falou que queria namorar comigo?*
- *Nossa! Verdade, Gugu? Quando ela falou isso?*

- *Hoje, na hora do recreio...*
- *E você, o que disse para ela?*
- *Falei que sim, mas só se o Pablo pudesse também brincar disso, com ela e eu.*
- *Você acha mais legal assim?*
- *Sim mamãe. O Pablo é o melhor amigo que tenho agora.*

Passam os dias. Não se teve mais notícia do triângulo amoroso. A mãe resolve especular depois de algum tempo.

- *Então, Gugu, quais são as novidades na escola.*
- *Chegou um menino novo lá, grandão. Ele é tão estranho... já mordeu umas crianças na sala da gente. Teve até que ir para a diretoria.*
- *Quis morder você também?*
- *‘Ni’ mim não, só no Pablo.*
- *No Pablo, coitado! E você, o que fez?*
- *Eu ‘esculpi’ nele!*
- *Cuspiu? Que coisa feia. Não é assim que a gente faz. Tem que avisar pra professora!*
- *Ele mordeu ‘nela’ também...*
- *Mas mesmo assim...*
- *Mamãe, é que eu sempre ‘protojo’ as pessoas que eu gosto, viu?*

Nisso a mãe encontra sua amiga Neide na porta da escola. Conta-lhe a novidade das intenções de namoro de Manuela com Gustavo e a resposta dele, propondo incluir o amigo. Neide acha graça, não sabia de nada. Mais tarde, em casa:

- *Gugu você não falou mais nada da Manuela... Está tudo bem com vocês.*
- *Eu nem vi ela hoje... Acho que está doente, de catapora.*
- *Acho que ela estava na aula, sim. Até encontrei com a mãe dela na porta.*

- Ah, é porque a gente quase não conversa mais...
- Mas vocês não iam até namorar?
- Ela queria mesmo. Até namorar o Pablo junto comigo. Mas ele não quis.
- Não quis? Como assim?
- Ele falou que ela tem nome de coruja... E me chamou para gente juntos namorar a Lis, que é loirinha e tem olho azul. Ele gosta mais dela. Disse que o nome dela é de tartaruginha listrada.
- E você? Gosta mais como?
- Gosto mais de quê, Mamãe?
- Olhos... Qual cor prefere?
- Eu? Qualquer cor...
- E vocês contaram para a Lis que estão interessados em namorar com ela?
- Eu não. Vou aposentar deste negócio de namorar, como o vovô fez com o trabalho dele. Agora só quero casar, mas não achei ninguém pra combinar isso comigo. Acho que sou novo ainda. E dá muito trabalho...

Passa o tempo...

- Mamãe, agora briguei com o Pablo.
- Por que, meu filho?
- Ele falou que meu nome é de cachorro.
- E você, o que disse pra ele?
- Cachorro e dinossauro são os bichos que eu gosto mais! Não estou nem aí... Pior é ele, que tem este nome que parece de 'covirus'.
- Mas vocês brigaram, de cuspir, bater?
- Não, a gente agora é de cinco anos, não briga mais. Foi cada um pra sua casa. Amanhã a gente combina o que vai fazer. Sabe, Mamãe: de noite a gente sempre pensa as coisas melhor do que durante o dia.

O Apocalipse segundo JB

Bem aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Apocalipse 1:1-3

Caminhar pelas ruas da cidade era antigo costume de João Batista, JB para os mais íntimos. Desempregado, então, fazia daquilo quase um ofício. Andava pelos quatro cantos, procurando novidades ou coisas fora da rotina, quaisquer que fossem: construções inacabadas, praças e ruas em fase de reparos, lixo jogado em lugares inapropriados, automóveis abandonados, pneus e colchões em desuso jogados a esmo, algum vazamento de água ainda não corrigido. Em uma pequena caderneta anotava tudo, *para dar parte*, dizia ele, sem declarar quem seria o objeto de tal comunicação. Se houvesse alguma criança ou criação perdidas nas ruas, deixassem com ele também.

O que importava de fato era anotar, registrar, de alguma forma fazer aquilo ganhar substância. Depois haveria de procurar o que fazer de tanta acumulação. E havia muito trabalho a cumprir, naquela vila que ele via em total desmazelo, antes de um arremate de sua missão. Depois, um dia, se veria...

Passava repetidamente pelos mesmos lugares, em jornadas que apenas gradualmente se ampliavam, sem maior pressa, todavia. Era preciso prestar contas, talvez principalmente a si mesmo, de cada canto percorrido e da inspeção de cada lote vago, antes de ampliar sua exploração cotidiana.

E foi ali, debaixo do pontilhão da estrada de ferro que ele ouviu a voz pela primeira vez. E ela dizia qualquer coisa sobre um cavalo branco, cavalgado por um homem armado de arco e flecha. E mais ainda, que tinha sido dado a tal homem uma espécie de manto, para quando ele saísse vencedor de terríveis batalhas.

A voz o chamava pelo nome, mas dizendo apenas *João*, sem usar o *Batista*, nome pelo qual era mais conhecido. Ele olhou em torno, espantado. Não por ter ouvido a voz, pela qual ele afinal já esperava há tempos, mas por não imaginar que ela lhe chegaria em lugar tão estranho, com tanto lixo atirado, cheirando a esgoto, com ratos e moscas por todo lado. Mesmo assim se regozijou, pois afinal de contas algo há muito augurado lhe alcançava.

Depois de anotar as condições do local na caderneta, se assentou no chão para ouvir melhor. Sem deixar de se preocupar com as condições do local, viu que havia muito a ser compreendido naquelas longas e complicadas sentenças que a voz lhe trazia, apontando terríveis acontecimentos. A menção repetida a palavras como *revelação* e *anticristo* lhe sugeriu que aquilo tinha ligação com algo de fundo mais religioso ou espiritual. E a

voz também lhe dizia, repetidamente: *são quatro, são quatro!* Quatro o quê? Indagou a si mesmo, pensando se poderiam ser quatro cantos, quatro ventos, quatro queijos. O que significaria isso, afinal?

A voz parecia se alterar, em modos de irritação e ameaça. Falou também de um cordeiro degolado, além de peste, de guerra e de fome. Aquilo fazia sentido para ele, ao lembrar daquela imagem inicial do cavaleiro armado e montado em uma mula branca. E a voz agora sussurrava: *João, atenção! Este é o que traz a peste em seu cavalo branco, a peste! Mesmo os que se cuidam não escaparão.*

JB ficou de fato perturbado, a cabeça agora lhe latejando com intensidade. Resolveu caminhar para fora daquele lugar, temendo que aquela voz cada vez mais ameaçadora se voltasse contra ele. Saiu dali a vagar fora de seu domínio habitual, até que se recostou à parede de uma oficina abandonada e adormeceu ali. Exausto.

Mas logo se viu desperto. Seus ouvidos, tão próximos àquela parede nua e fria, a ouviam de novo. E a voz agora falava em grandes acontecimentos, com o número *quatro* sendo substituído pelo *sete*: *sete pragas, sete selos, sete pecados*. E mais, agora chamando alguém: *Daniel, Daniel, Daniel, onde está você?* Uma coisa nova era pronunciada, lembrando mais uma vez o tom místico da conversa de antes: *um cordeiro foi morto! Pode ser uma coisa assim, João? E muita guerra virá*, dizia ainda a voz.

Não saberia dizer se dormiu de novo, se vagou mais ainda pela cidade, se voltou para casa. Só se lembrava de ter estado por outros diversos lugares, agora de volta a seus percursos habituais. Passava então por uma chácara já conhecida, na periferia da vila, quando novamente ouviu: *João, meu filho... sim, você mesmo!* E aquilo partia agora de dentro de um muro de pedras que cercava a propriedade.

E prosseguiu a voz, falando agora de um cavalo vermelho, cujo cavaleiro, ameaçador, armado de uma grande espada, seria capaz de extinguir toda a paz da terra, fazendo com que os homens se tornassem inimigos entre si. O tom ameaçador era cada vez mais assustador e isso o fez estremecer. Mesmo assim, ou por isso mesmo, resolveu seguir adiante.

Agora a voz parecia o perseguir, brotando de cada muro, mureta, cerca e até mesmo do chão cru. Às vezes apenas dizia seu nome, de forma ácida, se calando em seguida. E seguiu falando de um profeta que iria reunir seu rebanho e ao mesmo tempo travar batalhas contra os inimigos ameaçadores. E a alusão ao cordeiro morto voltava a ser repetida, inúmeras vezes, como se buscasse a vingança de um crime terrível. Um cavalo negro foi anunciado e galopando com ele o flagelo terrível de uma fome como nunca se viu antes. *Como nunca ninguém pode ter visto, João, em nenhum lugar deste mundo de Deus.*

Seguiu adiante, assustado, cada vez mais afastado de seu território habitual. A velha igreja, há tempos fechada por falta de padre, lhe pareceu bom lugar para repouso e distância daquilo que certamente lhe movia alguma perseguição. E ali ouviu mais, a referência a um cavalo

preto, cavalgado por um homem que portava uma balança de peixeiro em uma das mãos. E a voz, sempre ameaçadora, dizendo algo ainda mais misterioso, como trocar partidas de trigo e cevada por dinheiro, com azeite e vinho como parte de tal negociação. *João, presta atenção, tudo isso é muito sério, é o Senhor que quer assim!* E ouviu chamar novos nomes, além do Daniel já citado, como Zacarias, Ezequiel e Oziel, fossem lá quem fossem. Ele realmente não sabia quem seriam e qual papel teriam naquela provação que agora lhe chegava.

Seguiu em frente, cada vez mais esbaforido. De novo no pontilhão da ferrovia julgou ser possível se proteger ali. E ali a voz, mais uma vez, cresceu em tonalidade e ameaças. O personagem equino era agora uma mula ou amarelo esverdeada. *João: este é da mesma cor de um cadáver que se decompõe!* E era o quarto e último, assegurou a voz, com tal montaria sendo portadora de morte e tragédias diversas. Talvez não fosse uma mula, mas uma égua esquálida, pela hora da morte. E seu ginete era simplesmente a Morte, com todo um cortejo de seres enviados ao inferno e destinados à extinção eterna a seguindo de perto.

A voz, cada vez mais insistente e tenebrosa dizia que aqueles quatro cavaleiros e suas montarias branca, vermelha, negra e baia, estavam chegando para anunciar o fim dos tempos. *Presta atenção, João, seu pecador infeliz!* Esses aí eram os escudeiros do Anticristo e para quem bem soubesse representavam Peste, Guerra, Fome e Morte. Seus ginetes não salvariam ninguém de nada, pois eram os verdadeiros e últimos carrascos a punir a humanidade em pecado.

Ele então percebeu que não seria possível alcançar salvação para ele, aliás, para ninguém, ninguém mesmo. Tinha que escapar, no mínimo para algum lugar onde não houvesse paredes ou muros, entidades que carregavam não só aquelas notícias tão más, mas junto com isso uma feroz capacidade de executá-las.

Tomou assim a estrada principal e por ela caminhou, noite adentro e também no dia seguinte, apesar do sol, da poeira, da canícula opressiva daquela época do ano. Era preciso escapar. Ele sabia que era inocente absoluto em relação a tudo o que a voz apregoava. Não! O filho de sua mãe não seria pego, com certeza.

No dia seguinte, já ao crepúsculo, alguns trabalhadores rurais o descobriram e os homens da ambulância municipal o resgataram em seguida. Estava caído numa valeta lateral da estrada, com a cara suja de lama, língua seca como uma canela de ema, olhos vidrados. E balbuciando sem parar palavras com sentido misterioso e desconhecido, como *Apocalipse e Armagedon*, além de outras, entre as quais a palavra *Besta* se destacava. Balbuciava cheio de ira e ansiedade se alguém vira por ali quatro cavalos, ou mulas, cada qual de uma cor diferente. E invocava sem parar a proteção de São João, jogando nomes feios sobre uma desconhecida Salomé, jurando vinganças terríveis contra o ser que ele denominava *Anticristo*.

No terceiro dia sua mãe, uma humilde lavadeira que morava longe dali, veio visitá-lo no hospital psiquiátrico. E trouxe para o filho, um livro, a Bíblia, que ele, pelo que então se soube, lia com avidez havia meses, passando assim até noites em claro. Para a mãe, João Batista sempre fora uma pessoa calma e normal, sempre muito rigoroso e cumpridor de seus afazeres. Começou a ter mudanças de atitudes depois que perdeu o emprego de frentista em um posto de gasolina e se separou da mulher. Por causa disso começou a frequentar uma igreja evangélica, sendo acolhido como uma espécie de protegido do Pastor, que lhe influenciava naquelas leituras da Bíblia. Ela precisava comunicar a este homem sobre os acontecimentos dos dias anteriores, aquelas mudanças tão graves de comportamento do filho, quem sabe ele o ajudaria. Precisava só arranjar um dinheirinho para colocar o dízimo da igreja em dia, atrasado desde que JB perdera o emprego.

Com relação às palavras que ele repetia sem cessar, *Margedão* e *Pocalipes*, a mãe desconhecia o significado delas, mas sentia que era coisa que parecia importar muito ao filho. Ela só queria que fosse curado daquilo, precisava dele demais, não só como companhia para sua velhice, mas também pelos trocados que bem ou mal ele lhe trazia no final de cada duas semanas.

Ficou ali no hospital por duas semanas, sendo bem medicado, pois recuperou a serenidade habitual, sendo isso percebido com alegria pela mãe. Depois da alta, entretanto, passou a se mostrar angustiado ao extremo, quando por acaso ouvisse um eventual tropel de equinos nas ruas da cidade.

Esperando Bardot

Mulher é comigo mesmo. Já tive muitas – e para falar a verdade ainda me disponho a conhecer mais. Não. Não sou desses caras aí que ficam escondendo o jogo, se fingindo de santinhos. E nem daqueles que não arranjam nada na vida e dão para inventar histórias. Comigo, não. Se perco, faço a volta por cima – e depressa. O que me move é a beleza, a mais verdadeira que possa haver. Corro atrás disso sempre – e não me arrependo.

Julia, por exemplo, a americana. Magrinha, esguia, mas que corpo, meu Deus! Aquele olhar de gazela assustada. Eu a conheci na rua, subindo e descendo por *Rodeo Drive*. *Pretty Woman*, era como eu a chamava, porque até aprendi um pouco de inglês para usufruir melhor da companhia dela. Julinha sempre de minissaia, palmo e meio de coxas à mostra, aliás, seu traje predileto. E que pernas, Jesus Cristo! Aquilo mais mostrava do que escondia aquelas belas gambas, que lhe pareciam surgir desde logo abaixo das axilas, tão longas eram. E quando ela punha umas meias pretas, longas, até lá em cima... Nossa! Aquilo era de fechar o comércio,

não só na *Rodeo* como nas adjacências, até os altos do *Bosque Sagrado*. Ela tinha lá umas histórias meio misteriosas no passado, o modo como ela ganhava vida, antes de conhecer um sujeito rico que cuidou dela por algum tempo. Mas quem se importa? Depois cheguei no pedaço e tudo mudou, modéstia à parte. Eu a ganhei e então ela foi minha, totalmente minha, de mais ninguém. Mas a vida dá voltas. Um dia me cansei daquele charme de Los Angeles, Hollywood, Beverly Hills. Enfarei daquilo tudo, eE não foi à toa. É que eu, simplesmente, tinha conhecido Emma. E nada foi como antes.

Tinha nome de ave, mas Deus do céu, um pássaro como aquele só no paraíso. Bonita? Não, diferente! Bem inglesa, pele bem alva, um pouco sardenta. Até aquelas ruguinhas ao redor dos olhos compunham seu charme. Emma é o seu nome. Eu a conheci em Carnaby Street, Portobello Road, um desses lugares charmosos, que não eram bem seu habitat – nem o meu para falar a verdade. Depois a vi no Covent Garden, ela trabalhava num teatro por ali, não como bilheteira ou algo assim, mas como atriz principal de uma peça que já estava em cartaz fazia três anos. Inglesa até não poder mais, daquelas mulheres que um homem não esquece, principalmente se compartilhar com ela um *evening tea*, que depois da tarde entra pela noite a fora e só termina no *breakfast*, entre lençóis. Shakespereana e jane-austeniana, especialista total. Todo o teatro inglês era dominado por ela, com rigor e maestria. Mas isso não fazia dela uma pessoa sisuda, pelo contrário, engraçada que só. Dei boas risadas com ela representando só para mim aquele *Muito Barulho por Nada* do bardo. E a partir de William S. caminhava, como quem vai à esquina, a alguma peça de Albee ou Miller. Versatilidade era com tal mulher. Ninguém melhor do que ela para representar mulheres fortes em peças datadas e adaptações literárias, de Jane Austen, por exemplo. Mais sublime ainda ao representar mulheres ativas e matronais, sem se desfazer de profundo senso de ironia. Isso é o que diz a crítica, mas discordo, sendo ela própria isso aí, não por figurar algum personagem. No cinema, dois Oscar ela ganhou, por merecimento – se é que tal troféu esquisito vale alguma coisa – mas o prêmio mais importante é o que lhe dei e darei para sempre, *wonderful woman*, *great Emma*: meu amor, com qual lhe homenageio e agradeço.

Foi depois disso que me veio Claudia. Claudia Josefina Rosa, de cardinalícia beleza. Italiana temperada pelo sol mediterrâneo da Tunísia. Eu a conheci no *mezzogiorno*, filha da nobreza, fazendo parte do séquito de um certo Leopardo. Era então uma *signorina* Angelica Sedara, na corte das Duas Sicílias, e me tirou o sono durante muitos meses, até que finalmente a tive só para mim. Em uma toca povoada por Leopardos a felina verdadeira era ela. Capaz até de desprezar um Alain Delon, aquele, que mudaria tudo para que tudo continuasse como sempre esteve. Mas eu, por tanta graça e beleza, faria muito mais. Sempre lutei para ser – e fui – um homem realizado por tê-la comigo, não sendo tão nobre quanto os outros, mas sobretudo fiel e amante. Desta Claudia, minha mulher mediterrânea, posso dizer sem medo: que morena, que pernas, que

quadril, que rosto, que cintura – meu Deus! O mais não louvo por respeito e pudor. Tanta coisa linda e apaixonante em uma mulher só, a revirar as profundezas de um homem, capaz de despertar nele o furor de um Vesúvio! Esses olhos negros, enormes, tirariam qualquer um do sério; quando se voltavam para mim, me enlouqueciam. Ninguém poderia resistir ou ser curado daquilo. Eu sei, eu vi, eu senti. E pude segui-la por todos os cantos do mundo, nas ruelas napolitanas e nos subúrbios pobres de Roma, dos dois lados do Tevere; por Itália, França, Europa, América e onde mais estivesse. Homens ricos, elegantes e bem-postos que estivessem com ela, deles há muito perdi a conta, pouco me importavam. Eu sempre soube que ao fim e ao cabo era a mim que ela se chegava. O fato é que nunca houve, em nenhuma parte do mundo, a qualquer tempo, do Egito bíblico à Roma do pós-guerra, uma mulher como aquela. Falar de cada pedaço da rica escultura de seu corpo implicaria em páginas e páginas de algum tratado nunca escrito sobre a beleza feminina. E seria totalmente em vão. Pena que a tive por pouco tempo; eu não poderia competir com a força *do cash* americano. Mas pude viver a maior ventura e os dias mais gloriosos a que um homem pode sonhar com Claudia, extraordinária mulher. Um ícone! E ela esteve comigo, me dedicou o melhor de seu sorriso e de sua sensualidade. Abri mão dela, um dia, por absoluto espírito democrático. Não me julgava merecedor de ter uma deusa de tal estirpe sem dividi-la com alguém. Por sorte, a este tempo, me apareceu Sonia...

E ela saiu do nada. Ou melhor, eu a vi um dia, morena fagueira com olor a cravo e a canela, a subir em telhados. Baiana, paulista, brasileira e sobretudo universal, como o são as mulheres realmente lindas. É bem verdade que a vi ao lado de uns bigodudos machões. Mas até nisso eu os suplantava. Daquele italiano, Marcelo-não-sei-das-quantas, eu confesso que tive ciúmes, mas logo vi que aquilo não tinha futuro como relação amorosa, era apenas trabalho. E me pus a acompanhá-la, onde quer que fosse, com ela nasceu o verbo *Tietar* e eu fui dos primeiros a conjugá-lo. Pereio pensa que a seduziu, mas não contava com a astúcia amorosa de quem chegou antes dele. *Eu te amo?* Quem disse (e ouviu) isso em primeira mão fui eu. Sonia dos mil ofícios: teatro, televisão e cinema, como se diz, feitos com uma mão nas costas. Aliás, devo admitir, mulheres assim, e muitos instrumentos, inclusive na cama e na mesa, sempre me fascinaram. Sincera como ela só, certo dia me disse que não mais se despiria na minha frente por sentir que os seios lhe estavam muito caídos. Mas felizmente arrematou: você espera eu me deitar e então pode acender a luz – mas só o abajur. Modéstia dela. Mulher esplendorosa, capaz de ser ao mesmo tempo uma dama, uma freira, uma prostituta; solteira, casada ou viúva. Moreninha brejeira, puta aposentada, médica de família, mãe de família proverbial. Dona Flor de muito maridos, mas nem todos de verdade. Isso quando não subia em telhados, como quando a conheci, na figura de morena tão brasileira, com a pele e cheiro ao cravo e à canela. Os malditos americanos mais uma vez me roubaram, com seus seriados comerciais, que encheram esta mulher de dólares, mas não retiraram a admiração de um cara de bom

gosto como eu. Vez em quando nos vemos, mas agora, confesso, apesar de estar envelhecendo, me vejo interessado em mulheres mais novas. No Edifício Aquarius algumas vezes já estive com ela, mas ao tal lugar de Bacurau evito ir. Não gostei daquilo lá, me deu gastura.

E aí me apareceu esta Penélope. Entre tantas belezas que vi nela e antes dela, fui fatalmente atraído por aqueles olhos de cabra tonta. Ou de ressaca, sei lá. Disputei-a ferozmente com um tal de Javier, mas foi tarefa difícil, perdi. Fui forte, mas não tive vez. Tivesse eu em mãos um daqueles cilindros de ar comprimido a disparar projéteis certos e fatais no crânio de alguém, eu mostraria a ele. Mas arrastei a minha Cruz no calçado de Penélope por Madrid, Barcelona, Paris e Nova Iorque. E mais longe iria por aqueles olhos inverossímeis.

Fazendo um balanço em minha vida amorosa, atualmente cheguei à conclusão que a mulher inesquecível de fato, para mim foi Brigitte, aquela criada diretamente por Deus para ressignificar o senso estético dos homens. Ela povoou minha adolescência, tantos anos atrás. Fruto proibido que eu apenas pressenti, sem poder tocar, mas que não me sai da memória e pela qual sinto um frio na barriga (e um calor mais embaixo) até hoje. Ah, Brigitte, minha bebê de sempre. Eu te perdoo pelo que seus detratores chamam de *devoradora de homens*. Você pode até ter tido uma inclinação como esta, mas isso foi antes, bem antes, de conhecer a pessoa certa. Mesmo este último que te acompanha, meio facistão, surgido depois que você se desencontrou de mim, deve ter alguma qualidade que a leve a estar com ele. *Mais de cem amantes, entre eles mulheres*: a lista das infâmias a seu respeito nunca parou de crescer. Mas eu bem sei que não passam de invencionices de invejoso. Aqueles playboys que lhe quiseram botar as patas, como alguns zaguris e sachs não sabiam de nada, e por isso te perderam, como tantos outros. Bem melhores do que eles são estes cães que você protege agora. Sua pele, seus olhos, seus lábios, seus seios, suas coxas, seu ventre – devo dizer com o pudor que me é peculiar – deixam nas catacumbas da beleza todas aquelas mulheres que estiveram comigo. Nenhuma se equipara a você. Eu não te desprezei, você é que fugiu de mim, Brigitte. Por mais que te busque nos arcanos dos anos 60 não mais te encontro. Aquela mulher enrugada e de olheiras fundas, que cuida de cachorros e ataca ferozmente os muçulmanos, não pode ser você. Deve ser mais uma invenção desta imprensa suja. Para mim Brigitte, você reina. Aliás, nunca deixou de ser minha rainha triunfante. Minha procura não ficará em vão. Em algum lugar desta vida – ou de alguma outra – estarei sempre a esperar você. Se de novo lhe encontrar, juro, não lhe perco mais. Devotamente seu.

Miniscelânea

Desejo

Ela queria. Ele não, nem tinha pensado naquilo. Deixaram para depois. Ela mudou de ideia. Foram fazer outra coisa.

Modo avião

Escrevi somente uma parte. Era para ser uma coisa maior. Na aterrissagem, já não me lembrava o quê, nem para quem.

Circo

Mais engraçado do que o palhaço é o elefante fazendo cocô no picadeiro e mijando na saia da bailarina.

Menino não tem vez

Cansou de ouvir aquilo do pai, dos tios, de alguns parentes mais velhos. Da mãe, não. Um dia saiu de casa meio chateado, por este e por outros motivos. No caminho encontrou uma cigarra viva e a levou consigo. Ela cantou no bolso de sua camisa. Mais à frente havia um jogo de gude e ele entrou, convidado por um menino maior; ficou feliz com um novo amigo. Uma chuva forte molhou-o por inteiro, mas só fez aumentar seu prazer. Pensou: quem não tem vez são eles.

Des-encontro

Eu queria. Ela também. Pena que a gente não se conhecia.

Progresso

Era tido como o bobo da rua, depois enlouqueceu. Melhorou, dizem.

Ap(e)rtamento

Ao espreguiçar na janela por pouco deu um murro na cara do vizinho.

Coração

Viveu e morreu disso.

Zap

- Eu te mando uma declaração de amor e você me responde com um nome que não é o meu...

- Como?

- Teodoro. Eu sou Olegário.

- É o corretor. Quis dizer te adoro.

A compadecida

Foi ler Schopenhauer e chorou três dias de pena dele. Freud a fez procurar um padre para se confessar.

Memória

Como eu dizia... Esqueci.

Milagre

Quando saiu da confissão, chovia. Andou pela rua vários metros sem se molhar. Deus o havia perdoado de forma completa, pensou, ao ponto de fazê-lo partícipe e alvo de um milagre.

Formigas em ação

Diante do carro enguiçado na estrada o menino viu as formigas em sua faina carregadeira. Cada uma a transportar folhas muito mais pesadas do que si própria. Se juntar todas não levariam este carro para a oficina? indagou para si.

Funeral

No chão do cemitério as formigas carregam uma cigarra morta.

Platônico

Do fundo desta caverna o que vejo é a réstia de luz que me cega. Mais nada.

Pescaria

Na falta de peixes em seu anzol, voltou ao carro para lanchar. Deixou a vasilha aberta e as formigas fizeram o resto.

Domingo

Voltando para casa depois de uma visita ao hospital onde a mãe estava há meses internada, o menino se deu conta que o domingo à tarde é dia de tristeza e de desesperança. Além de ser a véspera de voltar à escola.

Pecado

O padre sentou-se do seu lado, no salão paroquial quase escuro e lhe indagou, quase a sussurrar, se ele tinha algum pecado para confessar. A voz grossa, o cheiro de cigarro e cebola, a barba por fazer que lhe roçou de leve a face, lhe deram a impressão que o único e verdadeiro pecado era aquilo.

Fantasia a Disney

Quando chegou a cena do lago com as flores boiando ao som de Tchaikovsky, de forma instintiva levou a mão à boca, como se carregasse um copo d'água para matar a sede.

Ex-post-facto

Alberto, nem sei como começar. Aliás, não sei mesmo é como terminar. Mas queria te dizer que prefiro... nem sei bem o quê. Quer saber a verdade? Não suporto mais ficar a seu lado.

Bilhete de suicida

Vivi.

Ordem unida

- Marchar! Descansar! Trotar! Acelerar! Ombro armas! Direita volver!

Não haverá um comando que venha me avisar que isso é um pesadelo do qual estou custando a acordar?

Chegada

Quando aquela morena fabulosa chegou em minha vida vi logo que estava sonhando. Mas acordei com minha mulher me acordando para ir trabalhar.

Namoro ousado

- Eu queria namorar com você, mas de um jeito diferente...

- Como é este jeito diferente?

- Como quem vai ao cinema, no escuro, senta do lado de uma pessoa que não conhece, dá uns beijos, passa-lhe a mão. Depois vai cada um para o seu lado.

- Eu topo. Mas esqueça essa parte do cinema, do escuro e de não saber ao lado de quem se senta, viu?

Decisão

A mãe queria que ele fosse estudar no Colégio Militar. – *Deixa comigo*, falou para ela. No dia da seleção entregou a prova em cinco minutos. Em branco.

Flerte

No ônibus, passou a viagem inteira trocando olhares com aquela menina loura, de olhos azuis, lacinhos cor de rosa no cabelo e vestido da mesma cor. Apaixonou-se. No dia seguinte ela não estava. Nem nunca mais.

Paternidade

Correu para contar à mãe e à sogra na sala de espera: *nasceu!*

- Menino ou menina?
- Não sei, esqueci de olhar.

Finitude

- Vovô, quando é que a gente morre?
- A gente tem que ficar bem velhinho, todo enrugado, com a cabecinha branca, usar dentadura. Não se preocupe, você está muito longe disso!
- Mas e você, vovô, por que está vivo ainda?

As pernas curtas da mentira

Saem de casa com o avô para passear. Pela primeira vez na vida vão andar de ônibus. O avô tenta não pagar a passagem do menor, mentindo sobre sua idade. A outra ataca:

- É mentira dele, moço, a gente é gêmeos!

Sincericídio

Não gosto de meu avô. Ele fala mentiras. Disse que eu sou uma menina bonita e bem-educada.

Pão-pão, queijo-queijo

Não entendo gente grande. Minha mãe quer que eu sorria, beije e abrace a prima Zenóbia. Mas quando está longe, só fala mal dela.

Vó & Neto

- Você quase nunca aparece, só vem me ver na correria, passou meu aniversário sem vir aqui ou pelo menos me ligar.
- Mas vovó...
- Além do mais, sempre me pede um dinheirinho.
- Calma vovó! Pode ter certeza eu penso muito em você!

Regalo

- Trouxe um presente lindo para você.
- Mostra.
- Aqui, nesta caixinha. Veja.
- Não acho graça em besouros verdes. O Gugu me trouxe ontem um rabo de lagartixa que ainda se mexia.

Sawyeriana

- Posso pintar esta cerca junto com você?
- De jeito nenhum! É muita responsabilidade...
- Ah deixa... O que você quer para deixar eu pintar?
- Vou pensar... Quem sabe se você me der uns beijinhos?

Cosmogonia

- Mamãe, o que é infinito?
- É uma coisa muito grande. Muito grande mesmo.
- Como o mar?
- Não, maior ainda.
- Então o infinito é o que fica depois do mar?

Pós-vida

- Mamãe como é a gente morrer?
- É como aconteceu com a vovó Maria...
- Você falou que ela virou estrelinha, mas eu vi que não foi assim. Ela estava só dormindo.

A força do pensamento

- Estou com muita raiva daquele menino que me bateu...
- Não fique meu filho. É só você parar de pensar nele.
- Não dá certo, não consigo...

- Por que não consegue?
- Só por um pouquinho. Quando volto a pensar nele fico com mais raiva ainda.

O alfaiate valente

- Mato sete de uma vez!
- Gigantes? Moscas?
- Não... Ilusões.

Sonho

- Sonhei que estava sonhando um sonho bom, maravilhoso, do qual não acordava.
- E aí?
- Nada. Era apenas um sonho.

Pai

No meu sonho meu pai estava vivo e era meu amigo.

Avô

Ele me levava para a escola dois passos adiante de mim, com suas longas pernas, sem olhar para trás. Nos sinaleiros apenas estendia a mão, como um guarda de trânsito, para que eu não avançasse além do meio fio. Mas com isso me ensinou coisas úteis para a vida.

Autonomia

Resolveu mostrar que era dono de sua vida e sabia das coisas. E naquele dia fez suas necessidades no chão da cozinha.

Memória

A lembrança de uma parreira carregada de uvas na infância, na casa dos meus avós, fez com que eu compreendesse de uma vez por todas o verso machadiano: *mudou o Natal ou mudei eu?* Mas este “ou” me parece totalmente dispensável.

Sá de Miranda redivivo

Acordei. Não de um sonho, mas de graves pensamentos. E não pude dormir de novo.

Mulher perfeita

Era a mulher de meus melhores sonhos, na mesa, na cama, na vida juntos. Mas não no nome: Severa.

Ordem e Trabalho

Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras. Cerro. O senhor vê. contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho.
João Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas

Não foi nada não, lhe asseguro. Os pipocos que o senhor ouviu não foram de briga de homem. É coisa minha mesmo, gosto de praticar a pontaria, quase todo dia faço isso. Agora, com o preço da munição pela hora da morte – desculpe a brincadeira – está ficando mais difícil. Mesmo assim não deixo de dar meus tirinhos, sempre num barranco aqui do quintal, para não acertar ninguém – Deus me livre.

Já fiz disso profissão e acho que até criei fama. Mas agora o que me interessa são essas galinhas, essa horta de couves, algum leitão que engordo para o Natal. Armas quase não tenho mais, só uma zinha a Flobé, quase um cisco de carabina, brinquedo de menino perto do que já tive nas mãos, em tempos passados. Mas isso já acabou para mim, total: o senhor fique sabendo.

Minha vida agora é outra. Vi que o senhor arregalou o olho quando eu falei que já vivi disso. Caçador? Espere que eu conto. Reparei no susto seu quando falei de coisas minhas, antigas. Não me ofendi. Longe de mim fazer qualquer julgamento de pessoa tão educada, cidadão de verdade, como é o senhor. Não carece dizer que espero isso das outras pessoas também, e do amigo mesmo, por que não? Mas relevo seu jeito de me olhar, os costumes daqui sempre foram meio brutos mesmo. Gente que vem de fora, ainda mais se for mais fina, como o amigo, não está acostumada, e com razão até estranha. Agora está melhorando, mas tem umas coisas agarradas em demasia na cabeça das pessoas. Ou será na alma delas?

Viver de arma na mão, de tocaia, preferir um fundão de mundo para morar... Não, não era bem de caçadas que eu vivia. Ou um pouco disso, sim, dependendo do bicho em que se pense. E se eu disser para o senhor da natureza desse que eu caçava, sem penas, sem rabo, apoiando-se no chão em dois pés? Bichos falantes, parece que até pensantes, mas sempre a engenhar malfeitos por aí? Bichos-homens, claro, não faço segredo; não se assuste comigo. Mas nunca, nunquinha, bichos de saia, ou em idade de brincar. Mas aqui no fundão, o senhor sabe, se brinca muito pouco tempo na vida...

Profissão de família: avô, tios, primos. De pai, não sei, nem conheci o meu. Minha mãe me disse uma vez que ele foi morto por um primo dela, a mando de meu avô. Mas não sei muita coisa sobre isso; e para falar a verdade, prefiro nem saber. O que sei é que serviço desse tipo era demais por aqui, em antes. Esse mundão de terra era tudo de uma família só e assim o povo foi devagarzinho dando um jeito. Uns morriam de tiro, outros de facada, uns tantos de veneno, outros sumiam no mundo, de medo ou mesmo para escapar de coisa pior. Depois se arrumava o resto, papéis em cartório, certidões, registros, alvarás, essas coisas da lei. Da noite para o dia o arame farpado corria solto. Minha família era do ramo, mas não sujava as mãos nisso de papelório e fazimento de cercas na calada da noite; pegava a empreita de fazer limpeza e só. Aqui teve gente que botou fogo num cartório inteiro! Questão de honra para nós não se meter em tal tipo de empreita, dizia meu avô, que Deus o tenha. O resto era com a rabulice dos advogados e outros iguais a eles, na cidade: um povo que nunca soube o que era honra ou compromisso; umas pestes. Assim meu avô falava deles.

E era coisa organizada. Meu avô, por exemplo, é o que diz o povo ainda hoje, só pegava serviço certo, de gente que tinha dinheiro e até conta em banco. Nunca ia atrás de trabalho; os interessados é que vinham até ele. E era gente de longe, muitas vezes. Um fazendeiro, dizem, viajou mais de uma semana só para combinar serviço. Dar conta de bagrinhos era coisa que ele passava para algum filho ou à sobrinhada. Ele, não. Só pegava serviço grosso. Mas mão de obra para o ofício não faltava. E houve caso até de gente que se deu mal por tentar pegar o serviço que era para outro fazer. E assim morreu gente em dobro. Tudo como numa empresa verdadeira, dessas da capital, assim donas de meio mundo.

E olha que este meu avô morreu tarde, na cama, cercado de família, mulher oficial, padre e tudo mais. Nas quermesses da igreja sempre oferecia um novilho ou uma leitoa no ponto para o leilão. E até confessava no padre... Era assim: só iam parar na cadeia os mais sem sorte ou que queriam mudar o jeito certo de se fazer as coisas.

Mas o senhor quer saber como começou isso para mim e vou contar. Só sei que um tio meu, certa vez, tinha pegado um servicinho desses, mais um na rotina dele, e adoeceu, não pôde cumprir. Aí, passou pra mim, que na verdade já andava me preparando para quando chegasse minha vez. E com facilidade e nenhum medo ou remorso despachei um sujeito ruim como quê, que devia dinheiro pra todo mundo e ainda tinha mania de se engraçar com a mulher dos outros. O mundo ficou livre desse aí, graças a mim – e este já foi tarde. Entre o contrato que me fizeram e a questão bem resolvida passou menos de uma semana e quando deram com o infeliz, os urubus já tinham feito isso antes, no fundo de uma gruta. Assim foi que criei fama e aos poucos fui vencendo na profissão.

Mire e veja: só de garanhão abusado já livre o mundo de uns cinco ou seis; de genros metidos a besta e caçadores de herança, além de outros

sujeitos perdulários, outros tantos; assassinos, já perdi a conta; confrontantes renitentes, nem sei quantos, isso é o que mais dá serviço por aqui. Tinha também aqueles que queriam inverter as regras da natureza, me envergonha dizer, aqueles homens que se deitam com outros, como se fossem mulheres. Esses, não perdoava. Mas recusava certas coisas também: mulher que bota chifre em marido, por exemplo, deixava por conta dele mesmo, para criar tento. Mas se a encomenda era para dar um conserto no garanhão, era comigo mesmo. E emendava o tal sujeito para sempre, aliás. Encomenda para moleques não pegava, a não ser de uns danados aí que com quinze ou dezesseis anos já cometem coisas como se tivessem dezoito ou vinte. Um, por exemplo, nessa idade, quis se engrajar com uma mulher honesta, vinte anos mais velha do que ele, esposa de um sitiante lá adiante. Ficou nessa proeza, não foi adiante. Minha lei era a seguinte: se podem votar, também podem pagar pelas estrepolias que fazem. Ora se podem!

Teve uns casos estranhos, diferentes, também; é da profissão. Por exemplo, um que me chamou porque queria desistir de viver e não tinha coragem para fazer isso. Eu fiz para ele. Qual o problema? Acho que é tipo da questão que cabe às pessoas decidir – e só elas mesmas. Eu apenas fiz o que aquele sujeito me pedia, ou melhor, me pagava para fazer no lugar dele.

Outro caso foi o daquele homem que pegou doença ruim, parece que o tal do fogo-selvagem. O corpo dele virou uma chaga só. De manhã, quando lhe abanavam o lençol, caía pra mais de meio-quilo de pele solta, em pedaços, no chão. E aquilo fedia a mijo de rato. A mulher o abandonou e os filhos foram levados pelos parentes, por caridade. E o coitado mandou me chamar. Achei que era para dar conta de algum desafeto, porque ele tinha motivos para isso, mas não: era ele mesmo que queria dar um jeito naquilo, acabando com aquela vida que para ele faltava sentido. Mas dessa vez recuei. Eu sabia de coisas que ele fazia quando estava sadio, tomando terra dos outros, emprestando dinheiro e até mesmo mandando matar quem não lhe pagasse. Achei que era de bom tamanho ele penitenciar um pouco de seus pecados, sendo queimado vivo por aquela doença maldita. Aquilo era até bem pouco para um sujeito ruim como ele.

Mas não se assuste comigo. Só lhe quero bem e fico muito aprazido com sua visita, coisa rara por aqui. Já vi que o senhor veio em tarefa de paz, para me conhecer, parece que escreve sobre a vida de pessoas assim como eu, meio diferentes das demais. É isso mesmo? Eu bem-queria ter ganhado minha vida com um trabalho de outro tipo, quem sabe como o seu, mas sou de pouca letra, mal e mal faço uma lista de armazém. Carta, nunca escrevi – e nem recebi também. Leio alguma coisa, principalmente esses almanaques de farmácia, que trazem luz para um mundo de ignorância como este aqui em que vivo.

Quem bem me ilustra e esclarece é meu compadre e amigo Clemente, que lê muito e deve ter para mais de vinte livros em casa. Ele sempre me diz que eu devia me esforçar para aprender cada dia mais coisas, que a gente abre a cabeça assim. Mas aquelas letras todas juntas, uma página depois de outra e mais outra, isso costuma me dar uma dor de cabeça dos diabos e até me embaralha a vista, a ponto de me tontear. Quando vou em visita ao meu compadre ele sempre lê umas coisas nos jornais para mim. Só outro dia descobri que na verdade é coisa já acontecida, pois se os jornais saem todo dia nas cidades, aqui eles só chegam lá uma vez ou outra – o senhor sabe: lugar mais sem eira nem beira, este. Ele gosta de ler umas coisas mais espirituais, também. Eu escuto com atenção, embora nem tudo seja de meu entendimento completo.

Meu compadre conhece minha história. Ele sabe que agora me retirei de tudo, cuido só aqui deste sitiozinho. Ele sempre vem com uma conversa que não existe pecado que não possa ser perdoado, coisa que acho que ele tira das leituras dele, de um tal de Cardeque. Ele insiste que preciso pedir perdão, ou, pelo menos, reconhecer o que fiz de errado. Mas não consigo pensar, de fato, que eu tenha sido na vida um assassino criminoso, a cometer injustiças. Nunca tirei a vida de gente de bem, esses que trabalham de sol a sol, são bons pais de família, respeitam a mulher dos outros e tudo mais. Não! Isso nunca fiz e nem faço! Pelo contrário, acho que livre o mundo de um tanto de safados, desonestos, falsos, invertidos. Acho que deviam era me agradecer, como alguém que tira o mal do mundo, mudando ele para melhor, deixando mais limpo e mais fácil de se respirar. Do que devo pedir perdão, então? Para mim, de nada, nadinha.

Aí a minha conversa com Clemente empaca. Aprecio e respeito demais este meu compadre, mas acho que seu pensamento tem pouca escora. Além do mais, já fiz minha parte, mudando de vida como eu mudei. E já faz tempo. O que me importa agora são esses leitõezinhos, esses pés de couve, essa rocinha de feijão andu – apenas disso me ocupo. Nada de contratos, nada de carabinas, de tocaias, de arrastar fardos para as grotas. Com a flobezinha apenas treino minha pontaria, pois, afinal de contas, não alcanço se ainda posso precisar dela. Não como antigamente, para ganhar a vida, mas agora só para me defender. E para caçar uma paca, de vez em quando. Sei que tem gente que me quer ver debaixo da terra, este povinho daqui é por demais vingativo, tem a alma meio suja.

Para mim, meu senhor e amigo: a gente está no mundo como numa travessia. Não pode ficar parado vendo as coisas ruins acontecerem sem que se faça nada. E que me desculpe aquele meu compadre lá: pecado, para mim, é coisa bem diferente, não pode ser o que alguém faz com boa intenção.

E sei que existe de verdade no mundo é a gente humana mesmo. Uns bons, outros ruins de amargar. Cada um fazendo sua parte na travessia. O resto é nada; ou o destino da gente.

Os trabalhos de Éricles

Este nome esquisito é o meu. Ouvi dizer que foi um erro do escrevente no cartório, ignorante que só ele. Meu pai queria, na verdade, que eu me chamasse Hércules, mas como ele estava viajando quando fui registrado, ficou por isso mesmo. E a maioria me chama assim, por este nome meio fora de propósito. Pelo menos, aí não cabem apelidos. Um padre estrangeiro que reza missas aqui de vez em quando me tranquilizou, explicando que em sua terra tal nome existe de verdade e se escreve assim mesmo. Menos mal.

Mas foi por ele mesmo, o tal nome, que custei a entender, mudado que foi para *Eurico*, que ouvi no autofalante da rodoviária, para comparecer a um ponto de encontro, porque lá uma pessoa me esperava. Só podia ser ela, Eurídice, minha cunhada, sempre atrasada, ainda mais em um momento como este, de alto significado em nossas vidas.

E lá estava ela, linda como sempre, mas com um olhar de preocupação. De cara vi que tinha algo errado: ela não carregava mala ou mochila, mas apenas uma bolsinha a tiracolo, ao contrário do que tínhamos combinado. Aquilo não era bagagem para a viagem pretendida.

Eurídice é mulher de meu irmão mais velho. Aliás, meu único irmão, e só por parte de pai. Aristeu é o nome dele, somos uma família que carrega nomes esquisitos, como os primos Menelau, Heráclito e Esperidião. Meu pai tinha o nome de Anfitrião – isso mesmo, acreditem – embora não fosse muito de ser gentil com as pessoas e ter pouca simpatia por qualquer tipo de visita. Pior era o nome de meu avô, que se chamava Zeus...

Vejo que estou exagerando nos detalhes. Melhor retomar o caminho mais reto.

Meu pai ficou viúvo em seu primeiro casamento, tendo com sua mulher Espéria só um filho, esse Aristeu de quem falei. Daí, casou-se de novo, desta vez com Ismênia, que é minha mãe. Fomos criados juntos, Aristeu e eu, ele meia dúzia de anos mais velho do que eu. Para dizer a verdade, não chego a me lembrar de um só momento que tenhamos convivido com harmonia na nossa infância e juventude. Aristeu frequentemente me batia, tomava meus brinquedos e ainda tinha o costume de me denunciar a nosso pai por malfeitos meus, inventados por ele com frequência. Minha mãe bem que tentava me defender, mas quem disse que aquele velho turrão, o terrível e mal nomeado Anfitrião, acreditava em mim ou nela?

Meu pai faleceu faz muitos anos. Ismena sobreviveu a ele e vive comigo e meu irmão em nosso sítio, onde plantamos hortaliças, tocamos uma rocinha de milho, criamos umas vaquinhas e uns porquinhos. Aristeu pouco se importa com minha mãe, que afinal não é dele também, ao

contrário de mim, que tenho por ela um grande amor, procurando confortar e proteger esta pobre criatura, sempre.

Voltando a falar desta Eurídice, Aristeu a conheceu numa feira de gado ou algo parecido, e veio a se casar com ela depois de poucos meses de namoro. Mas mesmo casado com uma criatura doce, continuou sendo o mesmo Aristeu de sempre: turrão, grosseiro, desconfiado, ruim de conversa como ele só. Puxou em tudo o velho Anfitrião. Logo vi que Eurídice, tão formosa e delicada, tinha pouco a ver com ele, numa relação quase incompatível, para dizer pouco. Não sei realmente como ela foi cair em tal armadilha.

Aristeu se considera o verdadeiro dono da propriedade em que vivemos. Ele tem certa razão, porque quando o velho Anfitrião se casou com sua mãe Espéria, o sítio pertencia à família dela, de longa data. E meu pai nunca fez questão de deixar isso acertado em qualquer cartório. De modo que sou tratado aqui não como parte da família, mas como um empregado comum. Aliás, devo dizer, há outros serviçais aqui que são mais bem tratados e respeitados do que eu.

Nas tarefas do sítio, sempre fico com a pior parte. As bicheiras do gado, por exemplo, quem cura sou eu. Buscar a Estrela, aquela mula desgraçada que morde e dá coices, além de se esconder nas grotas e capoeiras, de madrugada ou debaixo de chuva, também sempre fica a meu encargo. Uma cobra aparece dentro do curral ou no paiol, é a mim que recorrem. A roda d'água mostra algum enguiço – *chamem o Éricles*, é o que sabem dizer. E ainda me fazem ficar de tocaia quando por acaso um bando de ciganos aparece por aqui, e para isso não me cedem nem mesmo a cartucheira de meu irmão, mas apenas uma garrucha velha e enferrujada, que nem sei se atira de verdade.

O cachorro do Juca, um outro agregado, ficou louco, babando feito uma vaca e querendo morder todo mundo. Quem foi chamado para dar conta dele? Eu, claro. Com uma boa paulada mandei o dito cujo para o quinto dos infernos – o que mais poderia fazer?

Outro dia me incumbiram de limpar sozinho o chiqueiro dos porcos. Aquilo estava sem nenhum cuidado há meses e meses, numa fedentina de dar medo. O Quinzinho, o camarada que cuidava de lá, tinha ido visitar a mãe fora da cidade e nunca mais voltou. Acho que o monte de esterco da porcada já chegava a uns dois palmos. Fui fazendo aquilo quase a vomitar com a catinga aumentada pelo calor do dia, atazanado por mil e uma moscas. Num canto havia uma cascavel bruta, erada, e ela quase me atacou. Se não fosse aquele chocalho acho que nem estaria aqui uma hora dessas.

Mas eu que não sou bobo nem nada, dei conta do recado. Desviei o rego d'água, que passava ao lado, para dentro do chiqueirão e deu até gosto de ver aquele bosteiro todo rolar por água abaixo, para finalmente se

soverter no corguinho. Aristeu veio conferir o serviço e ao invés de me elogiar, ainda disse que de um troço mal-feito como aquele só eu mesmo seria capaz.

Meu irmão a cada dia inventa serviço novo para mim. Agora, por exemplo, me pôs para vender alfaces e rabanetes na estrada. Passei o dia no sol e na poeira, sem comida e no final ainda tive que ouvir que não me esforço o bastante. Ele não percebe que o povo daqui não come essas coisas de rabanete e verduras, muito menos alface. O pessoal gosta mesmo é de suã de porco no arroz, bem untado de preferência. Ali na estrada não tive nem mesmo uma água fresca para beber... ou melhor, Eurídice ficou com pena de mim e apareceu por lá com uma bilha d'água. E ainda esticou a conversa, dizendo que não concordava com os modos de Aristeu comigo, pois achava que eu não merecia coisas assim. Ganhei meu dia.

Ah esta Eurídice! Que pessoa especial, completamente diferente da peste do marido. Ela me trata muito bem, tem simpatia mesmo por mim. E de minha parte é assim também. A gente às vezes pega de conversa, por horas a fio.

A derradeira tarefa que Aristeu me arranjou foi a de vigiar o primo Menelau, que segundo ele, andava roubando coisas aqui no Sítio. Um colar de sua esposa havia desaparecido e ele suspeitava desse primo. Duvidei. Ando muito com Menelau e nunca o vi fazer uma coisa dessas. Como Eurídice agora ficou bem amiga minha, comentei com ela o acontecido, e vi que ela ficou meio transtornada, querendo saber detalhes de tal assunto. Eu só sabia daquilo por alto, pelo tipo de ordem que Aristeu me dera, mas prometi procurar mais informações.

Eurídice mais tarde me procurou para fazer revelações estranhas, mas que na verdade combinavam bem com o temperamento de Aristeu. Ela me falou do desaparecimento do colar, mas passados alguns dias, ao guardar umas roupas lavadas do marido, descobriu a peça na gaveta da cômoda onde ele punha as cuecas. Para ela havia maldade nisso, vontade de envolver o primo em alguma intriga. De passagem, me disse ainda que apreciava muito a pessoa de Menelau e que detestava vê-lo ameaçado pelo marido, e que procurava uma solução para protegê-lo. Me contou também que sua vida com Aristeu estava pela hora da morte e isso a fazia sofrer muito, tendo ele recentemente sido violento com ela, sem entrar em detalhes. Sobre Menelau, disse que nem que lhe custasse o próprio casamento, no qual já havia perdido as esperanças, iria tentar salvá-lo das garras de Aristeu.

Isso me pegou de surpresa, não por me fazer confirmar a ruindade de meu irmão, que não era dirigida somente a mim, pelo visto, mas também porque nos últimos dias eu e Eurídice tínhamos nos aproximado muito e eu até começava a achar que estava surgindo algo fora do normal entre nós. Alguma coisa bem proibida e que me matava de medo, por causa de Aristeu, mas ao mesmo tempo me enchia o peito e me tirava o fôlego. Eu

estava sob o impacto de um fato acontecido alguns dias antes, quando depois de uma longa conversa comigo, Eurídice se despediu com um ligeiro beijo no rosto – e isso me deixou transtornado. O coração acelerou e eu nem consegui olhar para ela, muito menos retribuir o gesto.

Era uma coisa doida. Por um lado, uma sensação de aleluia, forte demais, como nunca havia sentido. Mas por outro, o medo de que meu irmão viesse para cima de mim insinuando coisas. Nada foi como antes depois disso entre eu e ela, pelo menos de minha parte, esta é a verdade.

Eu tinha agora um grande dilema nas mãos, que situação! Dar conta daquele frio na barriga e no descompasso do coração. Ao mesmo tempo avisar Menelau que havia desconfianças de Aristeu com relação a ele. Mas também desejava vê-lo longe de mim e de Eurídice, pois eu suspeitava que houvesse entre os dois alguma coisa especial e diferente, pois as reações de minha cunhada me pareceram suspeitas, mais fortes do que uma simples amizade poderia gerar. Acho que eu queria isso só para mim... E eu, como ficava nessa história?

E assim aconselhei o primo que desaparecesse por algum tempo, até que Aristeu mudasse de atitude – se é que ele faria isso. Mas deixei claro que meu irmão parecia disposto a tudo. Em se tratando de um sujeito de maus bofes como ele talvez até cogitasse de mandar matá-lo. Menelau me disse que já era sua intenção se afastar e que faria isso no máximo em um ou dois dias, tendo até conseguido um serviço na fazenda de um tio, que morava a um dia de viagem de nós. E me disse mais: sabia que Aristeu tinha desconfianças dele com relação a Eurídice. Ele já os tinha visto conversando a sós por duas ou três vezes e ficara enciumado com isso, chegando até a dar uns tapas na esposa. Me abismei, pois Eurídice que parecia tão próxima a mim agora não me falara sobre isso, a não ser de maneira vaga. Acho que a esta altura eu já estava era com ciúmes.

O ponto mais delicado de minha conversa com Menelau foi quando ele me disse que de fato amava secretamente minha cunhada e que já tinha até conversado com ela sobre isso, inclusive propondo fugirem juntos dali. Ela ficou de pensar, sem negar de todo tal possibilidade, mas ele achava que mais dia menos dia poderia acontecer. Deus do céu, era tudo o que eu não queria ouvir! Eu me via como um bobo apaixonado, totalmente sem chance de ser feliz com a mulher que já sentia amar, quase perdidamente. Logo eu, que também ansiava por não só proteger Eurídice, mas sobretudo ficarmos juntos.

Foi quando Aristeu me chamou para redobrar a vigilância em Menelau, pois desconfiava que ele ia fugir. Me disse que agora tinha outros planos para ele e que por isso era preciso mantê-lo sob vigilância permanente. Isso só confirmou minha suspeita de que tramasse um assassinato. E eu, inocente, no meio daquela confusão toda.

Resolvi procurar Eurídice, para dizer a ela que desse um jeito escapar também, mas não para o lugar onde estava Menelau, mas sim para a casa de uns parentes, em outra banda, onde ela estaria mais bem protegida, enquanto não encontrava uma boa maneira de deixá-la segura. Viagem em minha companhia, claro. Ela aceitou, sem saber exatamente que meus planos eram favoráveis a mim mesmo, pois minha intenção era de me declarar a ela no decorrer da fuga, além de tentar convencê-la que juntos eu poderia protegê-la melhor. E *juntos*, para mim, significava exatamente isso: *juntos, de corpo e alma*.

Mas quantas voltas a vida dá...

Marquei com ela, um tanto às pressas, aquele encontro na rodoviária, para que pegássemos um ônibus e fugíssemos, simplesmente, para ficarmos longe das garras de Aristeu. Quase caí para trás quando Eurídice veio me dizer que havia desistido da viagem. E me ofereceu o veneno em dose dupla, pois na sequência, depois de alguns minutos, me confessou que Menelau fizera contato com ela e assim combinaram que ele iria esperá-la em outro lugar, para que dali caíssem no mundo. E no dia seguinte ela daria início ao plano.

Foi como se eu tivesse caído de um edifício de trinta andares. Fiquei sem fôlego e sem palavras. E o que é pior, tinha que admitir que toda minha conversa com ela tinha sido apressada pelo sufoco dos acontecimentos, e que talvez grande parte das decisões que julgava serem minhas e dela, estavam apenas na minha cabeça. Afinal, ela havia concordado que eu a ajudaria a escapar de Aristeu, mas ficar comigo era certamente outra história.

Lembrei de uma música, que fala de *um desejo de morte e de dor*...

Da rodoviária voltei para meu quarto enlouquecido, não sem antes passar na venda e comprar uma garrafa de rum e um litro de Coca-Cola. Fui aos infernos. Na minha cabeça só passavam intenções malévolas. Eliminar aquele diabo do Menelau não seria a solução? Colocar veneno de rato na comida do Aristeu? Cair no mundo, desaparecer? Atazanar a vida no novo casal até quem sabe, encontrar um jeito de fazer Eurídice cometer adultério? Mas o que fazer com minha mãezinha? Só ideias tronchas me vinham à mente.

Acordei tarde, no dia seguinte, com um tremendo gosto de corrimão na boca. Aristeu batia na porta do quarto, vociferando sobre meu atraso para as tarefas do dia. Avisou, de passagem, que iria à cidade “tomar umas providências” – e eu bem imaginei quais seriam. Fui começar meu trabalho, resignado, mas o que me ocupava de verdade a mente nesse momento era outra coisa, a vingança. Não sabia como, mas ela aconteceria. Nem que me custasse outra dúzia de tarefas ainda maiores do que aquelas que eu cumprira até agora. Vencer serpentes e cães loucos, domar uma mula renitente, remover uma tonelada de bosta –

tudo isso era apenas um tira-gosto para o que me aguardava de agora em diante. O mundo ia ver, sim: eu iria à luta!

Enquanto eu matutava em tais coisas, Aristeu topou com uma jararacuçu de dois metros e foi picada por ela. Eu fui o primeiro a ser avisado e providenciei a charrete para levá-lo ao hospital. Ali penou por uma semana, à espera da chegada do soro. Acabou não resistindo, formando uma ferida brava que levou à amputação do pé e infecção generalizada. Ajudei a providenciar o enterro.

Só falta agora resolver o problema chamado Melenau.

Apenas uma mulher...

A moça nasceu e cresceu na pequena cidade, ainda uma vila, que só ganharia estatuto municipal bem mais tarde. Igualmente originários dali pai, mãe, avós e não se sabe quantos antepassados mais. Parece que o lugar já tinha começado com sua família, ali presente desde sempre. Um possível antepassado entrou para a história da pátria, por ter guiado as tropas nacionais na fuga dos ferozes paraguaios. Mas isso era apenas assunto sem confirmação, amplificado pela gente daquele lugar pacato onde nada acontecia, salvo a repetição das histórias do passado, verdadeiras ou não.

O moço que chegou de fora, para comprar uns novinhos do pai, botou nela uns olhos que a incomodaram de início, mas depois lhe abriram uma vaga esperança de que, aos dezesseis anos, quando muitas dali já se casavam ou de alguma forma arranjavam marido, talvez houvesse chegado a sua vez. E podia ser o caso. As conversas do moço com o pai lhe pareceram significativas.

A mãe chamou-a mais tarde, lhe fez vestir uma roupa nova, calçar sapatos, e participar da conversa noturna, na pequena varanda da entrada. O moço apenas a olhava, não lhe dirigiu palavra. Ela, com os olhos no chão, tentava entender o que acontecia ao seu redor, mas só soube com certeza no dia seguinte, quando a mãe lhe revelou que o recém-chegado havia proposto ao pai que desse a ele sua mão. Um casamento! Entre assustada e feliz ela tentou entender. Negar, nem pensar, era a vontade do pai e quem era ela para dele discordar, nem que fosse por um átimo de tempo? Mesmo os irmãos, homens e mais velhos, não ousariam tal coisa, quanto mais ela.

E assim se fez. Como mais dois meses o moço apareceu de novo e aproveitando a rara presença do padre, celebrou-se o casamento. Na mesma noite partiram, ela e ele, em lombo de mulas, para uma vida nova e totalmente desconhecida. *Será que serei feliz?* - pensava ela com esperança, mas sem poder afastar uma sombra de preocupação. Afinal,

deixaria ali os irmãos mais novos, de quem cuidava com o carinho de uma segunda mãe, as amigas da escola, a professora a quem ela se apegara tanto. Mas a vida é assim, lhe disse uma comadre da mãe, a mais chegada, por sinal, cabia seguir tal sina. Quem seria capaz de negar o que seria o real destino de uma pessoa?

A mula a carregou para outras paragens, uma terra estranha, com pessoas pouco dispostas a conversar e dar atenção a quem viesse de fora, como era o caso dela. Lá o moço era popular, cumprimentava a todos na rua. Ela na mula, de olhos baixos, mal se dava conta do ambiente que agora seria o seu. A ninguém lhe foi dada a gentileza de ser apresentada como esposa. Quase um ser invisível. A mula recém adquirida lhe pareceu ter mais valor do que ela própria, tendo merecido elogios de seu porte e elegância por parte de homens que proseavam na sombra de um abacateiro, rodeados por suas montarias. Estes nem olharam para ela, por respeito temeroso, talvez.

Mas nem era bem ali naquele povoado que estava o seu destino. O moço, quase todo o tempo silencioso, custou a lhe revelar que na verdade tinham ainda que viajar algumas léguas, para chegar à fazenda herdada de seu pai, onde ele morava e tocava a vida.

A moça não teve em outros tempos casa ampla ou confortável, de família apenas remediada que era. Mas as acomodações que o marido dispunha para viver eram diferentes – para bem pior – daquelas a que estava acostumada. Uma mesa de pés bambos, três ou quatro cadeiras, um catre que mal cabia uma pessoa, destinado agora a abrigar um casal – era tudo que havia ali. E, de quebra, uma cozinha minúscula e imunda, na qual o picumã acumulado talvez por décadas descia do telhado em negras volutas. O homem apenas lhe indicou com um gesto mudo que poderia pendurar suas escassas roupas em forquilhas rústicas colocadas nas paredes.

Ela então percebeu o quanto sua vida já mudara e continuaria a mudar dali para frente.

Suas noites eram aterrorizantes, com aquele ser bruto, suarento e cheirando a fumo por cima dela, sem trocar palavra, resfolegando como um cavalo. E ele vinha sem nada lhe indagar, nenhum cuidado com suas dores de virgem. E acabado o ato, virava-se na cama para roncar placidamente, enquanto ela fitando o teto começava a se perguntar se aquilo lhe tinha sido realmente uma boa escolha. Mas era tarde para se arrepender.

Salvou-a do desalento total a boa figura da mulher do vaqueiro, que morava próximo, em cafua ainda mais pobre e desmazelada, mas que se aproximou dela, indagando se precisava de alguma coisa, se podia ajudar. Ela agradeceu, mas logo percebeu que o maior auxílio que poderia desejar seria ter alguém que conversasse com ela, porque o

marido era de um mutismo de pedra. O casal tinha dois filhos, tão pretos quanto eles e aquelas presenças lhe trouxeram lembrança dos irmãos, da vida em família que tivera, que mesmo modesta era bem mais interessante do que estar enfiada naquelas brenhas.

O resultado das investidas noturnas do marido logo se fez notar, com a parada das regras e a previsível prenhez. Um ano depois naquele exílio, sem tornar a ver o pai, a mãe e os irmãos, viu que havia chegado a hora de entregar sua contribuição ao povoamento daquele mundo. Na madrugada começou a sentir as dores e avisou ao marido. Este já estava de saída para a habitual ronda do gado e avisou à preta que viesse acolher a mulher.

Contorceu-se por horas a fio, com a vizinha atarantada ao lado dela, pouco mais podendo fazer que aquecer uns panos para colocar sobre o ventre, àquela altura duro como pedra. Pela noite o marido apareceu, mas mal se interessou pelo andamento do parto. Na manhã seguinte levou-a, finalmente, à cidade, mas lá o que se pôde fazer foi induzir a expulsão de um natimorto.

Na volta ao lar, teve por parte da preta um desvelo de mãe. Acolheu-a, lavou suas roupas e lençóis, matou a galinha mais gorda para lhe preparar uma canja. Esteve ao lado dela por horas seguidas, dias a fio, até que a amiga e protegida, finalmente, começou a dar conta de suas tarefas. O marido, a esta altura, saíra de casa para mais uma viagem de compra de gado, com duração de dias sem conta.

E os dias se seguiram imutáveis. Veio a chuva e a cafua principal, cheia de goteiras e com o chão de terra batida, só não se transformou em um brejo porque o preto fez nela alguns reparos, por espontânea vontade, não porque o patrão assim o decidira. Na volta do marido, nem bem passadas duas ou três semanas, os assédios noturnos prosseguiram e logo o resultado deles se fez novamente sentir.

Desta vez, porém, conseguiu que o homem permitisse a vinda da mãe e alugou uma casinha na cidade, na qual ela passou as últimas semanas antes do parto. Desta vez veio um menino, dos mais saudáveis, por sinal. E este ainda nem começara a firmar a cabeça quando ela percebeu de novo a parada das regras. Mais alguns meses e um novo ser era trazido ao mundo, outro menino. O marido olhava os rebentos sem maiores comentários, incapaz de lhes fazer algum carinho ou mesmo um leve toque no macio dos cabelos.

E assim foi pelos anos a fora. Um filho por ano. Doze no total, dos quais pelos menos três nasceram mortos ou não sobreviveram ao primeiro ano de vida. O marido, sem proferir palavra, como sempre, resolveu aumentar a casa, acrescentando dois quartos toscos ao conjunto existente, sem maior cuidado com sua pintura ou conforto interno. Um tempo depois, concordou que fossem todos morar na cidade, não

exatamente para maior conforto dos filhos, apesar de terem chegado à idade escolar, mas porque resolvera abrir um negócio *na rua*, deixando na fazenda o preto cuidando da engorda anual de bezerros.

Pouco tempo depois chega em casa e anuncia a ela: *prepara as coisas que amanhã vamos nos mudar. Para onde*, ela quis saber. E ele: *negócios meus, pra melhorar de vida, você só me traz filhos, todo ano...* Foram para uma cidade maior, ele abriu um armazém e sucessivamente mudou de ramo, com açougue, padaria, quitanda. Mudando de casa a cada ano ou menos, sem perder o costume de avisar da mudança apenas na véspera, a mesma frase exaustivamente repetida: *prepara as coisas para amanhã...*

Ele era bruto, mas também trabalhador. Anos depois, com alguns filhos já emancipados, teve a gentileza de comunicar a ela com uma semana de antecedência: *vamos nos mudar; agora é para a Capital*. Ela nem perguntou sobre o que iriam fazer lá. Não teria resposta mesmo. Desta vez a mudança foi dentro de malas, apenas as roupas e mesmo assim as melhores. Afinal ele tinha amealhado dinheiro bastante para comprar mobília, alfaias e panelas novas. Pela primeira vez em muitos anos ela se sentiu prestigiada.

Na cidade grande o homem montou seu comércio de compra e venda de cereais. Viajava sozinho ou por intermédio dos filhos maiores para regiões agrícolas, dali trazendo feijão, milho e arroz para lucrativa revenda na capital. Dos cereais passou aos porcos e destes ao empréstimo de dinheiro a juros, agiotagem pura e simples. Sua ousadia e inquietação acabou por levá-lo a um ramo no qual não tinha nenhuma experiência, uma pequena empresa de transporte, juntando o capital de que alguns dos filhos homens já tinham posse, transformando-os em sócios do empreendimento. Não ficaram ricos, mas puderam levar uma vida mais confortável. O casal passou a morar em casas melhores, embora de aluguel, pois aquele homem apreciava mudar sempre, por força dos negócios ou por força de antiga compulsão. A mulher continuava a ser avisada dos novos planos do marido na véspera, mas nunca reclamava, por costume ou temor – ela já nem sabia mais o motivo.

Passaram-se os anos. Antes que completasse os cinquenta, a sucessão de partos conduzidos de forma precária, as longas jornadas de trabalho pesado com a casa, acrescidos do resultado das investidas de certo perceiverjo do mato, migrado para a cafunha onde habitaram no passado, lhe afetaram as batidas do coração e mesmo o corpo como um todo. Em poucos anos estava inutilizada e não chegou a completar as cinco décadas de vida.

Em seu velório, a penca de filhos se retorcia em dor e desespero. No quintal, o filho mais novo, temporão, mal saído da adolescência, mordida, nervoso a bainha da camisa, num choro crispado, embora sem

lágrimas. Assim levaram-na ao cemitério, em um cortejo com poucos amigos.

Sobreviveram todos, o filho mais novo também. O viúvo usou uma tarja preta no paletó por algumas semanas. Mas um ano depois já tinha se enrabichado de uma turca solteirona e celebrou, alegre e agora mais comunicativo, um novo casamento, ao qual a maioria dos filhos compareceu e festejou.

Eu sou assim...

Quem quiser gostar de mim, eu sou assim. Ouvi isso no radio outro dia. Gostei. Parece comigo. Aliás, sempre gostei de música, queria até ter aprendido quando criança, mas minha família morava longe de tudo e minha mãe não tinha e acho que ainda não tem dinheiro para pagar um professor para me ensinar. Quando pego a batucar nas carteiras da escola, nas panelas lá de casa, ou em qualquer lata velha, ninguém me segura. Quando acho em algum canto algum objeto que eu considere *musical*, como um balde, caixotes, garrafas e até um penico, como aconteceu outro dia, não resisto em testar para ver o som que tem.

Antes que me esqueça, meu nome é William, com dois “l”, coisa da minha mãe, diz ela que é nome inglês. Um dia descobri que este nome tem tudo a ver comigo, mas só depois vou contar. É surpresa.

A escola? Gosto de ir lá, mas acho que já aprendi tudo que podia, sou muito distraído. As tias gostam de mim, mas vejo que elas me tratam de forma diferente dos outros alunos. Ficam me paparicando e às vezes me cuidam como se eu fosse uma criancinha. E eu já tenho 15 anos! Mas já aprendi a ler e escrever, de um jeito que até acho que dá para o gasto. Fiquei bamba em fazer bilhetes e historinhas engraçadas, que boto para circular na classe, fazendo a turma morrer de rir. Sei escrever até bem, eu acho, mas ainda não aprendi a diferença entre *sessão*, *seção*, *cessão* e mais outra palavra parecida, que agora eu esqueci, mas me disseram que é difícil mesmo, pouca gente sabe.

Será que não dá para levar a vida normal assim do jeito que eu sou? Acho que dá, normal mesmo.

Pois é, eu sou assim. Assim, como? Sei lá, não sei explicar direito. Mas quando vejo os outros garotos – e isso eu sei desde criança – vejo que eles são diferentes de mim. Ou eu é que sou diferente deles, quem sabe. Eles têm outras brincadeiras, sempre entre eles mesmos, parece que não gostam muito dos adultos, a não ser para pedir dinheiro. Eu sou o contrário, me sinto melhor perto de minha mãe, dos meus tios e das amigas dela, tudo adulto. Não falo de meu pai porque pouco sei dele. Ele vem me ver de vez em quando e quase não conversa comigo. Acho

ele estranho. Eu nunca peço dinheiro para ele e nem para ninguém, a não ser para minha mãe, e mesmo assim é pouco. Vejo que minha mãe gosta disso, pois sempre me elogia.

Mas é realmente com os adultos que me dou melhor. Eles também me tratam bem, ao contrário das pessoas da minha idade que vivem fazendo troça com a minha cara e inventam para mim um tanto de brincadeiras sem graça. Contam umas piadinhas sobre meu jeito de andar, sobre meu rosto, meu nariz, minhas orelhas, sobre as coisas que eu digo, não sei que graça acham nisso. Mesmo quando curtem os bilhetinhos que eu fico passando nas aulas, desconfio que alguns ficam fazendo zoeira com a minha letra e as coisas que escrevo. Acho que não é porque gostam, de mim ou dos bilhetes, é apenas para zoar de mim. Eles são assim. Malvados.

Outro dia um desses garotos me perguntou se eu já nasci desse jeito. Não entendi a pergunta e ele só riu e me deu as costas. Deve ser da minha cara que ele falava. Quando me olho no espelho, pra falar a verdade, também me acho meio estranho. Se não, com quase 15 anos, minha cara parece ainda como a de uma criança. Sei lá como explicar: uma cara pequena para o tamanho de minha cabeça, com uns dentes meio tortos, nariz levantado pra cima, meio zarolho. Um desses chatos da escola me disse outro dia que meu nariz parece estar sempre cheirando pum. Sei lá o que é isso.

Sou pequeno também, aliás, o menor de toda a turma. Com a idade que tenho, só agora estou chegando a um metro e meio. Mamãe diz que eu ainda vou crescer. Mas não acredito. Ela é quase alta, meu pai também. Quando pergunto para ela quanto ela mede, nem me responde, apenas me pergunta por que isso me preocupa. Pois é, me preocupa mesmo. Parece que vou ficar pequenino o resto da vida. Mas eu queria ser grande, para ver se pelo menos os garotos da escola me respeitavam mais.

Tenho amigos, sim. Poucos, mas muito legais. Como já falei, prefiro ter adultos por perto, mas tem a Aninha, que é da minha sala na escola, que faz parte, como eu, da turma dos *diferentes*. Ela é baixinha que nem eu, meio gordinha, tem os olhos puxados. Botaram o apelido nela de *Japa*, *Japinha*, coisa daqueles que também me perseguem. Mas ela não liga. Está sempre sorrindo pra todos, é boa para fazer amizades, não é como eu que às vezes fico zangado, principalmente quando abusam. Gosto de conversar com ela, embora não entenda muito bem o que ela diz, com sua língua presa. Sempre passamos o recreio juntos, dividimos nosso lanchinho e eu fico no lucro, porque o dela é sempre melhor que o meu. Quase todo dia tem presunto, requeijão, morangos. Bom demais. Ela está sempre de boa, mas se irrita quando acham que é sua avó, e não sua mãe, que vem trazê-la todo dia na escola. Bobagem se incomodar com isso, eu digo para ela, mas ela sempre fica nervosa e triste.

Não é que eu não goste de crianças e adolescentes como eu. O problema, eu já disse, é que me tratam mal, fazem piadinhas comigo. Menos esta Aninha, claro. Os adultos me tratam melhor, bem melhor. Desde que me entendo por gente é assim. Minhas tias e primas mais velhas, e os amigos e amigas de minha mãe, sempre me rodearam, pedindo para contar alguma de minhas histórias, tirar um som em algum pandeiro ou tamborim. Gosto muito de música e decoro rápido as melodias, mesmo aquelas que têm uma letra enorme, *Faroeste Caboclo*, por exemplo. Sou fã de Renato Russo, quando vejo as fotos dele acho que até pareço um pouco com ele. Pena que já morreu.

As pessoas amigas sempre me pedem também para fazer caras engraçadas e imitações, de gente, de bichos, de personagens da televisão. Eles se divertem e eu também. Uma tia minha falou que eu até podia ser ator. Quem sabe?

Outra facilidade que eu tenho é encontrar rimas para as palavras. Qualquer uma. É só a pessoa me dizer que eu acho logo, às vezes até umas coisas meio malucas. Outro dia minha prima pediu que eu encontrasse uma rima para Tijuca, para onde ela ia viajar, e eu falei *açúcar*. No começo riram, mas depois acharam que tinha tudo a ver. Para *romântico* encontrei *atlântico*, mas fiquei com inveja de Caetano Veloso quando vi que ele rimou esta mesma palavra com *anti-com* (*putador*). Isso é que é saber fazer rimas! Mas eu chego lá!

Acho que sou assim desde menininho. Essa coisa de chegar nas rodas de adultos e logo ir puxando conversa e fazendo graça é comigo mesmo; às vezes acho que já nasci assim. Quando conto certas histórias para minha mãe, ela às vezes diz que não é possível eu me lembrar de coisas que aconteceram quando eu tinha menos de três anos de idade, mas eu sei que é verdade, apenas me lembro, não sei como, mas me lembro. Talvez isso venha de eu pedir muito a minha mãe para falar de coisas de quando eu era criancinha. Ela sempre me atende. Diz que eu custei pra andar, pra falar, parar de fazer xixi na cama e nas roupas. Com sete ou oito anos sempre acordava molhado, mas depois melhorei. Falava tudo errado até esta época e acho que ainda falo algumas coisas esquisitas até hoje, trocando as letras de lugar, mas às vezes faço isso de propósito, para me divertir e aos outros. E assim saem coisas como *Bezolironte*, *paraxodo*, *embaixanha da espada*, *paulo de são folha*, *otondologia*, *esfizocrênico*, *merexica*, *acatadão* e outras mais. E todo mundo morre de rir. Eu me divirto com isso.

Só nunca consegui aprender a andar de bicicleta... Ah, e detesto barulhos também. Lá em casa já pedi à mamãe para vender ou dar para os outros aquele liquidificador velho que temos. Aspirador de pó – Deus me livre – nem pensar! A furadeira de meu vizinho de apartamento, que ele liga todo dia, nem sei para que, faz uma zoeira danada e também me incomoda muito.

Acho que sou muito curioso. Há tempos que tenho o maior gosto pela meteorologia. Minha mãe diz que desde pequeno eu era ligado na previsão do tempo, quando via aquela moça na TV falando sobre isso. E até me arriscava a fazer as minhas previsões também, sempre usando o palavreado que ouvia na TV, tipo *amanhã chuvas esparsas formação de nuvens temperatura estável ciclone tropical inversão térmica El Niño* – essas coisas que eles sempre falam. Dona Sônia, minha professora de Estudos Sociais conseguiu uma visita para mim no Centro de Previsão do Tempo aqui da cidade e já fiz boas amizades ali. Tem um cara lá, o Elisio, que é gente boa demais, que me disse ter nascido para meteorologista, pois o seu nome é um nome de vento. Ele me dá a maior atenção e às vezes me manda mensagens falando sobre mudanças do tempo que estão para acontecer e até me perguntando minha opinião sobre isso. Ele é muito legal, ficamos amigos de verdade!

É isso aí: vou à internet todo dia para saber se vai chover, qual é a velocidade do vento, a umidade do ar, onde está seco ou úmido, o movimento das massas de ar, máximas e mínimas. Acho sensacionais aqueles mapas do Brasil e do mundo com as massas coloridas de ar e de nuvens se movimentando pra lá e pra cá. Se um dia eu for fazer faculdade vai ser para meteorologista, não para o teatro, que para mim é só brincadeira. Mas meteorologia, que para farrear eu chamo de *merateologia* é uma coisa bacana. Eu até acho que tenho uma intuição para isso. Às vezes acho que vai chover e acontece de verdade. E eu, por via das dúvidas, nessas ocasiões sempre carrego um guarda-chuva comigo.

Falar em guarda-chuva, outro dia eu estava com o meu no banco da praça aqui perto de casa e uma mulher puxou conversa comigo. Era uma moça, da idade das minhas primas, não uma mulher mais velha. Queria saber por que eu estava de guarda-chuva se fazia sol. Minha mãe sempre fala para eu não conversar com estranhos, mas ela tinha a cara tão boa e um jeito sorridente e tão camarada que resolvi bater um papo com ela. Expliquei o porquê do guarda-chuva e ela parece que gostou da minha explicação, tanto que danou de me fazer perguntas. Quis saber da minha família, da escola, dos meus amigos, se eu tinha irmãos, do que eu gostava e não gostava. Falamos de música, de batucada, de previsão do tempo, de minha amiga Aninha, dos chatos dos meus colegas e outras coisas da minha vida. Ela me falou que era psicóloga – *psilócoga*, eu logo brinquei com ela, que riu muito – e me disse que estudava pessoas assim *diferentes* que nem eu. Ela não usou esta palavra, mas sim outra, que não me lembro mais, mas que no fundo queria dizer a mesma coisa. Me falou que era muito interessada neste assunto porque ela também se sentia uma pessoa diferente – e logo me mostrou suas mãos com seis dedos em cada uma. Já gostei dela de cara, ainda mais depois de ver tal curiosidade. Perguntou se podíamos encontrar mais vezes e que, se fosse o caso, ela iria falar com minha mãe também, para tranquilizá-la. Falei que sim, eu estava adorando aquilo.

Falando sério, depois dessa conversa com Anamaria, que é o nome dela, acho até que tenho facilidade de me entender com pessoas com este nome, é que resolvi escrever essas coisas aqui. Ela me fez achar que isso tem importância, pelo menos me ouviu com uma atenção tão grande que eu me senti prestigiado de verdade. E não é que Anamaria até está fazendo a revisão das páginas escritas que eu levo para ela, porque passamos a nos encontrar uma vez por semana. Minha nova amiga já foi lá em casa e minha mãe gostou muito dela.

Anamaria me falou que eu tenho um troço chamado *Síndrome de Williams*, mas eu não entendi bem como funciona. Parece que isso torna uma pessoa diferente, como eu, no tipo de corpo, na forma do rosto, na mentalidade. Me explicou que eu sou diferente, de fato, mas não sou anormal, que posso aprender muitas coisas e ser uma pessoa muito útil para os outros, que tenho até facilidades que outras pessoas não têm, na memória, na busca de rimas ou na facilidade para música, por exemplo, e que isso faz de mim uma pessoa não só diferente dos outros, como também *especial*. Disse que eu posso fazer faculdade e até me especializar em qualquer coisa que eu desejar, em *meroteologia* – hehehe – por exemplo.

Faz tempo que não falo com a outra Ana de minha vida – a Aninha – que também tem alguma síndrome assim especial, como me explicou minha nova amiga. Preciso contar para ela que nós não somos menos importantes que os outros, que acham que são “normais”. Ser *diferente*, como aprendi com Anamaria, significa também ser uma pessoa bacana e interessante, e quando temos por perto pessoas que gostam, curtem e compreendem a gente, isso é uma coisa muito boa, que faz a diferença num mundo que seria muito chato se só tivesse gente daquele tipo “normal”, que vive zoando dos outros que não são iguaizinhos a eles.

Cada um é cada um, da sua maneira, do jeito que sabe ser e gosta. É o que eu acho.

O Jardineiro

O jardineiro desta história não sou eu. Sou livreiro, dono de uma pequena livraria, quase falida. Como as vendas andam poucas e os credores numerosos, gasto meu tempo em leituras com a porta fechada e às vezes em andanças pelas imediações, atrás de novidades interessantes e pegando conversas aqui e ali. É que de tanto ler e trabalhar com livros, fico caçando histórias e às vezes me dá vontade de escrever também, como, aliás, faço agora. Assim foi que dias atrás, andando aqui pelo pedaço, escutei conversas que me deixaram curioso. Os frentistas do posto de gasolina e a velhinha de aventalzinho xadrez pareciam bem preocupados com um meio mendigo, morador de rua esfarrapado e sujo, que aparecera por aqui. O cujo insistia em medir,

sinalizar e escavacar o gramado defronte ao condomínio de apartamentos do outro lado da rua.

Gente tão aparentemente normal, como aquele grupo que eu assistia a conversar, talvez até tivesse razão em não entender o que via. Mesmo para mim, que gosto de ler e estou acostumado com tipos estranhos, nos livros pelo menos, achei aquelas conversas um tanto curiosas, ao tratarem de um tipo tão estranho. Vejam só...

- *Viu só a pinta do cara que agora faz ponto ali no gramado?*

- *Não tinha visto ainda. Fala daquele deitado na sombra do jamelão?*

- *Sim, aquele mesmo, sujo e mal arrumado como ele só – e fedido...*

- *Cruzes! De onde será que aparecem umas figuras assim? Será que caem de algum caminhão de lixo?*

- *Faz duas semanas que está aí. Não tem cara de fazer mal a ninguém. Mas tem um jeito estranho.*

- *É esquisitão mesmo, ainda mais com este cheiro e estas roupas esfarrapadas.*

- *Sei lá o que é isso... O sujeito passa o dia tomando medidas com um bastão e um pedaço de corda. Anda pra lá e pra cá, como se fosse um mestre de obras ou coisa assim. E vai fincando aqui e ali uns pauzinhos.*

- *É cada um que aparece... Lembra daquele que ficou ali mesmo por uns tempos, com uns vinte cachorros ao redor dele? Até chamaram a assistência social. Porque a cachorrada encheu isso aqui de pulgas e um vira-lata andou mordendo gente. Depois disso veio a carrocinha – e fui um fuzuê de primeira.*

- *Espia agora, arranjou uma enxada velha e começou a fazer buracos. Desde ontem começou com isso.*

- *Dá licença, moço... Vai completar o tanque freguês, quer que olhe a frente?*

- *Ok, beleza, até mais!*

- *Meu filho, inda que mal lhe pergunte: o que você está fazendo aí?*

- ...

- *Não quer responder? Melhor que você me esclareça... Faço parte da administração daqui da quadra e sei que não é permitido gente dormindo debaixo das árvores e ainda mais fazendo buracos na grama. Melhor você explicar para mim antes que...*

- ...

- *Não quer falar nada e ainda vai me dando as costas... Olha que você vai se arrepender!*

- *Jardim. Um jardinzinho só...*

- *Você está querendo dizer que vai fazer um jardim aqui?*

- *Vou sim.*

- *Olha meu filho: este gramado faz parte de um projeto paisagístico, entende? E para todos os efeitos é um jardim; já está pronto!*

- *Inhora?*

- *Vou te explicar melhor: não precisa de ninguém vir fazer jardim aqui, entendeu?*

- *Mas carece...*

- *Precisa o quê meu filho? Você parece não entender bem as coisas.*

Afinal, como é que podia um indivíduo como aquele, vindo do andar de baixo da sociedade, parar ali para simplesmente cuidar de paisagismo, pensei eu. Ainda mais em uma cidade que é considerada exemplo mundial em tal assunto?

Eu já havia observado o personagem por algumas vezes e depois de ouvir tais conversas resolvi acompanhá-lo mais de perto, como novidade em um cenário de poucos acontecimentos, entre os quais meus escassos fregueses na livraria. Quem sabe aquele ali não seria portador de algum segredo, que me caberia revelar ou quem sabe descrever, para fazer justiça às minhas pretensões intelectuais, bebidas em Margareth Mead e Agatha Christie. Um modo de curiosidade quase antropológico, diria eu. E assim me pus em estado crescente e irrevogável de curiosidade, coisa humana em demasia, *a la* Nietzsche.

Pensei, para início de conversa (ou como ideia guia de uma tese antropológica, sei lá...): o que estaria fazendo ali tal sujeito, que

sentimentos ou desejos de fato o moviam, de onde vinha e para onde iria uma vez completada sua obra? Se é que tinha um real projeto em mente. Ele já se revelara, nas minhas primeiras aproximações, como indivíduo capaz de demoradas e refletidas observações das coisas que o rodeavam, sendo capaz de ficar longos minutos à sombra de uma espirradeira, para finalmente decidir onde fincaria sua próxima estaca. E cada buraco que cavava era medido e definido como se fosse passar por ali uma estrada, sabe-se lá para onde. Saberria ele, aquele aparente homem comum, porém um intelectual de alguma engenharia, na acepção gramsciana? Ou, quem sabe, alguém dado a considerações graves, como é próprio de deuses e poetas, ou como se cada pedra fosse todo o universo, conforme Fernando Pessoa?

Era o caso de esclarecer aquilo melhor e logo comecei a aproveitar, para fazer investigações, os momentos em que não havia clientes na livraria – coisa bastante frequente, para meu desgosto. Em tais ocasiões, ficava olhando de longe o personagem, o que me exigia muita paciência, porque ele era de fato pouco dado a circunvagiar. Um dia eu o peguei na porta da padaria, onde o proprietário bancava um programa informal de distribuição gratuita de pão dormido. Ali pude ver que esperava calma e resignadamente a sua vez, levando uma latinha de goiabada que lhe servia de prato, na qual recolhia seu pedaço de pão, além de alguma broinha ou pão de queijo, ou o que mais houvesse. Saiu de lá carregando um pacote de leite já previamente avariado, deixando pingar o líquido pelo chão, sem se abalar. Rumou então para seu cantinho, na sombra de um jamelão e ali comeu sua porção, mastigando com delicadeza e sem nenhuma pressa, como se aqueles restos amealhados na padaria fossem manjares formidáveis. E de costas para passantes, fazendo do ato de se alimentar um ritual exclusivo e vedado aos demais. Uma vez alimentado voltou ao seu mister: observar, medir, estaquear, observar, fazer buracos, observar, estaquear...

Minha curiosidade dava saltos ao ver os buracos feitos laboriosamente por ele, que me pareceram, em um primeiro momento, ter destino ocioso. Mas não era bem assim, pude perceber em seguida. Ele fazia incursões em terrenos vizinhos, ou mesmo mais remotos, de lá trazendo ramos diversos, que ia fincando na terra solta dos buracos, com precisão e método, pois frequentemente se detinha a observar longamente, cobrindo os olhos dos raios do sol, o alinhamento ou a estética do que acabara de plantar. Sim, porque aquilo tinha todo o jeito de um plantio, embora eu tivesse dúvidas se toda aquela ramagem colhida a esmo, seria de fato viável para brotar no terreno seco. Para completar, trazia pedras, cacos de tijolos ou pedaços mais grossos de madeira, para delimitar cada uma de suas covas, construindo montinhos desorganizados aqui e ali. Não contente, ainda fincava umas varetas adicionais, às vezes até pedaços de móveis velhos e barras de ferro enferrujadas e quebradas, achadas no lixo, ao que parece tentando criar uma barreira de proteção para suas plantas.

Em um sábado resolvi não abrir a livraria, para segui-lo mais de perto. Por azar, ele não apareceu, nem no jamelão, na espirradeira ou alguma de suas sombras habituais. Na padaria também não estava, mas dei de cara com a senhorinha, com a qual eu tinha presenciado aquela conversa meio ameaçadora uns dias antes. Eu a conhecia superficialmente, talvez de alguma passagem dela pela livraria ou mesmo dali da padaria mesmo, onde eu costumava tomar um café antes de abrir meu boteco livreiro. Resolvi abordá-la, falando do personagem e inquirindo-a sobre sua impressão sobre ele, como se eu também estivesse desconfiado de seu comportamento. Fiz isso para deixar a mulher à vontade, e parece que funcionou, pois ela me despejou uma longa arenga sobre o que considerava como uma invasão da nossa cidade e particularmente de nosso bairro por parte do que denominava de “uma horda de gente desqualificada”, lamentando que o governo ou a polícia não tomassem providências quanto a isso.

Eu nem argumentei. Aliás, não encontrei o que dizer a ela e, além do mais, aquilo não aliviava em nada a minha curiosidade de antropólogo amador, apenas adicionava ingredientes ao cenário de preconceitos e senso comum com qual eu já estava acostumado a conviver, na família, entre alguns dos clientes da livraria e mesmo por parte de alguns amigos menos próximos.

Pensei comigo: quem sabe os frentistas do posto de gasolina teriam alguma informação adicional sobre o misterioso jardineiro? Eu já conhecia a turma dali, por abastecer meu Fusca semanalmente e até por trocar com eles, lá uma vez ou outra, informações sobre futebol e outras banalidades.

- *Vocês viram o jardineiro do gramado ali de frente por aí hoje?*
- *Jardineiro? Tá falando daquele mendigo que fica por aqui?*
- *Sim ele mesmo.*
- *Eu não vi, doutor. Você viu Severino?*
- *Parece que sumiu por esses dias, às vezes faz isso. Costuma ficar até quatro ou cinco dias fora daqui, mas sempre volta.*
- *O que vocês sabem sobre ele?*
- *Ah quase nada... O cara parece meio misterioso...*
- *Ele já conversou com vocês?*
- *A bem dizer, não. Fala umas coisas que ninguém entende.*

- *Mas mudo ele não é...*
- *Não é mudo não. Eu já vi ele falando com árvore e até com as curicacas que chegam até aqui no final da tarde. E olha que parece que sabe conversar também como gente normal. Como se perguntasse e respondesse ao mesmo tempo, como já vi ele fazer também.*
- *Ele veio aqui no posto alguma vez?*
- *Muito raro... Já veio para usar o banheiro um par de vezes, mas o gerente proibiu de entrar. Disse que pegava mal para a empresa. Mas a gente já viu, de madrugada, ele tomar banho numa mangueira que fica aí à disposição dos motoristas. Esses banhos não adiantam nada, porque ele veste sempre a mesma roupa, encardida e fedorenta que só.*
- *E amigos, visitas... Alguém com jeito disso por aqui?*
- *Gente e suja e esfarrapada como ele não, com certeza. O cara é muito solitário.*
- *Nada mesmo?*
- *Ah, tem a mulher que vem de vez em quando, pela noite.*
- *Contem! como é isso!*
- *É tipo madame, vem de carrão, até com motorista. Chama ele, acho que é Alberto o nome, e ele custa a aparecer, parece que tem má vontade com ela, mas acaba vindo. Às vezes o motorista vai atrás e traz ele, na base do convencimento.*
- *Que história hein, conta mais...*
- *Não acontece nada de especial. Ela traz uns pacotes, parece que de comida. Ele come um pouquinho e dá o resto pros pombos. Roupas também, mas isso aí, se ele usa não sabemos. Ou então amarrota, rasga e suja bastante antes de vestir. O bicho é doidão demais, doutor...*
- *Legal! Completem o tanque. O troco fica pra vocês!*

Caramba, aquilo era um caso e tanto!

Passados uns dias, ao chegar na livraria, pude vê-lo novamente. Parei bruscamente o Fusca, quase o deixando no meio da rua e me aproximei dele. Andrajoso como sempre, mas com a diferença agora de que usava uma espécie de jaqueta militar, pois o tempo andava frio. Até parecia

elegante, não fossem os farrapos sujos por baixo do casaco e aquela gaforinha mal penteada e mal lavada. Saudei-o; não respondeu. Perguntei se gostaria de conversar comigo um pouco. Redarguiu com um muxoxo de indiferença. Quis saber de seu nome e nada me disse. Acompanhei-o até o jamelão, em cuja sombra ele havia guardado alguns ramos recém-colhidos e a ferramenta de trabalho, nada mais que uma simples enxadinha. Acompanhei-o, agora em obsequioso silêncio, mas o que ele fez foi afastar-me com as mãos, em gesto impaciente de quem não queria conversa.

- Melhor deixar para outro momento – pensei – não deve estar de boa veneta hoje.

Não houve outro momento. Deixei de vê-lo por ali vários dias até que percebi uma movimentação diferente no seu território de ação. Havia homens uniformizados, com um pequeno trator e ferramentas de mão. Pelo uniforme, vi que eram empregados do condomínio. Boa parte dos montículos com suas pedras, entulhos e gravetos já havia sido aplanada e ajuntada para remoção. As árvores em que ele costumava se abrigar e onde mantinha guardados alguns trapos e utensílios tinham passado por uma poda e limpeza radical do chão em sua sombra. Um dos montículos da remoção mostrava algumas das peças assim recolhidas, com roupas, latas, garrafas, além da enxadinha. Nenhum sinal da pessoa do jardineiro, a não ser por tais despojos recolhidos no terreno.

Certamente ele voltará – pensei. Mas isso não ocorreu depois de muitos dias de espreita minha. Os frentistas, indagados, disseram tê-lo visto de relance, andando de um lado para o outro, coçando a cabeça. Depois, sumiu.

O síndico do condomínio foi ágil em sua missão. Demolidos os montículos, mandou podar a grama bem rente e a replantar nos lugares de que tinha sido retirada pela plantação infrutífera. E tudo voltou ao normal de sempre naquele terreno, agora liso e sem imprevistos. Assim como tudo o mais por ali.

E ele, o jardineiro persistente e dedicado, por onde andaria? Teria ido procurar outros lugares com pessoas mais receptivas? Ou menos curiosas? Mudou de cidade por rejeitar aquela gente indiferente, que não soube lhe reconhecer o esforço e as qualidades de paisagista? Teria finalmente se rendido à vida que aquela mulher bem vestida talvez lhe proporcionasse? Ou, quem sabe, resolveu se dedicar a outra profissão?

Jamais pude responder essas questões. Minha tese antropológica parou por aí. Além do mais, tive que fechar a livraria e entregar o ponto. Parei de frequentar o pedaço e não tive mais notícias daquele homem, mas sempre que passo por um terreno descampado dou uma conferida para ver se o vejo. Em vão.

Uma história sem nexos, esta – eu acho. Mas o certo é que a cada dia que passa vejo que o caldo da vida também não tem muito sentido. Aliás, isso nada mais é do que uma mixórdia de mistérios, incompreensões, frustrações, derrotas. No meio de tudo isso uma gente ignorante, jejuna de leituras e de humanidade, mas também, algumas vezes, indefesa e incompreendida. O pouco que soube deste pobre homem me permite colocá-lo em um cruzamento no qual a miséria e a incompreensão são redimidas por de uma cada vez mais rara sensibilidade. Um diamante em meio ao cascalho bruto.

Procrastinação

Desde que me aposentei, e lá se vão quase seis meses, deixei minha vida rolar de forma meio solta e até mesmo irresponsável. Fiquei em casa quase todo o tempo, olhando para o teto, deixei de procurar os amigos, só fui a rua para necessidades muito especiais, como comprar cigarros, e principalmente – o que mais me preocupa – relaxei com o pagamento de minhas contas. Logo eu, que sempre levei uma vida rigorosa neste quesito. A namorada me disse que eu devo estar deprimido, mas acho que não. Para mim é só uma baita preguiça. Ou melhor, isso digo a meu favor: é uma liberalidade à qual eu nunca havia me permitido em mais de trinta anos de trabalho como bancário.

E foi refletindo sobre isso que eu resolvi, de uma vez por todas, colocar minha vida em dia. Eu já havia feito uma tentativa, um mês e meio antes, mas fui obrigado a desistir por algum motivo que, para falar a verdade, não me lembro mais. Só sei que não me foi possível. Acho que peguei uma gripe, mas pode ter sido por ter optado por encarar uma maratona no Netflix. Ou não teria sido por ter me dedicado a uma semana de jejum, para ver se perdia uns 10 kg? Algo assim, não me lembro mais.

Agora, nesta primeira segunda-feira do mês de meu aniversário resolvi realmente levar tal coisa a sério. Achei uma caderneta que eu havia comprado há tempos, jogada em um fundo de gaveta e é nela que passo a registrar a lista de minhas dívidas, com terceiros e comigo mesmo.

Começo pelas contas não pagas. Água, luz, telefone, internet, TV a cabo. Tenho que levantar uma por uma nos sites das empresas. Até há poucos dias havia um maço delas sobre minha escrivaninha, mas a passagem intempestiva e inesperada de Rosamaria, minha faxineira, acabou por dispersá-las e eu já não sei mais por onde andam. Fica, portanto, registrado que preciso acessá-las e logo que completar a minha lista vou começar a executá-la fazendo exatamente isso.

Lembrei-me também que poucos dias antes de sair publicada minha aposentadoria eu havia iniciado um tratamento dentário, com a

extração de um molar renitente. Acho que está na hora de voltar ao meu dentista, a quem eu chamo de *Personal-Tiradentes* para ver se já é tempo de dar sequência ao procedimento. Fica registrado aqui.

Por falar em dentista, não me lembro de ter pagado a conta de tal atendimento. Tenho a impressão de que fiquei de passar a ele uma ordem bancária e, definitivamente, não me lembro de ter feito isso. Tenho que puxar meu extrato bancário, portanto. Anoto mais essa demanda.

Falar em dentista me lembra de médico. É fatal... O cardiologista me pediu um novo exame de imagem, nem me lembro qual. Preciso procurar o papel. Espero que Rosamaria não o tenha consumido também. Uma vez encontrado, toca a marcar o tal exame. Para não esquecer, registro.

Memória puxa memória... Eu lembrava de dentes, mas o que me veio à tona foram unhas, sabe-se lá por quê. Ah, sim: quando fui calçar a meia hoje pela manhã, vi que a mesma foi dilacerada por uma verdadeira garra formada pela unha do meu dedão direito. Pronto! Algo mais a registrar: procurar um podólogo.

Como estou, passo a passo, voltando à vida, ou melhor, à tona da realidade, saindo de abismos marasmáticos, liguei há pouco a TV pra saber se o mundo ainda não acabou e pude, de alguma forma, constatar que o mundo talvez continue como sempre, mas a TV parou de funcionar. Ou pelo menos insiste em me mostrar uma tela totalmente preta. Mais uma obrigação para ser anotada. Vamos lá.

Começando a andar pela vida, saindo da zona de conforto de minhas paredes e teto, fui dar uma volta no quintal e quase me perdi no gramado, que de grama não tem mais nada e mais parece um pasto de elefantes. Tenho que procurar o telefone do rapaz que corta a grama e convocá-lo para uma sessão “gramática” aqui o mais depressa possível. Registrado.

O carro, da mesma forma que a TV, está de picuinha comigo. Parece que a bateria arriou. Mas pelo menos a peça correspondente em mim agora está com a carga total. Anote-se e cumpra-se, logo que possível.

Ao passar pela cozinha ocorreu-me dar uma conferida geral. Resultado: é preciso fazer supermercado e o registro do gás mostra pressão perto de zero. O filtro do bebedouro também já passou do prazo de troca. Portanto...

Na garagem uma bela poça se formou, por pouco se transformando num criadouro de mosquitos da dengue. Há uma goteira, por certo. Acontece nas melhores residências, mas (ó céus!) por que logo agora e aqui? Mais uma providência a ser executada.

Minha tia Aurora, última remanescente da vasta irmandade de meu pai, fez aniversário na semana passada e eu nem liguei para ela. Meu primo Horacinho se casou e apesar de toda insistência para que eu comparecesse, deixei passar. Pior é minha mãe, tão velhinha, para quem eu não faço uma chamada há semanas. Tomara que ainda esteja viva. Registre-se, registre-se, registre-se. E cumpra-se!

Olha na folhinha e vejo que o Dia dos Namorados se aproxima. Céus, eu tenho uma namorada! Ou melhor, será que ainda tenho? Faz dias que Jerusa não me liga e mais tempo ainda faz que eu não ligo para ela. É o caso, realmente, de perguntar se ainda rola alguma coisa entre nós. Preciso ligar. E também providenciar um presente para tentar reconquistá-la, romanticamente, na data eu se aproxima. Não sei se vai funcionar.

Com tantas providências a tomar e correspondentes preocupações, achei que seria de bom alvitre molhar a palavra com um uisquinho. Ótimo! Mas minha alegria durou apenas o tempo de ir ao armário das bebidas e constatar que meu *Cutty Sark* agora encalhou em total secura. É preciso adicionar tal gênero de primeira necessidade na lista do supermercado.

Ter ido ao armário das bebidas me demonstrou que, além da escassez das ditas cujas, havia algo ainda pior: baratas. Torna-se preciso, portanto, adicionar na lista a dedetizadora.

A caixa de correio me mostrou uma pletora de avisos não lidos. Vou me deter com calma sobre eles a qualquer hora, mas o primeiro que peguei por curiosidade comunicava a chegada de uma compra que fiz pela internet há dois meses atrás, da qual não mais me lembrava. Nem de tê-la feito e nem mesmo do objeto adquirido. Registre-se.

Na maçaroca do correio havia um monte de multas de trânsito. Umas dez ou mais. Essas podem esperar, pensei, já foram cometidas mesmo e o pior que pode acontecer é ter que pagá-las sem desconto. Além disso, nem tenho dirigido. Mas em algum momento tenho que cuidar disso. Faço o registro na segunda página da caderneta, para uma ordem cronológica. A primeira já está cheia.

Acho que minha lista já está de bom tamanho. Pelo menos para começar meu processo de ajuste com a vida útil e normal. Passando pela cozinha, resolvi dar uma consultada na folhinha. Epa! Vejo que já é sexta feira. Nossa, como tempo voa! Deve ser algum problema com o eixo do Planeta.

Mas deixa estar que está tudo anotado na caderneta. Cuidarei para não perdê-la de vista. Na próxima segunda, sem falta, retomo.

Eita! Acabo de me lembrar que segunda feira próxima é exatamente o dia de meu aniversário de setenta anos! Acho que tenho o direito de dar uma escapada da cidade, quem sabe pegar uma praia. Para quem já esperou tanto tempo, uma semana a mais não fará diferença.

Promised Land, now!

Aqueles eram demônios fortes, viris, de olhos avermelhados, demônios que dominavam e instigavam homens... homens, estou lhes dizendo! Porém, de pé naquela encosta, tive a premonição de que, na luminosidade ofuscante daquela terra, conheceria um demônio flácido, dissimulado, de olhar débil, o demônio de uma loucura voraz e impiedosa. [Joseph Conrad - No Coração das Trevas]

Com as bênçãos do Senhor, aquele parecia ser um dia igual a qualquer outro. Não fazia frio nem calor, passarinhos cantavam, cães latiam, as irmãs da limpeza já começavam suas tarefas, entoando salmos e hinos conhecidos. Eu tinha aberto minha Bíblia e meditava um pouco sobre algo que disse Isaías, como faço diariamente, variando apenas de Profeta.

Ainda me lembro muito bem, Isaías falava que a terra de seu povo viria a ser assolada, suas cidades abrasadas por pragas e invadidas por estranhos. Hoje me penitencio por ter faltado fé verdadeira em mim, pois vejo que ali havia mensagens às quais não prestei a devida atenção, que diziam respeito, sem dúvida, ao que eu iria vivenciar em mais adiante. Ah, aquelas palavras falavam de gente estranha; de turvação nos corações; de devastação e traições; de conflitos e vinganças; de um Deus onipotente, porém ausente! Saber que também existiria por ali uma senda santificada, pela qual não passariam os imundos, ainda que aberta aos loucos e doentes, não me dava alívio.

A verdade é que fui pego de surpresa.

Foi assim, mal me levantara e me dirigia ao refeitório, Sigrid, a secretária do Doutor Wilhelm, me avisou que ele queria falar comigo. Logo de cara percebi que devia ser coisa séria, pois Sua Excelência raramente dava tal honra aos mortais comuns. Devia haver algo de grave naquilo, que me afetava diretamente, sem que eu soubesse o motivo. Alguma coisa realmente estranha se armava, só não sabia ainda por que envolvia a minha pessoa.

Wilhelm na verdade era além de Doutor, Pastor. Ele era filho de uma família brasileira descendente de pomeranos e havia feito sua preparação religiosa na Alemanha, lá recebendo tal título formal, pelo qual gostava de ser tratado. Dirigia aquela escola de formação religiosa luterana, o *Diaconato Lutherhaus*, com rigidez e devoção extremas. Ele me tratava de forma severa e com intimidade zero, aliás, como à maioria dos alunos, funcionários e demais pessoas que por ali andavam e trabalhavam. Mas encarei com coragem, embora um tanto ressabiado, o mal-estar de começar o dia com uma entrevista como aquela.

Para encurtar minha narrativa, em certo momento da conversa o Doutor me perguntou sobre Karsten Freitag, se eu o via com frequência, que tipo de contato tinha com ele nos últimos tempos.

Karsten era um cara da minha terra, que anos antes havia me ajudado a desviar do trauma que eu tinha com o catolicismo, por conta de um padre de má fé que era próximo de minha mãe e que, só mais tarde me dei conta, tentara me assediar sexualmente na infância e na adolescência. Ele pertencia a uma família de crentes e foi meu vizinho na infância. Quando um dia confessei a ele o mal-estar que eu sentia com os contatos forçados que eu me vi obrigado a ter com o padre Carlos, ele prontamente se ofereceu para me ajudar, fazendo com que eu me aproximasse de pessoas de sua confiança na Igreja Luterana da cidade, de cujo rebanho ele e sua família faziam parte. De fato, fui bem acolhido ali e como sempre tive uma inclinação espiritual, deixei-me levar pelos ritos protestantes e em pouco tempo me tornei um deles.

Karsten era quatro ou cinco anos mais velho do que eu e extremamente interessado e versado em assuntos religiosos. Tinha sempre uma bíblia no bolso e uma memória fabulosa, sendo capaz de recitar trechos inteiros do Antigo Testamento, trazendo muitas vezes a conversas banais citações apropriadas de salmos. Seu tio era pastor em uma cidade próxima à nossa e Karsten foi morar com a família dele quando terminou o ensino médio. Eu ainda era ginasião, de maneira que praticamente nos separamos desde então, com encontros apenas ocasionais, nas férias minhas ou dele. Quando estive com ele, certa vez, me disse que tinha se decidido a virar pastor, assim como o tio, que lhe dera grande apoio e mesmo o encaminhara à sede da Confissão Luterana na capital.

A partir daí continuamos a nos encontrar apenas por cartas e numa dessas ocasiões confessei a ele meu desejo de também me aproximar da vida religiosa, tendo ele me recomendado, e ato contínuo me indicado à tal formação de diácono, justamente na Lutherhaus, onde tiveram início os fatos que narro agora. Ao terminar meu curso, Doutor Wilhelm, por algum motivo, achou que eu não deveria ser pastor, mas sim me voltar ao ensino religioso formal, em alguma escola ligada à Confissão Luterana. À espera de que isso acontecesse, já fazia bem uns seis meses, é que me levantei naquela manhã primaveril com o aviso que o Doutor me esperava para uma conversa.

Wilhelm tanto tinha de rigoroso e severo como de experiente no trato com as pessoas, mesmo subalternas, como eu. Foi logo me deixando à vontade. Perguntou se eu estava satisfeito com o curso, com os aposentos, com a comida, com os professores e demais encarregados; me ofereceu uma limonada. Tudo bem, tudo bem, eu repetia meio infantilmente, tentando entender o que viria depois. E o que veio depois demorou mais de meia hora para ser finalmente revelado – e envolvia diretamente o meu velho amigo Karsten Freitag.

O Doutor insistia em me indagar se eu recebera notícias recentes dele. Fazia pelo menos um ano que não nos víamos e nem trocávamos telefonemas ou mensagens. Eu o sabia baseado em algum lugar da Amazônia, com passagem por Santarém, ao que parece. Recebera a missão de evangelizar as comunidades ribeirinhas no Tapajós, que tinham sido deixadas à mingua da Palavra algum tempo antes, por falecimento de um veterano pastor batista norte-americano, que cuidara delas por décadas a fio. E o mais era apenas por ouvir dizer.

- *Ouvir dizer o quê*, inquiriu o Doutor. Ele queria saber mais, por exemplo, se eu percebera algo diferente ou mesmo estranho no comportamento de meu amigo. A princípio neguei, mas depois resolvi abrir o jogo, pois na verdade um dos motivos do meu afastamento de Karsten era por percebê-lo um tanto heterodoxo com relação a certas tradições luteranas. Por exemplo, pelo uso repetido de palavrões nas conversas ou por algumas vezes ter me dito, como despedida, que ia *beber umas* em minha homenagem. Em uma ocasião me disse que a *mulherada* do lugar era *infernai*, expressões exatas dele, que eu sabia serem muito estranhas a um protestante, ainda mais em se tratando de um pastor luterano. Acabei por revelar, ao longo da conversa com o diretor, que tinha sido na verdade o próprio Karsten que deixara de me procurar a este tempo, antes de que eu fizesse o mesmo com ele.

- *Era tudo o que eu tinha a dizer, Doutor...*

Wilhelm me olhou de um jeito que me pareceu ser de confiança em mim e eu percebi que o pior já tinha passado – ou nem mesmo se ameaçara de verdade. Mas eu estava enganado.

Ele agora me confessava sua preocupação com Karsten, pois já sabia das coisas que eu lhe contara e, pior, tinha muito mais a acrescentar. O que acontecera com o aquele pastor, agora *perdido*, seja em meio à floresta amazônica ou em outros sentidos da palavra, era estarrecedor. Primeiro parara de dar notícias a seus superiores em Belém, depois se negara a prestar contas do dízimo recebido dos fiéis e de outros valores que lhe eram enviados pela Igreja. O material de divulgação que vinha da matriz em Porto Alegre começou a ser simplesmente devolvido, por falta de quem lhe procurasse no correio. Um diácono que passara pela comunidade onde Karsten era ministro, tivera apenas notícias vagas dele. Por exemplo, que abandonara a sua esposa legal, uma galega de Passo Fundo e agora vivia amancebado com uma cabocla, que havia transformado seu salão de orações em local para festas estranhas. Tinha ouvido dizer ainda, que ele pregava o amor livre, dizendo que isso era bom aos olhos de Deus, por se dar sem vínculos egoístas ou sentimentos de possessividade em relação a esposas e maridos. Não bastasse, dera para andar todo o tempo de calção e camiseta regata, como a maioria dos ribeirinhos, destoando completamente das normas luteranas do recato, aceitando também que em sua igreja os fiéis assim se vestissem. Convocado repetidas vezes pelos superiores em Belém e mesmo no Sul, ignorava solenemente os chamados.

A esta altura eu voltei a ficar preocupado. Afinal, o que poderia querer de mim o Doutor Wilhelm, diante de uma situação tão escabrosa, que ele próprio parecia se considerar impotente para enfrentar?

Ele logo me esclareceu. Queria que eu fosse ao local dos acontecimentos para confirmar se e até que ponto eram verídicos. Disse-me também que havia um plano para resgatar o *pobre* Karsten (qualificativo posto por ele) e reconduzi-lo à boa razão do espírito. E mais: que isso seria confiado a mim, que afinal de contas era uma pessoa que o conhecia desde a infância.

- *Como?* Eu quis saber, sem obter resposta no momento, já bastante temeroso com tais responsabilidades e com minhas preocupações acrescidas em várias oitavas.

Passei o resto do dia em estado de alerta, com um olho em Isaías e o outro, ou melhor, o ouvido, na campainha de meu quarto de diácono. No dia seguinte, Sua Excelência não me convocou. Pior, veio falar comigo pessoalmente, me convidando para uma conversa debaixo das mangueiras do quintal. Por dentro eu tremia, claro.

Desta vez não me fez prolegômenos, indo direto ao assunto. A Congregação pagaria minha passagem até Santarém e de lá forneceria o que fosse necessário para eu chegar a cidade de Belterra, onde Karsten agora estava praticamente homiziado. E deixou bem claro que a minha missão não era simplesmente de reconhecimento do terreno ou de apuração do comportamento do personagem. Bem mais do que isso, cabia trazer o *trânsfuga* (palavra dele) de volta, custasse o que custasse e para tanto havia sido preparada uma estratégia, que me foi logo apresentada: uma caixinha de metal com seringa e ampola de medicamento. E mais um recado claro: se Karsten resistisse à persuasão, que eu desse um jeito de pegá-lo à força e aplicar nele o conteúdo da seringa. Isso o tornaria dócil com um cordeirinho, me garantiu o doutor, aceitando me acompanhar até onde eu impusesse.

Não havia urgência, entretanto, dada uma seca muito forte em toda a região do Tapajós, com o rio baixo e a navegação impedida. Dentro de dois ou três meses, com certeza, haveria condições para a execução do plano. Enquanto isso poderíamos caprichar no planejamento, para o que também contava com a minha ajuda. E antes que eu dissesse *pau* ou *pedra* me alertou: - *que isso fique somente entre nós*. E mais: na volta e diante do sucesso da minha intervenção uma vaga estaria garantida para mim no principal colégio da Congregação. - *Uma posição muito disputada* – completou.

Era setembro. Passou um mês, e depois, quase dois. No final de outubro o rio voltou a fluir e eu peguei o avião para Santarém, com escala em Belém. Na capital fui recebido pela própria esposa do maioral de lá, que disfarçou, mal e mal, que não sabia da missão que me fora confiada – apenas que era algo muito importante para a Igreja e que seu resultado faria de mim uma pessoa abençoada.

Abençoado ou não, eu, um pobre diácono, aquilo era para mim missão a cumprir. No final do arco-íris havia um emprego, que era o meu sonho real naquele momento, pois queria me casar e ganhar independência total do regime que me era imposto em Lutherhaus. Fui para o sacrifício me consolando com a ideia – sem qualquer fundamento concreto até então – de que talvez as coisas não fossem tão difíceis como eu pensava. Desci do avião em Santarém ainda com tais pensamentos otimistas, mas o próximo passo, o embarque para Belterra já começou a me mostrar que o pior ainda estava por acontecer.

No velho porto sujo e cheirando a peixe e esgoto, sobrevoado por uma multidão de urubus, havia várias embarcações, de tamanhos variados aguardando passageiros. Não havia hora marcada para sair, pois isso só acontecia quando a lotação estivesse completada. O conceito de *lotação* significava ali, pelo que pude ver, pelo menos o dobro da capacidade recomendada, em termos de pessoas embarcadas e carga. O barco que me era destinado se chamava *Tucuxi*, o que me pareceu um nome em sintonia com a missão que me fora destinada pela Igreja. A partida ainda iria demorar, pois apenas uma pequena parte das redes abertas no convés superior estava ocupada. Não precisei comprar uma para mim, pois tal peça fazia parte do pacote da viagem, como se fossem as poltronas de um ônibus ou avião. Me acomodei naquele pano sujo como pude, procurando me abstrair do cheiro de corpos e sei lá o quê mais que dali se exalava. Cheguei no porto por volta das cinco da tarde e pouco depois da meia noite a viagem começou.

Lentamente vadeamos e eu me distraí vendo as luzes lentamente fugindo em ambas as margens. Com menos de uma hora de viagem, o barco estacionou para pegar passageiros e entre encostar, aportar, acolher gente e carga, vadear de novo, havia transcorrido mais outra hora inteira. Tentei dormir, mas o calor e o barulho das conversas era tanto que isso me pareceu totalmente impossível. Além do mais, nunca consegui dormir em rede. Assim me resignei a passar uma noite em claro. Os passageiros nas redes ao redor de mim eram incansáveis em conversar, cantarolar, dar risadas, contar piadas, sem parar de comer seus quitutes oleosos e cheirando a peixe. Aqui um cristão paga todos os seus pecados, pensei. Aliás, por falar nisso, logo percebi que boa parte da gente que viajava comigo eram mulheres com saias no meio da canela, tanto elas como os homens vestindo camisetas em que frases bíblicas se repetiam, geralmente com erros de sintaxe e baixa sintonia com a realidade.

- *Oh Deus, perdoai-os...*

Lembrei-me de meu bom Isaías: *anunciai-nos as coisas que ainda não de vir, para que saibamos; ou fazei bem, ou fazei mal, para que nos assombremos, e juntamente o vejamos*. Ajudai-me, meu Profeta, o que eu não daria para saber o que essa aventura me traria e se eu escaparia são e salvo dela...

Aquela viagem estava apenas começando... Logo que escolhi minha rede, vi que a dois metros dela estava uma senhorinha que não parecia muito bem. A filha, que a acompanhava, explicava para quem quisesse ouvir, que a mãe voltava para casa depois de algumas semanas internada na cidade, desenganada pelos médicos. Ela me pareceu estar, na verdade, agonizando, bem ali naquela rede, quase a meu lado. A filha, pródiga em detalhes, acrescentava que a mãe era uma *pinhoneira* na região, pois tinha vindo do Ceará ainda menina e havia trabalhado, como babá, para uma família de americanos da Companhia Ford na grande plantação de borracha, muitos anos antes. Depois tudo acabou, explicava, e sua mãe, que dera à luz a ela própria, a narradora, com assistência direta de médicos gringos, agora tinha que ir a Santarém mesmo para pequenas consultas médicas. - *Este lugar só piora*, suspirava.

Em estado de piora mesmo, e a olhos vistos, estava a velhinha. Ela mantinha os olhos fechados, sem se comunicar com a filha ou com qualquer outra pessoa, respirando com algum ruído. Lá pela meia noite pareceu sair de sua letargia, abriu os olhos, tentou se levantar na rede, balbuciou qualquer coisa e tombou inerte. Estava morta. Isso desencadeou um movimento previsível na vizinhança, apinhada de redes e curiosos. Ninguém sabia ao certo o que fazer. O Imediato foi chamado e disse que a chegada a Belterra estava prevista para quatro da tarde do dia seguinte, mas só se corresse tudo bem, alertou. Um curioso disse que o melhor era desembarcar o corpo, pois transportar defuntos era contra as leis, e além do mais poderia dar azar. Este logo se calou porque a filha da falecida lhe advertiu que se intencionava fazer isso, que fosse com a própria mãe dele, não com a dela.

Dois dos expectadores, em momento diferentes, se aproximaram e segredaram alguma coisa à filha. O primeiro deles puxou da mochila uma Bíblia e começou a ler algum versículo, atropeladamente e ignorando totalmente vírgulas, pontos e parágrafos. E ia alterando a voz, chegando quase aos gritos, como se estivesse num púlpito de sua congregação pentecostal. O outro esperou a arenga terminar e de certa forma a repetiu, com um pouco mais de cerimônia, contenção verbal e letramento.

Enquanto isso, a velha defunta, na sua rede, tomava parte em tudo, com a serenidade dos mortos.

Findo o tumultuado ofício, vi que os dois pastores se dirigiram à proa do barco e ali começaram a conversar; logo percebi que era um diálogo um tanto acalorado. Em poucos minutos chegaram às vias de fato, com o mais alto deles tentando jogar o oponente dentro do rio. Armou-se o *deixa-disso*, mas a participação de dois tripulantes deixou os ânimos aparentemente domados. - *O que seria aquilo?* Indaguei da minha vizinha da direita. Briga antiga, ela me esclareceu. Há muito viviam às turras, cada um acusando o outro de estar roubando fiéis de suas respectivas igrejas de periferia. Outra mulher acrescentou: - *que nada, tem rabo de saia no meio disso!* Segundo ela, o baixinho também era

acusado pelo outro de ter lhe roubado uma fiel especial, a mulher com quem ele mantinha um romance.

Será que Isaías, que viveu em uma época de muito tumulto e disputas, teria presenciado alguma cena como aquela?

Nisso um baque surdo se ouve, o motor se silencia e na sequência o barco estaca, em uma curva do rio, longe das duas margens. Um alarme soa. Alguém fala em incêndio e muitos se agitam em suas redes. De uma fileira de luzes na margem esquerda chega o som de uma lambada, além de vozes e gritos frenéticos, de homens e mulheres. Me envergonha repetir o que se cantava, mas o faço por fidelidade ao momento: - *chega aqui meu benzinho, vem sentir o meu quentinho, o meu carinho*. Quanto mais se sofre aqui, mais se esbalda – pensei. Durante uma ou duas horas, sem outra explicação que não fosse a especulação dos passageiros, depois de ruídos de quem bate um martelo, o Tucuxi retoma a marcha, embora agora parecesse mais fatigado, pela mudança do barulho que o motor produzia abaixo de nós.

Mal retomada a viagem, um empurra-empurra domina o convés. Era uma confusão entre duas mulheres, que logo se engalfinharam, bem no estilo dos dois pastores. Eu tinha visto que o filho de uma delas era autista ou algo parecido, pois gritava de tempos em tempos, por nenhum estímulo. Apenas berrava, de forma dolorosa e sem sentido. Uma delas, pelo que percebi, reclamara da mãe, que incontinentemente partiu em defesa do filho, atacando a ofensora. Esta não se deu por vencida e rebateu a outra, dizendo que aquele devia ser um filho que a infeliz tivera com o Diabo, um castigo de Deus. A turma do *deixa-disso* parecia estar em plantão permanente, pois logo apareceram dois ou três para acalmar os ânimos. Daí em diante eu só ouvi os gritos da pobre criança, cada vez mais rouca, cada vez mais espaçados. Parece que finalmente conseguira adormecer.

Numa breve parada, em um lugar sem nome e sem maiores predicados, em plena madrugada, uma família sobe a bordo: pai, mãe e dois filhos já quase adultos. Novo rebuliço no convés. Da rede vizinha ouço o comentário que são leprosos e por isso todo mundo quer fugir deles.

A sequência de perigos e emoções parece nunca terminar a bordo do Tucuxi. Logo em seguida uma voadeira rodeia o barco e tenta abordá-lo. Dois homens gritam que é um assalto e que todos deveriam mostrar o que tinham nas bolsas e sacolas. São interrompidos, entretanto, pelo Imediato acompanhado de dois dos marinheiros, que os expulsam com um bastão de choque elétrico, reforçado por enérgicos golpes de remo. Um dos assaltantes fica ferido e grita palavrões. Fogem.

Uma mulher obesa tenta atravessar o emaranhado de redes para ir ao banheiro e é hostilizada pelos demais passageiros, que reclamam que seu corpanzil perturbava a imobilidade das redes. Chegam a dizer para ela até mesmo que gente com aquela bunda toda deveria ficar em casa, ao invés de perturbar a paz dos outros. Surgem risadas e vaias, entremeadas por palavrões. A ofendida ao mesmo tempo que responde

às agressões com nomes sujos, empurra alguns dos que reclamavam dela. Naquele momento cheguei a imaginar que a pancadaria iria rolar solta, mas tudo terminou em risadas, e depois silêncio, eis que a manhã já se anunciava no horizonte da margem esquerda do Tapajós e o sono parecia, finalmente, ter tomado conta de todos.

Manhã chegada, topamos com duas ou três canoas que atravessavam o rio com imagens de santos e bandeiras e gente além da sua capacidade de carga. Alguém comentou que era dia de finados e que aquelas pessoas, de filiação católica, iam reverenciar seus mortos em um cemitério que ficava do outro lado do rio. Novo agito no convés, com um outro grito do tipo *vão enterrar o Papa e chega de idolatria*, com gestos de mão pouco lisonjeiros. Uma mulher, de saias incrivelmente curtas, decote profundo, peitos gelatinosos, pernas grossas e pintura carregada na cara, que até então permanecera quieta, resolveu intervir e passar, aos gritos, uma lição de moral nos demais, dizendo que a religião dos outros deveria ser respeitada. Gritos e vaias ecoaram das fileiras de redes mais distantes e alguém acrescentou: - *logo você para dizer isso? Essa é boa...*

Lembrei-me novamente de Isaías. Impossível não recordar dele a cada momento desta travessia. Ele deve ter dito alguma coisa apropriada a momentos com estes que vivi no Tapajós. E toda a história estava apenas em seu começo.

Em certo momento pude ouvir alguém falar de um pastor chamado *Carste* e sua seita “PLN”, ou algo assim. Apurei os ouvidos. A narrativa, entre divertida e escandalosa, falava em sessões públicas marcadas por grande agitação, com promessas de liberdade e cura, mas também sedução e até sexo com menores. Haveria também certas experimentações com ervas nativas capazes de produzir estados alterados na mente das pessoas. Era só o que faltava no cenário e isso me fez atinar realmente com a grossa confusão em que havia me metido. Mas tudo bem, se no final eu fosse pelo menos recompensado com um bom emprego ou quem sabe até um cargo na hierarquia administrativa da Igreja. O fato é que o ponto de possível retorno já havia sido ultrapassado, mesmo antes de eu pegar o avião em São Paulo.

Aquela viagem parecia que nunca ia terminar, mas finalmente desembarcamos em Belterra. Depois de me equilibrar perigosamente na pinguela que conduzia os passageiros do barco à terra firme e tendo escapado de um banho nas águas lodosas, fedidas e repletas de detritos do porto, alcancei o alto da barranca para procurar um merecido pouso, com um mínimo de conforto, quem sabe um banho e cama com lençóis limpos. Na escalada vi meio enterrado na lama um barco pequeno, que aqui chamam *baleeira*, que tinha escrita na lateral a mesma sigla que ouvira na conversa alheia, um pouco antes, ainda a bordo do Boto Tucuxi: PLN. Tudo indicava que o foco da minha procura finalmente seria alcançado. Restava saber o que significavam aquelas letras.

Procurei um hotel decente, mas o que encontrei foi uma pensão que não chegava perto disso, muito antes pelo contrário. Fazer o quê? Fiquei por ali mesmo. As paredes de madeira deixavam o quarto em calor insuportável, embora já fosse quase noite. Um velho ventilador fazia mais ruído do que propriamente produzia vento. Um cartaz advertia ser proibida nos quartos do estabelecimento a entrada de *pessoas prosaicas*, fosse lá o que isso significasse. Fui dar uma volta pela cidade e depois de perguntar aqui e ali sobre o *Carste*, descobri que ele agora morava numa vila rural, distante uns poucos quilômetros da sede, mas que sua igreja ainda existia não ficava longe de onde eu estava. Fui até lá, apenas para constatar o abandono de um prédio que mais seria adequado a uma oficina mecânica, mas que pelo menos em uma de suas paredes, um letreiro tosco, já esmaecido pelo tempo, esclarecia o significado da misteriosa sigla PLN: *Promised Land Now*. Mas porque em inglês, meu Deus?

A cidade ainda guardava vestígios de sua época de ouro com a presença dos norte-americanos, com algumas moradias no padrão daquelas que a gente vê em filmes *made in USA*, com jardins, ausência de muros, telas mosquiteiras, vidraças quadriculadas, alpendres. Mas havia, naqueles restos do sonho insano de Mister Ford, a marca do tempo, do descuido amazônico e do clima úmido dos trópicos. Aquilo tinha a ver com o slogan encontrado por Karsten? Será que ele andava a prometer a seus fiéis as benesses de um paraíso imediato, na próxima curva do rio? A volta a um passado glorioso que fora varrido pela floresta e pelas doenças? Mas por que em outra língua? Aquilo realmente não fazia sentido para mim...

As pessoas com quem eu conversei me indicaram que o homem que eu procurava estava por perto, no povoado de São Gabriel, cerca de 20 km floresta adentro. O encontro com Karsten era agora questão de tempo, cada vez mais curto, aliás, pois queria alcançar o homem antes que o Tucuxi voltasse rio abaixo, dentro de três a cinco dias. Uma nova viagem precisava ser feita, entretanto, felizmente bem mais curta. E lá fui eu corcoveando pela floresta, em um caminhãozinho Toyota, na carroceria transformada em lotação, entre porcos, galinhas, sacos de mantimentos e adubo, latões de querosene, mais algumas pessoas, inclusive a mulher que eu já vira no barco, aquela defensora dos católicos, com suas pernas maciças, lábios pintados e tudo mais. E ela, não sei por que, e que não tirava os olhos de mim.

A vila de São Gabriel, meu destino final – assim eu esperava – na procura de Karsten era um lugar desolado, perdido mesmo naquele fim de mundo, com restos de floresta, cães, porcos, ratos e lixo – muito lixo por toda parte. Achei estranho ver as ruas desertas, da mesma forma que em Belterra, na véspera. Logo, porém, caiu uma chuva e tudo se encheu de gente. Imaginei que assim fizessem as pessoas para se refrescar. E assim pude apreciar a fauna humana local, mulheres e meninas em camisetas e shortinhos, com as roupas molhadas mostrando-lhes os corpos em quase total transparência. Para os

homens o obrigatório par formado por bermudões e camisetas regata. E pareciam todos felizes assim, quem era eu para desdizê-los?

Sobre a roupa molhada tornada transparente pela água da chuva já não me espantei. Aliás, começava a achar tudo normal ali. Lembrei-me da frase daquela canção que fala sobre não existir pecado ao sul do Equador – principalmente no meio dele, pelo visto. De fato, era pouca coisa que ainda me poderia surpreender por ali, pois no aeroporto de Santarém já havia visto um cartaz que anunciava um concurso chamado *Miss Camiseta Molhada*, com fotos sugestivas, revelando, sem qualquer pudor, mamilos, umbigos e curvas femininas, além de reentrâncias diversas. Dose cavalar para um protestante como eu.

Logo na chegada a São Gabriel a dona dos atributos físicos já descritos me perguntou se eu não pagaria uma cerveja para ela. - *Não bebo*, eu disse - *mas quero sim conversar com você*. Nada de intenções pecaminosas, claro, pois *luteranamente* aprendi a ser resistente aos vícios não só do álcool como da carne, mas pensei que talvez aquela criatura pudesse me dar informações sobre o objeto de minha viagem até ali.

Ela de fato conhecia o *Carste*, aliás de longa data, mas não ia com a cara dele, primeiro por ser católica (não das mais praticantes, claro), depois porque achava aquela história de PLN uma *babaquice* (palavra dela) sem muito sentido, por ali se misturar religião e pouca-vergonha de diversas qualidades. De fato, eu percebi que ela dominava o assunto, quando enumerou algumas das tais sem-vergonhices. Aproveitou para me contar um pouco de sua história, sem que eu perguntasse por isso. Ela fora criada pela avó ali em São Gabriel, mas que vivia em Santarém há tempos, onde trabalhou de doméstica e babá, mas que agora havia feito um curso de massagista. E que se chamava *Genitália*, porque a mãe, Geni, era fã de um jogador de futebol italiano. Eu lhe atalhei a conversa, porque tinha pressa e além do mais só tinha um interesse agora, o *Karsten* – e a Toyota voltaria a Belterra antes do final da tarde.

Com o beijo estendido *Genitália* me mostrou lá adiante um prédio rosa-choque, a sede da tal seita. De fato, no frontão havia um anúncio em neon, apagado àquela hora do dia, mas que logo pude ler de perto: *Promised Land, Now: aqui você se salvará*.

Era uma construção inacabada, na qual havia um salão sem reboco ou caiação, com alguns bancos e uma espécie de púlpito ao fundo. Estava deserto naquele momento, mas quando rodeei o terreno para ver se dava com alguém, me apareceu, surgido do nada, um sujeito baixinho, bem do tipo originário, perguntando o que eu desejava. Uma figura que minha mãe rotularia de *cara-lambida*, moreno, imberbe, com os cabelos, umedecidos pelo suor, caindo pelo rosto e pela nuca. Indaguei do *Carste* e ele fez um sinal com a mão, como me pedisse para esperar, o que me deixou animado.

O tal sujeito convidou-me a sentar dentro do “templo” e lá se apresentou como Epotamênides Good, fazendo questão de acentuar o

sobrenome em inglês (*não é Gud nem God: é Good, com dois 'o'!*), que significava *bom* ou *bacana*, segundo ele. Quanto ao primeiro nome, que tive que anotar em seguida para não esquecer, atribuiu ao seu pai judeu, orando ele próprio por tal credo até certo tempo atrás, abandonando-o por ter se convertido à fé verdadeira cristã. O sobrenome inglês tinha sido adotado por ele, depois que conhecera um missionário batista norte-americano, chamado Calvin, que passara por sua terra. Me disse ainda que era o secretário da PLN e que ajudava o reverendo em suas tarefas, até que ele adoecera e teve que se afastar dos cultos. Ele falava de Karsten, claro, tratando-o de *Reverendo*. No mais, me disse que era um estudioso da Bíblia, especialista em Velho Testamento. E num gesto que me pareceu magnânimo, aquiesceu que eu poderia tratá-lo como *Popó*, simplesmente. Pelo visto ali as pessoas gostavam de falar de si mesmas – eu não havia perguntado a ele nada, ainda.

Sobre o nome *Promised Land* me garantiu que fora ele que tinha sugerido a Karsten, que logo o aprovou, acrescentado depois *vírgula Now*. E que isso era resultado das conversas que teve com Calvin, que lhe revelou ser membro de uma igreja com igual denominação em Louisiana, nos Estados Unidos.

Dito assim, parece ter sido uma conversa simples e rápida, mas sei eu o quanto me custou. Popó era completamente gago e transformava cada sílaba em três, quatro ou mais, lembrando uma metralhadora ou um motor avariado de baleeira, sei lá. Naquela terra, realmente, tudo era possível: de Genitália a Epotamênides, tudo em uma única manhã.

Sobre ela, Popó me disse que havia visto nós dois conversando e que eu não deveria acreditar muito nas coisas que ela tenha me dito, pois Genitália era intrigante como quê. Ela fora discípula da PLN e mesmo usufruía da intimidade de Karsten, mas que haviam se separado por excesso de ambição dela.

Insisti que queria ver o reverendo e ele aquiesceu. Me guiou por um caminho no mato, que dava acesso a uma espécie de barracão, no fundo do terreno da igreja. Entrei no ambiente escuro e pude ver, finalmente, em um catre no fundo do cômodo, a pessoa que eu procurava. Mas não era o mesmo filho de alemães que eu conhecera em minha cidade, sacudido e saudável. Karsten Freitag era agora apenas uma sombra do outro. Muito magro, esquelético mesmo, com a barba de muitos dias, olhos injetados de amarelo e sangue, bafejando um hálito terrível. Saudei-o e ele mal respondeu. Disse a ele a que vim e quem me mandou buscá-lo e ele reagiu com um gesto resignado de concordância, inclusive aceitando partir comigo ainda naquele mesmo dia. Aquela seringa e a ampola de remédio não seriam necessários, felizmente.

Daí a prepará-lo para entrar na Toyota foi um átimo. Bagagem sua era apenas uma malinha de mão, tão leve que parecia estar vazia. Popó me ajudou levá-lo até a parada e lá tivemos praticamente que carregar seu corpo inerte para instalá-lo num dos bancos da carroceria. E assim

fomos pela floresta a fora, cada solavanco recebido com um esgar de dor e mal-estar por parte do resgatado.

Ele de repente se manifestou com palavras, que me eram quase incompreensíveis. Mas consegui entender bem o que me soava lugubrememente como uma ladainha: *horror, horror...O horror*. E repetia isso sem cessar.

Meu mal-estar com tudo aquilo ainda estava longe de acabar. A volta do Tucuxi estava prevista para daí a cinco dias. Pelo menos agora eu conseguira vaga em um hotelzinho simplório em Belterra, mas pelo menos equipado com um ventilador que fazia jus ao nome. Tive que pegar um quarto com duas camas, uma para mim, outra para Karsten, que piorava cada vez mais. Em alguns momentos se retirava para um mundo de sombras, onde passava horas inteiras. Às vezes, no meio da madrugada, tinha ondas de lucidez. Numa delas me falou de *Leatriz*, *Beatriz* ou um nome assim, que eu entendi ser uma pessoa muito importante para ele, talvez a galeguinha de Passo Fundo, de quem eu já havia ouvido falar. Na ocasião, pediu que eu lhe trouxesse a mochila ensebada e de lá retirou o único volume, um envelope cinzento grosso, que parecia cheio de papéis, talvez fotos e cartas. Pediu que eu fizesse chegar às mãos dela – e eu prometi que o faria, embora não tivesse a mínima ideia de como e onde encontrar tal pessoa. Tive que me aproximar de seu rosto para poder ouvi-lo e confesso que o hálito de alguém nunca me pareceu tão desagradável. Aquele homem estava, de fato, muito doente. Vi nele a materialização de uma frase de um livro que eu havia lido certa vez, que falava de um homem portador de uma loucura voraz e impiedosa, possuído por algum demônio dissimulado, de olhar débil.

Três dias depois, depois de ter passado uma manhã e tarde ofegante e nauseado, recitando ainda a sua ladainha, percebi que ele se calara na cama ao lado, no meio da noite. Estava morto. Esperei o dia amanhecer e fui tomar as providências cabíveis. Por sorte, pelos préstimos do porteiro do hotel, que parecia estar acostumado a situações como aquela, havia uma funerária disponível na cidade, que me atendeu prontamente, cuidando do atestado de óbito e de outras providências burocráticas. Com o saldo que ainda havia na conta que Wilhelm abrira em meu nome, encomendei para ele um enterro sem maiores honras, a ser realizado naquele mesmo dia. Acompanhei o caixão coberto do pano roxo ao pobre cemitério de Belterra, que sem dúvida não pertencia à era fordiana, e na companhia de um cão sarnento e solitário que por lá apareceu – ou ali habitava – prestei a Karsten Freitag as despedidas possíveis, em uma cova rasa. Não havia tempo para mais do que isso.

Assim voltei a Lutherhaus. Quando lá cheguei me informaram que Wilhelm tinha viajado para a Alemanha, onde passaria alguns meses. Quis saber se havia deixado algo para mim, mas nada havia. Sigrid, a velha secretária dele, apenas me disse que o Doutor entraria em contato comigo tão logo retornasse. Falei a ela da encomenda para Beatriz,

nome que ela corrigiu para Leatrice, dizendo saber quem era e que faria contato com ela.

Assim se passaram mais de dois meses.

Um dia recebi um telefonema de alguém, em nome de Wilhelm. Era uma enfermeira, ou alguém com tal função, que trabalhava em uma instituição para idosos pobres e abandonados, mantida pela Congregação Luterana no sul do país. Ela me disse que havia uma vaga para *assessor* no tal asilo, mas quando lhe perguntei para qual função exatamente foi evasiva, falando apenas de prestar assistência espiritual aos internados, fazer contato com as famílias deles, resolver burocracias, coisas assim. Sobre o salário, foi ainda mais vaga, me dizendo apenas que eu teria ali cama e comida de graça. Agradei, aquilo estava longe de ser aquela tarefa apostólica que o Doutor me prometera. Como eu insistisse na questão do vencimento, a mulher falou de uma quantia que era pouco mais do que um salário-mínimo, de maneira que recusei enfaticamente, avisando que iria procurar outro tipo de oportunidade.

Poucos dias depois Sigrid me avisou que eu podia levar a encomenda do Karsten até Lutherhaus, porque a destinatária estaria por lá às tantas horas. Lá fui apresentado a uma mulher mais ou menos de minha idade, loura e muito pálida, com longas tranças e vestida como uma crente tradicional, que esboçou o que me pareceu ser uma contração de desgosto na face quando lhe falei do envelope cinzento. Mas pegou-o de minha mão, sem qualquer entusiasmo e eu me despedi dela e da velhota de forma ainda mais contrafeita. Passei pela tesouraria da Congregação para receber umas diferenças das despesas da viagem que ainda me eram devidas, fui à cozinha beber um cafezinho e rever algumas das minhas irmãs de fé que lá trabalhavam e descii à rua.

Não sei se isso chegou a me surpreender, mas vi atirado na lata de lixo da portaria da Lutherhaus, sem sequer ter sido aberto, o envelope que Karsten parecia especialmente empenhado em que fosse entregue a Leatrice. Em todo caso, resolvi recolhê-lo, não sei bem por que, talvez para dar àquilo um destino mais digno. Isso adiantou pouco, pois na mesma noite, voltado para casa, fui assaltado a caminho da rodoviária e me levaram a mochila onde tinha guardado o tal pacote.

De toda forma, não tive mais notícias de Leatrice, mas na conversa com a velha secretária da Luther tive certeza que era ela, de fato, a *galeguinha* de Passo Fundo, de quem eu ouvira falar antes.

E assim se encerra esta história?

Não totalmente.

Eu retomara minha vida, arranjava um emprego de conferente de cargas em uma empresa de construções e já me conformava com esta nova situação, longe da hierarquia religiosa e sem grandes chances de crescimento profissional. Um dia me chegou uma carta, de ninguém

menos que Popó, que agora estava em Roraima, pelo que vi no carimbo dos Correios.

O gaguinho me surpreendeu pela fluidez de sua escrita. Ele se mostrava até competente naquilo, o oposto verdadeiro de sua comunicação pela palavra falada. Sobre o *Reverendo* Karsten, me contou que providenciara para ele um túmulo mais digno do que aquela cova rasa. Disse que resolvera “adotar” a minha já conhecida Genitália, para fazer com que ela levasse uma vida menos ou nada pecaminosa e que viviam juntos agora. Deu notícias gerais de sua nova vida e finalmente chegou ao ponto culminante: um convite para que eu e ele criássemos uma Igreja lá no lugar em que agora vivia, onde havia, segundo ele, não só muito dinheiro circulando como também muita gente, principalmente venezuelanos, precisando de assistência espiritual. E mais, que eu era talhado para aquilo, pois conhecia bem a Bíblia e tinha o dom da palavra. Já ele, que não tinha tais atributos, poderia cuidar da parte administrativa e “comercial”, acrescentando que Genitália já dava mostras de recuperação espiritual e estava se revelando uma discípula fiel e compreensiva a respeito dos ideais de uma empreitada como aquela, se destacando em arrebanhar novos fiéis. Ela poderia nos ajudar bastante.

Tinha até um nome em vista para tal empreendimento, *Missão Sagrada do Gozo e da Alegria*, adicionando à carta um versículo de Isaías onde tal expressão aparecia – pelo menos agora em português.

Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com júbilo; alegria eterna se derramará sobre suas cabeças; gozo e alegria os alcançarão e deles fugirão a tristeza e o gemido.

Fiquei pensando de mim comigo se isso não poderia ser uma proposta a considerar... Sem preconceitos.

O Rio do Esquecimento

Meu Tio e amigo. Hoje me dei conta que a minha vida tinha que mudar. Saí de casa sem saber para onde ir. Por sorte tinha algum dinheiro. Fui para a Rodoviária e por ali vaguei, por horas a fio. Cheguei ainda com a manhã fresca e por ali fiquei até a noite. Procurava um lugar para ir, se afastar de lembranças ruins, de uma vida que me trouxe tanto desgosto, nestes meus vinte anos. Eu, de fato, não sabia para onde ir, queria um lugar bem longe, afastado daqui, para nunca mais voltar. Na bilheteria tive o ímpeto de pedir uma passagem para o esquecimento, se isso fosse possível. Mas de toda forma ficou tarde para voltar atrás, pode acreditar, Tio.

Os ônibus para as cidades mais distantes só saiam à noite e vi que havia uma saída às 20 horas, para uma noite inteira de viagem. Que fosse sem

volta! A vontade de me mandar era tão grande que a fome não me importou em anda. Naquele dia não comi nada a não dois pastéis e um caldo de cana como almoço, aliás, almoço e jantar. Era o que me bastava.

Tive sorte, dentro do ônibus, por não ter ao meu lado qualquer companhia. Eu tinha receio e medo e cheguei mesmo a pensar que alguém mais próximo de mim poderia me adivinhar os pensamentos. Mas mesmo tendo a poltrona dupla ao meu dispor, nem por isso consegui dormir razoavelmente. Passei aquela noite me mexendo inquieto, desci em todas as paradas para tomar café e assim assisti o dia amanhecer, sem que isso me aliviasse os incômodos.

E assim, finalmente, cheguei ao destino que escolhi. Mas não era ali que eu pretendia me deter, queria seguir a diante, ganhar distância daquilo que tanto me perturbava. Vaguei por alguns momentos na detonada estação rodoviária, usei aquele banheiro hediondo e logo escolhi uma nova condução, de grande conveniência para mim, pela hora de saída, quase imediata.

Não ia longe o tal ônibus. Apenas uma viagem de pouco mais de meia hora, logo finalizada à beira do rio. Ali havia conexão com outro veículo, da mesma empresa, que aguardava, na margem oposta, que os passageiros atravessassem o rio na balsa. Que lugar aquele! A desolação personificada. Meia dúzia de barracos improvisados, cobertos apenas pela habitual lona preta, a abrigar os eventuais passageiros da travessia. O que havia ali para vender nada mais era do que uns biscoitos baratos, refrigerantes e cerveja quentes. Como banheiros, apenas as moitas ralas de vegetação. O zumbido das varejeiras denunciava o estado de desmazelo de tudo por ali.

E fiz o que os demais fizeram, não havia outra opção. Desci na barranca, e subi na balsa, para fazer a travessia. Do lado de lá, preferi ficar mais um pouco, para assuntar ao ambiente, e assim não subi no veículo que esperava a todos para prosseguir a viagem. Dali tomei um caminho paralelo à estrada e por ali segui, atolando os pés na poeira rala.

Tio, acho que poucos me entendem, mas você parece ser uma exceção neste mundo que me é cada vez mais hostil e estranho. Quero que me ouça, pois você, ao contrário de meu pai e meus irmãos mais velhos, conhece o mundo, contra ele se rebelou, fiquei sabendo, quando saiu da casa de seu pai, meu avô, aos quinze anos de idade e esteve desaparecido por um bom tempo. E voltou, encarando a fúria e a incompreensão da família. Ninguém, então, esteve do seu lado naquela ocasião, mas pode ter certeza que tantos anos depois, como eu faço agora, um parente seu pode finalmente lhe dizer que compreende – e muito – suas atitudes de jovem. Eu não quero deixar passar a idade em que você cometeu a grande ousadia de se libertar, para mim ainda é tempo, com certeza. Estou

disposto a encarar, como você um dia fez, com tão grande coragem, o afastamento desta família que para mim é uma barreira à minha realização como pessoa. Vou caçar meu rumo por este sertão a fora, vagar por esses rios, para ver onde nascem e onde morrem.

Querido Sobrinho. Sua fala sobre rio e sertão me deu a pista para onde você deve ter ido. É claro que me lembro que na sua infância você me acompanhou algumas vezes, junto com alguns amigos meus, nas caçadas e pescarias que fazíamos por ali. Momento marcante nessas viagens era a travessia do rio, para além do qual existia o sertão desconhecido, com seus animais selvagens, suas lagoas piscosas, suas brenhas infindáveis. Ali você aprendeu, como me disse certa vez, os segredos de uma pescaria e de uma espreita de caça pela noite a dentro. Você o mais jovem naquela turma, mas levando sua atribuição muito a sério, no preparo das matulas, no carregamento das mulas ou dos barcos, por exemplo. Certa vez me disse que seu lugar o mundo era outro e que era ali que gostaria de viver. Nas longas conversas minhas com os companheiros, nas noites de luar, à beira de uma fogueira, sempre me lembro do seu encantamento, se recolhendo com os últimos a fazerem isso e mesmo assim por insistência minha. Assim, meu querido, não foi difícil para mim refazer o seu percurso. Escrevo para ter claro na mente o que gostaria de lhe dizer. Aguarde, que a qualquer hora chegarei até você.

- Como? O senhor quer saber se eu vi um sujeito assim e assado por aqui? Por esta balsa passa tanta gente... Mas do jeito que o senhor descreve, magro, vestido de paletó e calça social, carregando nas costas uma mochila colorida, uns vinte anos de idade... Pensando bem acho que vi. Já faz uns dias. Parecia meio estranho, não sei se triste, ou só distraído. Bem diferente das outras pessoas que geralmente passam por aqui, gente que eu conheço um por um, pois que são os mesmos quase sempre. Fui cobrar a passagem e ele só tinha uma nota grande, de cem. Não tinha troco e deixei pra depois. E nem cobreí. Volta e meia acontece isso. Ou melhor, acontece é de a pessoa não ter nenhum dinheiro no bolso. Povo aqui é por demais pobre, o senhor deve saber. Muita gente acaba atravessando de graça. O patrão sabe e já nem se incomoda. Aliás já vejo o dia que ele vende esta geringonça e vai embora também, ainda mais agora que o governo vai fazer uma ponte prometida, pouco mais de uma légua daqui, rio abaixo. E vai morrer não é só este negócio que meu patrão herdou do pai dele, mas também essas bibocas que vendem biscoitos de polvilho e cachaça aqui na beira. Eu mesmo caio fora, vou procurar uma cidade maior, em vez de ser cobrador de balsa vou ver se arranjo ocupação melhor na capital. Ou na mineração, aqui perto. Eu tenho parentes lá.

Mas inda que mal lhe pergunte, porque o senhor procura pelo homem do paletó? É parente dele? Não é? Alguma questão de dinheiro devido? Tá bom, desculpa, sou meio enxerido mesmo... Não vi direito o tal moço. Me contaram que ele não pegou o ônibus do lado de lá, que seguiu a pé. Ouvi falar até que viram ele já distante daqui, num povoadinho a duas léguas. Mas isso tem que conferir diretamente. O povo daqui é muito falador. Ah, lembrei também que ele andou perguntando coisas aos outros passageiros. Parece que queria saber do que tem mais adiante, alguma cidade, povoado ou coisa assim. E quase não tem. Daqui pra frente é um vazio de dar medo, a não ser uma tal de Cabeceiras, lugar onde Judas perdeu as botinas, não passa de uma corruptela. Mas não disse nem pau nem pedra quando lhe informaram. Ficou com a mesma cara de estátua com que chegou. Ouvi dizer também que ele entrou na biroscas ali da barranca e comeu alguma coisa, isso é, uma daquelas coisas que tem lá, quase nada, uns biscoitos muito sem-vergonhas. E depois caiu na poeira. Não sei mais nada.

Tio, eu já não conseguia viver debaixo do mesmo teto de um homem cuja única qualidade na vida é a de jamais se insurgir frente a nada, autocondenado a uma aposentadoria precoce que o transformou em um zumbi antes de completar cinquenta anos. Passivo perante a vida e totalmente agressivo com sua mulher, acho que morreu e desgosto a minha mãe, que Deus a tenha, e com os filhos também, principalmente comigo, que ele considera estar sempre fugindo de responsabilidades e muito me castiga por isso. Como se ele pudesse agir assim com alguém, levando a vida que leva, passando a semana em total vagabundagem, jogando truco com os amigos em longas tardes vazias. Não. Não posso com isso!

Minha pobre mãe, que aceitava tudo que vinha dele, sempre do lado dele apesar dos maiores absurdos que cometia? Incapaz de se contrapor a ele e apoiar os filhos em quaisquer circunstâncias. Acho que morreu de desgosto, a coitada. Não quero mais. Vou tentar levar minha vida em outro lugar, não me importa mais esta família. Ter essa gente do meu lado, ou não ter, para mim tanto faz. Aliás, Tio, este mundo todo também não interessa mais. Aqui, duzentos mortos num barco naufragado não valem mais do que uma pequena nota no jornal, enquanto o afogamento de meia dúzia de magnatas rende dias e dias de polêmica, como assisti na TV, um dia desses. Não é para mim. Vou para longe, para o sertão de algum lugar. Atravessar um rio que me traga o esquecimento, isso é que eu quero e é para onde eu vou.

Sim, vi, passou por aqui um rapaz assim, bem do feitio que o senhor está falando. Não sei para onde teria ido, talvez para Cabeceiras de

Cima, uns 50 km daqui. Chegou a pé, mas preferiu seguir de ônibus. O final da linha é lá. Com certeza não foi longe. Aqui tem gente chegando a toda hora. O senhor veja, por exemplo, na estrada aquele caminhão... É da firma de fora que está construindo uma obra grande não muito longe daqui. Quem sabe este moço não foi para lá, para arranjar trabalho. Isso aqui ficou movimentado de uns tempos para cá. O que vão fazer lá? Não sei direito, é um tipo de mineração, estão contratando gente adoidado. Um amigo que esteve por lá me disse que por enquanto o que há é só um buracão, enorme.

Meu estimado sobrinho, acho que não preciso procurar mais, já sei onde você está. Mas de toda forma estou preocupado com as dificuldades que você deve estar enfrentando. Um moço como você, que até agora só estudou, com todo o conforto de uma família por perto, apesar deste pai estranho, que eu também renego, pouco afeito que ele é para compreender as necessidades dos filhos e mesmo dos irmãos, como eu. O que você procura é a libertação, bem sei, mas fico preocupado se você se preparou para uma situação que pode ser dura e sofrida, mas será sempre uma libertação. E eu bem sei o que é isso, meu querido.

Lembro-me agora de minha própria fuga da casa de meus pais, ainda em plena adolescência. Dormi na rua, fui assaltado, apanhei de uns caras mais velhos, uns gatunos, mas ainda assim me lembro muito bem do meu regozijo por ter ficado livre e rapidamente me transformado em um homem de verdade, mesmo sendo ainda pouco mais do que um garoto. Já na primeira noite fora de casa, dormindo no porão de uma igreja, infestado por piolhos de galinha, mesmo assim se senti livre e feliz. Assim vivi por três anos inteiros, ganhando algum dinheiro com pequenos trabalhos, passando frio e fome por vezes, mas sem deixar de lado em nenhum momento, a certeza de que eu fazia a coisa certa.

Voltei para casa quando o pai morreu, para consolar a mãe e pouco meses depois tomei rumo definitivo na vida, por vários lugares do país e mesmo no estrangeiro, conhecendo cidades, amigos, mulheres, costumes e culturas sempre muito variadas. E nunca me arrependi! Foi dentro daquela vida movimentada que bem ou mal construí minha personalidade e minha profissão, descobrindo o verdadeiro talento que tinha, que era o de escrever. E histórias não me faltavam. Esta sua história, meu querido, é uma linda história, longe de apenas repetir a saga de um parente, passadas tantas décadas. Quem sou eu para interrompê-la ou mesmo recriar você?

O moço magro e alto, meio caladão? Esteve por aqui uns dois ou três dias. Andou pelas ruas aí como quem não quer nada – ou pelo menos queria conhecer o lugar. Mas aqui em Cabeceiras em qualquer meia

hora já dá pra conhecer tudo. Essas duas ou três ruas e depois a barranca do rio. Se pode atravessar? Até que pode, mas do lado de lá só tem umas fazendas, cada uma longe da outra. Só vão lá os empregados dos fazendeiros, ou então os compradores de gado, certa época do ano. O moço esteve por aqui com certeza. Tenho a impressão que ele resolveu fichar na empresa que está explorando minério na Chapada de Cima, que fica do lado de cá mesmo, distante uns 60 km, mas na direção contrária de onde o senhor veio. Eles passam aqui toda semana procurando gente para trabalhar. Tá todo mundo indo para lá, parece que tem uma reserva de um troço, 'lichio', 'litolio', um nome assim, que dizem que serve pra fazer baterias, satélites, aviões, sei lá. Só sei que tem muita gente se mandando para lá. Só engenheiros gringos já passaram por aqui uns trinta. Aqui no hotel mesmo, onde só apareciam uns mascates, agora todo dia tem hóspede novo. O patrão já está pensando até em aumentar uma ala. Já era hora deste lugar sem vergonha tomar jeito. Cá entre nós, até as mocinhas-da-vida da rua aí de trás estão animadas com o aumento da clientela. Mas isso o senhor não espalha, porque o patrão aqui é dono da boate que elas trabalham. Boa sorte em sua procura, moço, mas o que penso é que este sobrinho seu deve ter caçado o rumo da chapada também. Tá todo mundo indo pra lá. Eu só não fui ainda porque tenho uma mãe velha e doente para cuidar.

Tio, você nem imagina o lugar onde vim parar. E digo mais: pretendo ficar por aqui uns tempos. Não é lugar bonito, nem agradável. Cheio de poeira, um tanto de homens brutos e suados por toda parte, comida miserável, preparada e servida em biroschas inimagináveis. Para dormir uns beliches toscos, cercados, por cima, dos lados e em toda parte por tipos suarentos, que cheiram mal, roncam e soltam gases pela noite a fora. Mas por incrível que pareça, aqui tem vida, tio. E acredite, arranjei emprego! Como entendo um pouquinho de computador me botaram num setor que registra o movimento dos caminhões que removem o entulho de uma mina que escavam por aqui.

Uma riqueza, este tal de lítio. Está cheio de gringos para pegar uma beiradinha. E um monte de gente sendo explorada também. Fiz uns amigos novos aqui, gente completamente diferente daqueles que conheci quando morava aí na cidade. O principal deles já morou em várias partes do país, sempre lidando com mineração e garimpos. O negócio dele não é bem ficar fuçando terra e cascalho, que nem minhoca. Ele trabalha com um povo de fora e a tarefa dele, como ele disse para mim, é “organizar o movimento” por aqui. E não sabia muito bem o que é isso, mas estou começando a entender, com as conversas com ele. Este povinho sujo e suado precisa deixar de ser explorado!

E é impressionante o que acontece por aqui. As pessoas sofrem desconforto em tudo, seja para trabalhar, para comer, para dormir. Assistência médica eles falam que tem, mas é um vapt-vupt, um atendimento de quarenta pessoas por hora, por um doutor que mais parece um açougueiro. Ninguém pode trazer as famílias pra morar junto, mesmo os que são aqui na região. E pelo que sei, uns poucos que reclamaram foram logo despedidos, sem direito a nada. Eu tenho participado junto com o Cesar – este é o nome do meu amigo – de umas reuniões com o povo do sindicato, que vem de fora para dar apoio aqui. Coisa meio secreta, porque se os capatazes pegam, dá demissão na certa. Dá um frio na barriga, tio, mas ao mesmo tempo uma sensação gostosa de estar envolvido em uma coisa que faz diferença.

Comecei, por estes dias, a ler umas apostilas que o povo do sindicato trouxe e logo devo fazer uma entrevista com o coordenador. Se der tudo certo vou trabalhar junto com o Cesar, para também ajudar na “organização do movimento”. Eita coisa boa! A gente sofre, mas tem compensações. É isso aí, meu tio, continuarei dando notícias. Não me canso de lembrar aqui das histórias que ouvi na família, de um certo tio meu que fugiu de casa aos quinze anos de idade, para fazer de sua vida algo que valesse a pena. É o que eu quero também. Abraço você com saudade e gratidão!

Muito querido Sobrinho, que emoção! Que bruta emoção! Você é que nem uma mina de lítio, só que a jorrar sentimento e consciência em todas as frentes. Inveja é o que eu tenho de você, de não ter mais a sua idade, admito. Mas ao mesmo tempo tenho orgulho, muito orgulho mesmo, em saber que as doideiras que fiz na juventude estão a lhe inspirar, tantos anos depois. Você sabe que tenho mania de escrever coisas – mas também gosto de ler. E estou me lembrando aqui da mitologia grega, que fala de um rio chamado Lethe, palavra que literalmente significa “esquecimento”. Seu oposto é Aletheia, que tem o significado de “verdade”. Para os gregos, parece, esquecer seria então o mesmo que “mentir”. É preciso não esquecer, portanto, e é por isso que fico honrado com suas lembranças sobre a minha pessoa.

O tal rio dos gregos era um dos rios de um território sagrado, o Hades. Aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo, tocassem nela, viriam a ser amaldiçoados pelo esquecimento de tudo que viveram até então, seja individualmente, no presente ou em vidas passadas e mesmo em sua herança familiar e cultural.

Em outras vertentes de pensamento se fala de um outro rio, o Mnemosine, cujas águas fariam os mortais recordar e alcançar a verdade e até mesmo a onisciência. Na Divina Comédia, Dante fala do Lethe como um rio cujas águas os pecadores tinham de beber para apagarem da memória os seus pecados cometidos. Veja só em que águas estamos

agora navegando, meu querido! Você buscava atravessar aquele grande rio para procurar o esquecimento. Quase conseguiu, mas mais adiante parece que de com outro manancial, agora carregado de verdade e consciência sobre o que é de fato a realidade da vida.

Assim eu, do alto dos meus setenta anos, torço por você, com todo meu sentimento. E bem que queria que me fosse possível pegar carona no cometa de sua energia vital, tão grande ou maior que a minha de muitos anos atrás. Você traz dentro de si um bloco energético maior do que qualquer pedaço desse tal de lítio, maior do que o próprio Maracanã. Voc tem Aletheia no coração, que ela lhe abençoe! Conte sempre comigo!

Toninho

Quando entrei naquele ônibus, voltando do trabalho para casa como fazia diariamente, não prestei muita atenção na pessoa ao lado de quem tomei assento. Percebi apenas que era um homem negro, regulando comigo na idade, bem-apessoado, embora vestido com roupas modestas. Balbuciei o ligeiro cumprimento habitual de quem não conhece o outro, meio como modo de pedir licença, coisa discreta e formal, quase imperceptível, e me concentrei na leitura da revista semanal que acabara de comprar pouco antes de embarcar. Em poucos minutos pude perceber que meu vizinho de banco parecia disposto a abandonar a postura de paisagem, que assumira de início, e parecia me olhar como quem quisesse puxar conversa. Não dei trela, por não ter o costume de conversar com estranhos e também porque a *Veja* estava recheada de momentosas novidades, em uma semana de grande movimentação política e policial na capital da República. Mas minha indiferença frente a ele parecia infrutífera.

- Desculpe senhor, mas acho que lhe conheço de algum lugar...

Dirigi a ele um olhar absolutamente vazio e inexpressivo. Mas o homem não parecia se dar por vencido.

- De algum lugar... Acho. Há muito tempo atrás. Muito tempo mesmo.

Comecei a me sentir incomodado por estar tentando ignorar aquele homem, que por trás de sua aparência modesta, tinha um olhar delicado e atencioso comigo. Vai ver que me conhecia mesmo, mas naquele momento eu seria incapaz de resgatar qualquer lembrança relativa à sua pessoa. Pensei, de imediato, em algum colega de colégio, mas isso não me abriu nenhuma frente de lembrança. De meus tempos de futebol: nada. Dos lugares onde trabalhei, também não. Absolutamente só um vazio me vinha à mente. O jeito era entrar na conversa.

- *De onde você acha que me conhece, afinal?*

Ele, dando a mim um respeito um tanto despropositado, afinal não nos conhecíamos, além do mais desnecessário entre dois passageiros de um simples e democrático coletivo urbano, que afinal de contas nos igualava:

- *Desculpe se insisto, mas o senhor morou no Coração de Jesus?*

Ali estava uma pista. Eu de fato havia residido no antigo bairro proletário da cidade, nos primeiros anos de minha infância. Mas não seria possível que aquele sujeito ainda me reconhecesse já homem maduro, muitos quilos, centímetros e cabelos brancos a mais, depois de pelo menos seis décadas passadas. A não ser que tivesse me acompanhado pela vida a fora, o que sem dúvida era também muito improvável.

- *Seu pai não era dono de uma marcenaria?*

Não havia mais como fugir, ele sem dúvida sabia quem eu era. Mas a recíproca, por mais que eu me esforçasse, não acontecia de forma alguma.

- *Seu Manuel, o nome dele...*

Pronto. Conhecía não só a mim como também a meu pai. Mas aquela referência a ele me clareou algum desvão da mente. Seria algum empregado dele naquela época? Um aprendiz, talvez, pela faixa de idade? Aquela réstia de luz continuou a abrir caminho, tive a impressão que de alguma forma aquele homem já tinha cruzado o meu caminho. E ele abriu novas clareiras:

- *Trabalhei com ele por algum tempo. Meu pai, Alcides, que era marceneiro profissional, também trabalhou. Mas eu tinha alergia ao pó de madeira e o Seu Manoel me botou para dar expediente no escritório.*

Aquilo aos poucos me abria certezas...

- *Antônio Carlos – Toninho – é meu nome...*

Nesta hora, a réstia de luz finalmente se abriu em clarão. Eu agora o reconhecia. A certeza da lembrança caiu em mim como um balde de água que se atira na calçada, bem na hora em que alguém desavisado vai passando.

- *Pois é, eu gostava do que fazia, aprendia muitas coisas e até pensava em estudar contabilidade ou administração...*

A história estava me deixando cada vez mais curioso, mas ao mesmo tempo me trazia certa angústia.

- O pai do senhor parecia ter muita confiança em mim, mas acho que alguém sujou a minha barra por lá. Da noite para o dia, perdi o prestígio que tinha. Logo depois fui demitido, sem saber exatamente o motivo. E nem nunca soube.

Ele não sabia o porquê daquilo; mas eu, infelizmente, sim... E carregava aquilo como um segredo, durante muitos anos, até que sumiu da minha memória, mas retornava agora. Toninho fazia reavivar aquela história, que eu tentei esquecer por muitos anos. Por pouco, por um pequeno atraso, meu ou dele, ou se houvesse mais lugares vagos no ônibus, nem eu nem ele estaríamos passando por tais lembranças.

- Agora estou de fato me lembrando de você. Bom te rever. Por onde anda na vida?

Foi o que eu indaguei dele, e o meu interesse procurava ser generoso. Mas no fundo eu preferia que aquele encontro não tivesse acontecido. E que não houvesse perguntas, nem respostas. Mas isso não parecia ser o caso dele, que se mostrava feliz em me rever e indagar coisas. Voltas que a vida dá...

- Acabei no ramo da marcenaria, graças a meu pai. Com alergia e tudo. Hoje trabalho numa fábrica de móveis. Ou melhor, trabalhava, pois acabou de falir. O senhor sabe, a crise do país...

Ele era bom de conversa e depois de tal revelação sobre sua vida engatou mais esclarecimentos a respeito de suas experiências de vida e de trabalho. Mas a esta altura eu já estava perdido em lembranças sombrias e pouco prestava atenção na conversa.

Sim, aquele Toninho me marcara a vida, muitos anos atrás. Dois ou três anos mais velho do que eu, ele era filho de Alcides, o oficial marceneiro que trabalhava com meu pai, o qual, na verdade nada entendia de tal ofício, apenas fizera um investimento financeiro naquilo, com algum sucesso, diga-se de passagem. O rapaz sempre aparecia na oficina, geralmente depois de sua aula, como eu também o fazia, para esperar nossos pais ficarem liberados e assim irmos para casa com eles. Eu e meu pai no Chevrolet *Bel-Air*, já decenário, eles dois de ônibus. Ocasionalmente jogávamos uma partida de futebol a dois, naquelas disputas de *gol-a-gol* que cobriam os momentos de folga da meninada da época. Ele, um pouco mais velho e mais experiente do que eu, ganhava todas. Mas era só, não tínhamos maior intimidade, nunca estive na casa dele e nem ele na minha, a não ser em uma única ocasião especial. Foi em tal momento que se deram os acontecimentos que naquele reencontro, décadas depois, acabaram por me trazer lembranças incômodas.

Acontecera o seguinte: Toninho começara como aprendiz de marceneiro, mas pela tal alergia acabou no escritório da firma, na verdade um pequeno cômodo anexo ao galpão onde ficavam as máquinas e as madeiras em depósito. Ali cuidava das notas de compra e venda, anotava as horas dos empregados e ocasionalmente ia às ruas, para pagar ou trazer alguma coisa demandada por meu pai. Eu gostava de vê-lo ali se esforçando, de forma madura e responsável, creio que até desejava para mim alguma tarefa semelhante, pois isso me trazia uma sensação de importância e maturidade.

Neste escritório havia um móvel de certa distinção, uma daquelas escrivaninhas antigas cuja tampa flexível, feita por finas réguas de madeira, deslizava de forma sinuosa e fechava o conjunto. Ali meu pai guardava talões de notas fiscais e outros documentos deste tipo, pelo que me lembro. Mas um dia, ao deparar com a tampa de taliscas aberta, coisa rara, tendo meu pai saído para atender um cliente na oficina, percebi que havia em meio aos papéis espalhados ali dentro um retrato de mulher. Uma foto que não era de minha mãe e nem de qualquer pessoa que eu conhecesse. Uma dama loura e cacheada, que me apareceu atraente, com os lábios bem delineados pelo batom e um pescoço coberto por um colar de pérolas. Havia qualquer coisa escrita também, que eu não pude ler porque a esta altura o coração me batia acelerado e eu temia pela volta repentina do dono da escrivaninha, o qual, devo dizer, eu tinha razões para temer mais do que tudo na vida. Mas é claro que aquilo já tinha produzido em mim uma marca, composta de curiosidade e um pouco de maldade.

Assim, passei a perseguir um momento para completar a revelação do segredo. E alguns dias depois isso foi possível, quando, num sábado ou domingo, meu pai me mandou ir até a oficina, que não ficava longe de nossa casa, pegar algum objeto – creio que um maço de cigarros – que ele tinha ali esquecido. Aquilo não estava dentro da tal escrivaninha, mas sim em uma mesinha anexa e eu rapidamente encontrei. Mas é claro que não resisti em abrir a tampa deslizante e ali dentro devassar o que houvesse.

A foto já não estava no lugar em que eu a havia visto, até porque havia novos objetos e principalmente papéis em desordem por ali. Passei a examiná-los um tanto sofregamente, mas com cuidado, para não deixar rastros. Logo vi que boa parte deles estava dentro de uma bandeja de madeira, a qual procurei levantar para examinar também o que havia por baixo dela.

Nesta hora aconteceu o desastre. Eu peguei a peça de mau jeito, ou o nervosismo da situação me afetou e assim a tal bandeja caiu ao chão, espalhando papéis, talões de cheque, clipes, rolos de fita de máquina de escrever, carimbos e outros objetos, por um raio dois metros ou mais. Com o coração saindo pela boca eu me pus a catar os despojos do desastre, já com a certeza que eu ia me dar mal com aquilo, pois meu

pai certamente descobriria que lhe mexeram nos guardados. Mas a foto que eu tanto desejava encontrar não estava mais ali.

Voltei pra casa, fiz a entrega do que me foi solicitado e esperei, a partir de segunda feira, que o céu desabasse sobre minha cabeça. Eu tinha certeza que isso ocorreria. Mas não aconteceu, pelo menos comigo. No domingo seguinte quem apareceu em minha casa foi Toninho, convocado por meu pai. Eu e meus irmãos fomos intimados a ir para o quintal ou mesmo para a rua, pois haveria uma conversa de adultos, pelo que minha mãe nos disse. Como? De adultos? Toninho não seria mais velho do que eu, talvez uns três anos. Eu senti um desconforto por dentro, pois sabia que as admoestações iracundas que meu pai frequentemente dedicava a mim ou a algum irmão, o lugar favorito para que isso acontecesse era justamente a sala, onde o recém chegado fora instalado, ao lado de um copo d'água. A esta altura, eu já estava tomado por um misto de curiosidade e preocupação, até mesmo algum remorso antecipado, pois eu já pressentia qual seria o objeto de tal convocação.

E era isso mesmo que estava em pauta. Eu aleguei necessidade de ir à privada e fiquei por ali. Do banheiro me esgueirei ao corredor e dali pude ouvir toda a missa. Meu pai começou do seu jeito persuasivo, tentando ganhar confiança de quem lhe ouvia, de maneira um tanto forçada, exatamente como fazia comigo ou com meus irmãos, quando queria nos castigar, mas logo, num crescendo de voz e gestos, foi direto ao ponto: o que Toninho estava procurando – e por quê – quando provocou aquele furdunço nos papéis que estavam dentro da escrivaninha?

Eu gelei por dentro e por fora e fiquei ainda mais ansioso quando pude perceber que Toninho não conseguia dar nenhuma resposta àquilo, mal e mal conseguia negar, repetindo *não fui eu não fui eu* até a exaustão, o que fazia a ira interrogatória de meu pai crescer mais e mais. De minha posição eu pude ver que seu rosto negro passara a cinzento, como acontece quando as pessoas pretas empalidecem. A tortura deve ter durado uma meia hora, ou mais, e dali o pobre rapaz foi despachado de volta, sem que pudesse nem mesmo beber da água que lhe fora destinada. E creio que ainda ouvi algo do tipo: *vou pensar no seu caso, não sei se o senhor está falando a verdade...* Meu pai era assim: em seus habituais momentos de ira, ou quando queria ofender alguém, tratava os interlocutores como *senhor* ou *senhora*, valendo-se disso até mesmo para mim, meus irmãos ou minha mãe.

Perdido em tais pensamentos eu apenas escutava uma ou outra palavra do que Toninho me dizia ali no ônibus. Pude perceber que ele tentara outros caminhos na vida, que fizera vestibular para Administração, mas abandonou a faculdade por não poder pagar, que tentou uma imigração para Portugal, mas teve que voltar ao Brasil pela dificuldade de se

sustentar gastando em Euros. Em certo momento, retive uma frase inteira:

- Eu tentei concorrer a uma vaga numa companhia americana, mas fiquei dependendo de uma carta de apresentação que nunca veio. Ele me negou, mais de uma vez, aliás...

Sim, ele falava de meu pai.

A verdade é que eu continuava perdido nas brumas de um passado que queria esquecer. Eu não fiz na ocasião devida aquilo que uma pessoa decente e honesta certamente faria: confessar ter sido o autor do desarranjo daquela escrivania e assim liberar o Toninho da culpa que meu pai colocava sobre ele. Apesar do interrogatório inconclusivo e das negativas do rapaz, ele pareceu não abrir mão de culpá-lo, tanto que depois de alguns dias despediu-o sumariamente.

E por que não fiz o que devia?

Meu pai era um sujeito violento. Poucos dias antes do episódio da escrivania, houve a reclamação de um vizinho, acusando a mim, meus irmãos e mais meia dúzia de adolescentes das redondezas, de termos colocado uma bomba, daquelas grandes, chamadas cabeça-de-negro, em um furo de drenagem do muro de arrimo de sua casa, fazendo-o rachar de alto a baixo. Meu pai chamou os filhos para uma daquelas conversas aterrorizantes, sem deixarem de serem moralistas, no sofá da sala e depois de gritos e ameaças, dispensou a todos, menos um: eu. E ato contínuo me aplicou uma surra completa, com a fivela do cinto virada para fora, me machucando bastante. E aos brados dizia: *seu cão! Você está apanhando para servir de exemplo!* Naquele domingo do interrogatório de Toninho eu ainda tinha marcas da fivela metálica pelo corpo e receei receber novo espancamento e fiquei quieto no meu canto. E quieto continuei depois que soube da demissão do rapaz.

O fato é que não tive a coragem de enfrentar a fúria daquele homem, mas acho que isso não me redime. E carreguei esta culpa por anos e anos a fio. Até que tive por companhia em um ônibus aquele homem negro, de aspecto bondoso e sofrido.

- Pois é, senhor – como é seu nome mesmo? – chegou minha parada, vou descer. Prazer em vê-lo...

Apertei-lhe a mão, que me pareceu mole e fria. Os olhos se desviaram dos meus. Aquele encontro, realmente, parece ter sido pouco agradável, não só para mim, mas também para ele. Depois disso, nunca mais o vi, para minha felicidade momentânea, sem que isso afastasse de mim a culpa, que fazia parte da paisagem de minha vida.

Rever Toninho e lembrar, mal e mal, sua história a fez reavivar meu sentimento de culpa. Quem teria ficado mais incomodado? Eu, por ver trazida de volta uma história que eu queria esquecer? Ou quem sabe ele, ainda em busca de uma explicação para acontecimentos que teriam mudado sua vida? Ou ofendido pela atenção superficial que consegui lhe dedicar, perdido que estava em um matagal de pensamentos cheios de culpa?

Uma vida

O pai não era pobre, pertencente que era, de nascença, à vasta categoria dos remediados, como de resto toda a sua família. A mãe, esta sim, vinha de um clã que se situava alguns andares acima. Como o pai tinha tino para negócios, logo se emancipou da família matriz, daquela vidinha rasteira de criadores de vaquinhas, bezerros e muares, que o acompanhava por várias gerações. Logo buscou o rumo do horizonte vasto que havia para além do paredão de montanhas de sua terra, arranjou algum dinheiro emprestado para se lançar na vida e saiu a negócios pelo mundo.

Começou comprando bestas de carga, para aprumá-las e vender com lucros, para em seguida tornar-se ele próprio um pequeno - depois médio e até robusto - agente autônomo do comércio, com mercadorias buscadas nos centros mais pujantes, além das montanhas, até no litoral.

O velho não estudara muito, sabendo apenas ler, escrever e, principalmente, fazer contas. Dotado deste último atributo é que, certamente, se deu bem nos negócios. Com menos de 40 anos de vida, já tinha fazendas, incontáveis semoventes, apólices em bancos, casas na cidade e até mesmo na Capital. Aos filhos augurava que vencessem na vida, com perseverança e honestidade, como ele próprio, mas preferia não vê-los a tomar chuva e sol nas estradas, levar coices de mulas, perseguir bons preços no mundo áspero e cheio de matreirices do comércio e muito menos correr atrás de devedores relapsos e contumazes.

- Os senhores terão tudo o que quiserem de minha parte, desde que estudem e se preparem para uma vida prestante - é o que sempre dizia aos três filhos homens. Para as duas filhas bastaria que arrandassem bons casamentos, para o que ele, com os cuidados atentos de pai, certamente agiria conforme os costumes. Em outras palavras, mediante vigilância estreita sobre quem viesse cantar serenatas a tais donzelas, sob as janelas do sobrado na rua mais nobre da cidade.

Cumpridos os ritos escolares, escassos naquela cidade, pouco mais que uma vila perdida no Mato Dentro, fronteira com o território Botocudo, e sendo ele, o Moço dessa história, filho mais velho, o pai, com poucas palavras, como de costume, indicou-lhe o rumo da cidade grande, para

que avançasse nos estudos e se formasse em alguma profissão de brilho. Queria-o médico ou advogado, foi bem claro. Para os filhos homens mais novos, pelo menos a formação em farmácia, magistério, seminário de padres. Para as filhas mulheres, já se sabe.

E assim cabia fazer. Ordens de tal origem não se podia contrariar. Na capital do estado, cidade recém-criada, ainda não havia tais facilidades, ou o que havia não era considerado apropriado. E lá foi o Moço para o Rio de Janeiro, em longa viagem, de muitas baldeações. Na capital ficou por dois ou três dias hospedado em pensão familiar, indicada por um tio que ali já morava há algum tempo. A acolhida lhe foi generosa, seja por parte da proprietária do estabelecimento ou de sua filha, moçoila de seus 15 anos, que ficava rubra quando o Moço por acaso lhe dirigia palavra. Ele, também, com seu tanto de timidez, acabava evitando interagir com ela, por percebê-la um pouco avexada com aquilo. Mas alguma coisa, talvez alguns olhares fugidios, já se fazia presente nos corredores da pensão, para logo se perder entre as mangueiras do quintal.

Havia uma missão a cumprir, bem o determinara o pai e ele seguiu adiante. Mais um dia inteiro no trem de ferro, roupa e corpo cobertos de fuligem, ele desembarcou na capital do país à beira do mar, que ele viu pela primeira vez. Nem teve tempo de se espantar com tanta gente nas ruas, tantas carroças, a novidade dos automóveis, o cheiro de maresia, o calor. E mais aquela gente estranha, de olhar desabrido e fala sibilante. Carregando a própria mala, atravessou uma fieira de vielas, pulando as poças d'água e de imundícies, para finalmente chegar ao endereço que os amigos do pai na cidade, haviam indicado para colhê-lo durante seu período de estudos.

Rua Uruguaiana. Com tal nome já se mostravam os costumes diferentes de sua cidade, onde as ruas sem exceção, se nomeavam apenas como homenagem a pessoas gradas do local, no máximo um figurão do Império ou da jovem República. Nada de guerras além-fronteiras, de batalhas esquecidas. Logo achou a pensão que lhe fora indicada. A dona desta, ao contrário da anterior, não tinha filhas, era viúva e só tinha por companhia um casal de gatos. Mas o ambiente era familiar, com a presença de outros estudantes, como o Moço, vindos de várias partes do país.

Para ele não foi difícil se aclimatar, mas aquela cidade tão grande e tão diferente nos modos de se viver, na temperatura e nos odores, volta e meia lhe apresentava surpresas. Quando ele chegou a terrível *Espanhola* havia cedido, mas era rara a família que não contasse um punhado de mortos entre os seus. A moda era criar ratos em gaiolas, porque o governo pagava às pessoas por cada exemplar capturado. Depois vieram conflitos pela desocupação das pessoas que habitavam velhos pardieiros na região central, com mortos e feridos sem conta. Tudo culminou com grandes distúrbios nas ruas, com mais feridos e muitos mortos, em

revolta contra a obrigatoriedade de se tomar vacinas. Tudo tão diferente de seu Mato Dentro natal.

E no meio de tudo isso o carnaval, aquela orgia de gente se borrifando nas ruas com água e outros líquidos menos recomendáveis, as mulheres de braços nus e pernas quase totalmente descobertas, a profusão de máscaras, atrás das quais as pessoas faziam o que queriam, sem temor de serem identificadas. O Rio de Janeiro abrigava em si Sodoma e Gomorra, ao mesmo tempo.

Começou o curso preparatório para a Faculdade de Medicina. Já na primeira semana de aula ao ser levado para conhecer o anfiteatro de anatomia, teve um baque que o afastou da profissão de forma inexorável. Um corpo exangue e formolizado, ao qual, para horror maior daquele projeto de médico, faltava uma das pernas, lhe tornou a vista escura de repente e quando (não) deu por si estava no chão – desmaiado. Com a risada geral dos colegas e os bons conselhos do professor resolveu, ali mesmo, procurar outra carreira, a de advogado, no que também contava com a simpatia do pai.

No ano seguinte já estava matriculado na velha faculdade e durante o curso chegou mesmo a ser admirado pelos colegas e até louvado por um e outro professor, dada a acuidade de suas análises, traduzidas em textos vazados com estilo e pertinácia. O trato com os textos vetustos e embolorados, o hermetismo da linguagem jurídica, as decisões lentas e sempre sujeitas a contestação, não o desapontaram, pelo contrário, logo se sentiu como que nascido para aquilo.

Ao pai prestava contas semestrais de seus progressos, sempre incluindo nas cartas trocadas com ele, informações sobre seus boletins de aproveitamento. E com isso, sem usufruir de nenhum luxo ostensivo, tinha seu dinheiro certo chegando mensalmente para as despesas normais de um estudante na capital da República, onde a vida era, naturalmente, mais dispendiosa que em seu berço natal.

Com os irmãos tinha contatos protocolares, ficando sem ver pessoalmente a maioria deles, principalmente as mulheres, durante todo o seu tempo no Rio de Janeiro. Exceção feita ao mais novo, especialmente afeiçoado a ele, para o qual enviava de vez em quando livros e almanaques, chamando a atenção do mesmo para autores e obras que considerava importantes.

Os anos, então, se passaram depressa, apesar de sua vontade de logo retornar ao convívio familiar, o que fazia o tempo escorrer de forma lenta para ele. Mas a severidade do pai marcava o tempo: *venha para casa apenas quando se formar – e ponto final*.

Contudo havia férias, e em tal momento não poderia ser pecado, mesmo aos olhos severos do pai, as idas a um lugar que lhe era especial, em

julho e dezembro. Não havia na antiga hospedaria uma moça que tinha um olhar terno para ele? E assim com algum tempo se deu entre eles aquilo que a humanidade conhece desde o início dos tempos. A Moça, agora, já o esperava uma ou duas idas anuais dele à cidade. Passaram a trocar cartas, a princípio tímidas, depois cada vez mais declaradoras de fortes sentimentos.

A mãe da Moça e dona da pensão, ele soube depois, vinha do sul do estado, onde seu marido fora promotor de Justiça. Entretanto, este havia adoecido gravemente, cardíaco. Um médico foi preciso no prognóstico: *senhora, seu marido viverá por no máximo seis meses*. E assim aconteceu. A recém viúva fez a trouxa e carregou os cinco filhos para a capital, onde já viviam algumas pessoas de sua família. Para sobreviver em tal condição, alugou uma casa e abriu pensão, passando também a fabricar petiscos para festas, numa vida não chegou a lhe trazer fortuna, mas sim algo mais essencial: boas amizades.

A filha, a tal Moça dos olhos calorosos, foi estudar interna em tradicional colégio da cidade e ali, para ficar dispensada de pagamento dos estudos, ajudava as freiras a tomar conta das demais internas, tendo que se submeter, ainda, a trabalhos pouco adequados para sua idade, como acordar toda a turma às cinco horas da manhã, para o terço matinal. Assim, aos 15 anos, quando o Moço a conheceu, era uma menina apenas na idade, mas já uma mulher com responsabilidades plenas perante a vida, ajudando a mãe, junto com sua irmã, nos trabalhos de arrumadeira na pensão.

E depois de férias repetidas, quem um dia chegou à pensão, em caráter definitivo e com outras responsabilidades, não era mais o estudante em férias, mas o jovem advogado, em busca dos primeiros passos em uma carreira, sem saber ainda onde e como cumpriria tal missão. Mas o pai se adiantara, para comunicar a ele que devia chegar logo à terra natal, para cuidar dos vários negócios da família, que incluíam, naturalmente, passagens profissionais pelo Fórum da cidade.

O pedido de casamento com a Moça da pensão logo aconteceu e foi aceito, por ela e sua mãe. Uma vez casado, dois meses depois, com presença já reclamada pelo pai, com insistência e autoridade, rumou para sua terra, onde certamente ganhar o pão de cada dia era mais fácil, ainda mais diante de sua nova situação de homem casado.

Uma viagem se fez então, a cavalo, o Moço e a Moça, que pela primeira vez em sua vida usava tal meio de transporte. Daí pra frente tudo seria diferente para ela. As madrugadas no colégio de freiras seriam como um refresco diante de uma sequência de gravidezes e partos, cuidados com filhos, empregados, casas, moléstias e principalmente modos estranhos de se levar a vida que até então eram novidades para ela.

O pai, tendo-o agora presente na cidade, procurou se afastar da vida agitada e dura que levava até então. Entregou ao segundo filho a gestão de suas terras, vendeu as mulas e transferiu a um primo a boa carteira de comerciantes que eram seus clientes, em vastas extensões da região do Mato Dentro. E o Moço, filho mais velho, procurou se ajeitar em suas tarefas de causídico, livre, para seu contentamento, das tarefas comerciais e agrícolas que fizeram a riqueza do pai, agora destinadas a um irmão um pouco mais novo. Ali na cidade natal, sua vida se dividiu entre a advocacia, o magistério, a política e aquilo que viria a ser sua maior paixão: o trato com as plantas, os bichos e a natureza. Mas apenas depois de mais de duas décadas defendendo e acusando gente, sempre em torno de pequenas transgressões, é verdade, porque ali ninguém se atrevia a maiores barbaridades, salvo nas disputas por herança, assunto em que o Moço se tornou uma referência que ultrapassaria os limites locais, dada sua habilidade em negociar e fazer ajustes entre as partes.

A esta altura, o Pai que antes relutara em se aposentar, mudou de ideia e se transferiu, junto com a Mãe, que andava muito doente, para a capital. Zeloso das formalidades de sua vida de negociante, reteve para si o cabedal indispensável para continuar vivendo, junto com a mulher, confortavelmente, graças às ações de banco e outros investimentos que acumulara com sabedoria ao longo da vida. Além das terras entregues aos filhos homens e os negócios comerciais a um parente, às mulheres destinou boa soma de dinheiro, além de papéis, que lhes garantissem um dote significativo diante dos pretendentes eventuais.

O Moço herdou do pai uma fazenda, de todas a mais próxima da cidade, talvez em respeito a seu hábito urbano de advogado. Junto consigo na herança o irmão mais moço, aquele ao qual presenteava livros. Este, agora, vivia na cidade grande, começando a se realizar como jornalista e aprendiz de escritor, longe, portanto das mulas, das terras e do escambo familiar e também de lides jurídicas.

Com o sócio morando tão longe, coube ao Moço – agora já não tão moço – tocar a fazenda. Assumiu sua administração e aos poucos fez com que a antiga propriedade, meio abandonada, se transformasse gradualmente em verdadeira fazenda-modelo, com maquinário tradicional movido a força de gravidade sobre a água e repleta de fruteiras raras, inclusive videiras das quais se chegou a produzir bom vinho, com terras sabiamente aproveitadas e seu notável casarão sempre muito bem conservado. Plantou café, aos milhares de pés, mas antes mesmo de que colhesse a primeira safra a grande crise internacional paralisou este tipo de negócio, culminando com a queima obrigatória das plantações, a ser ressarcida, de acordo com promessa do governo, entretanto jamais cumprida. Teve boas ofertas para dispor da parte de mata que era abrigada na fazenda, para dali se retirar madeiras de lei ou carvão, mas recusou-as todas, por não ver sentido em entregar uma obra secular da natureza à sanha predadora de alguns.

Deixou marcas na cidade, fundador que foi, junto com outros ilustres conterrâneos, de um educandário misto, novidade em sua época, e também de uma Associação Comercial, honrando as raízes que recebera do pai.

Enquanto isso a Moça vivia com o Moço um casamento que poderia ser chamado de feliz, com suas grandezas e misérias, como o da maioria das pessoas. Ou talvez fosse melhor que a média, pois afinal ele, apesar de seu jeito seco, era cuidadoso e até carinhoso com ela. Jamais lhe levantaria a voz e em toda a vida juntos jamais foram dormir agastados um com o outro. Os filhos vieram em sequência, dez ao todo, com apenas uma perda, pela moléstia então denominada de *colerina*, distinguindo a família das demais da época, quando perdas numerosas eram quase obrigatórias

Assim com a prole crescendo, ganharam mais liberdade e quando os mais novos já frequentavam a escola acharam por bem se mudar para a capital, onde a sogra e mãe, de dona de pensão passara a quituteira, das mais afamadas, por sinal. O Moço também não vinha se sentindo bem, atribuindo seus males ao permanente clima úmido da cidade natal. O médico da família, seu colega de infância, suspeitou de uma tísica e assim endossou sua vontade de mudar de ares. Também auguravam maiores oportunidades para os filhos.

Na capital, contudo, a tuberculose não foi confirmada e o Moço, que ali tinha bons amigos, acrescidos daqueles que o irmão mais novo lhe deixara, em sua mudança para o Rio de Janeiro, encontrou nova atividade profissional, como redator de um jornal, cargo anteriormente ocupado pelo caçula da família.

Não deixava de ser uma vida tranquila, embora nada ociosa. A faina de sobreviver e cuidar da família impunha sacrifícios em relação a qualquer tipo de luxo. Filhos em colégio interno, sempre em número de dois ou mais, representavam fonte permanente de despesas. A tensão da grande guerra na Europa repercutia no dia a dia de qualquer família nos trópicos, ainda mais quando havia filhos moços correndo o risco de serem convocados, como aconteceu com o mais velho de sua prole, liberado à última hora, dado o encerramento do conflito.

Mesmo com tudo isso, o ímã da política, da terra e das amizades, em poucos anos o atrairia de volta à terra onde nascera. Ali na velha cidade a política o atraiu com maior intensidade do que antes, com as mudanças generalizadas derivadas dos anos de guerra, além da opressão da ditadura de 15 anos. Por este tempo, ao discursar numa cerimônia de recepção ao ditador, que fora até a terra lançar a pedra fundamental da grande companhia mineradora, fez um discurso histórico, que sem deixar de ser elegante, insistiu em cobrar a redemocratização do país. Com tal perfil intelectual e militante, era amigo pessoal de líderes da oposição ao governo ditatorial, sendo alguns deles colegas de faculdade no Rio, que

viriam a constituir um famoso partido político que tinha como lema o *preço da liberdade é a eterna vigilância*, embora o seu perfil fosse mais inclinado à liberdade do que a vigiar os outros. Sem dúvida comungava com eles os ideais de moralização, modernização e anseio pelo progresso material do país, além de alguma elitização da política, também.

A cidade já não era a mesma. A *Companhia*, onipresente, estendia seu poderio sobre quase tudo ali, comprando, esburacando, demolindo, corrompendo, contagiando através de seus milhares de operários, chegados de todas as partes do país, os costumes tradicionais, sob o olhar assustado dos moradores.

Com mais alguns anos, família criada e o nascimento recente de uma filha caçula, numa gravidez em total situação de risco dada a idade da mulher, resolve se mudar, agora definitivamente, para a capital. Adquire então uma chácara, retomando ali a obra interrompida na fazenda, agora vendida à *Companhia*. O trato com a chácara e os netos que passam a nascer em sequência anual, são agora seus principais derivativos. A política e a advocacia se transformariam, então, em páginas viradas. Foi assim a vida que teve durante dez anos, até que faleceu, cercado pela família e pela legião de amigos.

Ele foi um homem de seu tempo, acima de tudo. A literatura lhe fez tentações, que afinal cederam, mas que vigoraram o bastante para contagiar o irmão mais novo, que atribuía a ele, sete anos mais velho, sua iniciação literária, inclusive graças a livros que lhe enviava do Rio de Janeiro, nos tempos de estudante. Pouca coisa, entretanto, restou de sua lavra. Andou de namoro com o movimento dos chamados *simbolistas* e até mesmo publicou um estranha “Baladilha”, vazada em tal estilo, cheia de reticências, e no português esquisito da época, na qual se destacavam frases como: *Imagino-te fria, esgalga, velada em mortalha ... Faces engelhadas, o corpo escarnado num elance juncal, cabelos limalhados de nimbus argenteos: na fronte – um mysterio de brumas cinereas, nos labios – um rictus funebre de caveira nova*. E mais: [...] *Julgo-te moça, creio-te octogenaria... Idealizo-te uma virgem, nublada num véo d’espumas de luar, pallida, expectral... a beijar na noite esponsalicia o cadaver do noivo, na alcova de lyrios, no thalamo de núpcias*.

Entretanto ele, ao que parece, fez desaparecer todos os testemunhos materiais de tal aventura literária, pois nunca mencionava isso aos que o rodeavam. Seu próprio modo de levar a vida, aliás, não combinava com expressões como *esponsalícia*, *esgalga*, *elance* e outras.

Uma boa síntese dessa vida simples, mas de forte grandeza humana e cidadã, foi traduzida pelo irmão caçula, ao qual ele iniciou nas letras e que acabou se transformando em escritor, sem dúvida dos mais aclamados:

Anos e anos escoados na cidadezinha natal, entre problemas pequenos e grandes que nunca se resolviam. Tentou ajudar a resolvê-los na oposição. No governo era impossível; não tinha paixão bastante para ser injusto ou odioso. Outros disputassem esse ou aquele posto importante, ele nem vereador quis ser. Mudou de terra e de vida. No fim, espectador enjoado, dizia aos políticos: seria melhor que fizessem como eu, indo plantar, tirar formiga, limpar galinheiro.

O mesmo irmão escritor o definira antes, em poucas e acertadas palavras, como o doutor e bacharel da família, cujas melhores letras foram aquelas escritas no sangue e na casca das árvores; alguém que sabia o nome de flores e frutas, especialista em casamentos genéticos. Enfim um ser nostálgico, cidadão urbano que não perdia o ar agreste, ao mesmo tempo letrado e camponês, transformado pela vida em autêntico patriarca.

Não foi uma vida qualquer, em meio ao torvelinho das muitas mudanças nas quais o país rural e agrícola de sua juventude, voltado para si mesmo, seguiu em direção à miscelânea urbana e industrial, perseguindo, com tormento e esperança, um lugar no concerto da cultura e da economia mundial.

Conversa no botequim

Meu amigo José Vespasiano de Mattos Alencastro, que em nossa roda de final de tarde, no Bar Alecrim, é conhecido como Matusalém e mais uma manada de apelidos, que nele pegam como visgo, tais como Vespa, Vespúcio, Alencoito e por aí a fora, pois que ele não se incomoda em absoluto com isso. Leva sua vida em harmonia com a idade e com o mudo ao redor. Viúvo há muitos anos tem por companhia apenas uma empregada, a Marieta, quase da sua idade, sobre a qual as piadinhas dos amigos são quase inevitáveis. Para mim ele é Matusalém, não apenas por sua idade, quase 90 anos, mas pela vontade e graça que encontra em tudo na vida, sua capacidade de enxergar “além” da realidade. Pessoa muito querida por todos, é uma espécie de conselheiro que temos quando bate em alguém um certo desgosto com a vida e particularmente com a idade, em um grupo que o mais novo já beira os 70. Por esses dias ouvi em tal patota a conversa seguinte, que tento reproduzir aqui.

- Eita, Matusalém, qual é o segredo afinal?
- Que segredo, sujeito?
- Este seu, de viver tanto e ainda achar graça em tudo...
- Não tem segredo, acho que já nasci assim.

- Vai, conta pra nós... Que elixir andas tomando, além dessas cervejinhas aqui? Porque umas louras todos nós apreciamos, mas ninguém aqui tem a sua disposição, ainda mais sendo o mais velho desta turma.
- Querem saber mesmo?
- Desde que você seja sincero...
- Primeira coisa, não é por força de nenhum remédio. Aliás, tenho uma história para contar sobre uma pessoa que conheci na juventude. As novas gerações desta cidade, como vocês, talvez pouco ou nada sabem sobre ele. É aí que começa e acaba o meu segredo.
- Vespúcio, você por acaso está chamando a gente de “nova geração”? Já começa com gozação, ou mentindo!
- Deixa eu contar a minha história, hoje não posso ficar até tarde.
- Vai marcar ponto com a Marieta, hahaha.
- Seguinte: ele era médico, natural da outra banda do estado e trabalhou aqui na cidade desde sua formatura, ainda nos anos trinta. No começo, era radiologista, destacando-se também como esmiuçador de uma doença sofrida por muitos, chamada por aqui de *mal do engasgo*, um impedimento de que a comida ganhasse seu necessário curso no organismo, pelo menos passando do esôfago ao estômago. Coisa que inutilizou muita gente em toda a nossa região, veiculada por um percevejo do mato, em sociedade com tatus e gambás, mediante abrigo em cafuas de pau-a-pique. E a tarefa dele era de diagnosticar o mal, em seu equipamento radiológico, mas ele logo viu que só isso não bastava, tinha que tratar aqueles coitados também, que não conseguiam realizar nem mesmo a mais simples e essencial das funções necessárias à existência animal: comer. O alimento simplesmente lhes parava no meio do caminho, de algum ponto da *pacuera*, como diziam, e dali não prosseguia, devolvido à boca e ao prato com pesar e dor intensos. E isso lhes acontecia mesmo que passassem a tentar ingerir o arroz com feijão de cada dia em doses dignas de passarinhos. Comer carne ou qualquer coisa mais dura ou volumosa, como um bom pedaço de mandioca frita, ou uma boa manga Sabina, por exemplo, nem pensar.
- Mas então o que esse doutor fazia com seus pacientes??
- Tinha um método de tratamento simples: amarrava uma camisa de vênus na ponta de um tubinho e fazia a pessoa engolir aquilo. Uma vez localizado o artifício no ponto certo, através dos raios de seu aparelho, adaptava na ponta livre do tubo a uma pera de aparelho de pressão e inflava aquilo, em sessões repetidas a cada semana, com um grau de

dilatação cada vez maior. Não chegava a curar totalmente ninguém, mas produzia reconhecido bem-estar, que se traduzia pelo ganho imediato de peso para muitos deles, além da felicidade de voltar a comer quase normalmente, pelo menos por algum tempo. Depois era só repetir o processo de novo.

- Que coisa mais estranha...

- Mas não pensem vocês que foi só isso. Aquela associação do *mal do engasgo* com o percevejo do mato não era reconhecida pela ciência médica da época, que atribuía o problema à falta de algumas vitaminas no organismo. Ele, entretanto, percebendo que a coincidência geográfica entre o tal engasgo e a dilatação do coração, esta já atribuída ao contato com o percevejo-barbeiro, poderia ter a mesma explicação, insistiu em tal tese, procurou sua confirmação através de alguns exames laboratoriais já disponíveis e apresentou seus resultados num congresso de luminares. Quase foi massacrado por certo catedrático da grande universidade paulista, mas poucos anos depois sua teoria provou ser a correta. Mas a esta altura ele já havia mudado de especialidade.

- Conta mais, Vespa, conta! Parece que o caso é bom. Melhor ainda se for verdade...

- Foi assim: ele já havia ficado famoso em tal tarefa, mas enfrentou um sério problema, dadas as muitas horas que passava exposto aos raios X, seja como diagnosticador ou tratador do mal do engasgo. Os efeitos deletérios disso ainda eram pouco conhecidos na época, mas ele esteve envolvido com tais tarefas por mais de duas décadas. No final suas mãos tinham verdadeiras chagas abertas, as queimaduras actínicas, conforme a linguagem médica, com risco de se agravarem e se transformarem em câncer, levando até à amputação. Foi assim que ele teve que parar com a radiologia e procurar outro emprego.

- Mas me pareceu, Alenquito, que você não ia nos ensinar alguma coisa sobre viver bem, ou viver muito? O que tem a ver com esta história até agora?

- Esperem, eu chego lá.

- Fechou o consultório e empacotou o equipamento, que logo foi vendido ao hospital da cidade vizinha. Ficou a ver navios, literalmente, sem ter o que fazer da vida. Resolveu se dedicar à política. Como já tinha simpatia pela causa comunista, mesmo com todos os preconceitos de sempre no país, resolveu se candidatar a vereador pelo tal partido, sendo facilmente eleito, com o apoio, certamente, de uma multidão de *engasgados* e de seus familiares.

- O cara era ousado... Aliás, dizem que comunista quando dá para trabalhar ninguém segura. É tudo pela causa, pela ditadura do proletariado...
- Pela abolição da mais valia, da propriedade, da família...
- Seja como for, aquele ali não deixou por menos. Transformou-se em precursor da legislação sanitária na cidade, onde se costumava criar porcos nos fundos de quintal, se jogava lixo no meio da rua, até mesmo as placentas de quem nascia; e também abrigavam mulas e vacas nos terrenos domiciliares. Tudo isso era coisa comum. Curiosamente, seu parceiro nessas empreitadas era outro vereador, também médico, mas filiado à corrente oposta aos comunistas, o integralismo. As divergências de pensamento não impediram que os mesmos fizessem coisas boas para a cidade.
- Vespa, este aí não é aquele mesmo cara que dá nome ao viaduto sobre a BR?
- Ele mesmo. Um dia veio a receber tal homenagem de suas excelências, mas só muito tempo depois de morto, sendo dado seu nome ao tal viaduto e a uma unidade de saúde, em bairro pobre da cidade, onde viria a atuar depois.
- Antes tarde do que nunca...
- Mas o fato é que extinto seu mandato pela proscrição do partido comunista, novamente desempregado, foi convidado por um colega a assumir as tarefas do Serviço de Lepra aqui na cidade, pois aquele começava a se firmar no território privado e tal emprego já lhe causava alguma rejeição na clientela. Assim, o médico desta história escapou da radiação ionizante, caiu na discriminação ideológica e ato contínuo foi dar no brejo do contágio e da estigmatização. Sobre isso apenas dizia, então: *não quero é ficar parado*.
- E ficou nisso? Na lepra? Qual é afinal a moral desta história, Matusalém?
- Se você tiver paciência, eu explico.
- Ali na *lepra* estive por uma dúzia de anos, ganhando simpatia e amizades. Os vizinhos se incomodavam, pois, era comum que alguns pacientes o procurassem diretamente em casa. Não tinha sossego aquele homem. Arranjou encrenca também com os burocratas do serviço, quando resolveram rebatizar a doença, agora a ser apelidada de *hanseníase*. Acatou a medida e nem tinha como deixar de fazê-lo, mas um comentário seu ficou famoso e repercutiu além dos limites de seu mundo interiorano: *isso é igual vender o sofá no qual se surpreendeu a mulher em colóquio amoroso com outro homem*.

- Até que um belo dia, já passado dos sessenta anos, sentindo algumas dores e percebendo a presença de sangue nas evacuações, resolveu fazer um *check-up*. Foi-lhe então diagnosticado um câncer no intestino. Foi atendido por um filho também médico que fora fazer residência nos Estados Unidos e por lá ficara. Este, valendo-se do proverbial pragmatismo norte-americano, recomendou-lhe cirurgia radical, executada sem maiores delongas.

- De volta à velha casa onde vivia com a esposa, ali na parte baixa da cidade, vocês sabem onde, portador de uma bolsa de colostomia temporária e sem maiores garantias de cura do tumor maligno, resolveu tomar iniciativas em relação à vida, como se ela não lhe fosse já suficientemente movimentada. Reformou sua casa, construiu um enorme viveiro para colibris, adquiriu equipamento fotográfico de última geração e começou a fotografar aves, paisagens, árvores e pessoas, ganhando inclusive sucessivos concursos de fotos artísticas.

- E viveu para sempre depois disso?

- Não. Morreu, mas apenas passados mais de dez anos, não de câncer e sim de ataque cardíaco. Com o quintal cheio de beija-flores e uma prateleira de medalhas e troféus de concursos fotográficos. Tenho quadros com fotos dele até hoje lá em casa.

- Nossa! Aí entram os tais “projetos”, então?

- Sim, aquele homem estava com câncer e tinha muitas incertezas sobre sua saúde. Mas uma coisa lhe era certa: seus projetos mais estimados precisavam ser iniciados ou continuados. Poderia ser chamado de “doente” alguém assim?

- Doente sim... Mas ao mesmo tempo sadio este aí? Sei lá...

- Já concluo: já vi muita gente morrer em gozo da mais perfeita saúde, mas também viver em estado de decomposição física e mental. A história deste homem é bem demonstrativa disso. É assim que lhes revelo o meu segredo, sem medo de errar: a grande força que mantém as pessoas vivas é aquela que as leva a se imaginar no futuro, ou melhor, apostar sempre na capacidade de realizar algo dentro do tempo de que ainda dispõe nesta vida.

- Poxa, gostei do arremate, Vespúcio!

- Em outras palavras: o importante é ter projetos para manter a saúde. E eles podem ser materiais, espirituais, amorosos, políticos, oníricos, normais ou amalucados – sei lá quantas possibilidades existem.

- Eita, acho que você tem razão. Mas certamente não se aplica a todos os casos. Eu, por exemplo...

- Seu caso individual não importa. A regra de vida deve ser: *ter saúde é ter projetos*. Tal frase não é minha, creio que foi um cientista que ganhou o Prêmio Nobel nos anos 60 que a pronunciou. Mas não importa, faço dela uma profissão de fé. Assim de memória até consigo lembrar de pessoas que levaram isso a sério, mesmo que não tivesse formulado explicitamente algo parecido. Trago a lembrança de São Francisco de Assis e de Betinho, para falar de dois santos do meu oratório pessoal. Mas a história nos oferece muitos outros exemplos de gente a quem a doença ou a proximidade da morte não retiraram a vontade de fazer as coisas acontecerem. Vocês mesmo devem conhecer alguém assim.

- Eu que sou médico, Vespasiano, tiro disso o seguinte: acho que é preciso valorizar os *projetos* dos nossos pacientes. Acho que seria o caso de incluirmos em nossos interrogatórios uma simples pergunta: *que projetos você tem para sua vida?* Assim a gente poderia, quem sabe, levantar e programar como parte do tratamento dessas pessoas – com a ajuda de outros profissionais – o desenvolvimento de seus projetos pessoais, sejam de qualquer natureza.

- Você toca em um ponto corretíssimo...

- Resultaria disso um enorme benefício para os pacientes, com certeza. Afinal, quem tem projetos em vista possui, pelo menos potencialmente, muito mais saúde do que quem não os tem e disporá, por isso mesmo, de mais razões para continuar vivo e se cuidando, ajudando assim os médicos e suas balas milagrosas se tornarem de fato mais efetivos. Um dia, quem sabe, isso se tornará realidade. Chega por hoje, é o que tinha a contar para vocês.

- Demais, Matos-Matusalém. Você é nosso ídolo!

- Mas eu completo, além de tudo é preciso ter foco no que se faz e sempre buscar e acreditar nas coisas que a vida nos oferece. E se me dão licença, agora vamos para a saideira.

- Muito bem Vespa, aplausos para você!

- Vou saindo, minha aula de dança grega – aquela do Zorba – me espera.

Infância

Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sítio, em cidade vizinha à deles. Como já eram taludinhos tenham autorização para caminharem a pé até a avenida vizinha, por onde o avô passaria para pegá-los, para

a viagem que sempre tinha um sabor de aventura. Sentiam-se também muito prestigiados, pois havia outro irmão, este um pouco mais novo, mas que era considerado incapaz para uma coisa daquele porte.

Era um dia feliz, geralmente um sábado, muito esperado.

Nem bem saídos da cidade já começavam as brincadeiras do avô, feitas de adivinhas, trocadilhos e perguntas enigmáticas, que eles se esforçavam em decodificar, com alegria. Mais adiante na estrada rural, o avô decretava outro momento de alegria, que era o de apanhar no chão da estrada, pouco movimentada na época, alguns paus de lenha sempre caídos de algum caminhão ou de alguma forma abandonados por ali. E daquilo faziam renhida disputa, a ver quem era capaz de recolher mais lenha a cada parada do Jeep. Isso lhes garantiria, segundo o avô, a lenha para prepararem o almoço logo mais, mas eles sabiam que estava aí incluído o combustível para uma fogueira que encerraria o dia, sempre muito desejada. E o avô completava: porque lá no sítio eu não corto lenha, já chega a que os vizinhos me levam, por isso vocês têm que pegá-la para mim na estrada, já que está cortada mesmo.

O anunciado almoço era apenas pão esquentado na chapa, mortadela e ovo fritos, uma sobremesa de frutas da estação, colhidas ali mesmo. Durante anos, ao longo de toda a vida mesmo, os dois lembravam daquilo como se fosse um banquete de deuses (ou anjos).

Depois que o avô atendia e dava instruções ao empregado, recebia algum vizinho, e fazia uma inspeção geral na chácara, dependendo também de sua disposição, quase sempre presente, desciam para pescar no pequeno açude que ali havia. E cada um daqueles acarás ou piabas que vinha no anzol, mesmo que devolvidos de imediato à água, era comemorado com hurras de satisfação, além de alguma querela para ver quem os tiraria do anzol, no que o mais novo se dizia mais experiente, capaz de perfazer a operação sem machucar os pobres peixes. Não perdiam também, é claro, a oportunidade de disputarem com afínco e garra a captura do maior peixe ou da maior quantidade deles.

No meio da tarde, o pão que sobrava do almoço era submetido a uma passada na frigideira com manteiga e o café ralo que o avô lhes servia de motivo para outra rememoração, que se perpetuaria no tempo como coisa especial.

Depois de um dia de folguedos e travessuras, suportados, a maior parte das vezes com bonomia pelo avô, cumpriam, então, um ritual ansiosamente esperado: a fogueira de despedida, brincadeira vedada quando os garotos estavam sozinhos. A lenha recolhida na estrada ou eventualmente debaixo das mangueiras, juntamente com o vasculho do pomar, era organizada por eles mesmos como uma pirâmide irregular,

no local onde ainda jaziam cinzas de fogueiras anteriores. Varas do bambu fino, que formava vasta moita junto ao açude, já haviam sido trazidas, para serem queimadas e fazerem às vezes de foguetes, pelo estampido que provocavam ao se romperem com o calor das chamas. O avô lhes ensinara, também, a queimar os ramos de um pequeno arbusto, de folhas carnosas, que produzia estalidos e lançava fagulhas, fazendo grande efeito pirotécnico. Aquilo era outra das inesquecíveis maravilhas que o dia lhes trazia.

Terminavam assim o dia, à beira do fogo, agasalhados por recomendação da mãe, para evitar o frio pelas costas. O avô tomava suas últimas providências e não raramente tinha de ceder mais uns minutos aos meninos, que desejavam fazer a queima de uma vara recém encontrada ali por perto, que prometia tiros de arromba.

No caminho da volta, extenuados e calados, mas acima de tudo felizes, amontoavam-se no banco da frente do Jeep, junto ao avô, cabeceando para lá e para cá, com o balanço do veículo. O velho, a esta altura, deixava-os quietos, sem puxar as tradicionais brincadeiras e adivinhas, parte obrigatória da viagem, pelo menos quando descansados estavam. Deixava, então, os netos entregues ao sono e às recordações do dia.

No trotar do Jeep, misturavam-se os odores de gasolina e poeira, em estranha mistura com o cheiro ativo da mexerica enredeira, do limão-cravo, das verduras recém colhidas, da terra fresca aderida às batatas doces e às mandiocas. Mal vedado pela capota de lona do veículo, um friozinho benfazejo fazia também sua presença. Lá atrás, o sol se punha entre nuvens rosadas, como se o lençol de capim gordura dos morros tivesse se invertido e cobrisse, agora, o próprio céu. **(Lindo!)**

Para aqueles dois meninos o crepitar da lenha na fogueira; aquele odor a tangerinas, mostarda e terra fresca; o capim gordura manchando os morros, o sol se escondendo por trás de um lençol rosado, mais o friozinho das tardes de maio, mesmo passados agora mais de sessenta anos, ainda recuperam, magicamente, as cores, os cheiros, os sons e os sabores de uma meninice luminosa.

Quem teve infância por certo entenderá.

Um moço de fora

Naqueles tempos, tudo começava a ser diferente de antes, no país e no mundo. Havia na Europa aquela guerra monumental, que cobrava preço alto em vidas e destruição. Do lado de cá as coisas bem ou mal se moviam. A grande Nação do Norte tinha abandonado seu afastamento dos conflitos, depois dos ataques dos Orientais ao Porto das Pérolas e se lançava, finalmente, à maratona que iria mudar de vez o mundo. Ou,

pelo menos, apressar tais mudanças. O País, entre a contingência de ficar recostado a seu berço esplêndido ou entrar de vez naquela peleja que alteraria a ordem até então posta, optou por esta última, não sem antes cobrar seu preço em moeda forte, em cessão de território, em ruptura com o Eixo, na abertura a negócios lícitos e ilícitos em borracha e minério.

Antes é preciso dizer que já em décadas anteriores à Grande Guerra, o berço esplêndido era sacudido pelo cataclismo da modernidade, com cada vez mais gente nas cidades, a fumaça das indústrias por toda parte, o advento de novas máquinas para tudo. Entre outras aplicações destas últimas, as máquinas de plantar e fazer a terra produzir.

E a história do personagem passa por aí também, dado que o Moço que depois de criado em roças remotas, teve a chance, improvável em outras circunstâncias, de ir estudar na cidade que se muito destacava, àquela altura, nas novas tecnologias da agricultura. Ali teve portas abertas por parte de um conterrâneo, pertencente a um estrato mais bem situado naquela sua aldeia pobre e esquecida, mas que galgara degraus na escada social, virando professor e especialista nas novas técnicas agrícolas. Naquela cidade marcada pelo saber agrícola tudo resultava de influência política, não tanto da pujança local ou regional na arte de plantar e colher. Mas não seria sempre este o modo das coisas acontecerem no país?

Se fosse para contemplar uma região de real vocação agrícola, esta seria formada pelos vales e vertentes de onde nascera o Moço desta história, com sua terra calcária e seu cerrado frondoso, verdadeiro padrão nacional em matéria de terras férteis e de produtividade, em que o milho era colhido à razão de cem por um. Mas tudo isso ocorreu no país em que, se tudo estava mudando, muita coisa se transformava apenas para tudo continuar como dantes, conforme o dito da literatura.

E assim o Moço filho daquela terra fértil, completada sua formação técnica, indicado pelo mesmo conterrâneo que o encaminhara para estudar agronomia, vai buscar emprego, na grande empresa mineradora recém fundada, dita *A Companhia*, empreendimento escorado pelo “esforço de guerra”, articulado entre a Grande Nação do Norte e a ditadura nativa. N’*A Companhia* ele foi atendido pelo diretor geral em pessoa, que em rito deveras sumário, quis saber se ele tinha experiência em horticultura, pois o projeto das instalações de mineração incluía a produção de verduras para alimentação dos operários, que já então eram contratados aos milhares, vindos de todas as partes da nação. Ele mal teve tempo de digerir a pergunta, balbuciou um “sim” intimidado e afobado, saindo dali contratado.

Poucos dias depois o Moço pegava o trem rumo ao desconhecido e de uma estação remota, em carona por caminhão, acabaria por chegar ao lugar onde iria produzir benfazejas verduras para alimentação de tantos

peões. Susto maior ele não poderia sofrer. Ao invés dos campos espalhados de seu Oeste natal, o que ele via ali era uma sucessão de montanhas encavaladas, encostas cobertas por uma mata escura e tão diferente daquele cerrado que lhe era tão familiar. Ali havia frio, chuva, além de nevoeiro, que duravam dias e até semanas. Tudo muito diferente do que ele até então conhecera. Só não voltou para a casa do Pai porque já não cabia, nem um quarto ou cama tinha ali para ele. Enquanto estivera fora nasceram mais dois ou três irmãos.

Com tudo o Homem se acostuma, entretanto – e o moço não fugiu à regra. Principalmente por lhe pingar no bolso, ao final de cada mês, o sagrado dinheirinho do salário, coisa até então praticamente inédita para ele. De tal forma que do azedo fruto que encontrou na chegada àquela paisagem de montanhas e matas, talvez não tenha sido difícil fazer um bom refresco. Melhor ainda que naquele ambiente de forasteiros não parecia difícil fazer amizades, pois todos talvez aspirassem um mínimo de camaradagem para suportarem aquele exílio no meio de muita poeira, frio e trabalho pesado.

E assim o Moço, que de casmurro não tinha nada, acabou por se aproximar de pessoas da terra. Mesmo que por parte desses nativos houvesse razões, facilmente confirmáveis, aliás, para se desconfiar e até rejeitar os adventícios. Coisa boa, entretanto, ele fez talvez não de forma pensada, indo morar em uma pensão improvisada em casa de família legítima da terra. Isso, aliás, seria um caso rotineiro na vida daquela cidade fria e pouco acostumada a novidades e oportunidades de faturar algum dinheiro extra. O Moço, um tanto tímido, sem deixar de ter um temperamento se não comunicativo pelo menos curioso, acabou vendo lhe abrirem portas amigáveis entre aquela gente de aparência tão fechada. E assim, através de filhos coetâneos daquela família, o Moço acabou se aproximando e ampliando suas amizades com a rapaziada nativa. E, é claro, com abertura também para as primeiras insinuações de namoro, que mesmo vistas com desconfiança pelas famílias dali, representavam algo novo e tentador para as mocinhas, certamente enfasiadas com o ambiente endogâmico e repressivo que dominava o cenário local.

E assim ele foi sendo deglutido, mas também incorporando os hábitos da cidade, os quais, com o passar do tempo, já lhe pareciam familiares, como se deles fosse partícipe desde sempre. Não era tarefa difícil, feita afinal por costumes comuns ao pequeno (e ao mesmo tempo vasto) mundo do País interiorano. Entre tais hábitos comuns certamente estava o *footing* das noites em finais de semana. E a chegada das levas de rapazes propiciada pela *Companhia* certamente deve ter trazido variedade e densidade àquela atividade tão celebrada e, por que não dizer, tão necessária à boa vida social das comunidades humanas.

Diferença possível é que enquanto em sua terra as ruas e praças eram mais amplas para a passeata da moçada, a exiguidade montanhosa de

da nova cidade fazia com que isso se desse ao longo de uma única rua, estreita por sinal, exigindo dos praticantes não mais um percurso em largos “círculos” (ou retângulos), como nas praças interioranas a que o Moço estava acostumado, mas agora linear e curto, com pontos convencionados de meia volta-volver. E assim, do *Largo* até o *Clube Atlético*, numa extensão que talvez não chegasse a 300 metros, entre casarões centenários, nas tortas ruas calçadas em minério de ferro, dentro da neblina das noites brancas e sem horizontes que então escondiam o finado Pico onde a Companhia travava sua enorme exploração, a mocidade local, fosse nativa ou adventícia, perfazia o ritual do caminhar noturno aos sábados e domingos, com as devidas restrições, não apenas as geográficas e peculiares à cidade, mas também as derivadas da vigilância estreita das famílias, principalmente em relação à moralidade das suas estimadas donzelas.

Eis que numa dessas jornadas, olhares se cruzaram e o ferro das calçadas não empatou, botou ferrugem ou bloqueou a curiosidade, talvez simpatia, depois amor, a acometer mais de um forasteiro e uma nativa. Nesta ocasião o Moço já estava enturmado e um de seus melhores amigos era H., membro de tradicionalíssima família que representava um dos reservatórios morais e intelectuais da cidade, na qual, em verdade, do ponto de vista material e financeiro, a posse de numerário em dinheiro e bens já estivesse em outras mãos, totalmente estranhas ou estrangeiras. Num daqueles cruzamentos fugidios de olhares, ele resolveu consultar se grande amigo H. sobre quem era a dona daqueles olhos tímidos, mas sem dúvida promissores. A resposta surpreendeu ao Moço: *é minha irmã, fique longe dela, não é pra você!* E nisso se demonstrava não haver qualquer receptividade.

Afinal, companheiros de farra que eram, o provável é que tivessem intimidade suficiente para que soubessem de trampolinagens impúblicas recíprocas. Coisa mais ou menos do tipo: *este serve para ser meu bom amigo, mas para cunhado são outros quinhentos*. Assim, certa etiqueta de *bas-fond* deve ter prevalecido e o Moço decidiu não insistir. Por enquanto, pelo menos. Ou talvez fosse hora de exhibir algumas qualidades das quais o amigo H. até então não havia se apercebido. Sair melhor na foto, pensou ele, deveria ser o primeiro passo, o resto se veria depois.

Como nada resiste a um pouco de paciência e calma, tudo se acertou em seguida, sem muita conversa, mas com algumas atitudes, como convinha à boa índole daquela gente montanhosa e manhosa. O fato é que com algumas intermediações de amigos, talvez até com a participação do próprio amigo H. foi possível encetar o namoro, com todo respeito e sempre de acordo com os costumes. O Pai, Doutor e herdeiro do que havia de mais tradicional na terra, pelo menos antes da mineração começar, deve ter sido o último a saber, mas não chegou a causar problemas ao pretendente, pois ele não era disso e certamente deve ter estimado haver boas intenções no forasteiro.

Com a Mãe da Moça, entretanto, teve menos sorte. Quando já havia se tornado mais íntimo da família, na era do noivado, foi buscá-la na fazenda da família, em sua camionete de funcionário da *Companhia*. Um pouco por estar prestando atenção na estrada, mas talvez também por lhe faltar assunto, embargado pela timidez, se distraiu da presença da futura sogra na boleia e quando se deu por achado, simplesmente reparou que ela não estava mais ali e que a porta da direita do veículo abria e fechava no vazio. A pequena roceira que vinha de carona no assento ao lado murmurava, assustada: *seu Moço, a Patroa caiu lá atrás...* Pelo retrovisor pôde enxergar a enrascada em que estava metido. Lá longe, a senhora futura sogra sacudia a poeira e já vinha caminhando, claudicante e contrafeita, em direção ao carro. Mas se raiva houve, foi só no momento, acabou logo. E tudo não passou de um susto. Mais do que isso, rendeu boas risadas na família por muitos anos.

Aos poucos, assim, acabou o Moço muito bem assimilado pela família, seja por H., pelo Pai Doutor, pela Senhora Sogra, demais irmãos – e naturalmente também pela Moça que fora objeto de sua corte. Assim, nada mais natural, interromperam-se os estudos da moça, antes mesmo dos 18 anos e foram, a mãe e ela, nesta ordem, cuidar do enxoval.

Na hora pedi-la em casamento ao Pai, imperou a formalidade da época e quem na verdade representou o Moço foi um terceiro, o respeitado Tio Pedrico, amigo do futuro sogro e conhecido também – além de simpatizante – do Moço forasteiro. Em outubro de certo ano, no pós guerra, casaram-se na Igreja Matriz e em julho do ano seguinte, dentro da marca regulamentar dos nove meses – nunca menos do que isso! – nasceu-lhes o primeiro filho.

A vida da nova família ali, contudo, durou pouco. O Moço era herdeiro de uma sanha negociante de família, com seu Pai na dianteira, especialistas em fazer barganhas, com certo despreço pelo trabalho assalariado comum. Assim, o Moço e a Moça, mais o primogênito com pouco mais de um ano e um segundo filho prestes a sair da barriga da Mãe, se mudaram para a Capital, cumprindo a sina genética de fazer negócios. Por algum tempo foram barganhas de compra e venda de cereais e porcos vivos, trazidos das regiões produtoras do Norte do Estado, com entrega aos mercados consumidores da Capital e cidades maiores. Ao Moço coube pilotar um destemido caminhão Chevrolet, recebendo uma percentagem nos negócios realizados. Como tudo devia mudar, sempre, veio depois a fase do transporte urbano, na qual se envolveram além do Pai e alguns de seus filhos, incluindo o próprio Moço. Trabalharam assim como mouros, até mesmo saindo da cama às cinco da manhã muitas vezes para pegarem, diretamente, o volante dos coletivos. Já o Moço e seu Pai logo se enjoaram daquilo – ou acharam demasiadamente trabalhoso – e foram tentar outras atividades. Mas ninguém nunca enriqueceu de verdade, de uma forma ou de outra.

E assim se encerra esta história, feita de alegrias e sustos; glórias e misérias; vitórias e derrotas; sonhos e frustrações; perdas e ganhos. Como acontece na vida de todo mundo. Não há muito a acrescentar a isso.

Matéria médica .

*Oh cousas todas vãs, todas mudáveis, qual é tal coração que em vós confia?
Esta água que d'alto cai acordar-m'ia, do sono não, mas de cuidados graves.* (Sá de Miranda)

A verdade, acreditava ele, é que se formara em medicina sem ter certeza de ser esta sua vocação real. Tinha tudo para evitar tal opção, pois desde pequeno desmaiava quando via ou sentia o cheiro de sangue, até mesmo de uma galinha sacrificada no terreiro de casa. Resolveu enfrentar o vestibular para mostrar à família do que que era capaz, depois de alguns anos de descuidada carreira como estudante. E chegou lá.

Agora, de volta da comemoração que os colegas organizaram para festejar os cinquenta anos de formatura, à qual compareceu a contragosto, a bem dizer apenas para satisfazer a esposa, que acreditava estar ele deprimido e precisando de distração, tinha a sensação de que realmente deveria ter ficado em casa, e não se exposto ao ambiente que lhe parecia de falsa euforia, mal disfarçando a senectude de uns, associada ao fato de que muitos já haviam falecido, nem por isso sendo lembrados ali.

Ao longo de anos de carreira como médico clínico, sentia-se frustrado pela enorme dificuldade em fazer diagnósticos precisos ou produzir soluções reais para muitos dos pacientes que atendia no consultório privado e, sobretudo, no sistema público. O que ouvia de muitos deles eram queixas vagas, que muitas vezes não faziam sentido, com os exames que pedidos quase sempre absolutamente normais. Nada enfim, que se espelhasse nos livros de medicina que lera na faculdade ou mesmo com alguns pacientes com que convivera mais diretamente nos hospitais. Hospital, pensava ele, deveria um lugar onde realmente se poderia encontrar gente adoecida de fato, ou pelo menos onde seria possível exercer a arte dos diagnósticos, mas nem sempre era assim. Nos ambulatorios, todavia, era ainda pior, pois se ali havia de tudo, apenas uma pequena parcela com sintomas que levassem a alguma conclusão clínica precisa.

Por que não abandonou tudo aquilo enquanto ainda era jovem e tinha reservas de energia para tanto? Sempre se perguntava. E era obrigado a admitir que não o fez por puro medo, seja da reação da família, do afastamento da namorada que era colega de faculdade, da falta intrínseca de coragem, pela frustração que causaria acima de tudo em

si mesmo, o primeiro de toda a família a cursar faculdade, ainda mais de medicina.

Sofreu com isso por muitos anos, acreditando que o melhor para ele, mesmo de forma tardia, teria sido a migração para outra área, radiologia, por exemplo, ou mesmo para fora da medicina. Percebia sua vida médica repleta de desgosto e frustração. Só muitos anos depois é que pôde entender que a grande questão que mobiliza pacientes, em toda parte, não era simplesmente a de ter males diagnosticáveis – e tratáveis. Neles, tudo se resumia a sofrimento, seja derivado da pobreza, das relações familiares corrompidas, da falta de sentido da vida, coisa tão antiga quanto a própria humanidade. E aquele sofrimento era, por natureza, fluido, vago, impreciso, não quantificável e nem mesmo diagnosticável ou classificável em taxonomias. Sentia ser este o foco principal de seus problemas, não estando preparado para enfrentar tais dilemas. Percebia que muitos poucos profissionais seriam capazes de dar conta de lidar com tal questão, nem para si próprios e muito menos em relação aos outros, o que os fazia habituais usuários de vias de escape. Nesta categoria enquadrava boa parte de seus colegas médicos, embora reconhecesse nisso certa projeção de um mal-estar que talvez fosse um problema restrito a ele.

Olhava no espelho de sua formação médica e percebia que nela imperava algo como uma fórmula mágica, repassada geração após geração, que era repetida como um mantra desde os primeiros dias de faculdade: primeiro diagnosticar com precisão e só então tratar. Ele se indagava angustiado: como fazer acontecer tal exatidão diagnóstica? Seria possível que todas as queixas e sintomas que as pessoas apresentavam teriam que ser realmente “tratadas” daquela forma tradicional que a faculdade lhe ensinara, incluindo sempre medicamentos, intervenções ou, na melhor das hipóteses, terapias mentais?

Desgostoso como estava lembrou-se da palavra “casuística”, tão apreciada pelos colegas sempre prontos a demonstrar sabedoria e, principalmente, exibir uma trajetória profissional marcada pela experiência, inflando o peito ao pronunciá-la. Para rebatê-los, quando ainda tinha paciência e energia para tanto, chegou até a fazer consultas em dicionários e tratados, constatando, por exemplo, que este é um termo que tem suas aplicações principais nos campos da ética, da religião e da teologia, o que o fez suspeitar que talvez os colegas estivessem usando o mesmo sem as devidas licenças. Seu mal humor piorou quando viu em um tratado de filosofia ser tal expressão algo comum a culturas e circunstâncias históricas diversas, manifestando-se na filosofia estoica e confuciana, no Talmud, nos comentários do Corão, na filosofia escolástica, na teologia católica. Nada a ver com o uso vulgar que davam a tal palavra. Chega de pesquisas, pensou na ocasião, o melhor seria aceitar isso apenas como um recurso usado por

vaidosos e pretensiosos de diversas naturezas, entre os quais os colegas a quem ele desprezava.

A esta altura, sua implicância com a tal “casuística” médica se aprofundou ainda mais, ao obter por conta própria algumas noções de estatística e lógica, que lhe informaram que as possibilidades de generalizações a partir de dados isolados ou não controlados formalmente são fonte de enganos, muito mais do que de certezas. Ele havia trabalhado na Saúde Pública, em uma repartição onde lhe cabia organizar a coleta de informações sobre as doenças de notificação obrigatória legal, tarefa que ali ninguém havia realizado antes. De posse de tais dados, ainda muito precários e pouco valorizados pelos médicos em geral, organizou-os em gráficos e tabelas e foi mostrá-los a plateias de homens de branco nos hospitais, convidados explicitamente para isso. Estes aí, de maneira geral, o cumprimentavam e elogiavam, porém, sem deixar de olhá-lo como se fosse um ser portador de ideias estranhas e pouco práticas.

Na ocasião, ouviu alguém dizer que aqueles casos de difteria apontados em um gráfico não deveriam ser verdadeiros, pois “a casuística” de que dispunha indicava que tal doença havia desaparecido da cidade havia décadas. Teve que se calar, porque os dados eram pouco confiáveis mesmo, mas a palavrinha continuou a lhe provocar pruridos, cócegas... Até que um dia ela surgiu de novo. Ele foi incumbido de explicar um novo calendário de vacina aos pediatras da cidade e então um deles lhe sapecou a pérola de que sua *casuística* lhe revelava que tal mudança no calendário de vacinas seria desnecessária. Foi assim que ficou irremediavelmente implicado com tal palavra e com o pedantismo dos profissionais também.

Considerou então que tudo que dispunha na sua vida de médico não era, definitivamente, uma “casuística”, em qualquer das conotações que tal termo possuía nos tratados e dicionários, ou mesmo aquela vulgarizada pelos médicos. O máximo que ele poderia ostentar seria uma “*causuística*”, formada apenas por vivências, reflexões, impressões, incertezas. Apenas *causos*, coisas que a vida lhe mostrou, ora com dor, ora com alguma nobreza, e que chegaram até ele, seja como criança, estudante, médico, ou homem que apenas observara o mundo, com a devida humildade.

E este era seu estado de espírito na modorra e tédio de um aeroporto lotado, na volta para casa, depois das tais festividades cinquentenárias. Um atraso de pelo menos duas horas no voo já tinha sido anunciado e a esposa, consumidora e curiosa voraz, já entrava e saía por quantas lojas houvesse no ambiente, deixando-o, felizmente, entregue a seus devaneios.

Pôs-se assim a refletir sobre seus feitos médicos, tentando enumerá-los, a partir da memória que ainda mantinha de alguns pacientes que lhe

foram marcantes, embora no fundo desconfiasse que tais realizações fossem um tanto irrisórias. Eram apenas *causos* que ele assistira como expectador privilegiado, mas realmente duvidava se fora sempre capaz pelo menos de melhorar a existência das pessoas que precisaram dele, quem diria salvar vidas.

Lembrou-se, por exemplo, de certa mulher que um dia o procurara cheia de queixas, coisa que, aliás, deveria fazer parte do acervo de qualquer clínico. Ela era jovem e aparentemente portadora de uma vida bem estruturada, com marido, casa, filhos, emprego, conforto material. A cada dia ela aparecia com um sintoma novo e o visitava no ambulatório do serviço sindical em que atendia pelo menos uma vez por mês. Trazia exames sempre negativos. E falava de dores mutáveis, mal-estar impreciso, febres que não chegavam a ser registradas nos termômetros, desmaios, calafrios, tonteiras.

Um belo dia, o marido também apareceu na consulta, um homem corpulento, bem vestido, ao que parece pequeno empresário, confirmando a aparência de vida bem arrumada. Neste dia só ele falou. A mulher, tão loquaz habitualmente, não conseguiu proferir uma frase inteira. O marido, mesmo de forma cortês, a interrompia a cada meia dúzia de palavras para lhe passar sua própria versão das moléstias da esposa. E ela, conformando-se a ficar quieta em um canto.

Mas estas lembranças seriam dela mesmo, da mulher oprimida por um marido sem noção? Foram tantas pessoas assim que ele atendera...

Quanto ao marido, não tinha dúvidas. Logo percebeu nele um tipo hiperativo, incapaz de um minuto de silêncio e disposto a preencher todo espaço vazio nas conversações, emitindo opiniões que abrangiam não só o campo pessoal, mas também política, futebol, religião, vida social etc. Além do mais, absolutamente dominador em relação àquela pobre criatura que ele chamava de *esposinha*. Explicou a ele que realmente estava tendo dificuldade em encontrar um diagnóstico preciso para sua mulher, mas que ia continuar tentando.

A vinda daquele homem lhe abriu portas para entender um pouco melhor a situação da paciente, ao perceber que, longe de ser uma solução, aquele marido era um problema para ela. Na saída, ele voltou um passo atrás, fechou a porta da salinha de atendimento, mantendo a esposa do lado de fora e pediu um minuto em particular com o médico, para enfim revelar seu drama, concentrando-se especialmente no total desinteresse que a esposa tinha, já há alguns anos, por qualquer atividade sexual, pelo menos que o envolvesse também. E então mostrou fotos do quarto do casal, que havia mandado reformar, de modo a incluir cama redonda, banheira de hidromassagem, TV na parede, teto e paredes espelhadas, luzes estrategicamente distribuídas e outros ingredientes de sensualidade e erotismo. Mas tudo em vão,

lamentava o frustrado sátiro. Para piorar as coisas, a mulher agora simplesmente se recusava a dormir em tal aposento.

O doutor tentou confortá-lo e pediu paciência. Talvez fosse necessário dar um tempo para a coitada da esposa, mas ele mal lhe ouvia. Já de saída e meio em segredo pediu ao médico que tentasse convencer a mulher, em próxima consulta, a se utilizar das benesses que tal alcova lhe facultava.

A próxima consulta aconteceu daí a alguns dias, com a paciente desacompanhada. Ele tentou abordar a questão do sexo. A mulher nem lhe deixou falar. Falou das iniciativas do marido, mas que não entraria naquele quarto definitivamente, porque ele lhe era infiel, tinha muitos casos fora do casamento, inclusive com amigas dela e, além do mais, copiara aquele projeto de quarto de um motel que frequentava com as amantes. E foi a vez dela lhe pedir que o fizesse desistir da ideia de levá-la a tal aposento.

Mas como ele, apenas um médico, poderia solucionar algo assim? A solução não seria a de ela desistir de tal marido? Daria mais certo.

A esta altura, tinha dúvidas dos próprios acontecimentos que lhe vinham à mente. Aquele homem adúltero tinha o mesmo jeito de um paciente que um dia lhe prometera uma vaca de presente. E aquela mulher lhe lembrava, se é que não fosse a mesma, aquela que um dia o surpreendeu tirando toda a roupa, inclusive íntima, quando ele lhe pediu que apenas levantasse a blusa para que ele lhe auscultasse o coração.

Era assim com ele nos últimos tempos, suas lembranças começavam a se acumular e se sobrepor ou misturar umas às outras.

Outra das lembranças que lhe veio naquela na tarde modorrenta foi a de um menino, quase rapaz, que viera de algum lugar dos sertões do Norte do Estado, que na época eram os grandes armazéns fornecedores de doentes para o hospital da Faculdade. Que doença tinha o tal rapaz? Simplesmente todas! Seu coração era uma bola, embora jovem, já devastado possivelmente pelas insidiosas incursões do *barbeiro*. O esôfago lhe fazia às vezes de estômago, pela sua dilatação e relativa imobilidade. Como se não bastasse ainda tinha um sopro cardíaco provavelmente associado a uma doença reumática não tratada. Ah, sim, e só ia à privada à custa de lavagens. Tinha também uma anemia intratável. Com mais de dezoito anos, ou mais, seu corpo era ainda o de uma criança e desafiava a medicina com seu acúmulo de problemas e, principalmente, com a evolução tão grave dos mesmos.

O moço estava internado ali há muitos meses. Seu prontuário já não cabia naquelas pastas metálicas, com presilhas flexíveis, que eram típicas dos hospitais da época; ocupava mais de uma caixa daquelas

normalmente usadas para arquivar papéis mortos. Rever seu prontuário já era coisa quase impossível. O que havia nas tais caixas de arquivo era uma maçaroca de papéis, sem qualquer ordem, seja cronológica ou simplesmente *lógica*.

Quando ele, ainda um jovem doutor, encontrou tal paciente, resolveu inovar e buscar outros medicamentos, fora do que era padronizado nos protocolos, utilizando as boas graças dos propagandistas de laboratórios. As tais drogas foram se sucedendo e se alternando, sem resultado, mais uma vez. Nisso, algumas das funções vitais dele começavam a degradingolar, embora a regra médica de que é melhor explicar tudo com um único diagnóstico, nele fosse definitivamente subvertida.

Aos poucos, contudo, aquele moço foi sendo incorporado à paisagem. Em conversa com o médico, ele, que era de pouquíssimas palavras, disse que não tinha nenhum interesse em voltar para casa. Vinha de uma família miserável que não tinha como cuidar dele e que ali no hospital estava melhor do que em sua casa, tendo comida, roupa lavada, amigos e até mesmo alguma valorização, como a que os pressurosos residentes bem ou mal lhe ofereciam. E assim o coitado foi ficando. Completou um ano de internação e possivelmente ficou ali muito mais, com escassas chances de sobrevivência, dono que era de um organismo tão comprometido. Depois, não teve mais notícias dele.

Em suma, pensava ele naquela tarde de espera, algumas doenças não têm tratamento mesmo, embora seja possível que a tecnologia moderna desse àquele paciente uma vida mais confortável e mais longa, sem, contudo, lhe acrescentar a dignidade de que tanto carecia.

Mas, afinal, o paciente de que se lembrava era este mesmo? Havia em suas lembranças outros pacientes igualmente pobres, igualmente roceiros, de diagnósticos também incertos. Um deles era exímio em tocar sanfona e ficara internado por meses a fio. Mas na sua cabeça agora era impossível diferenciar aquele ali de outros que lhe vinham à memória.

Lembrou-se também do senhor Joaquim, um homem de quase 80 anos, corpulento, jovial. Sua cabeça bem conformada e seus cabelos brancos o faziam parecido com Dorival Caymmi, não fazendo má figura como tal. Era um daqueles pacientes colaborativos, que acreditavam nos médicos, particularmente e tudo fazia para atender as recomendações deles, pois tudo que queria era pressa em receber alta logo e voltar a seus afazeres. O problema era o coração, que lhe batia sem pressa alguma, trinta e oito, no máximo quarenta vezes por minuto. Mais uma vez por obra e graça de um terrível protozoário caudado e seu agente contumaz, o inseto rajado.

A solução para ele era bem simples: um marca-passo. Mas ao mesmo tempo quase irrealizável naqueles tempos, com a população dividida entre os que tinham a “carteirinha” do INPS e os que não a possuíam. E Joaquim era do segundo grupo. Conseguir o tal aparelho era uma

verdadeira façanha, que dependia da autorização de uma penca de burocratas. E assim a espera de Joaquim se arrastava, por meses a fio.

O paciente insistia, com doçura, que seu sonho era voltar logo para casa, reencontrar sua mulherzinha, tão jovem, rever seu burrinho, botar de novo sua carroça para andar e ganhar a vida com algum frete.

Mas aquela mulherzinha jovem não seria a mesma que o marido lhe trouxe um dia para que lhe fizesse um *traçado* da cabeça, pois que era nervosa e tinha crises de agitação e agressividade? Não, com certeza aquela era outra. Ou lhe parecia ser. A cabeça embaralhava as lembranças e ele já não sabia mais quando ou com quem aconteceu.

Espera aí...pensava. Joaquim não era o homem cujo nariz aparecera com um problema, que o deixara do tamanho de uma beringela? Não este era Antônio. A cabeça, de novo, era pura nebulosidade. Mas não lhe trazia desconforto tão grande, sendo apenas um modo de descanso na vida, pensava. Esquecer para descansar.

Ah, sim, seu Joaquim. Conversa vai, conversa vem, conseguiu-se a promessa de um fabricante de equipamentos que ele seria atendido em no máximo quarenta dias. Simples a solução, então: era dar alta e pedir que voltasse algumas semanas depois. Mas cabia dar a notícia ao homem cujo coração corria o risco de parar de bater. Se ele ficasse ansioso, ou de alguma forma com os nervos sob ataque, temia-se que aqueles trinta e tantos batimentos se reduzissem a zero. E coube a ele dar a notícia ao carroceiro, depois de muitos rodeios, que ele deveria ir para casa, para ser convocado depois, pelo Serviço Social, quando o precioso equipamento estivesse disponível. Joaquim sorriu amarelo, mas resignou-se. A frequência cardíaca manteve-se ritmada, abaixo dos quarenta batimentos regulamentares, mas sem quaisquer sintomas ou sinais preocupantes. O médico lhe fez prescrições e recomendações, entre elas que não fizesse esforços e evitasse contratempos, se isso lhe fosse possível.

Duas ou três semanas depois da alta, Joaquim estava de volta, mais magro, um pouco abatido, com um enorme curativo na frente, tendo todo o crânio rodeado por uma faixa de atadura, na qual ainda havia manchas de sangue. E foi logo explicando o acontecimento: voltara para casa e chegando lá encontrou a mulherzinha nos braços de outro, que lhe havia também subtraído, para vender, aquele querido burro e a respectiva carroça. Ainda por cima lhe veio com ameaças. Ele correu atrás do Dom Juan com um porrete, mas o mesmo sacou de um revólver e atirou nele, tendo uma das balas lhe alcançado a cabeça. E ele ainda detalhou: *me entrou na parte da frente e saiu pela de trás, sem bulir com os miôlo.*

E o médico viu como era vão o seu temor, de que o marido traído tivesse uma parada cardíaca apenas com a má notícia de que seu marca-passos ainda demoraria mais algumas semanas para chegar. Mais uma surpresa

da vida, que faz da ação dos médicos apenas uma, entre outras, das possibilidades de se ter sucesso na clínica, pensou o doutor nas suas divagações aleatórias.

A mulher seria a mesma da qual o marido lhe tinha solicitado um *traçado da cabeça*? Não havia como saber, a esta altura dos acontecimentos. Era melhor relaxar e deixar as ideias fluírem. Devia ter aproveitado da festa e checado com os colegas algumas coisas, mas certamente foi melhor ter deixado pra lá.

A história de Joaquim lhe trouxe Antônio, o homem do nariz de beringela de volta. Aquilo era um nariz enorme, inchado, vermelho, suculento. Seria um Cyrano de Bergerac, porém bem menos agradável. O apêndice, que parecia ter vida própria naquele rosto castigado, era como uma fruta ou legume maduro, mas isso não o isentava de se mostrar também repugnante, pois dele minava secreção copiosa e fétida. O pobre homem mal tinha quem se encorajasse a se aproximar dele, figurando um daqueles leprosos medievais. A história clínica sugeria uma infecção, quem sabe uma micose, agravada, talvez, pela visível higiene precária do personagem. Examina daqui, examina dali, colhe-se material, esperam-se resultados. E o tempo vai passando. Até que um dia o diagnóstico se fez sozinho. O pobre Antônio começa a eliminar pelas narinas uma legião de larvas de mosca de berne. A esta altura, a higiene local com água sanitária, além da aplicação de compressas de vaselina, que sufoca as tais larvas e as faz fugir, resolveram a questão em poucos dias. Inclusive a fedentina cedeu.

A história só não teve um final feliz porque Antônio era pobre, muito pobre, e vivia sozinho, quase abandonado. Seus hábitos higiênicos eram dignos de um vivente medieval, fosse servo ou senhor. E tendo recebido alta, voltou para sua vida de sempre. Toda essa história, entre o dramático e o escatológico, lhe veio à mente por mais uma vez fazê-lo refletir sobre a compreensão entre o que é estar doente, na visão dos próprios pacientes, e a maneira distante e técnica como os veem os médicos, que apenas perseguem diagnósticos, para então aplicar tratamentos heroicos.

Diante de sua indagação a Antônio sobre como isso pôde ter lhe acontecido ao nariz, recebeu dele, um tanto acanhado, meio se desculpando: *pois é seu doutor, não sei não; é que às vezes a gente distrai do nariz.*

Isso lhe fez lembrar de uma frase famosa, que um professor da Faculdade gostava de repetir: *a medicina é a arte de distrair os pacientes enquanto a natureza trabalha.*

O caso da beringela trouxe-lhe de volta seu amigo Pedro, que a este tempo trabalhava junto com ele na mesma enfermaria e que tinha participado do atendimento daquele infeliz. Pedro tinha um filho com

síndrome de Down e um dia lhe contou como ficou sabendo de tal infortúnio. Como estava de plantão em outra cidade quando a esposa entrou em trabalho de parto, só pôde estar com ela algumas horas depois, quando o bebê já tinha nascido. A recepção que teve por parte da encarregada do berçário foi chocante: *uai, pensei que o senhor era japonês, o bebê tem os olhos tão puxadinhos*. Ele lhe revelou isso uma certa vez, com os olhos inicialmente marejados, mas depois em estado de choro convulso. Ele só lhe fez abraçar, por falta absoluta de palavras de consolo.

Chamavam seu voo. A esposa já voltara agora a apressá-lo como sempre, parecendo mais interessada em que ele lhe carregasse a mochila e as sacolas de compras, do que propriamente na sua companhia. Além do mais ele andava tão desligado que certamente não faria boa presença com ela. E assim seguiu para o embarque, cabisbaixo e ainda sufocado pelas lembranças que despertara em si mesmo. No meio das lembranças dos pacientes ainda lhe veio o drama de Pedro, para afundá-lo ainda mais em desconforto.

No avião, por sorte, não havia lugar ao lado da mulher, o que lhe trouxe certo alívio, pois assim poderia prosseguir naquela outra viagem íntima que já tinha iniciado na sala de espera. Acomodou-se e puxou a memória para resgatar o ponto onde parara. O drama de Pedro, o nariz de Antônio, as complicações múltiplas de um rapaz perdido no tempo.... Onde fora mesmo? Na raiz de seu mal-estar talvez estivesse aquela festa sem pé nem cabeça, a falsa alegria senil à qual se vira obrigado a estar presente. Os colegas envelhecidos, calvos, de barrigas protusas, repetindo piadas desgastadas, aplicando verdadeiros murros uns nos outros à guisa de abraços, eram como uma mensagem aziaga, feita de falsidade e redundâncias. Realmente não devia ter vindo. Aqueles contatos íntimos e forçados só serviram para lhe despertar dores incubadas. E mesmo ali na poltrona do avião, tentando relaxar, ainda lhe incomodavam.

Aos setenta anos não havia muito o que fazer, senão suportar as dores físicas e psíquicas, tentando encontrar algum derivativo em leituras, trabalhos manuais, algo assim. Pensando nisso, lembrou-se da cirurgia de catarata que vinha adiando há anos, por puro medo de dar errado. Se pudesse voltar no tempo, teria jogado fora a carreira médica e estudado outra coisa, Jornalismo ou Letras, por exemplo. Já há algum tempo se dava conta que sua opção profissional foi construída em cima de equívocos sem conta. Foi fazer medicina por ter boas notas e ter se transformado em aluno competitivo, nada mais. Vocação legítima era coisa que certamente não contara para ele. As primeiras aulas na faculdade, ao lado de um cadáver que nem precisava estar ali, já lhe mostraram um caminho mal começado. Se pelo menos tivesse a seu alcance gente, na modalidade *viva*... Entretanto o que lhe davam era um cadáver; depois cortes em lâminas de vidro; mais adiante, sapos, cães, tubos de ensaio e cálices com sangue e secreções diversas.

Quando finalmente chegou a hora do encontro sonhado, vieram radiografias, papéis, debates, corridas de leito totalmente impessoais, com tediosas mediações de luminares vaidosos.

Tal foi a minha vida de médico, pensava. O que realmente pudera fazer de bom e útil para os outros? O que a faculdade lhe trouxe de especial, em termos humanos, não sendo capaz nem mesmo de lhe ter ensinado a dar notícias ruins ou consolar quem fosse alvo delas? Que medicina era aquela, que celebrava os casos raros e se esquecia do que era corriqueiro? De onde vinha tanta certeza e conformismo que aceitava manter uma pessoa internada durante meses apenas para satisfazer uma compulsão especulativa de especialistas? Para que tipo de pessoas e de país se ensinava aquela medicina elitista? Por que especular quase tudo sobre as doenças, mas muito pouco sobre as pessoas que as portavam? Por que não lhe ensinaram o valor, por exemplo, de indagar dos desejos e projetos dos pacientes, e não apenas de suas dores e sinais patológicos ou hereditários? Sim, porque um indivíduo não significa apenas um pacote de vísceras, sangue e ossos, mas o resultado de um vasto conjunto de relações com o mundo dos outros indivíduos e da natureza, quem sabe com ramificações cósmicas. A sexualidade das pessoas e suas variantes não deveria também fazer parte do que se ensinava na faculdade, longe de ser tratado como assunto obscuro ou imoral? O que realmente passava pela cabeça de certos professores – e talvez da maioria dos estudantes – que medicina, cultura, questões sociais e política são coisas que devem continuar separadas, longe das preocupações dos praticantes da saúde?

Quantos equívocos...

Embalado pelo ronronar macio do motor a jato adormeceu, como quem foge de *cuidados graves*.

Pereira procura

Tinha verdadeira mania em procurar e rever amigos antigos e parentes em geral. Quando viajava, então, este traço se exacerbava. Mas não raro os procurava também em lugares inusitados, como em listas telefônicas, placas de túmulos, ou mesmo em convites de formatura, através dos sobrenomes dos formandos.

Certa vez, na formatura de uma neta como advogada, atazanou-a durante vários meses para que indagasse se um José Pereira Neto era descendente de um primo distante, com o mesmo nome. A moça tentou ignorar o pedido, mas ele não lhe deu descanso, até que ela lhe disse que perdera o colega de vista, irremediavelmente. Mesmo assim, quando podia, voltava ao assunto.

Com a mulher isso era objeto de polêmica antiga, não raro fazendo piorar ainda mais o azedume que reinava entre os dois, casal antigo que eram, com mais de 50 anos de convivência. Em excursões que passaram a fazer juntos depois que os filhos se emanciparam, ela de costume se abespinhava quando ele, ao ver alguma placa de comércio, profissional liberal ou coisa assim, logo deixava escapar um pensamento, verbalizado mais ou menos assim: *preciso ver se este Valdomiro Pereira aí não seria aparentado com um primo do meu pai que migrou pra estas bandas na década de 30.*

Certa vez, quando foram à praia em Guarapari, ainda no tempo que ele dirigia seu próprio veículo, ao passarem pelo trevo que ligava a rodovia a uma cidade perdida nas brenhas da Zona da Mata, coisa de 50 km em má estrada sem pavimento, pronunciou a frase que lhe era contumaz e sempre objeto de fúria da patroa: *acabei de me lembrar que nesta cidade aí tenho um colega de curso técnico, acho que vale a pena revê-lo, para saber notícias.*

- *Ora deixa disso, Apolinário, uma pessoa que você não vê há décadas, vai ver que nem se lembra mais de você.*

Ele não se fazia de rogado, acostumado a não dar ouvidos à mulher e ela, cansada de entrar em querelas que não levavam a nada, se não desgosto e mau humor, se deixava levar. Desta vez, porém, o infortúnio foi grande e memorável. Embora tenham localizado o tal colega pelo nome, no posto de gasolina da cidade, residindo em uma fazenda a 20 km do centro, erraram mais de uma vez o caminho e gastaram mais de hora para chegar ao destino. Não bastasse isso, o carro, pouco preparado para estradas daquele tipo, atolou no barro outras tantas vezes, dando um trabalho louco, com grande perda de tempo adicional, fazê-lo rodar novamente.

Na chegada à fazenda do homem a cena foi mais ou menos a seguinte:

- *Olá como vai, Nestor!*

- *Bem. O que o senhor deseja?*

- *Que bom revê-lo! Estava passando por aqui e resolvi fazer-lhe uma visita, para botar os assuntos em dia.*

- *?*

- *Não se lembra de mim?*

- *??*

- *Sou Apolinário Pereira seu colega de escola agrícola...*

- ???

- *Eu estava, na verdade, em série mais à frente da sua, mas participamos da Semana do Fazendeiro de 1940. Tomamos até um café no stand da cooperativa de leite. Não se lembra?*

- *Não. Não me lembro.*

- ...

- *Agora, se o senhor me dá licença, preciso tratar dos porcos e voltar para a cidade, pois tenho alguns compromissos lá ainda hoje.*

Retomaram a viagem, já atrasados em várias horas em relação ao cronograma almejado. Diante da impossibilidade de chegarem ao litoral no mesmo dia, tomaram um hotel de beira de estrada, na verdade o primeiro que apareceu e ali a patroa teve um choque ao ligar a TV e ver o que viu, aquelas coisas feitas entre homem e mulher que ela nem imaginava que existissem. No mais quase não conseguiram dormir pela intensidade do ataque de pernilongos e também pela agitação permanente e ruidosa provocada pelo entra e sai (de gente!), por toda a noite, no estabelecimento. Era uma sexta feira ou véspera de feriado, ocasião em que, como se sabe, as pessoas saem de casa para se divertir, sejam solteiras ou casadas. **(e ali era passagem obrigatória para o prazer)**

De outra feita foi visitar o filho mais velho que morava em estado vizinho. Passou com ele dois ou três dias e então lhe anunciou que no dia seguinte iria fazer uma viagem, já tendo comprado a passagem, de ônibus. O filho quis saber onde e o que iria fazer lá. Era uma cidade sertaneja, famosa pela violência urbana e fundiária e o motivo era visitar um velho amigo.

- *O fulano de tal, você não se lembra dele? Foi nosso vizinho quando você era mocinho.*

O filho mal se lembrava daquele vizinho mal-encarado, que tinha por hábito lavar pachorrentamente um velho carro bem na porta da casa onde moravam e que fazia um lamaceiro geral toda vez que isso acontecia. Apenas de maneira vaga, lembrava-se também de ter visto o pai trocar com ele conversas rápidas ali na porta. Para completar, a implicância da mãe com a esposa do dito cujo, que segundo ela era uma “sirigaita”, muito “dada” e usava roupas provocantes. Eram as lembranças que conseguia reunir a respeito do tal vizinho.

- *Ok, pai, mas olha lá se não vai se perder por lá. Não devem existir muitos horários de ônibus ao longo do dia.*

- *Deixa comigo!*

- Mas ainda que mal lhe pergunte, o que você vai fazer lá? Deve algum dinheiro a este homem? Ou, quem sabe, ele lhe deve?

- Nada disso, meu filho. É meu hábito de cultivar amizades. Acho que você não sabe o valor que isso tem!

Diante de tanta tranquilidade o filho relaxou e quando se deu conta já passavam de dez horas da noite e nada do pai aparecer. Começou a ficar preocupado. De repente, o telefone toca, era a Polícia Rodoviária comunicando que num posto de beira de estrada a 60 km dali o senhor Apolinário havia chegado de carona e agora se via sem condução para alcançar a cidade. Era necessário que o buscassem, uma vez que não competia aos policiais de plantão este tipo de serviço.

E lá foi o filho pela noite a dentro, resgatar o procurador de parentes e amigos.

- E que tal foi, Seu Pereira, a visita ao fulano de tal?

- Não o encontrei, parece que não mora mais por lá.

- Lamento...

- Não precisa se lamentar. Aproveitei para cortar o cabelo e fazer a barba. Sabe quando paguei? Menos da metade do que costumam cobrar na cidade grande. Pensando bem, até lucrei com esta viagem. Não posso me queixar.

Outro momento especial se deu quando o filho mais novo o convidou a viajar com ele, para assistirem uma feira de maquinário agrícola, assunto que era a especialidade profissional do mesmo. Já de saída foi avisando que estava bastante feliz de ir até aquela cidade, famosa pela sua pujança agrícola, pois ali... morava um colega de turma. E falou naquilo por vezes repetidas durante a viagem. Chegando ao local, não foi difícil ao filho localizar o dito amigo, pois se tratava do patriarca de alguns dos maiores fazendeiros e plantadores da região. Pelo telefone, falou com uma filha dele, que se mostrou surpresa, mas agradecida pelo contato, embora alertasse que o pai sofria de Alzheimer e já não andava reconhecendo até os próprios filhos. Mas que certamente faria bem a visita, seria inclusive uma boa oportunidade para que ele saísse um pouco de casa, para o que colocariam à disposição motorista e carro da família.

Assim transcorreu o dia, sem que o pai desse maiores notícias. Depois se soube que o mesmo rodara pela cidade demoradamente no carro dos anfitriões e que fora almoçar e tomar o café da tarde na companhia da família. À noite mal se viram, pois, o filho se metera numa convenção de vendedores e o pai, certamente, cansado pela movimentação intensa do dia, preferira se recolher ao hotel.

Na viagem de volta:

- *E aí, Seu Pereira, como foi a visita ao colega e amigo ontem?*
- *Ficou muito feliz de me ver!*
- *Conversaram muito?*
- *Bastante.*
- *Relembaram os velhos tempos, então?*
- *Muito pouco. Para falar a verdade, preferimos abordar as coisas do futuro, principalmente relacionadas ao desenvolvimento agrícola. Quem vive olhando pra trás é farol de ré.*
- *Ficaram de se encontrar de novo?*
- *Não falamos sobre isso, mas um dia, quem sabe...*

Vista Alegre

Tudo passei; mas tenho tão presente a grande dor das cousas que passaram. Luís de Camões - Soneto

Lembro-me sempre de uma cena que bem representa uma parte luminosa de minha infância e adolescência, no final dos anos cinquenta e início dos sessenta. A família reunida em torno de farta mesa, em ambiente campestre, com conversas animadas por todo lado, parecendo estarmos dentro de um filme italiano ou de uma novela romântica. No centro de tudo o anfitrião, meu tio Zezé, figura fortemente simbólica em minha vida.

Era um tempo especial, não só ali como no país e até no mundo. No Brasil, inauguração de Brasília, vitórias no esporte, anos JK, trazendo a todos a sensação, logo frustrada, de que finalmente o país daria certo. Mais ao Norte do globo, crise dos mísseis, Guerra Fria, minissaia, Beatles, a solidez de muitas coisas desmanchando no ar. Tudo em movimento.

Fazenda da Vista Alegre. Ela ficava e ainda fica, a menos de trinta km daqui da capital e lá residiu, em mais de um período, este meu tio e sua família. Mas, o que aconteceu com ela é outra história. Ele não era o dono, mas sim empregado de J. Rodrigues, o real proprietário, homem de dinheiro, que semeava seu capital em atividades diversas, que iam do zebu à construção de estradas e obras públicas. Amigo de JK, isso já diz tudo. Tio Zezé já morara ali no início dos anos cinquenta, como simples gerente, adaptando sua formação de agrônomo à lida zebuzeira.

Ao que parece, logo conquistou a confiança de J. R., que o enviou para fazendas de gado suas em Uberaba e no norte de São Paulo e em seguida passou a designá-lo para comandar obras viárias que sua construtora amalhava em vários cantos do país.

Na época de nossos encontros familiares ele mantinha ali apenas a residência da mulher, Alzira, e dos filhos deles, passando a maior parte do tempo ocupado com as empreitadas de seu patrão. Mas quando vinha ver a família e promovia aqueles encontros debaixo dos eucaliptos, em torno da casa em que moravam, ou então na mansão senhorial que era a sede da fazenda, era tudo realmente memorável. Ali se comia do bom e do melhor, particularmente os quitutes preparados por esta minha tia Alzira, dita Zizi, a melhor cozinheira que já conheci, inigualável. Isso sem desmerecer outros quitutes preparados por minha mãe e minhas tias suas irmãs, cada uma delas se esmerando em uma determinada especialidade.

Zezé, nessas ocasiões, nos brindava com seus *mots d'esprit*, habilidade em que ele teve inúmeros seguidores na família, mas que nunca foram capazes de superá-lo, entretanto. A particularidade de repetir vezes incontáveis a mesma história nunca tirava o brilho delas, porque ele sabia como conduzir um caso com enorme maestria, dando sempre ao mesmo uma vestimenta inaugural.

Havia também outros personagens notáveis naqueles convescotes familiares, como meus tios Braulio e Daniel, maridos, respectivamente, de minhas tias Antônia e Clorinda. Cada um à sua maneira, mas nunca ameaçando o protagonismo de Zezé, eles eram dois mestres nos chistes e piadas de improviso, mas sempre de maneira muito refinada e incapaz de ofender quem quer que fosse naquela família que era um tanto conservadora em matéria de gestos e palavras.

E aqueles almoços ao ar livre inevitavelmente evoluíam para brincadeiras entre primos e primas, à beira dos açudes da fazenda, nos currais, nos galpões de silagem. Muito namorico de ocasião rolou por ali, mas lamentavelmente não aconteceu nada disso comigo, que até achava algumas daquelas primas, embora um tanto mais novas do que eu, bastante interessantes, como era o caso de Rosalinda, filha de um outro tio, este mais circunspecto, a qual, entretanto, não me concedia a mínima bola. Mas aquilo, caso se concretizasse de alguma forma, não passaria de um simples namorico entre crianças.

Entre tantas alegrias, a Vista Alegre também nos ofereceu uma tragédia: o afogamento simultâneo de meu tio Zé Roberto e de meu primo Tiago, aquele tentando, em vão, salvar o outro, mais moço. Aliás, este episódio veio a interromper, definitivamente, o circuito das nossas alegrias lá, mostrando a todos nós, particularmente às crianças e adolescentes, a face dura da vida.

E o tempo passou, eu me mudei de cidade; meus tios, Zezé incluído, foram morrendo um a um; eu próprio envelheci; os primos se dispersaram. Apenas se impôs a rotina da vida.

Foi também duro o golpe de ter voltado a Vista Alegre mais de cinquenta anos depois, como temerariamente fiz um dia. Já a velha estrada vicinal, outrora bucólica e auspiciosa em relação ao que nos augurava mais adiante, havia se transformado em via estreita entre favelas, com esgoto correndo nas ruas, cães vagabundos e lixo atirado por todo lado. Vi depois que as estatísticas mostravam ser aquela parte da cidade campeã absoluta na violência criminosa.

E assim cheguei à Vista Alegre. A antiga fazenda ainda estava lá, sobrevivendo em meio ao caos, mas as marcas de decadência eram terríveis, com os pastos raspados e uma antiga aleia de bambus, que subia e descia morros na entrada da fazenda, totalmente extinta. Os açudes aparentemente secaram, como pude depreender da visão do ribeirão que corta a estrada de acesso, virado agora em ralo e poluído fio d'água. O pequeno arraial vizinho, que dava nome à fazenda, ainda existia, sendo agora nada mais do que um apêndice do horrendo favelão que se estendia da beirada da cidade até ali.

A vida é assim mesmo? Não sei. Mas preferiria ter ficado quieto em casa, ao invés de me aventurar em tal passeio, não à velha fazenda da Vista Alegre, tão triste agora, mas ao passado. Mas não deixa de ser uma lição para quem vive com um pé – ou uma parte da mente – no passado, o que não chega a ser o meu caso. Na presente história fui movido apenas pela curiosidade, mas mesmo assim, em próxima oportunidade, vou me precaver. Querer retornar ao que já passou é sempre traiçoeiro. Melhor é filtrar e selecionar as lembranças, deixando pra trás, antes que nos assole, *a grande dor das coisas que passaram*.

Uns Alves, da Beira do Mato

Antônio Alves, conhecido também como Tonhalves, muito prazer. Sim, somos daqui da Beira do Mato, lugarzinho pobre, porém honesto. Todos que eu digo é minha família e eu, fora uns que mudaram para cidades maiores, para a capital e outros lugares. Mas a maioria sempre ficou é por aqui mesmo. A gente é apegado que só.

Como chegaram aqui esses Alves, não sei ao certo. Conto o que o meu avô, o finado Sinfrônio Alves, dizia, aliás, por ter ouvido do avô dele, porque é coisa de muitos anos atrás, mais de cem. No começo, era um povo que cavoucava ouro e diamantes, na outra banda do estado. Quando as catas de lá deram pra trás, tiveram que arranjar um jeito de se arrumar na vida, pra não morrer de fome. E assim vieram para estes oestes.

Na subida da serra meu avô contava que chegou a haver engarrafamento de carros de bois, tudo com gente fugindo da miséria. E naquelas tranqueiras iam crianças, mulheres, panelas, balaio, galinhas, cachorros e uns tarecos mais – o que havia de útil. A questão era começar vida nova, onde não havia nada, a não ser a malária e um ou outro índio mais assustado do que capaz de ameaçar alguém.

Chegaram, botaram roças, construíram igreja, escola, delegacia, motor de energia elétrica. O comércio e a lei dependiam da cidade de Doros do Cedro, também conhecida na época como Coité, dez léguas daqui. Segundo meu avô, seu povo veio nesta primeira leva. Junto estava o velho Sigismundo Cessim Alves, avô dele. Este era lavrador de profissão, mas também sabia os ofícios de barbeiro, farmacêutico, benzedor e até juiz, se fosse o caso. Era apurado na benzedura de mordida de cobra e bicheiras, com ele todos ofendidos escapavam com vida e saúde até melhorada – dizia o velho Sinfrônio.

E os Alves foram ficando por aqui. Os filhos e netos daquele lavrador barbeiro, botaram roça e comércio, coisa que se tornou comum na família, teve quem virasse professora, outros foram padres, um outro tabelião. Farmacêutico e benzedor não apareceu nenhum, deve ser pra'mor de não fazer concorrência com o consagrado Sinfrônio.

Porém uns e outros, nesta e na geração seguinte, apareceram com outra marca da família: a música. Eram afinados na viola e nos sopros, trazendo de fora as primeiras violas, bombardinos e trombones que apareceram por aqui. Daí a fundar banda de música foi um pulo. E mesmo com alguns no comércio, nas roças, na batina e na escola, estes aí foram o que criaram mais fama.

Por este caminho vai uma das manhas que acho que estes meus Alves e mais ninguém possuem, a de fazer as coisas de um jeito que é só deles. Dois primos de meu avô por exemplo, um deles eu cheguei a conhecer, eram tão bons na viola e no saxofone, que resolveram largar da enxada e do balcão de venda, para viver de música na capital. Contra as disposições do pai deles e do resto da família foram embora, passaram-se anos sem que se tivesse notícias deles, até que o mais novo voltou, apenas para contar que haviam ganhado muito dinheiro, tendo tocado, junto com o irmão, em orquestras até no Rio de Janeiro, mas que perdeu tudo com a bebida, com o mulherio e a roleta. Aliás, mais velho perdera a vida também, por ter contraído uma tísica galopante, que liquidou com ele em poucos meses, não havendo doutor ou sanatório que desse um jeito naquilo.

O resultado foi terrível para os demais músicos da família, que àquela altura tinham se multiplicado. Alguns que queriam sair para ganhar a vida fora, com música, foram embargados. Teve até um primo do meu pai que tocou fogo em duas violas e amassou para valer um trombone e uma tuba, pra ninguém mais de sua família botar mão ou boca nelas.

Pouco adiantaram essas barbaridades, pois justamente dois dos filhos de tal homem continuaram ligados à música, só que agora tocando em instrumentos emprestados e longe das vistas do velho.

Outro desses primos, este de um ramo mais pobre da família – não que houvesse algum ramo rico total – resolveu sua fome musical criando instrumentos, ficando famosos os caixotes com tábuas soltas que mais figuravam uma bateria inteira em desfile, não um simples homem assentado numa caixa. Dizem que inventou também um instrumento de uma corda só, feita de arame, que ele tocava com um dedo, fazendo um calço deslizar por baixo e ao longo de um pedaço de madeira com mais de um metro de comprimento – e que ele tirava música daquilo, nem sei como.

Se gostavam de música, esses Alves não tinham o mesmo gosto pela religião. Nenhum apreciava Igreja, fosse católica ou outra. Quando o povo da Bíblia chegou aqui, arrastando boa parte da gente para suas igrejas, nenhum Alves levou aquilo a sério. Continuaram hereges como sempre foram, agora em duas religiões diferentes. Parece que tudo começou quando um padreco católico, recém-chegado na terra, muitos anos atrás, acabou seduzindo e engravidando uma Sinhaninha Alves, que de santa não tinha nada, mas foi o pobre padre que levou toda a culpa. Daí pra frente ninguém mais viu um Alves na igreja, nem para ser encomendado e enterrado.

Ah, aquela mania de fazer as coisas só do jeito Alves...

Nesta história de religião o melhor ainda não falei de coisa que meu avô contava, dando boas gargalhadas. Dois primos dele resolveram comemorar a Sexta Feira da Paixão à maneira deles. Foram se arrancar na escadaria da Igreja, em plenas três horas da tarde, levando um farnel de carne de porco, farofa e cerveja. Não satisfeitos, quando a procissão do Enterro de Cristo vinha subindo a rua, fizeram o percurso contrário, passando de entremeio a ela, assoprando farinha pelas fuças e roendo gostosamente uns restos de suã. E um primo que os acompanhava de longe ainda soltou meia dúzia de rojões. Estes, entretanto, pagaram caro pela ousadia, pois foram presos pelo Sargento do destacamento, passaram uma semana a pão e água e um deles, o fogueteiro, que era zelador da Prefeitura, perdeu o emprego.

Mas não criaram juízo. No ano seguinte circulou a notícia que armariam outra presepada, mas desta vez o Sargento lhes avisou que se tentassem algo parecido seriam presos, desta vez preventivamente, já que mandaria vigiá-los desde a véspera.

Além de pecadores, os Alves têm fama de pescadores, também. E também de mentirosos, o que vem a dar no mesmo. Tem um Maneco Alves, irmão de Sinfrônio, que parece ter sido mestre em tais ofícios. Ficou famoso por aqui pelas mil e uma histórias absolutamente

estapafúrdias que contava – ou inventava – sobre suas pescarias, mas a verdade é que se a metade não acreditava nelas, cem por cento achava graça, ao ponto de repetirem aquelas histórias dizendo-se, cada um deles, o verdadeiro personagem das mesmas. Era famosa a sua prosa que numa pescaria noturna, ele jogou a linha para alcançar o meio do açude e que ao invés do escutar o esperado *tibum* da chumbada batendo na água lá adiante, percebeu que a linha se mantinha elevada e que, além do mais, movia-se para lá e para cá. Ao sacar sua lanterna para checar o acontecido, percebeu que havia laçado um morcego em pleno ar. E arrematava: *deu um trabalho danado desembaraçar aquilo...*

De outra feita, numa pescaria com companheiros, afastou-se do grupo para tentar a sorte em outro ponto do rio. No caminho, já escuro, deu com um tamanduá-bandeira enorme, que queria por toda força abraçá-lo. Livrou-se do bicho com uma paulada e resolveu pregar uma peça na companheirada, amarrando-o com a linha de pesca e jogando na água. Isso feito, correu ao ponto onde estavam os amigos e afoitamente comunicou a eles que havia pescado um peixe muito grande, cuja força ele nunca tinha visto igual e que precisava deles para retirá-lo da água. Puxa daqui, puxa dali ele mesmo começou a desconfiar que havia algo estranho ali, talvez um *engastalho* no fundo do leito. Até que a situação se explicou quando retiraram da água o tal tamanduá, que não havia morrido com a paulada, mas agora estava abraçado a um surubim de quase quarenta quilos.

Ti'Maneco tinha outra área na qual se destacava: a política. Foi prefeito de Dorcas duas vezes e Presidente da Câmara outras duas. Além disso, era fundador do Rotary Clube e da Maçonaria. Só não entrava mesmo era na igreja, de qualquer tipo, nem para angariar votos. História boa que contam dele foi a da inauguração da piscina pública na cidade, construída com um dinheiro conseguido do governo por um deputado da Região. Ele, como Prefeito na ocasião, foi convidado a dar o mergulho inaugural, mas se recusou terminantemente. E não era por medo de água, pois sabia nadar muito bem, afeito a isso por força das pescarias que sempre fazia. Seu argumento era outro, e acabou revelado publicamente, com microfones ligados e tudo mais, com toda sua costumeira verve: *lugar onde os outros botam a bunda eu não meto a minha cara.*

Esses Alves são realmente bons de treta, mas é tudo gente boa, isso eu posso garantir.

Anjo Valente

Éramos todos jovens, é a primeira coisa a ser dita. Como disse alguém, nossa cesta de jabuticabas (ou de qualquer outra fruta ou iguaria) estava cheia até as bordas e nem de longe temíamos que a mesma se

esvaziasse. Em outras palavras, levávamos a vida sem quaisquer preocupações, que não fosse a de ter alguns trocados para beber cerveja com os amigos ou para levar a namorada ao cinema, nos finais de semana.

Com relação às namoradas, preocupávamo-nos, também, justificar ou disfarçar as escapadas dos sábados à noite, para celebrar uma certa vida boêmia depois que marcávamos ponto no portão da casa delas. Era o meu caso, pelo menos, não o de outros, que não namoravam, por opção ou falta de oportunidades. Fora os que praticavam um jogo mais aberto com as garotas e que se despediam das febris sessões de amassos dos sábados anunciando sem mais cerimônias que em seguida iriam curtir a vida com os amigos. E ponto final.

É neste último grupo que aparece o personagem central desta história. Seu nome era Gabriel, um dos poucos colegas de faculdade que já chegara aos trinta anos e que também viera de fora, no caso de São Paulo, para estudar na nossa ainda acanhada BH dos anos 60.

Gabriel Engelhardt, era seu nome completo, a denunciar sua origem germânica, o que naquele período em que a memória da Segunda Guerra ainda fazia parte do imaginário geral e era motivo de certa reserva por parte de alguns. Mas com ele não era assim. Ao se apresentar ou de alguma forma revelar seu nome completo, dava-lhe ao mesmo tempo o significado, pelo menos em versão que denunciava aquilo lhe provocar orgulho étnico e linguístico: *Anjo Valente*. E completava: *alemão moreno da Baviera*.

Tinha histórias pra contar, o tal sujeito. A veracidade de muitas delas, fique claro, nem sempre pôde ser confirmada. Aliás, eram tantas as suas supostas peripécias, que exigiriam uma investigação muito trabalhosa para apurar-lhes a autenticidade, de maneira que ficava tudo pelo dito, o que pelo menos nos divertia e causava até certa inveja.

Algo que se sabia dele era que tinha família rica em São Paulo, com um pai médico e dono de clínicas de psiquiatria, provavelmente do tipo que explorava a loucura dos outros, conforme dito da época. Mas por que com quase trinta anos nos fazia companhia no primeiro ano de faculdade, a maioria de nós mal chegados aos vinte? Tinha sobre isso também sua história, não se fazendo de rogado para revelá-la, quando indagado por um de nós, mais próximos. E fazia isso com um sorriso misto de beatitude e superioridade nos lábios. Porque justiça seja feita, tinha ares superiores, sem deixar de ser simpático e acessível, até mesmo muito aberto à camaradagem.

Ele explicava que sua entrada tardia na Faculdade de Medicina se devia aos anos em que ele, decidido a se libertar do jugo paterno – ele era explícito quanto a tal motivo – saíra de sua Pauliceia natal e ganhara o mundo, tendo passado algum tempo como soldado do Exército, fazendo

parte do Batalhão que cuidava da guarda presidencial. Às vezes a duração deste estágio era dita como “vários anos”, às vezes como “alguns meses”, mas isso, em absoluto, não incomodava a nós que o rodeavam, até fazia parte de certa mística que se criava em torno do personagem. Achávamos que aqueles quase dez anos de diferença entre a nossa idade e a dele significavam, mais que um obstáculo, um atrativo a nos aproximar de alguém carregado de uma aura de experiência de vida e certo mistério. E assim ninguém ali se preocupava em buscar explicações mais detalhadas sobre aquela história às vezes controversa. Dávamo-nos por satisfeitos, era tudo.

E tal aura se expandia diante de seus hábitos de vida, que ele parecia apreciar exhibir aos colegas que dele se aproximaram mais intensamente, como foi o meu caso. O seu quarto de pensão, por exemplo. Enquanto a maioria de nós morava com as famílias ou em repúblicas, ele se recolhia a um quarto nos fundos de uma casa, modesta em instalações, mas de localização privilegiada, a poucos quarteirões da faculdade. E ali morava sozinho, fugindo também à regra geral da preferência por habitação familiar ou coletiva.

Aliás, morar sozinho é modo de dizer. No quarto havia também uma cobra, que ele chamava de Yara (com “Y” esclarecia) já passada dos trinta anos de idade, segundo ele, e que lhe fora dada de presente ainda na infância por um velho bruxo. Não fornecia maiores detalhes sobre tais afirmativas. Yara passeava solta pelo quarto a maior parte do tempo e o *Anjo Valente*, regularmente, uma vez por semana, lhe trazia como petisco um rato vivo surripiado do biotério da faculdade. A cobra comia ovos inteiros, também. No pequeno quarto, além do caixote de madeira onde morava Yara, ele tinha além dos móveis regulamentares, uma esteira de exercícios no chão, junto dela uma coleção de halteres de ferro, além de uma pequena biblioteca, de talvez uns trinta volumes, em cima do guarda-roupa.

Também em cima do guarda-roupa, meio apoiado ou apoiando a fileira de livros, havia também um violino. E sobre ele a nossa curiosidade foi logo aplacada. Estudara o instrumento por anos, porque a família era muito ligada à música, mas depois de sua diáspora com o pai resolvera tocá-lo só para se divertir, jamais por obrigação. E logo nas primeiras vezes que o visitamos nos brindou com uma seleção de temas clássicos, misturados a canções populares, inclusive sambas e músicas caipiras. Ecletismo era com ele mesmo. E saíamos dali inspirados e enriquecidos com suas explicações: isso é Shostakovich, Rachmaninoff, Paganini etc e tal.

Este violino nos proporcionou bons momentos. Naquele tempo em que era de bom tom praticar serenatas dedicadas às amadas, ou assim pretendidas, ele não só aceitava convites como também o fazia por conta própria, contemplando alvos que logo vimos ser de outro nível em relação àquelas meninas de família que compunham nosso universo.

Com ele não, o foco era geralmente formado por mulheres mais velhas do que a gente, mas ainda dentro da faixa de idade dele, professoras de arte, bailarinas, poetisas, jornalistas, gente diferenciada, que às vezes descia de seus balcões para se confraternizar conosco, fazendo aumentar ainda mais a admiração e até mesmo certa inveja que lhe dedicávamos.

No capítulo das mulheres ele realmente nos matava de inveja. Parecia não se fixar a nenhuma, mas tinha sempre a companhia delas. Não poucas vezes os visitantes à edícula onde habitava eram recebidos apenas com a porta entreaberta, deixando entrever que entre lençóis havia alguém mais. Isso, contudo, não o impedia de nos fazer companhia sem maiores sustos e justificativas nas escapadas das noites de sábados e domingos, às vezes acompanhados pela dama do momento, a qual, ao contrário das nossas namoradas, não se fazia de rogada para este tipo de programa. Às vezes também viajava ou ia acampar com alguma delas. Aos poucos vimos que ele começou a se fixar em certa Elsie, uma artista plástica que decidira estudar medicina, famosa entre nós pela ousadia em se vestir e se colocar socialmente.

Havia naquele quarto, também, cartelas de papelão para ovos, empilhadas a um canto. Não era só a cobra que os comia, pelo que víamos. Ele se alimentava regularmente deles também e dizia que melhor alimento não havia, dizendo que sua digestibilidade seria total, sendo desnecessária sua fritura ou cozimento. E não poucas vezes nos mostrou diretamente como lhe apetecia aquilo, causando até alguma repugnância de nossa parte. Mas o certo é que parecia passar dias inteiros ingerindo somente ovos e mais ovos. Suas dietas esquisitas não paravam por aí, associando aos ovos uma mistura de castanhas, algumas das quais nem conhecíamos na ocasião, que lhe eram trazidas sabe-se lá de onde e por quem. No bandeirão da Faculdade, que ele não frequentava com constância, sua iguaria predileta era o arroz branco, com ovo frito, quando o havia.

Suas leituras, todavia, eram bem mais variadas do que as nossas. Na biblioteca dos altos do guarda-roupa alguns de nós – eu, pelo menos – travamos conhecimento com alguns autores que até então desconhecíamos, como Herman Hesse, Rilke, Henry Thoreau, Schopenhauer. Ele parecia lê-los todos e não raramente nos brindava com longos e profundos comentários sobre alguns, quase sempre tendo como foco a necessidade vital de se rejeitar as amarras impostas pela sociedade e pelas famílias, em troca de uma verdadeira desobediência civil e a prática de outras atitudes não convencionais, entre elas o amor livre, do qual se dizia favorável, além de aparentemente praticante, como as diversas damas destinatárias de suas serenatas de certa forma o demonstravam. Era uma peroração que acompanhávamos deliciados, embora se em tais ocasiões o mote era o de fazer algum debate, na prática isso se transformava em quase um monólogo.

Como aluno, era apenas medíocre. No laboratório de anatomia, matéria que parecia ser de seu extremo interesse, tinha o proverbial comportamento de já chegar na aula sabendo de detalhes do tema que estava sendo tratado. Os próprios professores se empolgavam com ele. Em uma disciplina seguinte, bioquímica, mal compareceu às aulas e acabou reprovado. Alegou que todas aquelas fórmulas e sequências de reações moleculares eram coisa que a ciência, mais dia menos dia, refutaria e encontraria nova explicação. Não valia perder tempo com aquilo, arrematava.

Além desse comportamento oscilante em relação ao interesse pelas disciplinas do curso, Gabriel primava também pela inconstância de seu comparecimento às atividades normais, desaparecendo do cenário, às vezes, por uma semana ou mais. Voltava barbudo, emagrecido, com olheiras e a alguns disse, certa vez, que fora fazer meditações em grutas nos arredores da cidade. Sozinho? Não. Alguma das namoradas ou, pelo menos, Yara, o acompanhava em tais périplos. Aquilo lhe era muito revigorante, nos dizia, recomendando que fizéssemos o mesmo.

Gabriel tinha simpatia geral, inclusive a minha e de minha namorada de então. Mas acabou se formando em torno dele um grupo que aos poucos se transformou em mais do que isso, ou seja, com pessoas que eram agora verdadeiros devotos e que o tratavam como um mestre. Não era o meu caso e o dela, que tínhamos as tais *amarras sociais* mais rígidas. Mas aqueles lá primavam pelas longas tertúlias de intermináveis *papos-cabeça*, regadas a vodca e maconha, emendando às vezes dias inteiros. Naquele grupo liderado por ele tornou-se hábito uma espécie de jogo da verdade, no qual se devia dizer ao outro tudo aquilo que se pensava dele, seus defeitos inclusive, doesse a quem fosse. É claro que isso foi fonte de alguns estranhamentos ali e mais de um deles acabaram se afastando, desgastados. O teor de tais conversas era privativo deles, mas um dos que se afastaram confidenciou que o que havia de verdade era uma verdadeira devassa intransigente da vida do outro, inclusive do ponto de vista sexual. Aquele era um grupo eclético, acima de tudo, mas começamos a perceber, nós, os de fora, que ali estavam indivíduos com conflitos familiares diversos e mal resolvidos, particularmente com as respectivas figuras paternas. Fazia sentido...

Sobre o pai, o Anjo não se pejava em fazer revelações. Era um homem duro com a mulher e com os filhos, já tendo expulsado um deles de seu convívio, associando-se assim à deserção que Gabriel tomara a iniciativa de fazer por conta própria. Sua clínica de psiquiatria ainda funcionava na base de tratamentos antigos, com eletrochoque e drogas amortecedoras, havendo até mesmo castigos físicos para pacientes renitentes. Aquele homem ganhava muito dinheiro ali, o que lhe facultava levar uma vida em abundância, com carros do ano, sítio, viagens ao exterior e romances paralelos, inclusive com pacientes.

Aquele pai era uma figura completa de vilão, pelo que víamos, e Gabriel não mostrava nenhum pudor em criticá-lo.

Assim chegamos ao final do curso de medicina, que ele não terminou junto com a gente, por inadimplência total. Mas participou das solenidades de formatura como se nada tivesse acontecido. Na colação de grau fez questão de comparecer de sandálias, que ganharam especial destaque ao se distinguirem, amarelas, por baixo da beca preta, curta demais para ele, que media mais de um metro e noventa de altura.

Perdemo-lo de vista depois disso. Apenas soubemos que ele finalmente conseguira terminar os créditos do curso, dois anos depois da gente, e era agora tão médico como nós todos. Daqueles seus seguidores mais próximos as notícias continuaram a chegar. Por coincidência, ou não, boa parte teve um destino torto. Zé Mário, o mais fiel e entusiasmado deles, partiu para a Europa depois da formatura e lá viveu por alguns anos em vida totalmente louca, entre muita droga e privações diversas, até que voltou ao país e prosseguiu em vida calma e pacata. Celso, considerado pessoa brilhante e seguramente o melhor aluno da turma, foi para uma formação em ciência básica, farmacologia ou bioquímica, não sei bem, mas ali não progrediu, até morrer em um acidente suspeito, quando trafegava em rodovia com seu carro na contramão em plena luz do dia. Elsie, a namorada mais constante, artista plástica e estudante de medicina, famosa pelo modo de vestir ousado, que incluía a ausência de sutiã e outras roupas íntimas, associada a saias totalmente transparentes, acabou se formando depois do prazo convencional, mas entrou em grupúsculos praticantes de terapias alternativas, até que se retirou para um *Ashram* na Índia e desde então não se teve mais notícias dela. Isso para não falar de Agnaldo, que depois de apenas alguns meses submetido àqueles papos-cabeça e jogos da verdade abandonou o curso de medicina antes da metade, voltou para a casa dos pais no interior do estado e não deu mais notícias.

Um dia, uma década depois de perdermos o contato, Gabriel reaparece, não em pessoa, mas sim através de um terceiro, no caso, um colega, que o havia encontrado fortuitamente numa fila de aeroporto. Ele nos contou como foi tal encontro, quando estivemos com ele em uma daquelas comemorações quinquenais que os médicos adoram fazer. O *Anjo Valente* havia cortado os cabelos e usava um *blazer* elegante. Estava num voo de conexão, recém-chegado do exterior. Mais uma vez foi explícito em relação à sua vida: dedicava-se à psiquiatria, era agora sócio do pai, que se preparava para aposentar. Ampliara o negócio da clínica psiquiátrica e ganhava agora muito dinheiro.

E ele disse ao colega, orgulhosamente, totalmente alheio às posições que um dia tivera perante a vida material: *se a medicina não servir para isso, para o quê então serviria?*

Nenhuma menção a cobras, dietas exóticas, música, literatura, cavernas, desobediência civil, rejeição a convenções sociais, Schopenhauer, filosofia, mulheres ousadas, retiros espirituais, pai autoritário, conflitos familiares e coisas assim.

Rebeldes que se transformam em sólidos burgueses: é a vida.

Amarcord de sabores A

Deitado nesta cama de hospital, esperando uma alta que não sei quando virá, só me resta botar a cabeça a viajar, porque já não aguento mais essas luzes piscando, esse bib-bip infernal, essas pessoas gemendo, esses banhos de gato, esse cheiro não sei de quê.

Eles vêm aqui medir minha glicose e outras coisas a cada hora e me olham como uma cara que vai da lástima ao horror, e não adianta interpelá-los que não me contam o que está acontecendo. Mas eu bem sei, desta vez passei dos limites, essas festas de fim de ano são uma perdição para dos diabéticos, como eu. Querem me enganar, mas acho que eu engano essa gente muito mais do que eles a mim.

Esta enfermeirinha que acabou de sair é uma graça de pessoa. Ruiva com estes óculos na ponta do nariz – ninguém resiste. Nunca me diz o valor da dosagem, mas a cara com que me fita e olha a fita já diz tudo. Quando lhe indago alguma coisa, ela apenas demonstra pesar, me passa a mão de leve no ombro ou nos cabelos, e se vai para o seu posto. Quando eu lhe perguntei alguma coisa outro dia ela se voltou para mim e vi seus olhos cheios de lágrimas. Ai meu Deus, eu não mereço!

O pior são as coisas que ando sonhando, quase sempre no cochilo da tarde, porque nas noites não consigo dormir. Outro dia, por exemplo, sonhei estar na casa de meu irmão, cumprindo ritual que me é familiar e sempre me deu grande prazer: enfiar a cabeça na caixa aberta daquele velho piano e aspirar com sofreguidão o cheiro de madeira velha, tão peculiar, que entra ano, sai ano, continua ali guardado. Cheiro de piano não tem graça, claro, mas o problema é que isso abre portas para que me penetrem nos sentidos um sem número de aromas e sabores que marcaram minha infância, na casa ancestral de meus avós, onde aquele piano esteve estacionado por décadas. Não sei de onde fui tirar essas lembranças tão seletivas. A família me diz que tenho uma memória enorme para fatos, não sei bem se é assim, mas das comidas e dos perfumes de minha infância, realmente não me esqueço.

Semana passada tive outro desses sonhos meio malucos. Eu ainda era criança e estava numa casa da família. Devo dizer que entre outras

alegrias, tivemos, eu, meus irmãos e primos uma infância marcada pelas boas comidas e também por bons rituais em torno delas. Uma de minhas lembranças mais antigas é a da fabricação de goiabada na chácara de meu avô, em uma pequena cozinha anexa, na qual havia um fogão de lenha com um tipo de cavidade em formato de bacia, onde se encaixava perfeitamente o tacho de cobre. E eu sonhava com aquilo. Aquela pasta espessa, de tom marrom avermelhado, mexida com longas colheres de pau, em inquieta erupção que formava crateras aqui e ali, logo se desmanchando, um espetáculo inesquecível. Aquilo era nítido, como se fosse a realidade mais completa e até o cheiro da goiabada eu sentia. Fui acordado pela plantonista da noite que vinha medir minha glicose, apenas me acordando, mas entrando muda e saindo calada, como de hábito.

Mas aquela goiabada continuou em erupção na minha mente. Lembrava-me que nós crianças era permitido, apenas, observar de longe, pelo risco de queimaduras. Mesmo assim, era muito divertido. E melhor ainda ficava quando, ao final, éramos autorizados a degustar a «rapa», nos próprios tachos já resfriados. Um de nós ao ser indagado sobre qual o doce que mais o deliciava, não teve dúvida: «é a rapa!»

Em outra noite não sonhei com goiabada, que era apenas uma delícia entre tantas outras. Neste dia o tema foi o doce de laranja em calda, pela qual tenho especial predileção desde a infância, embora tal iguaria, um tanto amarga, nem sempre fosse apreciada pelas crianças, com exceção de mim. No sonho eu fazia o tal doce e até me metia a poetizar sobre o mesmo, indo recitar, sob aplausos gerais da plateia familiar, a minha composição *ad-hoc*. O sonho ficou melhor ainda quando o tal doce, feito com a proverbial laranja-da-terra, foi moído, recozido e transformado em pasta de se cortar, a *laranjada*. E isso está há tanto desaparecido das mesas da família! Mas no meu sonho esteve presente.

Doces de frutas era uma especialidade da família, seja na produção, pelas mulheres, seja no consumo, com destaque especial para o meu caso. E havia de tudo: doce de banana seja em pasta, em calda queimada, além da tradicional banana frita com canela e açúcar; doce de figo, em calda e em pasta (delícia!); doce de mamão, de *espelho*, em talhadas, enroladinho, com rapadura... Aliás, do mamão se fazia doce até do miolo branco do tronco do mamoeiro. E mais, doce de carambola, geleia de jaboticaba (na Chácara de meu avô os pés dessa fruta se contavam às dezenas), doce de manga. E se espremer a memória ainda vou me lembrar de mais variedades.

Teve uma noite – ou uma tarde, não sei mais – que me veio à mente um certo tipo especial de doce, modesto em sua origem, mas igualmente de eterna e adorável lembrança. Era aquele que resultava do aproveitamento de determinados alimentos em vias de serem jogados fora, uma espécie de subproduto dos mesmos, mas que apesar disso era saboreado em clima de festa. Exemplo disso era o famoso doce de

leite talhado, assim meio encaroçadinho e um pouco azedo, queimado na medida. Uau! E não poderia ficar de fora, embora penso que não tenha entrado no tal sonho, a banana em calda, uma especialidade de minha mãe, que dava àqueles pedaços de banana caturra hiper madura, que de outra forma iriam para a lata de lixo ou para as galinhas, o *auxílio luxuoso* de uma calda de açúcar moreno-dourada.

Tinha também o arroz-doce, mas este, coitado, acabou deixando lembranças menos agradáveis, pelo menos para mim, não sei se para toda a turma de irmãos. A história é a seguinte: nossa eterna caçulinha foi acometida durante seus primeiros anos de vida de dores de barriga atrozes (para ela e para os circunstantes...). Assim, a receita da época – e creio que ainda de hoje, que confirmem os pediatras, era administrar aos pequenos doentes alguns litros de água de arroz por dia. E este produto provem do cozimento do arroz que «sobra» no processo, que, aliás, em nossa casa não sobrava, por ser logo transformado em arroz doce. E tome arroz doce. Não tínhamos o privilégio, à época, de sobremesa todos os dias, mas com o arroz-doce era outra história: podíamos comê-lo à vontade. Só que com pouco tempo, sobrevinha um efeito de *overdose* e ninguém mais queria saber dele. Mas agora, tantos anos passados, eu bestando nessa UTI lúgubre e monótona, daria tudo para saboreá-lo de novo.

E por aí caminhavam minhas memórias gustativas. Cheguei até a ansiar pela hora de repouso, apenas para me deliciar oniricamente. E tome mais comidas. Para ficar não apenas no trivial, sonhei rabanadas, ovos nevados, pavês, docinhos de damasco, fatias de amendoim, pudim de pão (injustamente alcunhado de *engasga-lobo*), *amor-em-pedaços*, broinhas de milho, *casadinhos* e outros biscoitinhos diversos. E olha que em boa parte de minha vida meus quilos a mais e a minha insulina de menos me disseram que não convinha exagerar nos doces!

Isso tudo sem esquecer do capítulo dos salgados – não menos refinado e variado, que vai do simpático *maneco-sem-jaleco* (as novas gerações nem suspeitam do que seja), passa pela proverbial torrada com pasta de espinafre com queijo e ovo, até chegar ao grande momento da sopa de bolinhas de queijo; para não falar das costeletas de porco fritas, da canjiquinha, do creme de milho.

E mais a peça de honra: o (a) *cake* (queca) de minha mãe, que deixo para ser homenageada no final: divina, maravilhosa, succulenta, olorosa, sofisticada – cabem nela tantos adjetivos quantos são seus ingredientes.

Ainda bem que a natureza me deu vinte e dois anos para aproveitar tantas comidas condignamente, antes de ser traído pelas tais ilhotas. Mas eu confesso que enquanto pude, não perdi tempo! E mesmo sem poder, muitas vezes.

Agora estou aqui apenas podendo sonhar com tanta coisa boa, de que sinto às vezes até o cheiro e o gosto com tanta nitidez. Ainda bem que sonhar não requer nenhuma dose extra de insulina. Preciso criar juízo, bem sei, mas é duro ser diabético. Nem Sísifo, nem Prometeu, nem Hércules passaram por desafios como estes que enfrento no meu dia a dia.

Estava eu nesses devaneios quando a ruivinha veio me dar uma notícia: eu ia ter alta da UTI e passar para a enfermaria. Achei que ia para casa, mas ela me explicou que devido à minha bagunça metabólica eu ficaria mais uns quinze dias no hospital, para acompanharem de perto minhas dosagens. Não eram notícias tão boas ou, pelo menos, próximas das que eu esperava. Nem tudo estava perdido: a moça não era enfermeira e sim médica residente e tinha vindo me dizer que ia cuidar pessoalmente de mim, pois tinha muito interesse nesta doença, tendo perdido seu pai por causa dela, com pouco mais de 40 anos. E de cara foi me mostrando o dedinho e dizendo, com ternura, mas fingindo de brava: mas comigo o senhor vai se cuidar direitinho, não admito enrolação!

Há males que vêm para o bem, pensei. De toda forma minha moral estava baixa demais para que eu contestasse qualquer coisa. Assim me entreguei à ruivinha, de muito bom grado. Mas preciso perguntar a ela se não existiria um remédio que fosse capaz de cortar os sonhos das pessoas...

A história de Jacó

Jacó, o vaqueiro desta história. Sim, ele, Jacó da Vereda Alta, filho de Isaque e neto de Abrão Borges. Jacó gostava de Raquel, filha de Lesbão, fazendeiro assentado no Buriti Seco. Jacó não era de enxada e foice, tinha orgulho de seu trato com o gado bravo, peão corajoso, segundo todos que o conheciam, com fama assentada da Vereda Alta ao Buriti Seco e mais além.

Jacó, do alto de seus vinte anos, com efeito, não era homem de plantar milho e feijão, isso não, mas sim de laço e ferrão. Mas deu de frequentar com assiduidade os mutirões de bateção de pasto e mais o que houvesse na fazenda de Lesbão. Foi lá uma vez, duas e três, depois outras tantas. Agora, o ano já virado pela metade, aquela pastaria, de se perder de vista, precisando ser limpa antes da chuva começar, para receber o gado magro, vindo do alto sertão, que ia ganhar ali arrobas sem conta. E foi assim que ele um dia se deu conta que existia Raquel.

Raquel, aquela dos olhos verdes, pele morena, cabelo na cintura e cinturinha delgada. Raquel, que mal viu Jacó lhe dirigiu um olhar que talvez fosse o seu costumeiro, mas para ele foi como se viesse dos anjos.

- Bom dia como está o senhor? Aceita um café, umas broinhas?

Isso foi da primeira vez. Em seguida já estavam quase íntimos, o moço já vencido em sua timidez com o jeito alegre e dado da outra. As conversas já tomavam rumo mais aberto, aqui e ali até falando de flores, de guabiroba, bacupari e outras frutas da estação e de intrigas da vila, não mais do invariável assunto da falta de chuva, que dominava toda a conversa por ali, na ocasião e quase sempre. E o vaqueirinho exultava.

Nem tudo eram flores e frutas do mato, entretanto. Ia tudo muito bem entre ele e a moça, mas eis que um dia quase tudo se perde. Era hora do almoço e havia suã de porco com arroz. Jacó acorrido segurava um prato cheio até as bordas, ele se pelava por aquilo. E ali na casa de Seu Elesbão não tinha miséria, é o que todos reconheciam e agradeciam. Chegava ao ponto de até de se oferecer um copinho de boa caninha, no final do eito, para quem tivesse o costume, claro. Mas não passava disso. A garrafão logo desaparecia após uma primeira e única rodada entre os trabalhadores.

Pois bem, Jacó num canto da varanda, prato equilibrado nas coxas, assentado nos calcanhares, se deliciando com a comida, quando a moça chegou, de surpresa, e o saudou, com a aberta alegria de sempre. Ele, com boca e dedos lambuzados de gordura e molho tingido pelo urucum – quem já comeu suã sabe que é preciso enfrenta-la assim com intimidade – se sentiu pego em má situação, e tentou disfarçar escondendo o prato de folha atrás de si. Porém, cuidando de não desperdiçar o belo pedaço de osso e carne que ainda tinha nas mãos, visando voltar a atacá-lo quando o anjo completasse sua passagem por ali. Não foi este, entretanto, o entendimento de Nero, um danado cão mestiço de Fila com sei-lá-o-quê, malandro que nem ele mesmo. Aquele diabo ia passando por ali justo naquele momento e não teve dúvidas: abocanhou o belo pedaço de suã, com muita carne ainda não comida e chupada, e o levou consigo, num bote só. Não é que o dedo de Jacó estava enfiado e meio preso no buraco do osso e o puxão dado pelo cão só fez arrastar suã, dedo e dono do dedo pelo pátio a fora?

Jacó queria morrer de vergonha, mas Raquel lhe foi generosa, lhe estendeu a mão para que levantasse, perguntou se ele estava bem e chamou logo uma mulher da cozinha para que limpasse a lambança. Linda e querida como sempre, ainda emendou, apesar de rir à solta do acontecido:

- Não se preocupe, moço, isso acontece. Até meu pai já sofreu coisa parecida, com este mesmo Nero, que derrubou ele da cadeira...

Tudo está bem quando acaba bem – e a vida seguiu. Não faltou em breve oportunidade para ele estar de volta. Era festa da Santa Cruz e no Buriti Seco, como de costume, havia missa e festa. Havia muita gente por lá e ele custou a ver o objeto de seus cuidados. Estavam ela e sua irmã mais velha, Lia, que era coxa de uma perna, a comandar um batalhão de mulheres e moleques na cozinha, pois ali naquele dia comeriam mais de cem. O vaqueiro postou-se próximo à porta da cozinha, mas o máximo que recebeu da amada foi um bom dia, mesmo assim de passagem. Depois ela foi acolitar o senhor vigário.

Na despedida, algo mais animador, embora muito breve para ao desejo dele: - *Volte outro dia, hoje estive tão ocupada, nem pude lhe dar atenção.*

Para quê mais do que aquilo, pensou o moço, de modo a disfarçar o que em outra ocasião poderia ser apenas frustração. Mas para ele já estava de bom tamanho.

A outra ocasião não tardou. Passado um mês e meio ou dois chegou a notícia que um doutor veterinário vinha da capital para dar uma palestra à vaqueirada da zona, eis que ele muito entendia de doenças de bezerros. O moço era dali mesmo, filho de um Azevedo da beira do rio, rico que nem ele só. Ninguém fazia muita fê nele, que tinha fama de mandrião, mas ao mesmo tempo não era o caso de perder a oportunidade de se aproveitar a mesa farta de Seu Lesbão, que em ocasiões assim, não deixava por menos, às vezes até mandava comprar na Vila uma ou duas grades de cerveja.

Agora, sim, pensou Jacó – e rumou para lá. Realmente o dia estava pra peixe. Raquel, junto com a irmã, cuidava das quitandas, mas como havia um exército de mulheres na cozinha e nem tinha padre para ela se ocupar, sobrou tempo para longas conversas entre ela e Jacó, que começaram com apreciações sobre as chuvas que não vinham, passaram pelas floradas de pau de pombo, que naquele ano estavam soberbas, desaguando no enxame de moças emprenhadas e sem pai conhecido por todo lado ali na região.

Em certo momento, Raquel teve que ir à cozinha, para ver como andavam as coisas. Voltou de lá apenas alguns minutos depois, trazendo a agora a irmã coxa a reboque.

- *Minha mana querida, Jacó, que cuidou de mim quando eu era criancinha e quando minha mãe se foi. E olha que eu quase morria de coqueluche e febre malina. Se não fosse por ela...*

Lia tinha vergonha de todo jeito e pouco ficou com eles, numa conversa que rendeu nadinha. Pediu logo licença e voltou para a cozinha. Mas Raquel parece que tinha encontrado um novo pé de conversa:

- Não repare o modo dela, é muito acanhada. Com essa perninha seca, coitada, acha que ninguém liga pra ela. Você ainda vai conhecer ela melhor, vai gostar muito dela...

Falou mais ainda das qualidades da irmã por longos minutos, de sua mão boa como doceira e quitandeira; do auxílio que ela prestava aos filhos dos empregados, ensinando-os a ler e escrever; dos ouvidos e ombros que ela emprestava às mulheres dos pães da fazenda em suas queixas contra maridos e sogras. E ia assim por um rosário interminável. Jacó, contrariado, pois o que mais queria era voltar aos bons assuntos, à parolagem sem compromisso que vinham levando com apuro até a chegada da manquitola à conversa. Raquel pediu licença para voltar à cozinha, mas emendou:

- Você precisa conhecer ela...

A palestra do moço doutor já estava no fim. Raquel sumiu pelo casarão a dentro, até que Lia apareceu a Jacó, com um bule e uma bandeijinha na mão, não sabendo muito o que dizer:

- Um cafezinho? As broinhas foi eu mesma que fiz e assei...

Jacó era educado, aceitou. Mas não passou disso. A moça tinha pouco repertório, não era boa de prosa, como a irmã. E Jacó, pra falar a verdade, não tinha vontade nenhuma de esticar o assunto.

- Então, você me desculpe, mas tenho que pegar a estrada, antes que chova por aí.

A bem da verdade, não havia uma nuvem no céu.

Mas o moço ficou mordido atrás da orelha. - *Qual é, minha Santa?*

Mas não fosse por isso. Quem ali estava era Jacó, dos Borges da Vereda Alta, vaqueiro de profissão, filho de Isaque e neto de Abrão, que não era de enxada nem de foice, mas de coragens. Seu negócio era o trato com o gado bravo, sua força todos conheciam, ali e mais além. Não ia, assim, se desanimar por pouca coisa. Não seria uma dúvida por causa de mulher que o derrubaria. Resolver mandar carta, assim escrita:

- Senhorita eu queria muito ti falar umas coisa, de pessoa a outra pessoa, mas não vi oportunidade ainda. Você fica sabendo que estou interessado é na sua pessoa, não em nenhuma irmã, por melhor que seja, nem que não fosse capenga. E espero resposta. Viu?

Tratou logo de arranjar um moleque para levar o bilhete, por uns poucos trocados. Deu a ele variadas recomendações, temendo, principalmente, alguma interceptação de Lesbão, por quem tinha

grande temor. Mas esqueceu do principal: dar ao moleque indicações mais precisas sobre a destinatária da mensagem.

E lá se foi o mensageiro improvisado, rápido como um corisco, cumprindo rigorosamente as instruções de quem o contratou. Perdeu um pouco de tempo na chegada, por Lesbão estar por ali, em conversa com uns visitantes, bem na porta da casa, o que obrigou o moleque a esperar algum tempo junto a uma moita de bananeira. Liberada a entrada, não foi difícil encontrar a destinatária, que peneirava um polvilho numa coberta do quintal. Entregou a ela o bilhete, usando exatamente as palavras da encomenda: - *Seu Jacó mandou trazer.*

Saiu dali correndo, apenas a tempo de perceber, com malícia, que Seu Jacó devia estar doido de querer namoro com uma moça coxa como aquela, que andava como se tropeçasse a cada passo. Mas ele não tinha nada com isso. Estava ali só para ganhar um dinheirinho mesmo.

E Lia, sobressaltada, leu o bilhete e o guardou no decote da blusa. Mais tarde contou para o pai, com quem ela tinha grande proximidade, sendo ele o salvador dela em muitas ocasiões que recebera troças, não só dos meninos da escola e mesmo da família, pela sua condição de manquitola.

Lesbão era de boa paz e, viúvo como era, tinha imenso amor pelas filhas, especialmente por Lia, que não era bonita como a outra e ainda por cima tinha aquele problema nas pernas. Judiciosamente, mas sem deixar de lado seu carinho extremoso de pai, falou:

- *Uai, minha filha. É caso de se pensar, conheço esses Borges da Vereda Alta não é de hoje. É tudo gente boa, honesta, que cumpre os prometidos. Dou apoio. Vamo cuidar disso, então!*

Jacó esperou resposta uma semana, duas, um mês e mais. Já pelo décimo quinto dia começou a receber cestinhas de quitandas e docinhos, primeiro de forma totalmente anônima, depois com confeitos em forma de “L”, depois com o nome inteiro.

Até que um dia Lesbão mandou recado pela comadre Dolores que ele fosse ao Buriti Seco. E a mensageira acrescentou: - *Jacozinho, bote sua melhor roupa porque você tem que se preparar para entrar para uma família de respeito.*

Era o sétimo mês desde que ele começara a desenrolar seus planos de conquista de Raquel. E agora vinha aquilo... Ele não merecia. Só pensou assim: - *sete meses é pouco. Eu daria sete anos, e muito mais do que isso para ficar com ela.*

Mas como tudo passa, mas também o que está ruim pode ficar pior, um dia ele ficou sabendo que Raquel tinha ficado noiva do Azevedinho, o moço doutor veterinário.

É aí que entra na história o Doutor Luís de Camargos, filho da terra, advogado sem diploma e professor de português no ginásio da Vila, amigo da família Borges, que ao saber da triste história de Jacó, compôs para o infeliz vaqueiro o seguinte poema:

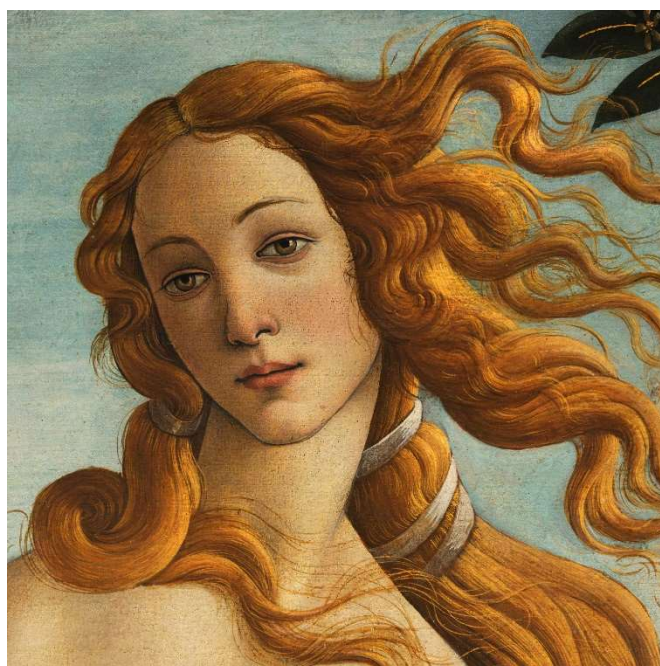
Em muito mutirão Jacó servia
A Elesbão, pai de Raquel, moça tão bela,
Mas não era pelo pai, era por ela
E dela era a mão que pretendia.

Passavam os dias e ele em agonia
Ter ela bem perto, o que mais pretenderia?
Porém Raquel, com visível felonia
Impunha ao pobre moço sua irmã Lia.

Vendo, porém, Jacó que com trapaça
Lhe era assim negado o que queria
Abrindo-lhe no peito tal ferida

Avisa a toda gente, em plena praça
Não me importa, mais ainda eu serviria
Pois por tanto amor eu daria até a vida

O QUE FOI FEITO DE GRAÇA
(e outras histórias)



FLAVIO GOULART
2024

O que foi feito de Graça?	Histórias estranhas? Tenho uma pra contar. Escutem. Naquela rodoviária, meia noite chegando, eu enfrentava o tédio e me preparava para horas aborrecidas até o meu ônibus passar, lá pelas duas da madrugada...
Viagem inventada no feliz	Naquele dia ele viajou sem seus pais pela primeira vez e se afastou da cidade onde moravam por muitos e muitos quilômetros, trazendo com isso uma sequência de acontecimentos inesquecíveis, que ainda o marcavam, entre surpresas e alegrias, muitos anos depois...
Boi de carro	Seu José? Não! Sou o Doutor José Adamastor da Fonseca. Médico! Sim, chefe deste Centro de Saúde. O que desejam de mim. Como? Entrevista para escola? Voltem outra hora, estou muito ocupado neste momento. Agora é assim, toda hora vem um pirralho me entrevistar...
Senhorinha da Sanfona	Eu gostava de andar pelas ruas do bairro, não raro me afastando por até por alguns quilômetros de meu canto de rua. Aposentado e sentindo o corpo meio travado, fazia isso principalmente para desenferrujar as juntas e dar força aos músculos, mas gostava também de fazer algo que tinha aprendido com meu avô...
Crer para ver	Jonas Barcelos dos Santos, meu colega de ginásio. Durante anos fomos grandes amigos, até que o perdi de vista por um tempo. Entre as suas bizarrices estava a crença em objetos voadores misteriosos...
Sete vezes Seth	Seth, Job, Isac: três irmãos. Era evidente a referência nominativa da família em monossílabos de origem hebraica – ou egípcia – sei lá. Mas o jeitão do pai definitivamente não expunha pistas sobre a origem de tais designativos...
Um dia na vida de Filomena Dias	- <i>Último dia para entrega do relatório, Filomena! É comigo, infelizmente...</i> Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em serviço de saúde...
O barbeiro Valdemar	- <i>O doutor não tem medo de que um bichinho desses suba pelo canudo deste microscópio e lhe contamine os olhos?</i> - <i>Não se preocupe, as lentes protegem.</i> Depois de uma risada monumental, volta à carga...
As calças do Judas	Há anos atrás, resultado de viagens por regiões insalubres deste país, contrai uma hepatite. Até que me curei logo; em duas ou três semanas já não tinha mais sintomas. O problema foi, para meu azar, que naquela época, na falta de medida mais resolutivas a tomar, os médicos colocavam os doentes hepáticos em longas quarentenas de repouso absoluto. E para piorar...
A janela indiscreta	Eu bem vi que o porteiro tentava me avisar de alguma coisa. Não dei muita atenção, pensei que ele falava dos pívets que andam por ali. Com estes já estou acostumado, não levam a melhor comigo. Mas dessa vez o perigo era outro, uma calçada escorregadia...
Quadrilha moderna	João amava Teresa. Desde criancinha, no Jardim de Infância, ele já tinha se declarado a ela, quando dançaram a quadrilha junina juntos. Os pais de João e Teresa eram amigos. Ou melhor, o pai de Teresa e a mãe de João, porque a mãe de Teresa tinha morrido e a mãe de João era separada do marido...

O que foi feito de Graça?

Histórias estranhas? Tenho uma pra contar. Escutem. Naquela rodoviária, meia noite chegando, eu enfrentava o tédio e me preparava para horas aborrecidas até o meu ônibus passar, lá pelas duas da madrugada. Mas não é que me chamou a atenção a conversa na fileira de cadeiras atrás de mim, travada por dois sujeitos, costas quase coladas às minhas, também a espera de condução? Peguei a conversa neste ponto:

- *Pois é, lá me disseram que a Graça tinha morrido. De parto.*
- *A Graça, Gracinha, aquela musa de nossa adolescência, não é possível!*
- *Sim, Maria das Graças Soares de Alencar. A filha mais nova do velho Genebaldo... - Uai, que coisa! Tão moça e sacudida, bonitona, até. Quantos sonhos eu tive com ela, nem posso contar... Pensando bem, não foi só eu.*
- *Pois espere que te conto um sonho que você não teve...*
- *Estou escutando, quero saber de tudo.*
- *Eu perguntei por ela, minha conhecida também, meio prima até, mas que andava sumida de muito. Eu bem que a achava atraente também, mas a consanguinidade me afastou, menos nos pensamentos. Mas então me disseram: - não sabe ainda? Morreu, a coitada.*
- *Como foi isso? A última notícia que tive dela é que estava grávida, retomando um casamento que parecia fracassado.*
- *Pois é, o que me contaram foi que a morte tinha sido consequência de uma gravidez mal sucedida, levando de uma só vez mãe e cria. Ficaram até surpresos que eu não soubesse, pois o assunto tinha dado muita repercussão. E o pobre do marido tinha ficado tão desgostoso que sumira no mundo.*
- *Eu conheci o casal. Mas faz tempo que estive com eles, uns cinco ou seis anos talvez... Acho que o cara até é gente do nosso tempo.*
- *Mas isso que lhe conto foi mais recente, bem depois.*
- *Mas continue, estou lhe interrompendo.*
- *Aquela notícia me deixou pasmado. Pelo fato em si, pois que esta Graça era uma pessoa querida, mas também porque ao voltar para casa eu precisaria dar a notícia para Luiza, minha mulher, que tinha certo comadrio com a Graça. E ia ser um choque feroz para ela, capaz de abalar ainda mais um temperamento sensível, bastante atormentado*

naquele momento por outras perdas recentes experimentadas por ela, agravadas por uma menopausa precoce e mal recebida.

- Poxa, que situação...

- Pois é, eu estava fora de casa e passei a viagem de volta pensando nisso. Tinha que contar, mas não sei se conseguiria fazer isso de imediato, logo que pusesse os pés em casa. Quem sabe, depois. Mas de todo modo não atinava com a melhor maneira de agir.

- Não dava pra fingir que não sabia?

- Bem que pensei nisso, mas acho que seria fácil alguém me desmentir. E aí minha mulher não me perdoaria, pois a Graça era realmente muito querida por ela. O fato é que aquela viagem demorou, não tanto pelo atraso e as baldeações, mas também porque minha cabeça não chegava a um acordo sobre o melhor modo de falar sobre uma coisa como aquela, tão indizível. Tenho que reconhecer também que sou bem atrapalhado nessas coisas de mentir, enganar, fingir.

- É ruim, hein...

- Pois é...

- O que matutei naquelas horas dentro de um ônibus você não é capaz de imaginar. Desconforto total, naquele calhambeque miserável, naquela estrada esburacada, com a cabeça e girar doidamente. E eu sem encontrar uma solução. E pra complicar, um enguiço que nos custou umas duas ou três horas de parada. Mas, pensando bem, foi até bom, me ajudou a colocar as ideias no lugar, ou pelo menos me acalmar. Mas mesmo assim cheguei em casa com uma tremenda cara de cachorro que caiu da mudança.

- Mas contou logo pra ela?

- Não, não contei...

- Não contou, mas assim não teria ficado ainda mais complicado pra você?

- Espera que chegarei lá.

- Não quer tomar um café antes de nossa condução chegar?

Nesta hora eu, que espionava a conversa, cheguei a lamentar que perderia o curso de tal história, mas felizmente adiaram o tal café.

- Pode ser. Mas deixe que eu encerre o assunto. Cheguei em casa, fui para um banho. Luiza me seguia de perto, pois eu estava fora há muitos

dias e você sabe como é... casal que somos ainda amorosos, apaixonados. Saí do chuveiro, havia um jantarzinho quase romântico me esperando, tinha até velas. Mas era difícil esconder a verdade. E Luiza: - fala, estou vendo que você não está bem, o que está acontecendo? Eu dizia - nada não, está tudo certinho; só acho que preciso de umas horas de sono. Vi que eu não a convencia, mas esvaziamos uma meia garrafa de espumante e resolvemos ir para a cama.

- Deixou para o outro dia, então?

- Sim, deixei, mas não esperava uma mudança radical em meus planos. Você não é capaz de imaginar o que aconteceu...

- Conta! Esta história já está me deixando curioso...

- Eis que o telefone toca. Bem ali, na beira da cama. Do meu lado. Eu atendo e adivinha quem era?

- Não sou capaz de saber...

- Tente.

- Ora bolas, vou chutar. Seria uma ressuscitada Maria das Graças?

- Já está sentado para não cair? Ela mesma, a Graça! Nossa amiga Maria das Graças Soares de Alencar. Em pessoa. Ou em espírito, foi o que pensei na hora.

- E você, como reagiu?

- Primeiro me arrepiei da sola dos pés até a raiz do cabelo... Depois, o que pude balbuciar foi: Graça, de onde você está falando? E danei a chorar, soluçando como um condenado. O que era aquilo, meu Deus! Luiza, do meu lado, não entendia patavina...

Neste momento o autofalante anunciou a chegada de meu ônibus. Ajeitei mal e mal minhas coisas, mas meus vizinhos das costas também fizeram uma pausa para procurar algo na sua bagagem, talvez um fósforo ou um cigarro, já se levantavam para o café. E eu fiquei ali, morto de curiosidade, sem saber a solução do mistério que sem que eu pedisse me fora trazido, até com certo detalhe, sobre aquela Maria das Graças, que morrera – ou não – mas que, no entanto, era capaz de fazer ligações telefônicas, sabe-se lá de onde.

Fiquei pensando... Era outra a Graça que morrera? A ligação de que falava o desconhecido não teria sido um engano? Era apenas uma troca entre amigos? Tudo ficou por isso mesmo, infelizmente.

Enquanto o marido de Luiza vivera o conflito de ser obrigado a dar uma notícia ruim, eu tive que completar minha viagem em dilema ainda maior, o de ignorar o que de fato tinha ocorrido com aquela mulher, de cuja história de repente me tornei íntimo e testemunha. E eu, lamentavelmente, nem tinha quem me esperasse com um jantarzinho romântico e uma garrafa de vinho. Assim fui dormir mal acomodado em um banco de ônibus e além do mais sozinho, ou melhor, com este mistério atravessado no peito.

Quem quiser que conte outra,

Viagem inventada no feliz

Esta é a estória [...]. Ia um menino passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. João Guimarães Rosa – As margens da Alegria

Naquele dia ele viajou sem seus pais pela primeira vez e se afastou da cidade onde moravam por muitos e muitos quilômetros, trazendo com isso uma sequência de acontecimentos inesquecíveis, que ainda o marcavam, entre surpresas e alegrias, muitos anos depois.

Na manhã fresca de abril já se perfilavam os escoteiros na porta do colégio que abrigava a sua sede. O caminhão Chevrolet Brasil, tinindo de novo, como dizia uma gíria da época, já era diligentemente carregado pelos monitores e pelos próprios garotos ali na porta. E ali se moviam caixas e mais caixas de panelas, vasilhas diversas e mantimentos, além de barracas de lona cáqui, junto com mochilas e cobertores. Eles iam participar, simplesmente, da inauguração da cidade que oficialmente se tornaria, daí a dois ou três dias, a nova capital do país. Novacap, como então se dizia. Cumpria, além de carregar o veículo, confirmar, um no rosto do outro a surpresa, a alegria e até um pouco de medo, recebendo de pais e mães ali reunidos os derradeiros conselhos de cautela.

Tudo ali era novidade e emoção. Sem deixar de lado as brincadeiras um tanto selvagens, como aplicarem uns nos outros a chamada cachuleta, uma batida forte de dedos, em leque, na bunda de quem estivesse por perto, que quando bem aplicada doía de verdade. E assim, entoando seu estranho hino, o Rataplã do Arrebol, de cujas palavras ignoravam o exato significado, se arrancaram a bordo do vistoso caminhão verde e branco, naquela manhãzinha fresca, rumo ao Planalto Central.

Entre eles, os mais viajados mal haviam passado da cidade mais próxima no trajeto, ou de suas adjacências, assim mesmo em companhia dos pais. Mas agora, não. Sentiam-se como destemidos

exploradores, seguindo as regras próprias do grupo, não da família. Não poderia haver nada melhor do que aquilo, por certo. Era tudo aventura, a começar pelo vento, que já com menos de cem km rodados havia destruído o toldo de lona posto sobre o caminhão e dispersado alguns dos chapéus de feltro, o que deixou seus donos inconsoláveis.

A paisagem de montanhas começou, aos poucos, a se transformar em vasta extensões de planuras e morros em forma de mesas. O verde familiar das plantas aos poucos se transformava em tons desmaiados ou até cinzentos e seus troncos perdiam a retidão, para formarem garranchos de formatos variados e casca espessa. Quanta novidade, pensavam.

No lugar onde se construía uma grande represa, mas aonde naquele momento se viam apenas grandes tratores a fuçar freneticamente a terra vermelha, quase nada de água e de barragem, o que se via era apenas um buraco enorme. Ali, parou-se para comer. Cada um com a sua marmita, pois naquele tempo não se conhecia fast-food, palavra que, aliás, soaria como um palavrão em língua gringa. Na beira da estrada apenas alguns estabelecimentos toscos, nos quais mal e mal se servia alguma cerveja quente e pacotes de bolacha. A solução eram as marmitas mesmo, daquelas de alumínio, variando apenas no formato, redondo ou retangular. Alguns, talvez, contassem com sanduíches de presunto e queijo na matula que veio de casa, mas apenas os mais afortunados.

Ali o garoto constatou, com total dissabor e frustração, que a comida preparada na tal marmita, com todo o carinho da mãe, ne véspera, simplesmente azedara, irremediavelmente. Um colega caridoso lhe ofereceu uma banana, com a casca já preta, a qual comeu com gosto, apesar de tudo. O que fazer, a não ser isso?

Chegaram esbodegados à velha cidade de ruas tortas, ainda longe do destino final, mas já a tempo de dormir. Um Grupo Escolar lhes serviu de abrigo e ali o chão lhes serviu de cama, sem direito a um chuveiro. Na primeira madrugada o Planalto já lhes mostrou sua inclemência, quase lhes congelando as partes do corpo que não lhes foi possível cobrir. Mas tudo era novidade e aventura, além de juventude, embora das vantagens desta última ainda não tivessem completa consciência.

Mais adiante, no dia seguinte, em paisagem agora marcada por planuras altas e pedregosas, onde ambulantes na beira da estrada vendiam cristais enormes, havia também filas de carros com os para-brisas quebrados. Alguém lhes informou que isso se dava pelo impacto dos cristais no cascalho fino que cobria o asfalto. E bem junto, vendedores de para-brisas, recém descobridores daquele filão de ganhar dinheiro, coisa rara naquele tempo e naquela região. Nas suas bancas toscas de comércio ofereciam também biscoitos de polvilho e envelopes de sal de fruta, uma novidade na ocasião, além de frutas

encarapinhadas e olorosas, das quais nunca tinham ouvido falar. O garoto delas se lembrou, contudo, como algo egresso de sua infância ainda mais remota, ditas como araticuns, ou algo assim, na terra do pai e como marolo, por parte da mãe.

A Nova Cidade os recebeu em torno de meio dia, num calor de rachar. A paisagem sempre dominada pelas tais árvores anãs, tortas e cascudas. O vento na carroceria do caminhão mais abrasava do que refrescava. Com os chapéus restantes e o grito escoteiro tradicional *arrê, arrê, arrê*, saudaram os soldados que vinham a pé do Rio de Janeiro. A estátua gigantesca e esquisita que os recebeu em algum ponto da estrada, já no território-alvo, não augurou a eles muito boa coisa.

Acamparam logo abaixo do Palácio que abrigaria os mandatários da República. Em frente um monumento com frase profética, mas apenas repleta de pretensões naquele momento: *deste Planalto Central, desta solidão que em breve se povoará...* A solidão era então evidente, pelo menos ao longo da estrada, mas aquela multidão que já ali se fazia presente por certo antecipava o povoamento anunciado. O tal Palácio não passava de um monumento estranho e cheio de pilastras em formato de letras “L” invertidas, colorido pela poeira vermelha, no meio da floresta curva, cinzenta e cascuda, que logo souberam chamar-se cerrado.

Não havia ali banho que merecesse este nome, mas para eles isso não fazia muita diferença, mas até trazia alívio, por lhes lembrar das obrigações que lhes eram impostas em casa. Para as necessidades mais imperiosas, o hediondo WC de uma cervejaria instalada num galpão provisório, ao lado do Palácio. Acabaram por descobrir – afinal eram destemidos pioneiros – um cano enorme, que vazava água em alto esguicho. Ao lado dele, meio atolados na lama, lavavam panelas, cuecas e o próprio corpo.

No acampamento sem árvores, a não ser pelo cerrado pouco generoso, já no primeiro dia se viram à beira de uma insolação. À noite, um frio siberiano. Como se tudo isso não bastasse, se viram assolados por uma legião de carrapatos, propiciando-lhes o intenso afazer de se coçarem, dia e noite. Isso, junto à pele queimada pelo sol, para qualquer um seriam as marcas do inferno. Os sacos de dormir, preenchidos com folhas secas, logo se mostraram como cavalos de Tróia para terríveis formigas. Mas eles, que afinal eram escoteiros, valentes, exploradores, estavam sempre alertas e não temiam os perigos da vida.

A segurança das saias das mães não lhes estava próxima agora, mas eles mesmo assim – e com alegria – se sentiam protegidos. Apesar do sol, dos carrapatos, da falta de banhos, das brincadeiras maldosas, das anacrônicas exortações à coragem, à macheza e ao estoicismo, próprias do movimento escoteiro.

Por muita teimosia o garoto voltou a tal paragem – e para morar – muitos anos depois. Naquele abril dos anos sessenta, entretanto, só não correram, ele e seus companheiros, de volta ao regaço materno, porque a querida cidade de origem ficava muito longe do terrível Planalto Central. Mas ficou a marca de tudo aquilo, muito mais pelo que teve de surpresa e felicidade do que o contrário. Viagem inventada no feliz, aquela, como é tão raro acontecer na vida de uma pessoa.

Boi de carro

Seu José? Não! Sou o Doutor José Adamastor da Fonseca. Médico! Sim, chefe deste Centro de Saúde. O que desejam de mim. Como? Entrevista para escola? Voltem outra hora, estou muito ocupado neste momento. Agora é assim, toda hora vem um pirralho me entrevistar. Será que esses professores do Grupo Escolar não têm outra coisa para pensar? Um dia, talvez, quando tiver mais tempo, explicarei tudo direitinho para eles, mas por enquanto, não me amolem.

Fico pensando... O que foram estes quarenta anos de medicina aqui nesta cidade? De fato, já vi muita coisa. A grande diferença dos meus tempos antigos é que não havia ninguém querendo saber detalhes das coisas que um médico faz ou deixa de fazer. Agora, toda hora vem um especular. Para não falar daqueles pacientes que já chegam aqui sabendo de tudo, porque consultam sei lá o quê na tal da internet, e já vêm com diagnóstico e até receita pronta. Como se aqui estivessem só para confirmar o que acabaram de descobrir. Quando não para contestar minhas receitas e diagnósticos. Mas aí eu ponho para correr. Não admito!

Quando eu cheguei, tantos anos atrás, era tudo muito diferente. Mas muito diferente mesmo! Eu queria ter ficado na capital, tinha convites de professores meus para trabalhar com eles em hospitais de lá. Mas a herança de meu pai, aquela fazendinha que acabei vendendo porque só me dava prejuízo, acabou me arrastando para cá. Hoje já me conformei, com isso de morar no interior, pelo menos, porque o jeito moderno de fazer medicina, definitivamente não aprovo, não está em mim.

Naquele tempo, um médico era respeitado de verdade. Mesmo quando a gente errava, o povo reconhecia que, pelo menos, ele tinha se esforçado. Achavam que era sempre melhor ter um médico um pouco atrapalhado do que não ter nenhum. Mas isso não era o meu caso. Aliás, pensando bem, sempre fiz o que pude pelos meus pacientes. Com a falta de recursos que era isso aqui, acho que eu até fazia milagres, ou quase. E não foram poucos. Aquelas mulheres que vinham da roça arrebatadas pelas parteiras, por exemplo. Cruzes! Quantas noites passei em claro esperando um parto se realizar com a força da natureza. Lá de vez em quando nascia um já morto, mortinho, mas não era culpa minha. E

muitos que nasciam bem voltavam uma semana depois estropiados, com tétano, gastroenterite, o diabo.

Com sinceridade digo: o grande mal do Brasil é a ignorância do seu povo. Fico desesperado quando essa gente da imprensa fica falando mal dos médicos, que nós isso e aquilo. É pura política deles! Comigo não, o buraco é mais embaixo. Essa combinação de política e gente ignorante não pode dar boa coisa mesmo. De política eu fujo, apoio sempre algum candidato para prefeito, vereador ou deputado, arranjo até uns votinhos para ele, mas definitivamente não me meto na política grossa. E não é por falta de convite, pelo contrário. Se fosse me envolver com essa gente estaria liquidado. Ou seria no mínimo prefeito ou vereador, mas fujo disso.

Com os colegas, infelizmente, não posso ser lisonjeiro. Fiquei sozinho aqui na cidade por muitos anos e com sinceridade acho que era melhor assim. O que já apareceram aqui de médicos estranhos ou suspeitos, melhor nem dizer. Acho que alguns deles nem diploma tinham de verdade. Mas teve alguns de outra variedade, os que já nasceram sabendo de tudo e querem sempre botar regras nas coisas que a gente faz, quando não me criticavam diretamente junto aos pacientes. Safados também, estes. Vão enfrentar a barra que eu enfrento aqui, dia após dia, ano após ano, para verem o que é bom.

Mas os piores mesmo são os que eu chamo de comunistas. Tem um agora atendendo aqui no posto que é desta raça. Ficam horas e horas proseando com os pacientes, fazem reuniões com eles e já fiquei sabendo até que perguntam para alguns que tipo de remédio preferem, se pomada ou comprimido, caro ou barato, injeção ou oral; vê se pode... E no final só sabem receitar caminhadas ou banhos de assento. Deus me livre, acho que não fazem a mínima ideia do que seja a autonomia do médico. É por isso que a nossa classe anda tão desmoralizada. E este sujeito aí, o tal do comunista, veio falar comigo que é preciso compreender e respeitar a cultura dessa gente, sem ficar querendo mudar isso.

Ora me poupe... Para mim é um verdadeiro exagero chamar isso de “cultura”. O remédio para quem está errado é correção mesmo, não ficar tentando “compreender” alguma coisa neles. Não é à toa que aparecem estes tipos de clientes que já chegam sabendo de tudo e querem discutir – veja só – com o médico, como se eu fosse igual a eles. Eu passei por uma Faculdade, me respeitem!

Este comuna ainda me apronta mais. Agora deu de trazer para o consultório um desses computadores de mão, aqueles que parecem uma televisão pequena. E fica com aquilo na mesa, datilografando coisas enquanto conversam com os clientes e segundo ouvi dizer, até mostrando para eles figuras e outras informações médicas. Cruzes, onde vamos parar? Eu sou do tempo em que os aparelhos médicos

eram estetoscópio, aparelho de pressão, termômetro, essas coisas, não essas novidades que tenho minhas dúvidas se ajudam os pacientes em alguma coisa. E o tal sujeito ainda veio me falar que estão lançando uma bela novidade, que permite que o médico e o paciente se encontrem para uma consulta sem ser um na frente do outro. E o dito cujo achando isso a maior maravilha. Não acredito que isso funcione, definitivamente. Comigo é olho no olho. E nem precisa de muita conversa. Em quinze minutos eu mato qualquer charada clínica.

Nada como a experiência, que essa gente nova não tem e nem sabe o que significa. Há poucos dias, por exemplo, o tal doutorzinho movido a computador estava encrocado com um paciente febril cheio de manchas pelo corpo. Isso eu sei porque me contou a Sebastiana, que trabalha comigo desde que cheguei aqui e parece que nunca vai se aposentar. Eu só de ver, de longe, já daria o diagnóstico: lepra. Fácil para mim que conheço a família toda, aliás, conheço todo mundo por aqui. Eu nem mandei avisar para ele, achei que era boa oportunidade para uma lição. Ficou um mês naquele rame-rame, naquele exagero de pedir exames para chegar naquilo mesmo que eu já havia diagnosticado. Espero que tenha aprendido a lição que conheço desde sempre: bom mesmo é a clínica, nada de computadores e reuniões desnecessárias, que fazem os clientes se sentirem os tais, aquelas considerações culturais e vai por aí a fora. Sejam objetivos, ora essa.

Acho que medicina é difícil mesmo, mas não é bicho de sete cabeças. Neste festival de novidades que virou minha vida, agora apareceu mais uma. A Secretaria mandou um dos tais computadores aqui para o Posto e determinou que toda a documentação que a gente manda para lá, no final de cada mês, tem que ser d-i-g-i-t-a-l-a, que é como eles falam agora. Sebastiana já falou que não contem com ela. Comigo muito menos. E tem mais: a programação dos remédios que distribuímos aqui, tem que passar por igual processo. Os prontuários dos pacientes, também. E que no futuro vamos ter que conversar com os clientes usando o tal aparelhinho infame que o comunista tanto aprecia. Se for assim, peço minha aposentadoria. E Sebastiana já me disse que pedirá a dela também. Quero ver como vão se arrumar.

Com tudo isso, sinceramente, começo a me sentir que nem meu primo Aristeu, que era representante comercial, um dos tais viajantes, ganhou um bom dinheiro rodando interior com sua perua, visitando o comércio até que um dia descobriu que não precisavam mais dele, porque havia telefone, internet, computadores, redes e não sei mais o quê para fazer o que ele fez durante toda a vida. Seu ganha-pão foi extinto e ele agora anda por aí que nem alma penada, sem ocupação, sem destino, sem qualquer alegria de viver.

Sem querer ser dramático, isso me lembra também a história dos bois de carro, Melado e Meloso, que sobraram na fazendola de meu pai. Ficaram sem função, quase que esquecidos num pastinho por muito

tempo, até que um morreu picado de cobra e outro, quase só pele e osso, foi vendido para um açougueiro, por um preço que mal pagou o frete da entrega. Percebo assim que eu, o Doutor José Adamastor, com toda minha sabedoria, meus anos de faculdade, minha fiel Sebastiana, minha perspicácia clínica, vou ter que dar um jeito na vida. Perigo acabar apenas como um caixeiro viajante sem clientela, um esquecido boi de carro ou um abestalhado zê... Zê ninguém.

Isso se eu não morrer antes.

Senhorinha da Sanfona

Eu gostava de andar pelas ruas do bairro, não raro me afastando por até por alguns quilômetros de meu canto de rua. Aposentado e sentindo o corpo meio travado, fazia isso principalmente para desenferrujar as juntas e dar força aos músculos, mas gostava também de fazer algo que tinha aprendido com meu avô, um caminhador contumaz, que sempre dizia que seus périclos lhe permitiam uma atividade muito desejada e valorizada: apreciar as novidades. E as novidades, no meu caso, iam desde as novas construções, cada vez mais raras já havia tempo, eis que já eram poucos os lotes vagos disponíveis naquele bairro um tanto antigo, passando pelo surgimento de novos comércios e chegando, principalmente nas mudanças que a natureza apresentava, com suas floradas, frutificações, além de um ou outro ninho de passarinho ou casa de João de Barro. Preciso dizer que em um dos lados do meu caminho habitual havia uma pequena área de mata, relativamente bem preservada.

Em uma dessas ocasiões vi uma cena inusitada. Em um pequeno prédio de apartamentos havia como uma festa. Alguém tocava sanfona e havia pessoas reunidas em torno, em ambiente de animada confraternização, aparentemente em família, com crianças dançando em roda. Assim de passagem não percebi outros detalhes do acontecimento. Mas em uma segunda passada, alguns dias depois, também em um sábado à tarde, pude assistir à mesma cena, mas agora podendo ver que havia ali uma sanfoneira. Era uma senhora idosa de uns setenta anos ou mais, magra, cabecinha branca, vestimenta modesta de chita, instalada em uma cadeira de rodas. E mais: faltava-lhe uma perna.

Senti-me tomado de ternura por aquilo, pois visivelmente era uma cena de conagração e afeto, com pessoas que não só usufruíam de um momento musical, como concediam à artista carinhos calorosos, se revezando ao seu redor em tal atitude. E a sanfoneira de fato parecia feliz.

Já nesta ocasião eu me via, forçado pela aposentadoria, a procurar afazeres, já tendo encontrado aquelas caminhadas como parte bastante prazerosa, sem dúvida, de tal tarefa. Mas eu queria mais, por exemplo, começar a escrever sobre o que eu chamava de fatos da vida, sem saber identificar, com precisão, se isso se daria sob a forma de conto, crônica, romance ou poesia. Sabia que talvez fosse pretencioso de minha parte, mas carregava uma observação que os professores do ginásio já me haviam feito, há tantos anos e que não raro eram reforçadas por amigos, familiares e colegas de trabalho: *você tem jeito para escrever*.

E ali estava um fato da vida altamente significativo. Aliás, se aquilo não fosse tal coisa, o que mais o seria? Ao longo da vida eu, volta e meia, fazia alguma tentativa de registrar coisas por escrito, mas acabava desistindo pela força de um sentimento contrário ao anterior, que me fazia acreditar era preciso não confundir literatura com desabafo, conforme também ouvi de um antigo professor no colégio. Aquilo, confesso, me fazia desanimar. Mas o caso da velhinha me fez criar coragem e quem sabe registrar a emoção que aquela cena me trazia, fosse no papel, ou na tela do computador.

Mas eu precisava de mais informações sobre o acontecido naquelas tardes de sábado. Por umas tantas vezes passei pelo endereço que me chamara tanto a atenção, inclusive em finais de semana, mas não tive a sorte de assistir novamente as cenas que me foram tão inspiradoras. Até que um dia resolvi parar e perguntar a um homem que fazia a limpeza do prédio se ele dispunha de alguma informação sobre aquilo que me movia na ocasião: quem era aquela mulher, qual era a sua história, se eu conseguiria conversar com ela. Ele pareceu compreender e sintonizar com a minha afeição pelo caso e me revelou, um tanto entristecido, que Dona Senhorinha – era o nome da sanfoneira – tinha falecido e que a filha, com que ela morava tinha se mudado dali, fazia pelo menos dois meses. Não, ele não sabia o endereço para onde ela fora e nem conhecia ninguém que pudesse informar. Só acrescentou: elas são da Bahia.

Meu primeiro pensamento foi de desistir de registrar tal fato da vida, por insuficiência de informações, confesso. Alguma coisa eu sabia da personagem, que era da Bahia e que tinha um nome curioso, mas era muito pouco. Assim me recolhi a outras elocubrações, chegando a me interessar por captar a história de um mendigo que morava dentro de um carro abandonado, também dentro de meu trajeto habitual, mas que abordado por mim só me deu informações confusas, que acabaram desandando em agressividade. Mas eu queria saber mesmo era da história daquela Senhorinha da sanfona.

Um dia me vi diante de uma pista: eu passava por uma loja de móveis usados no bairro e julguei ver lá dentro a cadeira de rodas. Era um tipo comum, mas um enfeite nas rodas, feito com fitas coloridas me pareceu estar presente também na cadeira que eu tinha visto apenas uma vez,

tendo assentada nela a sanfoneira. O dono ou gerente da loja me disse que aquilo estava ali há algumas semanas, sem aparecer comprador, mas nada sabia sobre a pessoa que lhe vendera a peça. Se eu me interessasse pelo objeto faria um desconto do mais de cinquenta por cento. Não era o caso, claro.

De repente me dei conta que com as informações que eu tinha talvez já houvesse um início de história. Uma baiana, de nome Senhorinha, sanfoneira... Sua pele morena, de mulata clara mesmo, seu modo singelo de vestir, sua cadeira de rodas meio avariada, o prédio de apartamentos de classe média baixa em que ela morava, certamente traduziriam uma pessoa modesta de posses. A procedência baiana reforçava tal impressão, porque ali na cidade havia muitas pessoas que chegavam de um vasto interior, em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

E mais, sua provável origem seria rural. *Senhorinha*, nome de uma santa muito venerada em Portugal, cuja devoção certamente deve ter chegado ao Brasil através de imigrantes lusos, seria condizente com a forte tradição católica de todo o interior do país. Havia uma filha na história. Portanto deveria ser ou ter sido casada e quem sabe, ter tido e criado outros filhos, ou quem sabe, muitos deles, conforme o estatuto vigente nos sertões do país. Se é que não havia perdido outros tantos. Pobre, cheia de filhos e roceira... Deve ter sido empregada em fazenda, quem sabe boia-fria em plantações de soja, café ou milho. Trabalhou, certamente, de sol a sol, por anos a fio, em condições as mais difíceis possíveis. Direitos trabalhistas ou de cidadã, quase nenhum. Uma perna amputada... Seria um acidente de trabalho, vítima de máquinas que além de roubarem o trabalho das pessoas as aleijavam ou matavam? Perfeitamente cabível.

Mas havia também a possibilidade de que fosse uma doença de vasos sanguíneos, uma diabetes, por exemplo, da qual não pôde se tratar por absoluta ausência de recursos de saúde onde ela morava, da mesma forma que na educação ou na assistência social. Portanto, tinha tudo para ser, além de pobre e desvalida, analfabeta. Mas era sanfoneira. Pode ter sido uma daquelas crianças que nascem com um dom para música e que de tanto procurar acabam achando um instrumento musical em que podem se exercitar. Seria o mais provável, dado que uma menina ou moça pobre, roceira e analfabeta, como ela, dificilmente poderia ter frequentado uma escola de música. Quem teria colocado aquele instrumento ao seu alcance? Pai, padrasto, avô, padrinho? Uma galeria masculina como essa certamente também lhe traria riscos, não apenas benefícios, como o de uma sanfona. É impossível deixar de pensar em violações e assédios de diversas naturezas, afinal de contas tão comuns, mesmo em famílias abonadas. Imagine-se entre os mais pobres e indefesos.

E assim uma história se compôs em minha cabeça, a seguinte.

Assim pobre, analfabeta, trabalhadora na enxada, mas dotada de talento musical, Senhorinha foi levando sua vida. Com menos de 15 anos já tinha rapazes da fazenda onde morava cobiçando sua cintura jeitosa, seus modos de mulher. E a cada sábado de quermesse, casamento ou comemorações de santo, a sanfoneirinha era chamada a se exhibir e essas paixões só aumentavam. Por causa disso, teve gente que rolou na poeira do chão e puxou faca para alguém que até agora mesmo era amigo. Até que um Izé, levou a melhor. Não ao ponto de marcar casamento para quando seu Vigário viesse para a bênção anual, mas do jeito atabalhado que se usava ali, com o sexo descuidado e sem maior culpa, praticado às claras sobre o capim dos pastos, ou oculto nas capoeiras de mato, mas logo sucedido pela parada das regras. E mais, em seguida, pelo aparecimento um buchudinho, mais um, num lugar onde eles eram legião. Ninguém se espantava, era coisa natural; depois de uma certa idade, pessoas e criações pareciam mesmo fadadas a tal destino. Depois, era ocupar uma das casas que o fazendeiro mantinha para os empregados ditos “casados” e prestarem ambos, eles agora marido e mulher, as tarefas na enxada e na foice que deles se exigia, enquanto vivessem, como sempre fora e deveria continuar a ser. E os buchudinhos machos e fêmeas iam surgindo, ano sim, outro também. Só não se podia garantir é que todos conseguissem superar a barreira do primeiro ano de vida. E no final, o marido se engraçou com outra, mudou de ares e ela ficou sozinha com meia dúzia de seres a choramingar na barra de sua saia. A duras penas, a todos criou, o mais das vezes sem leite farto, mas com o cuidado que lhe era possível oferecer. Todos na enxada, desde quando conseguissem sustentar o peso da ferramenta. Um dia tropeçou no que lhe pareceu ser um toco no chão, mas era a lâmina de um enxadão velho, meio enterrado. Em sete dias estava mal, com a perna inflamada de maneira perniciosa, sem remédio por ali. Quando foi levada, tardiamente, ao médico da vila, a solução já era amputar. E voltou para casa para cuidar dos filhos, uma parte deles já crescidos – menos mal – apoiada agora em muletas de guatambu. O pau que lhe dera sustento como cabo de enxada era o mesmo que agora lhe dava apoio para andar a si e a suas coisas. Mas afinal, quem precisa de perna, ainda mais pela metade, para tocar sanfona? E foi o que ela fez por muitos anos, conseguindo juntar aos trocados que os filhos mais taludinhos ganhavam na enxada as gorjetas que o gerente, o padre ou algum empregado mais generoso lhe dava, quando tocava nas festas da fazenda. A filha mais velha se destacou na escola e foi levada pela professora para morar com ela na cidade. Na verdade, como empregada da mestra. Mas essa tinha tino e foi em frente: concluiu os estudos possíveis por ali e foi para lugar maior ainda, fez concurso para professora, arranjou marido formal e legal, teve seus filhos e logo que pôde levou a mãe, já velha e muito alquebrada, para morar com ela na cidade. Ali deu a Senhorinha talvez as maiores alegrias de sua vida, bem alimentada a tempo e a hora, dormindo em cama macia, tendo banheiro e água limpa dentro de casa, roupas limpas para vestir. E ainda podendo mostrar sua arte de sanfoneira àquelas pessoas tão finas e distintas, vizinhos naquela pilha de casas onde a filha morava. Nada mal.

Senhorinha de fato estava bem feliz agora, como, aliás, nunca experimentara antes e nem imaginara conseguir.

Mas isso é apenas uma história inventada. A vida real, certamente, não deve ter sido tão benfazeja à pobre sanfoneira.

Crer para ver

Jonas Barcelos dos Santos, meu colega de ginásio. Durante anos fomos grandes amigos, até que o perdi de vista por um tempo. Entre as suas bizarrices estava a crença em objetos voadores misteriosos.

- *Não acredito em discos voadores...*
- *Pois eu acredito!*
- *Nunca vi nenhum...*
- *Não me diga que você quer ver um deles sem acreditar...*
- *Primeiro crer, depois ver?*
- *É isso mesmo! - Acho que isso não me pega...*
- *De nada adianta esta discussão boba, é um caso simples de resolver. Você quer ver ou não quer? Eu lhe mostrarei, mesmo que não acredite neles.*
- *Como?*
- *Sei de um lugar onde eles aparecem regularmente, seja para crentes ou incrédulos. É uma fazenda em Goiás, não muito longe daqui. Três ou quatro horas de viagem.*
- *Só pode ter alguma trapaça nisso.*
- *Quer ou não quer ir? É pegar ou largar.*
- *Topo, vamos agendar, num final de semana de preferência, pois tenho que trabalhar, não sou como você que gasta seu tempo na caça de objetos voadores.*
- *Olha só quem fala...*
- *Mas quero deixar bem claro, eu vou com você, mas não por alguma curiosidade sideral ou extraterrestre, mas apenas, digamos, sociológica ou psicológica... Mais do que a sanha de observar objetos voadores*

misteriosos eu prefiro observar a alma humana. Melhor dizendo, da fatal capacidade de autoengano de que a nossa espécie parece ser constituída.

- Então não vá, ora....

- Já decidi, vou mesmo...

E lá fomos, no carro de meu pai, retirado clandestinamente da garagem de casa. Ele na ocasião estava fora e nunca ficou sabendo de tal empréstimo.

- Já estamos aqui neste morro há pelo menos três horas, neste frio danado – e nada!

- Calma, rapaz...

- Vou acabar pegando uma pneumonia. Ainda mais com esta ventania.

- Acho que você deveria ter ficado era em casa mesmo. Debaixo de bons cobertores.

- Não sei por que não fiquei... Mas de onde você tirou essa mania?

- Lembra daquele nosso colega de ginásio, o Agenor? Pois é, foi ele que me fez gostar desse esporte...

- Isso agora virou esporte?

- Sim, por que não? Podemos até traçar um placar, tipo quem vê primeiro...

- Deste Agenor me lembro vagamente. O que tem ele?

- Ele era um dos que via...

- E você um dos que acreditava nele, com certeza...

- Pode debochar, mas era um cara sério. Me mostrou evidências. Por exemplo, um pedaço de mineral, uma pedrinha polida, que foi deixada numa dessas aparições. O pai era químico e analisou o material. Concluiu que era um mineral raríssimo, residente lá no cantinho da tabela periódica. À noite brilhava, em tons diferentes de azul ou verde – e isso eu vi com meus próprios olhos.

- E onde anda este Agenor?

- Não sabe? Ele simplesmente desapareceu um dia. Consta que foi abduzido...

- *Eita, você daria um bom escritor de Science Fiction.*
- *Viu? Agora!*
- *Do que você fala?*
- *As luzes, no horizonte...*
- *Aquilo lá pode ser tanta coisa... Faróis de carros numa estrada, por exemplo.*
- *Andando em zig-zag? Você simplifica demais...*
- *Sei lá, pode ser um trator arando a terra...*
- *Tá bom, em plena noite!*
- *Perfeitamente possível, nas zonas agrícolas é assim em época do plantio como agora, mês de outubro, eles trabalham dia e noite.*
- *E aquela segunda luz, avermelhada e que muda de cor, se aproximando e se afastando... Tem cara de trator também?*
- *Onde?*
- *Não tá vendo?*
- *Não vejo nada. Aliás, isso aqui tá chato pra cachorro. Por mim iria embora. Já deu... ...*

Como disse, eu tinha sido, por muitos anos amigo próximo deste sujeito que eu apelidara de Jonas, o Baleeiro, ligando-o à história bíblica. Entretanto, logo depois dessa mal sucedida aventura que resultou na noite fria daquele fim de mundo em Goiás, mudei de cidade e por muito tempo não tive notícias do sujeito que via – e acreditava – em objetos voadores misteriosos. Aliás, passei alguns anos sem saber dele. Mas um dia, década e meia depois desses acontecimentos, abri o jornal da cidade e lá estava ele, na primeira página, de terno, gravata e posse circunspecta. Dedicava-se agora à parapsicologia – ou algo parecido – e nos próximos dias iria fazer uma palestra em um auditório da cidade. E assim resolvi revê-lo, não sem algum desgosto, aliás, pois o evento era pago – e caro. Mas paguei e fui. O tema era relativo mais exatamente a vidas passadas, seja lá o que isso significasse. Na entrada tive que preencher um formulário de identificação, com perguntas que eu deveria marcar respostas com um “x”, particularmente que eu atribuisse nota de zero a cinco a respeito de minha crença em coisas como reencarnação, hipnose, vidas passadas, mensagens de espíritos, vida extraterrestre, objetos voadores, telepatia, psicografia, inteligência vegetal, além de diversos outros mistérios. Total miscelânea.

E mais: indagava-se sobre a concordância em participar, mediante sorteio, de uma sessão pública, ali mesmo naquele auditório, de “regressão a vidas passadas”. Como não havia nenhuma obrigação de jurar a verdade, resolvi dar nota máxima a tudo, inclusive me dispondo a participar da tal experiência regressiva.

Em seguida, com o salão cheio, num calor exorbitante, revi finalmente meu velho amigo, de terno e gravata, já meio calvo e mais gordo, agora dotado de uma presença física e uma verve que mal lembravam o sujeito tímido e meio caipira que eu conhecera anos antes. Começou a sessão em uma escuridão total, com apenas uma débil luz azul em um canto do palco. Em voz cavernosa ele pediu que os presentes canalizassem suas energias, para maior profundidade do que viria em seguida. Fiz o que pude, embora tivesse dúvidas sobre como realizar, de fato, tal direcionamento energético. Terminada esta parte, que durou bem uns quinze minutos, ele avisou que iria chamar os felizes sorteados ao palco. Quase caí pra trás quando o meu nome foi citado entre os tais.

Ele começou a tal “regressão” justamente por mim! Não demonstrou me reconhecer, felizmente. Tocou-me a fronte e pediu que eu me concentrasse nas memórias mais antigas que eu conseguisse levantar. Que eu mantivesse de olhos fechados e “mentalizasse” (o que seria isso, meu Deus?) uma luz azul. Bem que me esforcei, mas não me vinha nada significativo à mente, a não ser banalidades como alguma briga na rua, castigos que minha mãe me impôs, a catapora que me causou feridas que demoraram a cicatrizar, a primeira garota que beijei, comidas gostosas da infância, filmes que me marcaram – coisas desse tipo.

De repente, não sei bem por quê, me lembrei de uma cena não muito antiga, na verdade de uns cinco anos antes, de uma visita que fiz a uma igreja no interior, nem me lembro onde mais, na qual havia uma torre acessível por uma escada longa e precária, com o compartimento dos sinos totalmente tomado por ninhos de pombos e grossa camada de sujeira, formada por penas, borrachos mortos e muita titica. Como eu não conseguia me concentrar em mais nada e ele me pressionava a me manifestar sobre as impressões que surgiam, revelei a ele tal imagem.

Jonas se então se iluminou, fazendo uma profunda elocubração sobre o que isso significaria. Fez um longo discurso, na maneira empostada e solene que era sua característica agora, falando de coisas como hipnose, vida intrauterina, Eu-espírito, regressão, reexperienciação, reencarnação, citando uma enorme fileira de autores, que iam de Buda a uma ignota Dona Sinhá, e muito mais. Fiquei atordado. Segundo ele, meu caso mostrava evidências de uma existência passada na Itália, pelo menos cinco séculos antes, sendo eu então noviço em algum mosteiro, em plena época de pestes e perseguições religiosas, frente às quais aquela torre me servia de refúgio. E como eu tivesse revelado, também,

o medo que me causou aquela escada precária e balouçante, adicionou o comentário de que na verdade eu deveria estar sendo procurado pelo crime de apostasia e que provavelmente tinha convivido com ninguém menos do que Galileo Galilei. Que viagem! Isso me fez sentir um personagem importante da História humana e eu poderia até ter sido facilmente enganado, não fosse o meu tradicional ceticismo, além do fato real e concreto de ter conhecido o Baleeiro não em alguma vida passada, mas na presente mesmo, com especial destaque para aquela observação de discos voadores em um morro de Goiás.

Sinceramente, eu que não acreditava em coisas assim, saí de lá mais incrêdo ainda. Ainda mais em tal ambiente de obscuridade, histrionismo, luz azul e pantomima. Em certo momento, em clima de gran-finale Jonas revelou ao público que meu caso era o de um convertido em estado puro, que abandonara suas crenças materialistas para finalmente encontrar o real sentido da vida. Pude ver, então que ele na verdade me reconhecera. Não seria mero detalhe o fato de que, alguns minutos antes de tal espetáculo, fui procurado por uma mocinha, membro da retaguarda do demiurgo, para confirmar comigo se eu realmente estaria disposto a subir ao palco caso fosse sorteado. Concluí que Jonas tivera acesso à minha ficha de inscrição, na qual, apesar das respostas falsas, eu me identificara de forma verídica. A verdade é que saí dali achando que o verdadeiro sentido na vida era de outra natureza, consistindo no cuidado em não ser atropelado pelas ilusões, pelas fantasias e pelo autoengano.

Tempos depois vejo Jonas de novo na primeira página dos jornais, agora recolhido pela Justiça como organizador de uma daquelas correntes financeiras que prometem o mundo e muito mais e acabam deixando centenas de pessoas espoliadas de seu dinheirinho. Aquela baleia tinha, realmente, um dono. E este com uma boca enorme, como nunca se viu, engolindo tudo o que estivesse a seu alcance.

Sete vezes Seth

Seth, Job, Isac: três irmãos. Era evidente a referência nominativa da família em monossílabos de origem hebraica – ou egípcia – sei lá. Mas o jeitão do pai definitivamente não expunha pistas sobre a origem de tais designativos. Ele era Melquisedeque, polissilábico e também bíblico (ou seria nilótico?), apesar de sua grossa casca de antigo carregador de caixotes de frutas no Mercado Municipal, depois enriquecido através deste mesmo comércio, com seu curto vocabulário, no qual pululavam palavrões cabeludos. Quanto aos nomes singelos dos filhos soubemos depois que provinham de um tio padre, que tinha muita influência na família.

Mas o que interessa aqui é o primogênito, Seth. Pertencíamos a um mesmo grupo de esquina na minha cidade. De forma mais próxima a mim entretanto, os dois mais novos, Job e Isac. Seth era três anos mais velho do que os demais e já frequentava esquinas de outras ruas, em outros setores da cidade, em companhia de caras mais velhos e mais escolados do que nós. Mas ele não nos ignorava ou desprezava de todo, ao contrário, nos aparecia volta e meia trazendo alguma novidade musical, geralmente algum novo hit de rock and roll, ao qual éramos logo apresentados através de sua vitrola de 45 rpm, ou então nos apresentando um livreto pornográfico de Carlos Zéfiro, quando não nos presenteando com uma cartela de cigarros mentolados, uma novidade na ocasião. As dádivas que nos trazia logo o transformaram em nosso ídolo.

A turma, à falta de melhor entendimento do significado de seu nome o considerava apenas como Sete, julgando apropriada a associação de sua pessoa com certos desígnios cabalistas de tal número. Seth gostava de nos brindar, também com histórias das rodas que frequentava. Ali, caras mais velhos do que nós, muitas mulheres inclusive, participavam de festas de arromba, onde, segundo ele “havia de tudo”, embora fizesse cara de mistério sobre isso, insinuando vez por outra que “ficavam todos pelados”. Ali se bebia também de forma avantajada e corriqueira, não aquelas beberagens ingênuas de Martini doce, com cerejas ou azeitonas a boiar, que junto ao uísque com guaraná era o que nós conhecíamos de nossas simplórias festas de família, que Seth, aliás, ridicularizava. Ele afirmava que ali se bebia coisas tão variadas como Gin, Scotch, Campari, soda, que nós ignorávamos o que fossem de fato, em pileques homéricos, geralmente arrematados com prises de lança perfume. Deste último ato também nos escapava o significado, mas imaginávamos algo que certamente sabia a pecado ou coisa pior.

Seth nos falava, também, dos passeios e disputas de velocidade e audácia que se produziam no bojo das Lambrettas que alguns possuíam. Um júri formado por alguns dos rapazes (com acesso vedado a mulheres) decidia o vencedor de cada rodada da contenda. Quando por acaso havia empate, a decisão era feita na pancada mesmo entre os contendores, inclusive com utilização de armas – a nosso ver, terríveis – como navalhas e cabos de aço. Mas ele nos tranquilizava dizendo que tal arsenal era manuseado com cuidado, servindo apenas para dar mais emoção à disputa. Tanto que ninguém havia morrido daquilo – nos assegurava. Seth se esmerava em suas narrativas, trazendo a cada momento casos momentosos, se não um tanto escatológicos.

Seu aparecimento em nossa esquina, entretanto, ia ficando cada vez mais raro, mas quando os irmãos anunciavam que ele poderia estar ali em determinado dia, a notícia se espalhava célere pelos quarteirões vizinhos e na mesma noite não raramente estavam reunidos na beira da calçada uma boa dúzia de adolescentes ávidos, a esperar por aquela tertúlia de casos escabrosos. Quando o narrador de fato aparecia, claro.

E havia vertentes diferenciadas em suas narrativas. Por exemplo, as de festas do cabide, com gente nua às dezenas, espalhados por salas e quartos de uma mansão no bairro dos ricos. Ou de pegas em Lambrettas, não raramente terminados em pancadaria, individual ou coletiva. Marcante espetacularização ele dava às invasões de festas, com preferência para os bailes de debutantes, se gabando que em certa ocasião foi necessária a presença de quatro radiopatrulhas para dispersar os invasores. E que ninguém saiu dali preso, eis que uma das lideranças da invasão era filho de Desembargador.

A gente babava de espanto e até de certa inveja daquilo, desejando que rapidamente chegasse a nossa vez de praticar, ou pelo menos presenciar, de perto, tais barbaridades, coisa que achávamos iria nos assegurar um estatuto de verdadeira maturidade e coragem.

Para nosso profundo espanto, o dia de Seth chegou mais depressa do que ele certamente esperava, fazendo-o esbarrar na página policial dos jornais. E a notícia era simples, direta e estarrecedora: numa dessas invasões de festa de debutantes, o pai da moça saiu no braço com os invasores e acabou sofrendo um enfarto, vindo a falecer de maneira quase imediata. E a acusação recaía sobre Seth, que se destacara no ataque ao infeliz cardíaco, com o agravante de não se ter outro suspeito e mesmo com a confirmação disso por parte de alguns dos participantes do pandemônio. E as manchetes dos jornais vinham vazadas na terminologia da época, ao denominar tais grupos de jovens rebeldes e infratores como Juventude Transviada, ou, abreviadamente JT – siga que virou sinônimo de rebeldia e, na pior das hipóteses, de delinquência fora da lei.

Nossa esquina, na ocasião, se cobriu de luto e espanto, mas também de curiosidade. Teria sido ele mesmo o autor? Não haveria outra hipótese, diante da confusão e do pega-para-capar que teria se estabelecido na porta da malfadada residência? A notícia provocou grande repercussão na cidade, dada as circunstâncias do evento e a posição social das pessoas envolvidas em ambos os lados do crime. Seth, porém, era peixe miúdo diante de outras figuras presentes no imbróglio, o falecido, inclusive, mas todas as evidências apontavam para culpa-lo. E a própria Polícia mostrou-se pressurosa e achar um responsável e executar as medidas cabíveis. E assim Seth foi parar na prisão.

A nós, a turma da esquina, restou acompanhar o caso pelos jornais, intoxicados por total sensacionalismo, já que seus próprios irmãos, nossos amigos Job e Isac, potenciais informantes, foram logo recolhidos à casa dos avós, no interior. O homem das frutas bem que tentou salvar o filho, contratando advogados de renome, mas o dinheiro da parte ofendida falou mais alto e Seth se viu condenado a mais de 20 anos de prisão. E o que foi pior, ganhador de uma notoriedade que abalou as bases morais do pai, que apesar de ser um notório grosseirão, procurava zelar pelo bom nome da família.

E assim se passaram os anos. Uma década depois vi Seth na rua, com aspecto mais maduro do que nos tempos de nossa convivência na esquina, mas ainda perfeitamente reconhecível. Vestia um daqueles macacões de hippie, como ainda nem era moda na época e tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo. Não demonstrou ter me reconhecido, dado o encontro apenas casual, em uma rua central de nossa cidade. Liguei para um antigo conhecido, também caudatário daquelas histórias tortas que ele contava e este me confirmou que o Seth gozava agora de liberdade condicional, tinha virado hippie e morava numa comunidade que plantava hortaliças e outros cultivos saudáveis em uma chácara próxima à cidade. E mais, tinha assumido a liderança da comunidade e inclusive já tinha dado entrevistas a jornais, falando do trabalho desenvolvido ali, que incluía, além dele, alguns ex-presidiários e pessoas libertas do uso de drogas. Segundo este amigo, o sujeito agora até viajava representando seus pares em encontros e participava mesmo de um movimento nacional de comunidades do mesmo feitio daquela onde vivia.

Pensei comigo: como as pessoas mudam! Mas havia mais mudanças em curso... Um ano, mais ou menos, depois desse encontro, tive notícias dele, de novo. Era procurado pela polícia e pelo Exército por atividade ditas subversivas praticadas não mais dentro de uma comunidade alternativa, mas no movimento estudantil, onde se transformara em liderança, cursando Filosofia. E mais, sequestrara, na sequência, um avião que partia para o Chile e lá desembarcara são e salvo, protegido pelo regime de esquerda à época. E sua foto, na janela da cabine do avião, sorridente e acenando triunfante, de fato estava na primeira página de todos os jornais. Tempos depois soube mais, pelo mesmo amigo que o acompanhava mais de perto e que me trouxe mais detalhes: asilado no Chile, foi pego de surpresa pelo golpe militar que derrubou Allende e só não foi para a prisão, de verdade, por ter pulado o muro de uma embaixada, asilando-se assim dentro do próprio exílio.

E este amigo me disse mais: tinha contatos com Job e Isac e, se eu topasse, poderíamos procurá-los para saber de mais detalhes sobre o nosso herói. Foi o que fizemos, passado mais um tempo. Os dois irmãos estavam a par de muito mais coisas sobre a vida do foragido, como logo nos revelaram. Pareciam não aprovar muito as últimas aventuras do irmão, mas no geral pareciam se orgulhar de seus feitos. Além disso tinham fotografias e cartas dele aos montes. Mas já não apenas com origem no Chile... A Embaixada cujo muro fora escalado por Seth era da Alemanha Oriental, e ele foi encaminhado para algum lugar de lá depois de algumas semanas. Arranjou então um emprego de metalúrgico, mas não se deu bem com a língua e a hierarquia rígida do país e acabou optando por viver em Cuba, para onde conseguiu ser reencomendado pelos alemães. Na ilha fez um pouco de tudo, colheu cana, frequentou a universidade, casou com uma cubana e finalmente foi designado para uma missão internacional na Bolívia. Depois, desapareceu por algum tempo, mas voltou a dar notícias meses depois, agora assentado em

Cochabamba, participando de um movimento de *cocaleros*, em papel de aparente liderança, mais uma vez. Tinha se separado da cubana e agora quem o acompanhava era uma *cholita* do Altiplano, com sua manta de lã, seu chapeuzinho coco, sua saia rodada e colorida. Isso nós vimos nas fotos que os irmãos mostraram.

Realmente, era admirável uma vida aventureira e variada assim. Caramba, nunca vi ou imaginei algo igual! Mas Seth ainda conseguiu adicionar mais surpresas àquelas que eu já conhecia – e de certa forma admirava. Depois de algum tempo tive algumas vagas notícias dele e recorri aos irmãos, cujo endereço eu havia guardado. E foi assim: Job me falou de um daqueles programas de TV que tratam de viagens, regiões selvagens, povos nativos, aventuras, me indicando um vídeo, no qual, me assegurou, eu encontraria notícias mais recentes do irmão. Ele voltara ao Brasil, já havia alguns anos, depois da redemocratização. E de fato no tal vídeo havia uma longa cena com ele, agora bem mais velho, com o rosto pintado com linhas negras e vermelhas; cabelos totalmente brancos, mas ainda longos e presos em rabo de cavalo; vestido de short, peito nu; com um vistoso cocar de penas coloridas na cabeça, rodeado de indígenas igualmente paramentados. Seth estava em posição central no grupo, abraçado a uma índia bem mais nova do que ele.

A história era logo esclarecida no vídeo e mostrava um fato realmente notável: aquela tribo, do litoral da Bahia acolhera Seth algum tempo antes e ele logo se enturmou por lá, vindo até mesmo a casar com a filha do Cacique. E o mais inédito, com a morte do sogro, fora escolhido como o novo Morubixaba. Creio que desde Hans Staden e Caramuru não houve algo assim no Brasil. Como é que um sujeito passa de “JT” a hippie; líder estudantil e exilado político; metalúrgico na Alemanha; militante político em Cuba; cocalero na Bolívia? No caminho se casa com uma cubana, uma boliviana e uma índia! E ainda alcança o posto de Cacique Pataxó no Brasil!

Seth e suas diferentes vidas. Tal sujeito era um líder nato, reconhecido em cada lugar que esteve e em cada situação em que se envolveu – para o bem e para o mal. E pensar que tem gente que passa a vida toda sem realizar nada e sem que lhe aconteça algo significativo. Que ninguém duvide das surpresas e mudanças que a vida de um ser humano pode oferecer...

Um dia na vida de Filomena Dias

- Último dia para entrega do relatório, Filomena!

É comigo, infelizmente... Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em

susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em serviço de saúde. Qualquer dia me anunciam – ou me cobram – o juízo final, só falta...

Devo dizer que tenho muito orgulho do que faço, estou aqui por ter sido aprovada em concurso e depois ainda ter feito uma formação para gerente. Isso entre um punhado de concorrentes. E tem mais, fui considerada, modéstia a parte, aluna destacada, a primeira a ser nomeada para a gerência, e já se vão quatro anos. Mas cá entre nós, o que me faz sentir uma funcionária especial é o fato de que, ao contrário da maioria de meus colegas gerentes, eu não ser enfermeira, médica ou de alguma outra profissão de saúde. Este povo da injeção e da lavagem intestinal, sabem? Na verdade, sou formada em administração, com carreira longa na saúde, encarregada de faturamento em hospital durante um bocado de anos. E foi aí que fiz vestibular, cursei e concluí a faculdade. Mais um esforço, entre tantos...

- Filomena, você já preparou a lista de medicamentos de urgência para este mês?

Ó céus, lá vêm eles de novo... Mas sabem, eu me considero, de fato, uma pessoa aplicada. Eu conheço na ponta da língua o estatuto do servidor e, além dele, todas as normas existentes com relação ao serviço público. Como minha vida nisso. Mas acho que cheguei quase à perfeição na contabilidade – sou realmente boa nisso – particularmente no que diz respeito ao faturamento. E não tomo decisões de nenhuma espécie sem consultar certos livros de cabeceira, como o estatuto do funcionalismo, a coletânea das leis e das normas do SUS e até mesmo a Constituição. Aliás, além do curso de gerente já fiz vários outros de menor carga, por exemplo, na área de relações humanas no trabalho e de logística, coisas que eu simplesmente a-d-o-r-o.

Mas desde há três dias atrás, estou muito chateada. Não é que um programa de TV, daqueles sensacionalistas e muito cafonas, que muito apropriadamente se intitula “Barra Pesada”, deu grande destaque à reclamação de um cliente daqui da unidade, denunciando a falta de medicamento para eleição, seja lá o que isso for – acho que ele quis dizer ereção. Isso nem faz parte de nossa lista, só porque o laboratório mandou um punhadinho dos tais comprimidinhos azuis para se distribuir aqui eles acham que isso vai durar o resto da vida. Mas sei muito bem dos medicamentos que nunca deveriam estar em falta, de uso contínuo por muitos pacientes; mas mesmo estes, faltam. Depois que assumi esta gerência, nunca deixei de enviar as listas, a tempo e a hora. Eles atenderem direitinho é outra história.

- Dona Filomena. O banheiro das mulheres está com um vazamento há quinze dias e não há mais papel higiênico no estoque.

Filhos da mãe estes caras da manutenção! Essas cobranças devidas à irresponsabilidade de outras pessoas me arrepiam até os ossos. Sempre cuidei de preparar as listas de solicitações à Secretaria, a tempo e a hora, seja de medicamentos, produtos de limpeza ou serviços de manutenção. Nisso coloco a maior atenção, com pontualidade quase religiosa e mesmo assim, muitas vezes, vejo falhar o esquema. O problema é que tem uns funcionários que mandam para trabalhar aqui que, sinceramente, Deus me livre. Esta Fabiana, por exemplo, que encarreguei de fazer a lista mensal de pedidos, já houve ocasião de atrasar a tarefa, por ter esquecido, por inacreditáveis quinze 15 dias. Quinze!

- Filó, pelo amor de Deus: a lista de medicamentos de urgência é urgente!

Pronto, isso é a rotina. O pior é que só posso fazer alguma coisa depois do final de semana e do feriado de segunda, pois hoje é sexta feira e já são cinco horas da tarde. E olhe que hoje seria dia de folga para mim, licença para compensar horas extras da última campanha de vacinação, com trabalho em pleno domingo. Será que não tenho direito nem a isso? Ai, como estou cansada disso tudo... Já até marquei uma consulta com o psiquiatra do meu plano de saúde, pois tudo isso me faz ficar muito deprimida. Mas a espera que me anunciaram é muito grande. Meses...

- Filomena, o que você faz aqui não serve para você? Só para os outros? Por que marca consulta em plano de saúde e não na clínica de especialidades aqui da Secretaria?

Ora vai, só faltava essa. A pirralha aí só porque faz faculdade e estuda Sociologia se julga a dona da verdade e da consciência política geral. Mas estuda em escola particular... Por que não tenta numa Federal? Pois é, tudo numa sexta feira... Mas na segunda serei a primeira a chegar no serviço, disposta, até a raiz do cabelo, a esclarecer tudo. Mas não é que me lembrei que Fabiana foi liberada (por mim mesmo...) para compensar suas horas-extras e mais outros acertos e que só retorna ao trabalho dentro de uma semana? Caramba, falha minha, brutal. O jeito é tentar resolver isso pessoalmente. Irei eu mesma à Secretaria – e seja o que Deus quiser. Mas antes disso, outro contratempo: me lembrei que é dia de fechar alguns dos boletins do sistema de informação, coisa árdua, morosa, chata de fazer. O único computador disponível aqui no serviço tem pelo menos dez aninhos de uso e é tem uma memória de barata, além de estar muito sobrecarregado de dados. Vou ter que aguardar no mínimo mais dois dias para executar a providência, pois vejo que minha presença no serviço agora é fundamental, principalmente depois do noticiário depreciativo do tal Barra Pesada.

Malditos! Como se não bastasse – ai meu Deus! Me chega agora uma informação nova, trazida por uma funcionária da limpeza, a Adelaide, que parece confiar em mim e me pede total sigilo a respeito do assunto. Segundo ela, tudo o que aconteceu e foi parar na TV parece uma

armação, pois uma mulher usuária, cujo nome ele não sabe, teria se desentendido com Fabiana e, na ocasião, algumas pessoas ouviram a mesma dizer que “um dia se vingaria”. Adelaide ainda vai além: o marido dessa dona, de nome Alcebiades, líder comunitário na região, vem se sentindo desgastado com os nossos serviços, e também com as pessoas que aqui trabalham. Mas eu, Filomena, já saquei a raiz da confusão: Alcebiades, conhecido aqui como Bidinho, está revoltado, na verdade, é com o não aproveitamento de algumas pessoas indicadas por ele para vagas recentemente abertas de Agentes Comunitários de Saúde. E além do mais, tem fama de abusador sexual... Aqui tudo vai dar nisso: problemas pessoais mal resolvidos... E deve ser verdade mesmo...

E tem esta Dona Maria, mulher do tal Bidinho... Ela é dessas pessoas que frequentam aqui muito amiúde – demais da conta, para falar a verdade – e mesmo se dando bem com alguns funcionários, principalmente com os médicos – não poupa outros membros da equipe de suas investidas, às vezes até caluniosas. Em outra ocasião, uma denúncia trazida por esta senhora eu pude perceber que era uma retaliação pessoal contra uma funcionária, vizinha dela, acusada por esta de “estar lhe paquerando o marido”.

Mas volto aos boletins de informação. Só completei o serviço na quinta feira, não mais na quarta, como pretendia, pois uma pessoa que me ajudava faltou. E só então consegui ir à Secretaria resolver a pendência que me atormentava já havia quase uma semana. Mas então eu nem sabia como os meus problemas ainda iam aumentar – e muito. Não só o tal do Barra Pesada, que havia denunciado o problema da falta de remédios, como outros programas sensacionalistas de rádio, agora não falavam de outra coisa, até acrescentando detalhes comprometedores e mentirosos. Por exemplo, que ocorriam também trocas de medicamentos no ato da entrega a pacientes, levando algumas pessoas a piorarem seus sintomas. Ai meu Deus: eu já estava, então, literalmente à beira de um ataque de nervos.

- Filomena, mande urgente a lista das pessoas que terão direito à bonificação de acordo com a Portaria 132, o Secretário pede que seja logo!

E fui à Secretaria, já com as pernas inteiramente bambas. Estava vendo a hora que ia fazer xixi nas calças. E ali vi minhas suspeitas se confirmarem: o medicamento que faltava, segundo a queixa divulgada nas rádios, realmente estava fora da lista encaminhada duas semanas antes. Eu até me ofereci para levá-lo pessoalmente à unidade, mas o responsável pelo almoxarifado me disse, em tom de advertência (ó céus!), que isso contrariava as regras, e que eu teria de esperar pela nova data de entrega prevista, dentro de dez dias aproximadamente. Lamentei muito, mas fazer o quê? Logo eu que, afinal de contas, sempre fui defensora intransigente de que “normas são normas”. Assim, tive

que acatar a decisão da besta do almoxarife e aguardar pacientemente a normalização do atendimento.

Mas meus problemas, infelizmente, estavam longe de acabar... No dia seguinte, um Promotorzinho de Justiça entra na história, exigindo do Secretário uma explicação para a falta de medicamentos na unidade. Já cheguei no dia seguinte encontrando mais uma notificação urgente:

- Filomena, por favor justifique, por escrito, o acontecido, em prazo máximo de 24 horas.

Neste mesmo dia, fiquei sabendo depois, o Barra Pesada mandou um repórter à unidade para me entrevistar e não me encontrou, já que eu estava na Secretaria preparando o relatório que o chefe me pedira. O repórter ameaçou aprontar um escarcêu sobre a ausência da responsável, “em pleno horário de trabalho” Alguém me liga pelo celular, anonimamente, para dizer que existiria uma rixa entre Adelaide e dona Maria, que também eram vizinhas e tinham desavenças antigas, não sobre maridos, mas a respeito de demarcação dos respectivos terrenos... Para completar a confusão, Fabiana me aparece alegando que o tal medicamento não foi solicitado simplesmente porque havia quantidade suficiente em estoque, me mostrando provas disso. Portanto, segundo ela, o que deve ter ocorrido é algum desvio.

Ato contínuo, o almoxarifado central se manifesta, pedindo que eu compareça para depor em uma comissão de inquérito visando esclarecer possível desvio de medicamentos na unidade. Mas aí, então, até que enfim:

- Sra. Filomena Dias, por favor entre em contato com a nossa Central de Marcação de Consultas.

Fui para casa no último furo. Mas pelo menos, finalmente, tive a consulta marcada com o psiquiatra, ou psicólogo, sei lá, o Doutor J. Pinto Fernandes, que ainda não havia entrado na história. Mas fui obrigada a desmarcar a consulta, pois tinha que dar conta de todas aquelas trapalhadas de terceiros.

O barbeiro Valdemar

- O doutor não tem medo de que um bichinho desses suba pelo canudo deste microscópio e lhe contamine os olhos?

- Não se preocupe, as lentes protegem.

Depois de uma risada monumental, volta à carga:

- O senhor não percebe que estou de gozação? Meu jeito é assim mesmo, desculpe.

O faxineiro estava ali, vestido com aquele pijama azul regulamentar do hospital psiquiátrico onde eu era estagiário no laboratório de análises. Fazia ali o que chamavam – ele logo me revelou, de forma crítica – de laborterapia. Mas acrescentou que seu caso era outro, não era nem louco nem empregado do hospital. Não, em absoluto. Apenas cumpria pena recolhido ali, admitindo, com certa candura, ter amigos influentes que o livraram de pegar vinte anos de cadeia em espeluncas.

Que crime teria cometido aquele homem, para ter pena tão longa? Eu logo soube, por ele mesmo: havia flagrado sua mulher com outro homem e a matou, no ato, sangrando-a no pescoço. Não pôde fazer o mesmo ao amante, pois este lhe escapara. Mas dedicou à falecida meia dúzia de palavrões cabeludos. Valdemar, este era o nome do falso louco e faxineiro matador. Vinha todos os dias conversar comigo, sempre trazendo uma história nova ou um chiste, que eu acolhia com a maior atenção, afinal um refrigerio naquelas jornadas de trabalho marcada por cheiros e manuseio obrigatório de sangue, urina e fezes. Sem dúvida, ali estava um sujeito inteligente, divertido e até culto; valia a pena gastar tempo com ele. Não raramente me trazia mangas e outras frutas colhidas no grande terreno do hospital.

Contou-me que era barbeiro de profissão e que havia trabalhado em estabelecimentos que atendiam a elite da cidade. De tal contato vieram os tais amigos influentes, que ele contava às dezenas, como me disse. Aliás, era até convidado por alguns deles para participar de festas em suas mansões. Sabe-se lá a veracidade disso, mas bem que eu me divertia com suas histórias.

Daí a propor que me atenderia para cortar as madeixas, já que barba eu tinha ainda muito pouca, foi um passo. E que o faria de graça! Aceitei logo, proposta melhor não haveria, ainda mais para mim, nada mais do que um pobre estagiário. E no salão improvisado, debaixo das mangueiras no grande quintal do hospital, eu me submetia aos cuidados do solícito Valdemar, em uma cadeira alta e larga que ele improvisara, não daquelas típicas dos salões de barbearia. E tais sessões se prolongavam em bate-papos intermináveis, cheios de detalhes picantes que sempre atraíam minha curiosidade.

Invariavelmente ele me falava daquelas amizades importantes. Contava, por exemplo, que as cadeiras de uma barbearia eram como divãs nos consultórios de psiquiatria, pois as pessoas ali sentadas para um corte de cabelo ou um escanhoamento logo adquiriam a tendência de se abrirem e revelarem casos de suas vidas opulentas.

- Sabe doutor, este negócio de mexer na cabeça as pessoas, parece que as estimula a revelar seus segredinhos...

E assim, citando nomes que eu conhecia dos jornais e das colunas sociais, ia desfilando uma série de histórias de adultérios, desfalques, perversões, desvios sexuais e muita coisa mais. E acrescentava:

- Quanto mais rico, doutor, mais degenerado. Pode acreditar.

Um crime que ficou famoso na cidade na ocasião, de um milionário libanês morto supostamente pelo sobrinho enquanto dormia, ainda não totalmente esclarecido pela polícia e pela imprensa, na sua voz ganhava tintas sensacionais:

- Este sobrinho aí estava de olha na herança do tio, sim, como dizem. Mas há muito mais por detrás disso! Segundo ele, a dupla trafegava em mão dupla nas suas preferências sexuais e participava de orgias tremendas, com rapazolas disponíveis e pagos para tanto.

De maneira, dizia ele, que ali havia motivos de sobra para fazer uma “queima de arquivos”. E arregalava os olhos, mantendo a navalha em suspenso enquanto me fazia o “pé” no cabelo da nuca:

- O doutor não imagina como estes ricos são safados...

Perguntei-lhe sobre a navalha, guardada em caixinha de baquelite, que ele tratava com especial deferência, quase cerimonial, amolando-o em um artifício formado por uma tira de couro liso, sustentada nas duas extremidades de uma espécie de arco de madeira. Ele se animou com o assunto, contando que a mesma era da marca Solingen, alemã, importada, de um tipo que não tinha mais na praça. E acrescentou, para minha total surpresa:

- Foi com esta maravilha aqui que matei aquela filha-da-puta...

Não deixei de me arrepiar, pois naquele momento a tal maravilha deslizava suavemente pelo meu pescoço. Ele percebeu meu incômodo e fez questão de me tranquilizar, dizendo ser na verdade um sujeito pacífico e incapaz de fazer mal sequer a uma mosca.

- Aquela, ali, doutor, era um caso perdido. Chifre ainda foi a coisa mais leve que deixou para mim. Ela me arruinou as finanças e a moral, pois vivia espalhando na vizinhança e entre os amigos que eu não dava conta dos meus deveres de marido. E era generosa com tudo quanto era homem que aparecia. Veja só...

Neste tempo eu almoçava na casa de minha avó, que ficava próxima ao Hospital e ela era fã das histórias que eu trazia de meus ambientes de estudo ou trabalho, sempre curiosa a respeito da bizarrice e de detalhes escatológicos. Minha amizade com Valdemar, que eu revelei desde o início, como um fato curioso, era tratada com recomendações de que eu me cuidasse e não ficasse tão perto dele. As mangas que eu às vezes

trazia para a sobremesa, presentes de meu amigo, eram recusadas por ela.

- Podem estar envenenadas... Vai saber... Ele é um louco, meu filho!

Quando lhe contei a história da navalha, foi com real horror que ela me falou, com os olhos arregalados de pavor:

- Além de tudo, ele é um a-s-s-a-s-s-i-n-o, meu filho!

A história foi a gota d'água, provocando nela pânico tão descomunal, que fez com que implorasse, alarmada, que eu me afastasse de alguém tão perigoso. Mas eu, é claro, não queria perder a oportunidade de usufruir de uma companhia como aquela, tão ilustrada e curiosa. Mas até então as revelações de Valdemar tinham como foco os escândalos familiares, quase sempre de cunho sexual. Mas ele logo entrou em uma seara ainda mais apetitosa, a da política. Vivíamos então no período imediatamente após o golpe militar e ele, associando informações talvez reais, obtidas em seu divã de barbeiro, com toda certeza também associadas a uma gloriosa imaginação, me trazia informações momentosas. Segundo ele, as tais amizades importantes continuavam lhe municiando de histórias, mesmo ali no hospital. Alguma razão ele tinha, pois por mais de uma vez vi pessoas visitarem-no, trazidas por carros luxuosos, com motoristas de terno e gravata e tudo mais.

- Pois é doutor, eu fiquei sabendo da revolução uma semana antes. O general fazia a barba comigo e ouvi ele comentar sobre isso com o desembargador que estava na cadeira ao lado. E nem me pediu segredo!

Como eu me mostrasse interessado em saber mais, não se fez de rogado, incluindo em suas narrativas detalhes de romances entre militares e filhas (e filhos) de políticos, de adultérios no primeiro escalão de governo, desfalques no Banco do Estado, orgias de figurões – coisas assim.

Acabei me afastando de tão curioso personagem, o barbeiro Valdemar, porém a contragosto, não que o achasse de fato temível, mas porque minha bolsa no hospital acabou e não foi renovada. Algum tempo depois o vi na rua, bem junto ao local onde havia funcionado a barbearia onde ele pontificara. A esta altura, o hotel que a abrigava tinha sido desativado e o ponto entrara em funesta degradação, servindo de base para mendigos e viciados em crack. De alguma forma ele havia escapado da vida de falso louco e quase presidiário, por obra e graça dos amigos importantes, talvez. Mas agora a sorte não lhe sorria mais.

Estava maltrapilho, sujo, com um olhar esgazeado que denunciava que lhe circulava no sangue, talvez, algo fora do normal. Aliás, botou os olhos em mim, mas vi que não me reconheceu, embora eu lhe tivesse

esboçado um cumprimento. Os dias de glória de Valdemar, o barbeiro, haviam terminado, sem dúvida. Ali restava apenas um restolho daquela vida aventureira da qual compartilhara algumas cenas comigo. O dinheiro apurado na possível venda da Solingen deve ter sido dispersado em fumaças perdidas no ar da metrópole engolidora de ilusões.

As calças do Judas

Há anos atrás, resultado de viagens por regiões insalubres deste país, contrai uma hepatite. Até que me curei logo; em duas ou três semanas já não tinha mais sintomas. O problema foi, para meu azar, que naquela época, na falta de medida mais resolutivas a tomar, os médicos colocavam os doentes hepáticos em longas quarentenas de repouso absoluto. E para piorar, não sei se exatamente os doutores, ou os defensores do senso-comum, ainda acrescentavam: faça isso ou você pode pegar uma cirrose! Puro exagero, mas não havia outra alternativa senão obedecer...

Na época eu era solteiro e minha família morava longe e assim não podia contar com pessoas próximas para cuidar de mim. Mas por sorte eu já tinha a meu lado a preta Luzia, que lavava minhas roupas e dava uma mão na arrumação do quarto e sala onde eu morava, pelo menos uma vez por semana. Menos mal, isso me salvou não só de uma solidão maior, pois meus poucos amigos, além de uma incipiente namorada, passaram a evitar o contato comigo. Também me foi de grande e prática valia, pois aquele estado de repouso compulsório – e acho que também compulsivo – que me foi imposto pelo médico, mal e mal me deixava sair da cama.

- Luzia, me traga um copo d'água, por favor...

- Luzia, pegue o jornal na portaria para mim...

- Luzia, veja se as contas do mês já estão na caixa do correio...

- Luzia isso, Luzia aquilo...

Um dia, junto com Luzia apareceu o Bené, seu filho, garoto de uns dezesseis anos, de olhos vivazes, sorriso fácil e, principalmente, grande – e talvez excessiva – capacidade de comunicação.

- Bom dia Seu Jorge, se o senhor precisar de alguma coisa pode falar comigo!

Luzia endossou o filho:

- Pode contar com ele, seu moço, é esperto como quê e gosta de ajudar as outras pessoas.

De imediato não atinei com que tipo de ajuda o garoto poderia me dar, mas logo apareceram oportunidades para tanto:

- Bené, dá um pulo na banca de revista e veja se a Veja já chegou.

- Bené, estou precisando de um Sonrisal. Pega uns trocados e vá na farmácia para mim.

- Bené, vá na lavanderia e veja se meu terno já foi lavado e passado.

O rapaz era eficiente. Mesmo nas demandas mais demoradas, como era o caso de buscar uma encomenda nos correios, eu ficava impressionado com a rapidez com que ele ia e voltava – e quase sempre cumprindo com rigor e determinação o que lhe era solicitado. E até com certa criatividade:

- Seu Jorge, não tinha Sonrisal, eu trouxe Eno. Tá bom assim?

- A Veja da semana ainda não chegou, está atrasada, mas eu pedi ao Seu Joaquim da banca para guardar para o senhor que amanhã eu vou lá e pego.

- Legal, Bené, obrigado!

- Mas se o senhor quiser eu trago uma Playboy...

Curiosamente, ele parecia considerar as tarefas que eu lhe passava apenas como uma espécie de parte de um todo. E este todo consistia em observar o que ocorria ao seu redor nas caminhadas e vir correndo me trazer as novidades da realidade lá fora. Ou melhor, do que a ele parecia ser a realidade.

- Seu Jorge, hoje deu polícia no supermercado. Parece que estavam suspeitando de um estuprador escondido lá.

- E tem uns faveleiro descendo do morro e espiando as mulheres nos banheiros lá no clube.

- Diz que lá no Colégio das Freiras apareceram quatro alunas grávidas – e o suspeito é o Padre que vai lá dar confissão!

Neste capítulo das transgressões de natureza sexual ele se exaltava e a cada vez parecia querer superar a si mesmo:

- O padre agora fugiu, foi para a Itália, dizem que vai botar uma clínica de abortos lá.

- *Aquelas meninas do colégio das freiras? Sei não, tem um bando muito sem vergonha lá.*

- *Esses dias vi o porteiro daqui do prédio jogando uns beijinhos para a mulher do Capitão que mora no terceiro andar. E ela parece que gostou...*

Eita! O tal Capitão do terceiro andar era um sujeito prá lá de mal encarado, que tinha criado caso com alguns vizinhos em baixo e em cima dele, sendo odiado e temido entre os moradores, conforme Luzia, que trabalhava para outras pessoas no prédio, já havia me revelado. Eu via o tal sujeito subir e descer as escadas, num passo de marcha unida, sempre carregando na cintura sua pistola automática do Exército.

E Bené me trazia mais notícias, cada vez mais picantes:

- *Não é que estava passeando no parque, lá para os lados da lagoa e vejo roupas de homem e de mulher escondidas atrás de uma moita?*

- ...

- *E adivinha, Seu Jorge, quem é que tava nadando nuzinhos por lá?*

- *Quem era, garoto?*

- *Hahaha nem imagina! O Capitão mas a muié do Mané porteiro!*

- *Não era o contrário esta história? O Mané mais a mulher do Capitão? - Era também, mas agora vi que tinha chumbo trocado. Vê se pode...*

Neste ponto da conversa, achei que era minha obrigação alertar o Bené, que eu não sabia ser apenas ingênuo ou mesmo mal-intencionado, quanto ao risco de se propagar fofocas, ainda mais se tratando de gente de má catadura, como certamente era o caso do tal Capitão. Ele deu de ombros...

Os dias se passaram, eu comecei a ficar sem náuseas, o apetite melhorou, minha urina voltou à cor de sempre, a namorada resolveu reaparecer. Enfim minha vida foi tomando o curso normal. Mas achei por bem não estimular a “criatividade” do moleque, porque eu já percebia que ele era movido pelo combustível da curiosidade. Mas eis que um dia ele me chega pálido e ofegante:

- *Seu Jorge, tenho que dar um jeito de desaparecer daqui por uns tempos!*

- *Calma garoto, o que aconteceu? Suas histórias, garanto, estão complicando sua vida...*

Ele então me revelou seu drama. Ele simplesmente resolveu pregar uma peça no Capitão, quando, segundo ele, surpreendeu os banhistas nus.

E escondeu as calças do homem, se mandando dali em seguida. Achou que estava a salvo, mas tinha acontecido uma coisa complicada. Ele havia cometido um erro terrível. Tanto que agora estava até com medo de ser morto por causa daquilo.

- *Desembucha garoto infeliz! O que aconteceu?*

- *O senhor não imagina. A moçada da rua estava preparando uma festa junina e iam queimar o Judas. Mas precisava de roupas para fazer o boneco e faltava justamente uma calça. Eu sabia onde tinha uma escondida e fui buscar...*

- *Caramba! E aí?*

- *Aí vieram me contar: o Capitão passou por lá e danou a perguntar a todo mundo quem é que tinha trazido aquelas calças para o Judas que ia ser queimado.*

- *Tá maluco, Bené...*

- *E não teve um infeliz lá que me dedou? Falou pra ele que fui eu que apareci com aquilo!*

- *Se deu mal, hein...*

- *E agora o que eu faço? O Senhor não podia me esconder em sua casa por alguns dias?*

- *Vou pensar...*

- *E agora o que eu faço! Minha vida vai se acabar!*

Ó dilema! Morando neste apartamento de um quarto, onde mal consigo espreguiçar de forma confortável, mal e mal recuperado de uma hepatite, com a namorada agora a me procurar cheinha a de amor prá dar... Logo nesta hora me aparece um pedido assim, homiziar um quase assassinado!

Só mesmo me escondendo por alguns (ou muitos) dias.

E agora, o que eu faço? – me pergunto eu.

A janela indiscreta

Eu bem vi que o porteiro tentava me avisar de alguma coisa. Não dei muita atenção, pensei que ele falava dos pivetes que andam por ali. Com estes já estou acostumado, não levam a melhor comigo. Mas dessa

vez o perigo era outro, uma calçada escorregadia. E assim eu fui parar no chão. Ato contínuo, no Pronto Socorro.

E agora em casa estou eu, com a tíbia partida, mínimo vinte dias de repouso forçado, me arranjaram até uma cadeira de rodas, para me locomover pela área na qual um simples degrau se interporia como uma muralha.

Meus pensamentos iniciais foram para James Stewart, o fotógrafo acidentado no filme de Hitchcock, *A Janela Indiscreta*, que acaba descobrindo um crime, graças à sua observação dos vizinhos. Em sintonia com ele tenho à minha disposição apenas esta janela e uma varandinha, nos fundos de casa, pois não sou fotógrafo, muito menos profissional. Neste quesito, aliás, tenho apenas a câmera do celular, embora não chegue a dominar todos os recursos que ela me oferece. Ah, sim: me falta também uma boa Grace Kelly. Mas aí seria querer demais.

Mas nesta primeira semana de prisão domiciliar comecei a praticar uma coisa que em minha vida normal não fazia. Primeiro, perceber que existem vizinhos por aqui. E também que eles têm vida e se agitam o dia inteiro. Além de começar a sentir certo prazer em bisbilhotar seus movimentos.

E o melhor é que, mesmo não sendo fotógrafo, descobri que também disponho de um instrumento que faz meus dias menos monótonos. Ou seja, na falta de uma câmera e capacidade para manuseá-la, conto com um computador portátil, no qual brinco de fazer uns textinhos despretensiosos – ou nem tanto. Mas agora a ocasião se me oferece de mão cheia, e assim me inflo com a habitual veleidade de finalmente ser um quase – ou pseudo – escritor. Quem sabe também descubro algum crime por aqui como fonte de narrativa?

Esta mulher da casa do lado, por exemplo. Já vi que tem um filho, uma criança de quatro ou cinco anos. Trata-o com carinho e zelo, mas curiosamente não o tem consigo durante todo o tempo. No último final de semana, por exemplo, ele nem apareceu por ali. Em seu lugar um sujeito de barba e cabelo ruivos, portador do hábito de dormir e acordar tarde, fumar a toda hora alguma coisa com odor de corda queimada e tocar sanfona em altas horas. E de quebra andar pelado pela casa, aproveitando para fazer uns passos de dança em tal estado. Enquanto isso sua hospedeira passa horas e horas concentrada em seu computador, com a devoção de quem está escrevendo uma tese de doutorado ou algo assim.

Há também uma faxineira que vem uma vez ou duas por semana, mas limpeza mesmo aparentemente só acontece quando ali chega uma outra mulher, esta de cabelos brancos, que tem todo o ar de mãe da dona da casa e inclusive é chamada pela criança de *vovó*. Parentesco esclarecido, portanto. Quando vovó está em casa, o ruivo não aparece e,

portanto, não faz o habitual desfile em pelo. E vovó bem que se esmera nas tarefas de faxina, que incluem até mesmo limpar a caca do cachorro. Quem não queria ter uma mãe assim?

Do outro lado, mas ainda com visão acessível através do meu novo veículo de duas rodas paralelas, uma mulher que aparentemente mora com um filho. Ou, pelo menos, com uma criatura que somente aparece por lá depois de altas horas, se é que aparece. A moradora principal é da minha idade, longe de ser uma jovem, portanto. Mas trabalha como uma condenada, todo o dia. É uma casa grande, de três pavimentos e com frequência a vejo na sacada do andar de cima, na janela do que parece ser a cozinha logo abaixo, e também no quintal. Sempre com uma vassoura ou espanador na mão, chegando ao cúmulo de se apresentar com tais instrumentos às vezes por duas ou três vezes ao dia nos diferentes cômodos da casa. Isso quando não está no quintal, varrendo folhas secas ou tratando das galinhas.

O filho, ou aquele sujeito que supostamente possui tal condição, raramente aparece, a não ser nos finais de semana, quando enche a casa de sons, parecendo aficionado nos standards americanos dos anos 50. Esta é a parte boa, pelo grau, digamos, *democrático* com que coloca botão de volume de seu aparelho de som ao alcance dos vizinhos. Mas não se pode negar, tem bom gosto na sua seleção. Gosto especialmente das faixas instrumentais com Brubeck, Duke Welington, Armstrong, BB King e outros monstros do jazz e blues. Não me incomoda, em absoluto. Aliás, dou graças a Deus por não ter na casa ao lado um apreciador do gênero sertanejo, como é o caso do casal dos fundos.

Nos finais de semana, porém, o panorama proporcionado por tais vizinhos é outro. A eterna faxineira descansa a vassoura e o espanador, bem como da lida do galinheiro. Ali pela seis da tarde da sexta-feira aparece toda empetecada, cabelo arrumado, salto alto, lindos vestidos em cores metálicas e brilhosas. Aparentemente vai a algum lugar de pompa e circunstância. Um clube de dança, ou algo assim. Mas o pequeno volume retangular escuro que leva a tiracolo me desperta suspeitas de que talvez seja uma bíblia. Sabe-se lá. Do alto de minha cadeira de rodas é impossível descobrir. Mas me deixa curioso, sem dúvida.

Após a saída da matriarca, o *jazz lover* entra em cena, não tão aprontado como sua suposta mãe, mas vestido mais casualmente, de camiseta e shorts, às vezes apenas de cueca. Transita entre os andares sempre com um copo na mão, sem deixar de abastecê-lo a cada aparição. Não raramente recebe convidados, sendo o mais frequente desses uma moça que chega em moto taxi. Esta, pelo visto, é a visitante preferida, pois costumeiramente atravessa a noite junto dele, escutando Glenn Miller, Ray Charles, Nat King Cole *and others*. Quando chega a vez de Chat Baker as luzes geralmente se apagam e isso me impede de dar notícias sobre o que mais acontece.

Não sei dizer, contudo, a que horas retorna à sua morada aquela dama de salto alto e vestido metálico. Certamente estou em pleno sono quando isso acontece.

Mas eu falava de dois apreciadores de música sertaneja. Sim, porque na casa dos fundos mora um casal. Não os vejo, aliás, nunca os vi, sendo o nosso território confrontante ocupado por uma sebe de bambus bem alta, plantada por mim mesmo alguns anos atrás, exatamente com a finalidade de me oferecer isolamento, pelo menos visual. Tudo bem com relação à visão, mas infelizmente sou obrigado a ouvi-los, não só em sua impressionante seleção de fulanos & beltranos, em seus trinados chorosos, a narrar amores perdidos e traições. Se fosse somente isso, tudo bem. Mas tem mais: brigam o tempo todo, em altos brados e em total variedade de impropérios, dirigidos não só a si mesmos, como a outras pessoas da família, a relacionamentos pretêritos e até a gerações passadas, pelo que deduzo.

Outro dia creio ter ouvido homem dizer algo como: *um dia acabo com você* – não sabendo exatamente o que “acabar” poderia significar. A mulher gritou de seu lado: *pois acabe agora, se for homem*. Seguiram-se, porém, alguns minutos de obsequioso silêncio, interrompidos pelas vozes de uma das tais duplas preferidas deles, gemendo em glorioso falsete *é o amoooooor...*

Semana passada percebi que o homem tinha ficado sozinho em casa. Como soube disso? Eu os ouvi se despedindo, ora essa! E o sujeito ficou por ali fazendo telefonemas para Deus e todo o mundo, sempre em altos brados. E ouvi que ele chamava, a plenas onze horas da noite, uma tal de Roberta – que aparentemente negava a ele algo muito desejado. E eu o ouvia argumentar, quase choramingando: *deixa disso meu bem, está tudo tranquilo aqui, ela foi para a casa da mãe, só volta semana que vem, estou esperando você...* E por aí a fora.

De fato, ele tinha razão na sua conversa com Roberta. Depois de uma semana ela voltou. E não haviam se passado duas horas de sua chegada quando as brigas furiosas recomeçaram. E as rodadas sertanejas também.

Pois é, a vida não é nenhum filme. A comédia humana real é bem pior e nem se fazem enredos como os de antigamente. Só sei que não posso me queixar: este caldo ralo e reles de platitudes, paixões, baixarias e algum mistério que percebo através de minhas janelas deve ter me ajudado na formação do calo ósseo pelo qual minha tíbia tanto ansiava.

E melhor ainda, eu finalmente encontrei um tema para desenvolver neste meu querido *Dell*, que há tempos só andava em modo *off*.

Quadrilha moderna

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história. Carlos Drummond de Andrade - Quadrilha

João amava Teresa. Desde criancinha, no Jardim de Infância, ele já tinha se declarado a ela, quando dançaram a quadrilha junina juntos. Os pais de João e Teresa eram amigos. Ou melhor, o pai de Teresa e a mãe de João, porque a mãe de Teresa tinha morrido e a mãe de João era separada do marido. Ah, eles moravam no mesmo prédio também. Vinham da aula juntos, às vezes buscado pelo pai de Teresa ou pela mãe de João. E às vezes iam assistir algum filme juntos na TV. Isso foi durante alguns anos. Mas depois a mãe de João arranhou um companheiro e se mudou daquele prédio. Aliás, mudou de cidade.

Anos depois, o companheiro constante de Teresa, se chamava Raimundo. Mas como achasse seu nome muito feio, pedia que lhe chamasse de Ray, assim, com “y”. Era um cara bonito, o mais bonito de seu pedaço, o mais cobiçado pelas meninas. Teresa, que não era nada feia se encantou com ele também. Ela era alguns anos mais velha do que ele, mas mesmo assim resolveu ficar a seu lado. Conviviam todos em uma turma grande e muito unida, na qual aquela velha história de “ninguém é de ninguém” era levada a sério. Teresa tinha um caso ou algo parecido com Ray – ela não negava isso – mas ao mesmo tempo sabia que ele vivia em clima de romance com outras moças. Ela acabou achando aquilo normal. Amor a todos e a tudo, *poliamor* como agora se diz era a segunda regra ali. A primeira era a de que não havia regras. E assim Teresa, criada em família católica e conservadora, foi passando de mão em mão, sem culpas, pois ao mesmo tempo se dava ao direito de escolher, com critérios próprios dela, a que mão ou mãos se entregar. E eram todos felizes.

Mas Ray parecia gostar mesmo, de fato, era de Maria. Parecia apenas, pois na prática era difícil saber com quem ele andava em cada momento. Mas com Maria ia ao cinema muitas vezes, dormiam um na casa do outro, conviviam intimamente dentro das próprias famílias. Saíam muito para acampar e coisas assim, ele (ou ela) e mais um, dois ou duas, apertados em uma barraca, banhando-se felizes em cachoeiras, nus como a natureza os criou. E todo mundo achava normal.

Maria era meio louca. Nesta história de amor livre, então, ninguém a superava. Estava com Ray, aparentemente, em muitas ocasiões, mas ninguém se surpreendia quando a encontrava, dentro de um cinema,

no parque de diversões ou em um show musical, nos braços de algum outro rapaz. Sem esconder nada; ao contrário, parecendo fazer questão que a vissem assim, em clima de total descontração e felicidade. Qual o problema?

Mas o mais constante dos casos de Maria era Joaquim, principalmente depois que Ray elegeu como seu principal amigo um rapaz chamado Norberto, ou Beto. Joaquim era um bom moço, filho de família pobre. Muito tímido. Parecia nunca estar à vontade com as doideiras de Maria, mas a acompanhava nos banhos de cachoeira, nos acampamentos, nos shows de rock. Com e sem Raimundo presente, isso não fazia diferença para eles. Ou melhor, fazia alguma diferença para ele, sim, que tinha muita vontade de que Maria fosse uma moça igual às outras. Em termos: aquelas moças que ele e sua família conheciam, que frequentavam igrejas e faziam questão de chegarem virgens ao casamento. Nada a ver com Maria, aquela doidinha.

Mas um dia Joaquim conheceu Lili, mesmo que ainda não tivesse deixado de aplicar bons beijos e apalpadelas em Maria. Lili parecia ter tudo o que ele sonhava: era muito séria, usava roupas discretas, não se despia em público e nunca havia namorado ninguém. *Para que procurar mais?* pensou ele. Arranjou uma desculpa para se afastar de Maria e ficou com Lili.

O problema é que Lili não retribuía intensamente os cuidados de Joaquim. Andava com ele por todo lado, menos para frequentar igrejas, que não eram a praia dela. Recusava-se a namorar, dizendo que a amizade era o melhor dos sentimentos. Mas será que gostava de alguém? Que nada, gostava sim. Só que não podia contar para ninguém, porque ela gostava de uma menina como ela. Seu nome era Glória e era em tudo parecida com Maria, nas roupas, no jeito discreto, na castidade aparente.

Mudam-se os tempos, muda-se a vontade, como já dizia o poeta...

E o tempo passou para todo mundo.

João foi para Portugal trabalhar como motorista de aplicativo. Comeu o pão que o diabo amassou. Falar a mesma língua não era nada, diante do abismo cultural que ele logo descobriu existir entre ele e os naturais da terra. Acordava todo dia às quatro da madrugada e ia pegar o carro num estacionamento remoto, ainda a mais de uma hora da cidade onde ele exercia seu ofício. Entrou na fila para obter cidadania, ou pelo menos autorização para trabalho regular, mas passados muitos meses começou a constatar que seu lugar talvez fosse no Brasil mesmo. Ele começou a namorar uma estrangeira, como ele, albanesa ou búlgara, não sabia bem e que atendia pelo estranho nome de Penca. Ele nunca conseguiu saber se gostava realmente dela, ou vice versa, e decidiu voltar para sua terra natal. A vida em terra estranha, e ainda mais paga

em Euros lhe parecia inviável. Por alguma razão misteriosa, nas noites com Penca sentia saudades de sua namoradinha de infância e adolescência, Teresa.

Teresa esqueceu-se de João e de Raimundo. Depois de muitos amores, gloriosos ou vulgares, resolveu fazer daquilo profissão. Acompanhava senhores circunspectos a noites de gala, teatros e ópera. Depois se despia para eles, em ambientes reservados. Sexo, não. Não fazia parte de seu repertório. Mas também não dispensava algum parceiro ocasional, quando a vontade aumentava. E estes foram tão numerosos que ela mal se lembrava dos nomes de um ou dois. Um dia começou a se sentir fraca e febril, incapaz até mesmo de atender um bom e conhecido velhinho em alguma tertúlia noturna. Foi ao médico e descobriu o que já temia. Morreu de Aids alguns meses depois.

Já Raimundo, Ray para todos, nunca se casou com ninguém, pelo menos formalmente. Aos poucos descobriu que se dava bem era com rapazes, mais do que com mulheres e resolveu se assumir de vez. Arranjou um namorado chamado Moacir e virou um daqueles sujeitos que a rapaziada chama de *Tiozão*, sempre disposto a pagar um jantar, uma cervejinha, ou dar um presente a quem estivesse disponível a estar com ele. Moacir foi preso depois de tentar enforcá-lo, depois de uma discussão na cama, pela madrugada. E depois disso ele virou apenas uma sombra daquele glorioso e lindo Ray que fora um dia.

Maria, depois de anos de vida intensa e alegre, virou evangélica e com isso conquistou Joaquim, que passou a frequentar a igreja junto com ela, com a maior alegria e devoção.

Lili suicidou-se...

J. Pinto Fernandes, que tinha também tentado um dia vencer as resistências de Lili, e que não tinha entrado na história, agora namora Natércia, que também não tinha entrado nesta e em nenhuma outra história. Ambos são funcionários públicos, ganham bem, têm casa própria, dois carros na garagem e filhinhos lindos. Não sabem o que é poliamor e acham que andar pelados por lugares públicos, ter relações sexuais com desconhecidos ou recém conhecidos e, principalmente, fazer amor com pessoas do mesmo sexo são atos estranhos, que escapam às regras da natureza. Mas sempre dizem que que respeitam quem aprecia tais coisas, desde que não afetem ou que sejam com seus próprios filhos, é claro. Pelo que se sabe estão muito felizes em seu casamento.
